



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SANIMAR BUSSE

**UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO
OESTE DO PARANÁ
VOLUME I**

LONDRINA
2010

SANIMAR BUSSE

**UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO
OESTE DO PARANÁ
VOLUME I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

Orientador: Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera

LONDRINA
2010

Ficha catalográfica

Elaborada pela Bibliotecária Jeanine S. Barros CRB-9/1362

B987e Busse, Sanimar
Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná /
Sanimar Busse — Londrina, PR: UEL, 2010.
284 f. ; 30 cm

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Londrina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.
Bibliografia.

1. Variação. 2. Dialetoлогия. 3. Sociolinguística. I. Aguilera, Vanderci
de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. III. Título.

CDD 21ed. 306.44

SANIMAR BUSSE

**UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO
PARANÁ
VOLUME I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Vandersí Sant'Anna de Castro
Universidade de Campinas

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Londrina, 13 de agosto de 2010.

SANIMAR BUSSE

**UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO
OESTE DO PARANÁ VOLUME I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

Orientador: Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera

LONDRINA
2010

SANIMAR BUSSE

**UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO
PARANÁ
VOLUME I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Vandersí Sant'Anna de Castro
Universidade de Campinas

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Londrina, 13 de agosto de 2010.

AGRADECIMENTOS

À minha Orientadora, Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera, pela dedicação e pelo compromisso constantes na orientação deste trabalho.

À Capes pela concessão da bolsa de estágio de doutorado na Alemanha.

Ao Professor Doutor Harald Thun, pela atenção e seriedade na orientação das atividades de estágio de doutorado desenvolvidas na Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha.

Às colegas Fabiane Cristina Altino e Gleydi Aparecida Milani (Kika), pela atenção e disposição em ajudar nos momentos de dúvida.

Aos amigos Cristiane Horst e Marcelo Krug, pela recepção, acolhida e carinho durante a estada em Kiel.

À amiga Aparecida Feola Sella, pela disposição constante em ouvir e aconselhar.

Aos Colegas da área de língua portuguesa, do Colegiado de Letras, da UNIOESTE, por assumirem as minhas atividades durante o período de afastamento.

À minha Família, pela paciência, pelo apoio, pelo carinho e pela confiança.

BUSSE, Sanimar. **Um estudo geossociolinguístico da fala do oeste do Paraná**. 2010. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

A região Oeste, última área do Estado do Paraná a ser colonizada, é caracterizada pelo seu polimorfismo linguístico. Os movimentos de povoamento da região, realizados pelo colono sulista, na década de 1960, e pelos lavradores, operários e prestadores de serviços, provindos de distintas regiões do Paraná e do Brasil, a partir da década de 1970, culminou na transferência, na troca e na adoção de elementos da cultura, da língua e da economia dos diferentes grupos que se reuniram nas suas terras. O cenário multicultural motivou esta pesquisa, que, a partir dos princípios teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geolinguística, busca descrever o português brasileiro falado na região, identificando a formação de áreas que se destacam pela homogeneidade, na manutenção de traços da fala dos grupos de origem dos primeiros moradores, e pela heterogeneidade, resultado do convívio dos diferentes grupos. O roteiro de investigação é previsto como uma tentativa de perceber o percurso da história dos dialetos do português brasileiro e das línguas presentes na região, trajeto este que se encontra diretamente constituído no interior da história das comunidades. A pesquisa se volta para o estudo da fala de informantes residentes no meio rural, tomando este como espaço geográfico que ainda abriga falantes dos períodos de povoamento das localidades, auxiliando, assim, na elaboração de um quadro da fala a partir da descrição e análise das variáveis que orientam os processos de conservação, inovação, transição, difusão e irradiação das formas linguísticas. Para uma descrição da fala no seu contexto móvel e complexo, utilizamos os princípios metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional com relação à seleção do informante e à cartografia dos dados. Além da dimensão diatópica, areal, realizamos o desdobramento da dimensão sociocultural nas dimensões diassexual, diageracional e diastrática. Esse procedimento metodológico favoreceu a exposição, nas cartas linguísticas, do movimento das variantes linguísticas pelo espaço do Oeste paranaense, nas nove localidades da rede de pontos, e no interior das variáveis sociais.

Palavras-chave: Variação. Dialetoлогия. Sociolinguística.

BUSSE, Sanimar. **A geosociolinguistic study of the speech in the west of Paraná.** 2010. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

The West of Paraná, last region of the state to be colonized, is characterized by its linguistic polymorphism. The settlements movements in the region, made by the settlers from the south of Brazil in the decade of 1960, and by the farmers, workers and service providers from different regions of Paraná and Brazil, from the decade of 1970 onwards, culminated in the transfer, exchange and adoption of cultural, linguistic and economic elements from the different groups established in the lands of the West of Paraná. The multicultural scenario motivated this research, which, based on the theoretical and methodological principles of Dialectology and Geolinguistics, aims at describing the Brazilian Portuguese language spoken in the region, identifying the formation of areas characterized both by homogeneity, maintaining the features of the speech of the first residents' groups of origin, and by heterogeneity, resulting from the coexistence of different groups. The investigation was designed as an attempt of examining the course of the history of the dialects and languages in the region, which is closely linked to the very history of the locations. This research focus on the speech of informants living in rural areas, considered as a geographical area where speakers from the periods of settlement of the communities still live. This supports the designing of a framework of the speech by the description and analysis of the variables involved in the processes of conservation, innovation, transition, diffusion and irradiation of linguistic forms. For the description of the speech in its moving and complex context, the methodological principles of Pluridimensional Dialectology were considered for the informant selection procedures and the data mapping. In addition to the diatopic, or spatial dimension, the socio-cultural dimension was taken into account, and was extended in the diasexual, diagenerational and diastratic dimensions. This methodological procedure enabled the representation, in the linguistic maps, of the movement of the linguistic variants through the space of the West of Paraná, in the nine survey locations, and within the social variables.

Key words: Variation. Dialectology. Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA DO ESTADO DO PARANÁ	21
FIGURA 2 - MAPA DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	29
FIGURA 3 - ESQUEMA DE H. THUN.....	70
FIGURA 4 - CARTA LINGUÍSTICA 187 - PARTEIRA/ALPR	81
FIGURA 5 - CARTA LINGUÍSTICA 103 - PONTE/ALPRII	83
FIGURA 6 - CARTA LINGUÍSTICA 04 - DEZ/ALERS	85
FIGURA 7 - CARTA LINGUÍSTICA 327 - RATO/ALPRII	87
FIGURA 8 - CARTA LINGUÍSTICA 311 - BOLINHA DE VIDRO/ALPRII	90
FIGURA 9 - CARTA LINGUÍSTICA 37 - CALÇÃO/ALERS	92
FIGURA 10 - CARTA LINGUÍSTICA 342 - BRINCO/ALPRII	94
FIGURA 11 - CARTA LINGUÍSTICA 185 - ESTRELA/ALPR	96
FIGURA 12 - CARTA LINGUÍSTICA 318 - ONTEM/ALPRII.....	98
FIGURA 13 - REDE DE PONTOS - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	100
FIGURA 14 - MODELO DE TABULAÇÃO DE DADOS DO UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	121
FIGURA 15 - MODELO DE CARTA LINGUÍSTICA - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	122
FIGURA 16 - MODELO DE GRÁFICO COM A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES	123
FIGURA 17 - MODELO DE GRÁFICO COM A DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES	123
FIGURA 18 - MODELO DE GRÁFICO COM A DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES	124
FIGURA 19 - CARTA LINGUÍSTICA 01 - 04 - ÁREAS DE OCORRÊNCIA DE DITONGOS EM (P)AZ, (CR)UZ, (TR)ÊS E (D)EZ/ALERS	128
FIGURA 20 - CARTA LINGUÍSTICA 58 - DEZ - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	132

FIGURA 21 - CARTA LINGUÍSTICA 60 - ARROZ - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	133
FIGURA 22 - CARTA LINGUÍSTICA 329 - MOLEIRA/ALPRII	138
FIGURA 23 - CARTA LINGUÍSTICA 25- (QU)EI(XO)/ALERS	139
FIGURA 24 - CARTA LINGUÍSTICA 75 - TRAVESSEIRO - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	144
FIGURA 25 - CARTA LINGUÍSTICA 77 - HOMEM - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	150
FIGURA 26 - CARTA LINGUÍSTICA 334 - BIGODE/ALPRII	154
FIGURA 27 - CARTA LINGUÍSTICA 180 - PONTE/ALPR	159
FIGURA 28 - CARTA LINGUÍSTICA 82 - NOITE - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	161
FIGURA 29 - CARTA LINGUÍSTICA 80 - TARDE - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	163
FIGURA 30 - CARTA LINGUÍSTICA 187- PARTEIRA/ALPR.....	170
FIGURA 31 - CARTA LINGUÍSTICA 52 - (FE)R(VENDO)/ALERS.....	171
FIGURA 32 - CARTA LINGUÍSTICA 83 - TORNEIRA - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	175
FIGURA 33 - CARTA LINGUÍSTICA 39 - (REVÓ)L(VER)/ALERS	180
FIGURA 34 - CARTA LINGUÍSTICA 321 - RAIZ/ALPRII.....	182
FIGURA 35 - CARTA LINGUÍSTICA 90 - ROSA - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	185
FIGURA 36 - CARTA LINGUÍSTICA 46 - (CA)RR(O)/ALERS	190
FIGURA 37 - CARTA LINGUÍSTICA 92 - BORRACHA - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	192
FIGURA 38 - CARTA LINGUÍSTICA 138 - SOL/ALPR	197
FIGURA 39 - CARTA LINGUÍSTICA 39 - (REVÓ)L(VER)/ALERS	198
FIGURA 40 - CARTA LINGUÍSTICA 94 - MEL - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	201
FIGURA 41 - CARTA LINGUÍSTICA 163/ALPR	211
FIGURA 42 - CARTA LINGUÍSTICA 007- RIACHO/ALERS	213

FIGURA 43 - CARTA LINGUÍSTICA 1 - CÓRREGO - UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	215
FIGURA 44 - CARTA LINGUÍSTICA 18 - ARCO-ÍRIS (E OUTRAS VARIANTES PARA)/ALPR	219
FIGURA 45 - CARTA LINGUÍSTICA 165 - ARCO-DA-VELHA/ALPR	221
FIGURA 46 - CARTA LINGUÍSTICA 3 - ARCO-ÍRIS - UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	223
FIGURA 47 - CARTA LINGUÍSTICA 172/ALPR.....	229
FIGURA 48 - CARTA LINGUÍSTICA 10 - CAMOMILA - UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	231
FIGURA 49 - CARTA LINGUÍSTICA 59 - GALINHA SE RABO/ALPR	236
FIGURA 50 - CARTA LINGUÍSTICA 21 - SURA - UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	238
FIGURA 51 - CARTA LINGUÍSTICA 252 - TERÇOL/ALPR II.....	243
FIGURA 52 - CARTA LINGUÍSTICA 24 - TERÇOL - UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	245
FIGURA 53 - CARTA LINGUÍSTICA 3 - CAÇULA/ADDU.....	250
FIGURA 54 - CARTA LINGUÍSTICA 28 - CAÇULA - UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	252
FIGURA 55 - CARTA LINGUÍSTICA 57 - XARÁ - UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	257

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA OS MONOSSÍLABOS TÔNICOS SEGUIDOS DE SIBILANTE	131
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA OS MONOSSÍLABOS TÔNICOS SEGUIDOS DE SIBILANTE.....	134
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA OS MONOSSÍLABOS TÔNICOS SEGUIDOS DE SIBILANTE.....	135
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA OS MONOSSÍLABOS TÔNICOS SEGUIDOS DE SIBILANTE.....	135
GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA OS DITONGOS DECRESCENTES TÔNICOS NO INTERIOR DA PALAVRA	143
GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA OS DITONGOS DECRESCENTES TÔNICOS NO INTERIOR DA PALAVRA	145
GRÁFICO 7 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA OS DITONGOS DECRESCENTES TÔNICOS NO INTERIOR DA PALAVRA	145
GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA OS DITONGOS DECRESCENTES TÔNICOS NO INTERIOR DA PALAVRA	146
GRÁFICO 9 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA OS DITONGOS NASAIS FINAIS.....	149
GRÁFICO 10 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA OS DITONGOS NASAIS FINAIS.....	151
GRÁFICO 11 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA OS DITONGOS NASAIS FINAIS	152

GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA OS DITONGOS NASAIS FINAIS.....	152
GRÁFICO 13 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	157
GRÁFICO 14 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SONORA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	162
GRÁFICO 15 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	164
GRÁFICO 16 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SONORA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	165
GRÁFICO 17 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	165
GRÁFICO 18 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SONORA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	166
GRÁFICO 19 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	167
GRÁFICO 20 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SONORA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	167
GRÁFICO 21 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE EM CODA SILÁBICA.....	174
GRÁFICO 22 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE EM CODA SILÁBICA.....	176
GRÁFICO 23 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE EM CODA SILÁBICA.....	177

GRÁFICO 24 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE EM CODA SILÁBICA.....	178
GRÁFICO 25 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE EM INÍCIO DE PALAVRA.....	184
GRÁFICO 26 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE EM INÍCIO DE PALAVRA.....	186
GRÁFICO 27 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE EM INÍCIO DE PALAVRA.....	187
GRÁFICO 28 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE EM INÍCIO DE PALAVRA.....	188
GRÁFICO 29 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE NO INTERIOR DE PALAVRA, ENTRE VOGAIS.....	191
GRÁFICO 30 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE NO INTERIOR DE PALAVRA, ENTRE VOGAIS.....	194
GRÁFICO 31 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE NO INTERIOR DE PALAVRA, ENTRE VOGAIS.....	194
GRÁFICO 32 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA A VIBRANTE NO INTERIOR DE PALAVRA, ENTRE VOGAIS.....	195
GRÁFICO 33 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA A LATERAL EM CODA SILÁBICA.....	200
GRÁFICO 34 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA A LATERAL EM CODA SILÁBICA.....	202
GRÁFICO 35 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA A LATERAL EM CODA SILÁBICA.....	203

GRÁFICO 36 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA A LATERAL EM CODA SILÁBICA.....	204
GRÁFICO 37 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA CÓRREGO	216
GRÁFICO 38 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA CÓRREGO.....	216
GRÁFICO 39 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA CÓRREGO	217
GRÁFICO 40 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA ARCO-ÍRIS	222
GRÁFICO 41 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA ARCO-ÍRIS.....	224
GRÁFICO 42 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA ARCO-ÍRIS.....	225
GRÁFICO 43 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA ARCO-ÍRIS.....	226
GRÁFICO 44 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA CAMOMILA	230
GRÁFICO 45 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA CAMOMILA	232
GRÁFICO 46 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA CAMOMILA.....	232
GRÁFICO 47 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA CAMOMILA	233
GRÁFICO 48 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA SURA.....	237
GRÁFICO 49 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA SURA.....	239
GRÁFICO 50 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA SURA	240
GRÁFICO 51 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA SURA.....	240
GRÁFICO 52 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA TERÇOL.....	244
GRÁFICO 53 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA TERÇOL	246
GRÁFICO 54 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA TERÇOL	247
GRÁFICO 55 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA TERÇOL	247
GRÁFICO 56 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA CAÇULA.....	251
GRÁFICO 57 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA CAÇULA	253

GRÁFICO 58 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA CAÇULA	253
GRÁFICO 59 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA CAÇULA	254
GRÁFICO 60 - DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS VARIANTES PARA XARÁ.....	256
GRÁFICO 61 - DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DAS VARIANTES PARA XARÁ	258
GRÁFICO 62 - DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DAS VARIANTES PARA XARÁ	259
GRÁFICO 63 - DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DAS VARIANTES PARA XARÁ	259

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - VARIANTES PARA OS MONOSSÍLABOS TÔNICOS SEGUIDOS DE SIBILANTE	129
TABELA 2 - VARIANTES PARA OS DITONGOS DECRESCENTES TÔNICOS NO INTERIOR DA PALAVRA	140
TABELA 3 - VARIANTES PARA OS DITONGOS NASAIS FINAIS	148
TABELA 4 - VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA EM SÍLABA ÁTONA FINAL	157
TABELA 5 - VARIANTES PARA A VIBRANTE EM CODA SILÁBICA	172
TABELA 6 - VARIANTES PARA A VIBRANTE EM INÍCIO DE PALAVRA	183
TABELA 7 - VARIANTES PARA A VIBRANTE NO INTERIOR DE PALAVRA, ENTRE VOGAIS ...	191
TABELA 8 - VARIANTES PARA A LATERAL EM CODA SILÁBICA	199
TABELA 9 - VARIANTES PARA CÓRREGO.....	208
TABELA 10 - VARIANTES PARA ARCO-ÍRIS	222
TABELA 11 - VARIANTES PARA CAMOMILA	227
TABELA 12 - VARIANTES PARA SURA	234
TABELA 13 - VARIANTES PARA TERÇOL.....	241
TABELA 14 - VARIANTES PARA CAÇULA.....	248
TABELA 15 - VARIANTES PARA XARÁ	255

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - DADOS ÉTNICOS DO POVOAMENTO DA REGIÃO OESTE	24
QUADRO 2 - REDE DE PONTOS - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	101
QUADRO 3 - MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ QUE COMPÕEM A REDE DE PONTOS DE ATLAS JÁ PUBLICADOS E EM ANDAMENTO.....	102
QUADRO 4 - DIMENSÕES E PARÂMETROS DIATÓPICOS E SOCIOCULTURAIIS - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ	115
QUADRO 5 - PERFIL DOS INFORMANTES - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ.....	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 A FORMAÇÃO DO OESTE PARANAENSE	28
2.1 A história e o homem	28
2.2 O Oeste e a sua formação histórica.....	33
3 INVESTIGAÇÕES LINGUÍSTICAS: ELEMENTOS PARA DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA VARIAÇÃO	41
3.1 Variação e mudança linguística	41
3.2 A perspectiva Sociolinguística.....	44
3.3 A perspectiva dialetológica e geolinguística.....	55
3.4 Dialetologia Pluridimensional	67
3.5 Atlas bi e pluridimensionais.....	72
4 MÉTODO E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	78
4.1 Dos objetivos da pesquisa	78
4.2 A dimensão diatópica.....	99
4.2.1 A rede de pontos	103
4.2.1.1 Guaíra.....	103
4.2.1.2 Assis Chateaubriand.....	105
4.2.1.3 Marechal Cândido Rondon	105
4.2.1.4 Santa Helena	106
4.2.1.5 Medianeira	107
4.2.1.6 Santa Terezinha de Itaipu.....	108
4.2.1.7 Capitão Leônidas Marques	109
4.2.1.8 Cascavel	110
4.2.1.9 Guaraniaçu	111
4.3 A dimensão sociocultural	112

4.3.1 Dimensão diassexual.....	112
4.3.2 Dimensão diageracional	113
4.3.3 Dimensão diastrática	113
4.4 A definição dos instrumentos para uma descrição dialetológica da fala	116
4.4.1 O questionário	116
4.4.1.1 Questionário Fonético-fonológico (QFF).....	117
4.4.1.2 Questionário Semântico-lexical (QSL).....	118
4.4.1.3 Questionário Morfossintático (QMS).....	118
4.4.1.4 Temas para discurso semidirigido	119
4.5 Entrevistas	119
4.6 Análise e tratamento dos dados.....	120

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS GEOSOCIOLINGÜÍSTICOS DA FALA DO

OESTE DO PARANÁ.....	125
5.1 Fenômenos Fonético-fonológicos	126
5.1.1 Variantes para os monossílabos tônicos seguidos de sibilante.....	126
5.1.2 Variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra	136
5.1.3 Variantes para os ditongos vogais nasais finais	146
5.1.4 Variantes para a oclusiva dental surda e sonora em sílaba átona final	153
5.1.5 Variantes para a vibrante em diferentes posições na palavra	168
5.1.5.1 Variantes para a vibrante em coda silábica	168
5.1.5.2 Variantes para a vibrante em início de palavra.....	178
5.1.5.3 Variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais.....	189
5.1.6 Variantes para a lateral em coda silábica	196
5.2 Fenômenos Semântico-lexicais	205
5.2.1 Acidentes geográficos.....	208
5.2.1.1 Variantes para <i>Córrego</i>	208
5.2.2 Fenômenos da natureza	217
5.2.2.1 Variantes para <i>Arco-íris</i>	217
5.2.3 Atividades agropastoris.....	226

5.2.3.1 Variantes para <i>Camomila</i>	226
5.2.4 Fauna.....	233
5.2.4.1 Variantes para <i>Sura</i>	233
5.2.5 Corpo humano	241
5.2.5.1 Variantes para <i>Terçol</i>	241
5.2.6 Ciclos da vida	248
5.2.6.1 Variantes para <i>Caçula</i>	248
5.2.7 Convívio e comportamento social.....	254
5.2.7.1 Variantes para <i>Xará</i>	255
CONSIDERAÇÕES FINAIS	261
REFERÊNCIAS	269
ANEXOS	282
ANEXO A – Quadro de codificação dos dados para a base de cartografia de atlas pluridimensionais.....	283
ANEXO B – Quadro de codificação dos dados para a base de cartografia do estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná.....	284

1 INTRODUÇÃO

Tomando a fala como catalisadora do comportamento dos grupos sociais, das suas atividades e das interações estabelecidas com outros grupos em diferentes momentos da história e em espaços geográficos distintos, pretendemos apresentar um estudo da fala viva e buscar, na infinidade de vozes presentes na região Oeste, uma representação da história da língua portuguesa quanto ao seu aspecto mais móvel e ativo.

As características geográficas e a formação histórica da região Oeste do Paraná favorecem sobremaneira uma análise da fala pautada na interface etnográfica. Os movimentos de colonização dos colonos sulistas na década de 1960 e de outros grupos a partir da década de 1970 podem ser apontados como responsáveis pelo polimorfismo na fala paranaense, com destaque para áreas de maior conservação e formação de ilhas linguísticas, conforme estudos de Aguilera (1994), Mercer (1993), Rodrigues (2007) e Altino (2007).

Alguns trabalhos geolinguísticos realizados sobre a fala do Paraná e da região Sul do Brasil têm registrado, na região Oeste do Paraná, áreas em que se mantêm os traços da fala dos estados de origem dos primeiros moradores (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e zonas de transição linguística, em que se constata a adoção de formas inovadoras da fala de grupos de outras regiões do Paraná e do Brasil.

Os estudos dialetológicos, por meio do método geolinguístico, descrevem a fala refazendo o percurso dos falantes pelo espaço, identificando os caminhos das formas linguísticas, os estágios de manutenção e adoção de formas inovadoras da fala dos grupos investigados. Os primeiros atlas linguísticos e estudos monográficos, realizados a partir dos princípios teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística, que buscavam recuperar a história das línguas, confirmaram a tese de que os fenômenos linguísticos da variação não se restringem unicamente ao funcionamento interno da língua, mas que fatores externos – dentre eles, o geográfico – atuavam de forma determinante no comportamento das variedades linguísticas.

Nesta pesquisa, em que realizamos um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná, buscamos descrever as variantes linguísticas e sua distribuição areal, observando, principalmente, os pontos que apresentam características relativamente homogêneas e heterogêneas, constituídas a partir dos movimentos de povoamento das localidades.

O Paraná é um dos da Região Sul do Brasil, que faz divisa com os estados de São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, e com os países da América do Sul, a Argentina e o Paraguai, ocupando uma área de 199.880 km².



FIGURA 01 – Mapa do Estado do Paraná
Fonte: Terras do Sul¹

¹ Disponível em: www.pampasonline.com.br/Terrasdosul/terrasdosul_mapapr.gif. Acessado em 30 jun. 2010.

A proposta foi delineada a partir dos dados descritos por Aguilera (1994), Koch, Klassman e Altenhofen (2002) e Altino (2007). Nos três trabalhos, encontramos registros que apontam para a segmentação da região em: (i) áreas de transição linguística, onde formas inovadoras se encontram em fase de implantação e convivem com elementos mantidos dos grupos de origem, que a povoaram na década de 1960; e (ii) pontos conservadores, que mantêm/conservam na fala os traços dos grupos de origem.

A realização da pesquisa parte da formação histórico-cultural da região considerando: (a) o processo de colonização do Sul do Brasil; (b) o povoamento da região, realizado por descendentes de colonos sulistas; (c) a interação entre grupos de etnias (alemã, italiana, indígena, castelhana, portuguesa) e regiões geográficas distintas (Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, e Norte do Paraná).

Com relação à formação histórica do território paranaense, a região Oeste, juntamente com o Sudoeste, pertence ao Paraná moderno, “dos criadores de suínos e plantadores de cereais que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul.” (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986, p. 9). Esse fato histórico é determinante para a constituição da região, pois, além de receber povoadores de diferentes regiões do Brasil, ela também teve a presença de paranaenses de outras regiões, principalmente do Norte e do Centro-Oeste.

O Oeste do Paraná teve sua formação marcada pela homogeneidade étnica e cultural. O sentimento e a crença dos antepassados, que colonizaram o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, de recriar nas terras brasileiras a vida deixada na Europa motivaram os primeiros moradores a se instalarem na região. A língua, assim como outros aspectos da cultura, foi o elemento de ligação com a terra deixada para trás, tanto a pátria mãe, na Europa, quanto a segunda pátria, o Rio Grande do Sul ou Santa Catarina. Muito embora tivesse que conviver e se adaptar à nova realidade, esse migrante/imigrante teve nos planos das colonizadoras as condições necessárias para formar no Oeste a sua nova pátria. Tais sentimentos e atitudes eram convenientes, também, aos planos de progresso e consolidação da política nacionalista de conservação das áreas de fronteira com o Paraguai e a Argentina.

Do ponto de vista linguístico, é possível identificar os resultados do panorama multicultural que se formou na região, com a formação de áreas de concentração de traços dos falantes sulistas. O contato entre grupos provenientes de diferentes regiões do Brasil e de diferentes culturas ocorreu a partir da função e do papel que cada um assumiu no processo de colonização da região. Temos, assim, a formação de grupos e comunidades cuja organização se encontra respaldada pelo poder econômico, estabelecido em torno da propriedade da terra, e grupos cuja migração na década de 60 era em número inferior e avolumou-se a partir dos anos de 1980, e que forneceram mão-de-obra tanto no trabalho da lavoura quanto nos empreendimentos que surgiam nas zonas urbanas.

Foram decisórios para a formação da identidade do morador da região Oeste os fatos históricos, econômicos e políticos que envolveram a atuação das companhias colonizadoras, como, por exemplo: a seleção dos colonos que, de posse das terras, formariam a população do Oeste; o sistema de formação das lavouras (pequenas propriedades) a implementação dos processos produtivos e a entrada tardia de pessoas vindas de outras regiões. A formação da identidade do morador da região Oeste teve como ingrediente básico a convivência entre as diferentes etnias e culturas.

A seguir, no quadro 01, podemos observar, segundo os relatórios de empresas colonizadoras da década de 60, período em que se inicia o povoamento da região pelos colonos sulistas, o quadro étnico dos moradores das colônias do Oeste paranaense:

SECÇÃO	Hab.	DESCENDÊNCIAS						
		Italiana	Alemã	Outras	Eleitores			
Fazenda Britânia ²	30.000	40%	12.000	50%	15.000	10%	3.000	6.020
Medianeira ³	4.500	90%	4.050	10%	450	-	-	500
Gaúcha ⁴	5.400	90%	4.860	8%	432	2%	108	630
Matelândia ⁵	7.000	60%	4.200	30%	2.100	10%	700	700
Criciúma ⁶	2.800	90%	2.520	5%	140	5%	140	470
Piquiri ⁷	5.000	50%	2.500	40%	2.000	10%	500	845
Céu Azul ⁸	2.500	50%	1.250	40%	1.000	10%	250	485
Lopei ⁹	800	50%	400	40%	320	10%	80	97
Porto Mendes ¹⁰	1.200	40%	480	40%	480	20%	240	207
Totais	59.200	54,5%	32.260	37%	21.922	8,5%	5.018	10.054

QUADRO 01 – Dados étnicos do povoamento da região Oeste.

Fonte: GREGORY (2005, p. 96)

Os registros dão conta do cenário étnico em que se encontrava a região no início do povoamento. Os dados apontam para áreas de maior homogeneidade cultural, nos núcleos de descendentes italianos, como as colônias Medianeira, Gaúcha (Município de São Miguel do Iguaçu) e Criciúma (Município de Santa Terezinha de Itaipu), e áreas em que estão presentes os descendentes de outras culturas, paulistas e mineiros, entre outros – conforme os registros do relatório da Colonizadora Pinho & Terras LTDA, da Gleba Céu Azul (GREGORY, 2005, p. 95) –, ocupando as demais colônias, com destaque para Porto Mendes.

A hipótese de que a fala do Oeste do Paraná, no conjunto das suas variedades, aponta para a formação de espaços mais homogêneos, com a presença dos colonos sulistas, descendentes de alemães e italianos, e de zonas heterogêneas, de contato de outros grupos, orientou o objetivo de documentar a modalidade oral da língua portuguesa em uso em nove localidades da região, nos níveis fonético-fonológico e semântico-lexical.

² Município de Toledo

³ Município de Medianeira

⁴ Município de São Miguel do Iguaçu

⁵ Município de Matelândia

⁶ Município de Santa Terezinha de Itaipu

⁷ Município de Alto Piquiri

⁸ Município de Céu Azul

⁹ Área entre os municípios de Cascavel e Toledo

¹⁰ Município de Porto Mendes

A hipótese de que a fala do Oeste do Paraná, no conjunto das suas variedades, aponta para a formação de espaços mais homogêneos, com a presença dos colonos sulistas, descendentes de alemães e italianos, e de zonas heterogêneas, de contato de outros grupos, orientou o objetivo de documentar a modalidade oral da língua portuguesa em uso em nove localidades da região, nos níveis fonético-fonológico e semântico lexical.

Os objetivos da pesquisa compreendem a delimitação do estudo diante do objeto da Dialetoologia e da Sociolinguística, da história da região e da formação das localidades investigadas, da realidade do português brasileiro falado na região sul do Brasil e no Paraná.

- A) Registrar e apresentar em cartas linguísticas variantes fonético-fonológicas e semântico-lexicais da fala na região Oeste do Paraná, a partir das dimensões diatópica/topodinâmica e sociocultural (sexual, geracional, diastrática);
- B) Identificar os traços linguísticos dos diferentes dialetos e línguas presentes na Região, no espaço pluridimensional, mais especificamente, na rede de pontos definida para a realização dos inquéritos e no interior das variáveis sociais;
- C) Identificar os fatores que favorecem ou inibem a inovação, a conservação, a difusão, a dispersão e a concentração de traços linguísticos, considerando as dimensões diatópica e sociocultural dos fenômenos descritos;
- D) Descrever contrastivamente as variantes do falar oestino, considerando os dados do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002), do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), buscando identificar os traços linguísticos das comunidades de origem dos moradores da região.

Os resultados desta pesquisa são apresentados em dois volumes: o volume teórico e o volume de cartas. No volume teórico apresentamos as orientações

teóricas que conduziram esta pesquisa, os dados selecionados para o estudo geossociolinguístico da região Oeste e a análise dos fenômenos. O volume de cartas encontra-se organizado com a documentação cartográfica dos dados fonéticos e dos dados lexicais.

No primeiro capítulo, do volume teórico, apresentamos uma breve incursão pela história da região Oeste do Paraná, destacando os fatos históricos registrados em diferentes momentos no tempo: (i) a presença de espanhóis e portugueses, no século XVI; (ii) o povoamento na década de 60 e a formação dos primeiros municípios. Os elementos históricos destacados neste trabalho têm por objetivo auxiliar na identificação da identidade do morador da região.

Na sequência, no segundo capítulo, apresentamos os princípios teóricos que embasam as pesquisas dialetológicas, geolinguísticas e sociolinguísticas, principalmente aquelas que se dedicam à descrição da fala e sua estratificação areal e social.

As questões metodológicas são discutidas no terceiro capítulo, em que detalhamos os passos e os elementos da pesquisa. Além da descrição da dimensão diatópica (seleção da rede de pontos, com um breve histórico de cada localidade), apresentamos as variáveis socioculturais eleitas para a seleção do informante, a organização do questionário e os instrumentos para o tratamento dos dados. Por fim, apresentamos um modelo da carta linguística, adaptada do modelo cartográfico utilizado para os atlas pluridimensionais, que será utilizada para o registro das variantes linguísticas da fala do Oeste paranaense.

O quarto capítulo é dedicado à análise geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná. Nele, por meio de cartas linguísticas e gráficos, apresentamos um quadro representativo dos fenômenos das variantes fonético-fonológicas e semântico-lexicais coletadas. Pretende-se, assim, com a identificação, descrição e análise dos fenômenos de inovação e manutenção linguística, registrados nas nove localidades e no âmbito da dimensão sociocultural, oferecer alguns dos elementos que possam hoje compor o perfil linguístico do falante do Oeste do Paraná.

Anexo ao volume teórico, em CD – ROM, encontram-se o volume de cartas, que consta de apresentação, com a descrição das cartas linguísticas, a notação

fonética, com os símbolos fonéticos utilizados para a transcrição das variantes, e as cartas linguísticas, e os anexos, com a ficha dos informantes da pesquisa e o questionário.

2 A FORMAÇÃO DO OESTE PARANAENSE

2.1 A HISTÓRIA E O HOMEM

A região Oeste do Paraná é formada por 50 (cinquenta) municípios, com uma área total de 22.840 km², equivalente a 11,74% da área total do Estado, que é de 199.281,70 km², e uma população de 1.164.272 habitantes.¹¹ Está situada na fronteira com os países da Argentina e do Paraguai, e apresenta uma vasta bacia hidrográfica, conforme observamos na figura 02.

¹¹ Fonte: IBGE (2002).

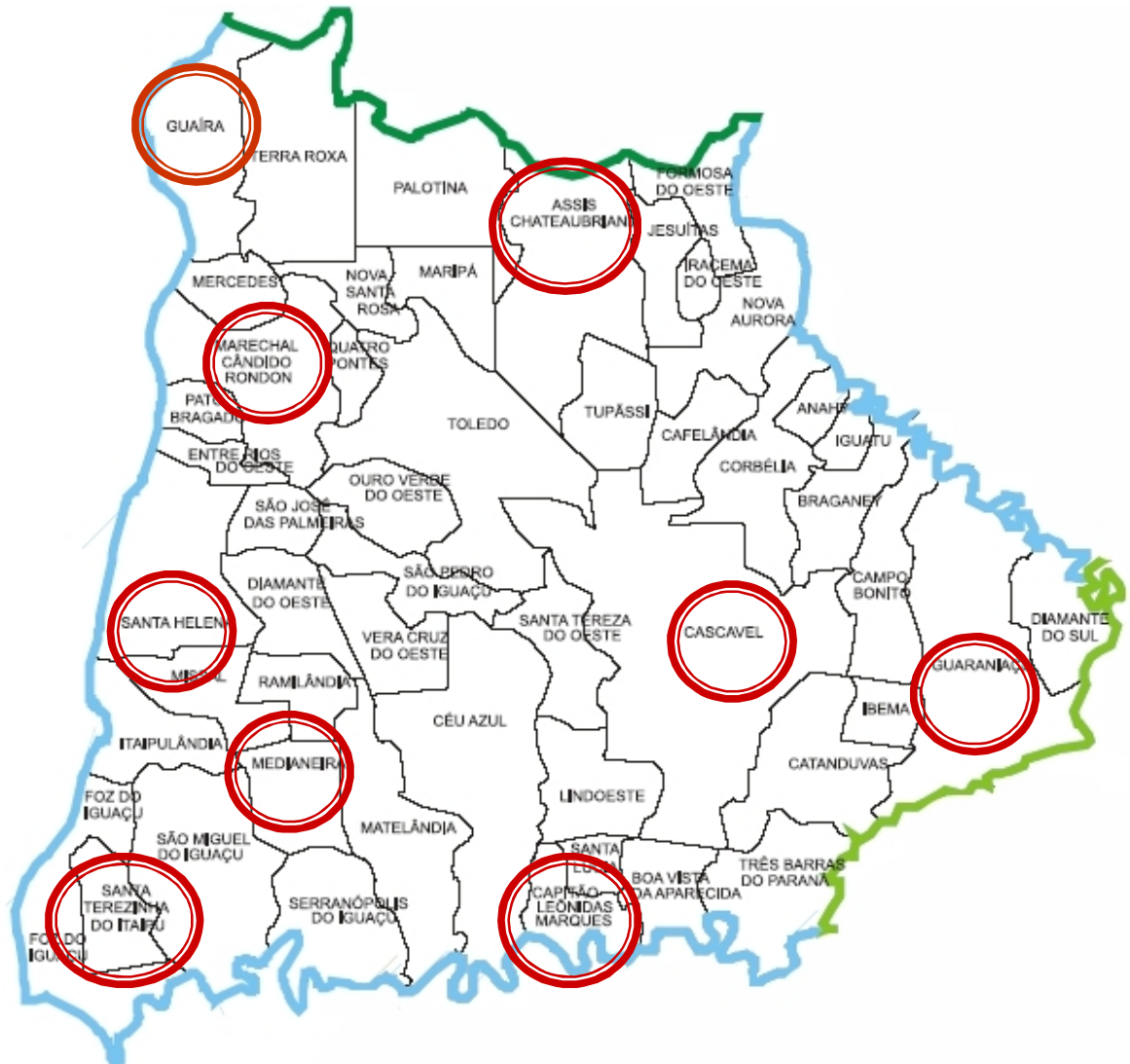


FIGURA 02 – Mapa da Região Oeste do Paraná
 Fonte: Jornal da Unicamp (2006, p. 9)¹²

O Oeste paranaense teve sua formação histórica delineada a partir da dinâmica dos ciclos econômicos e migratórios ocorridos no Brasil e no Paraná. Última região do estado a ser povoada, o Oeste carrega em sua história o resultado da confluência de culturas distintas, cada qual com uma história na formação do próprio país.

¹² Disponível em: www.Unicamp.br/Unicamp/Unicamp_hoje/ju/maoco2006/fotosju315-online/ju315pg09c.jpg Acessado em: 29 jun. de 2010.

Diferenciando-se de outras partes do país, que teve sua colonização marcada pela formação de grandes latifúndios, com a exploração da mão-de-obra escrava, a região Sul do Brasil – que inclui os estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná – destaca-se tanto pela presença do elemento estrangeiro que a colonizou, quanto pela forma como o povoamento se deu¹³, muitas vezes na presença de diversas etnias. E é essa dinâmica que imprimiu características peculiares¹⁴ a determinadas áreas fisiográficas, tanto econômica quanto culturalmente.

No Oeste paranaense, a pequena propriedade, o cultivo de cereais, a criação de suínos e bovinos imprimiram um ritmo de desenvolvimento, no início, totalmente agrícola, familiar e rural, e nas últimas décadas, urbano, atraindo trabalhadores de diferentes partes do Paraná e do Brasil.

Tomando, portanto, o trajeto dos grupos pelo Oeste do Paraná, é possível identificar a formação de regiões culturais, que, segundo Diégues Júnior (1960, p. 7), correspondem a “espaços territoriais definidos por certas características que dão unidade de ideias, de sentimentos, de estilos de vida, a um grupo populacional”. Segundo Isquierdo (2006, p. 12), as áreas culturais “individualizam-se, pois, por marcas étnicas, histórico-geográficas e linguísticas, o que permite, por exemplo, delinear áreas dialetais que evidenciam características dos diferentes falares que convivem em um determinado território.” Assim, o que a princípio se apresentaria como uma região, no Oeste paranaense, assentada na cultura dos descendentes de alemães e italianos, na verdade revela um quadro multiforme, pelo encontro das diferentes culturas.

Diante da complexidade e dinamicidade dos aspectos sociais, culturais e econômicos de cada grupo, devem ser considerados aqueles que dão o tom e realçam determinadas características, e aqueles que, mesmo ocultos, submersos na história, conduzem a determinadas atitudes, comportamentos e hábitos.

¹³ Gregory (2005, p. 21-22) destaca que, na “própria origem, a imigração para o Brasil meridional apresentou características um tanto distintas da imigração para outras regiões, principalmente para São Paulo, porque do Sul a grande maioria se tornou proprietária de um pequeno lote de terra para nele reproduzir a sua vida e a da sua prole”.

¹⁴ Para Gregory (2005, p. 27), os núcleos coloniais formados pelos imigrantes europeus no Sul do Brasil foram transformados em “espaços de produção agrícola diversificada e em espaço cultural típico, mesclando experiências e valores europeus com a realidade encontrada e construída na nova terra.”

Uma região não é uma ilha, mas está inserida num espaço maior, mantendo relações e compartilhando elementos com os demais espaços, como afirma Diégues Júnior, na sequência,

o processo de desenvolvimento dessas regiões, é evidente, vem sofrendo transformações decorrentes da interrelação regional que, por meio de técnicas de transportes e de comunicações, vem contribuindo para um contacto mais estreito entre as diversas regiões, em consequência do que não estaremos longe de verificar a permuta de elementos culturais, a disseminação de valores que, pouco a pouco, vão contribuindo para alcançar a unidade. Desta unidade – é claro – ainda estamos muito longe; não estamos distantes, porém, de constatar que vários elementos ou traços culturais se vão interpermutando, integrando-se ou adaptando-se a novos meios, passando a participar da caracterização de regiões diferentes. Caminhamos para acentuar essa unidade, em que pese a diversidade de formação dessas regiões, de um lado, e, de outro lado, as características específicas que assinalam e marcam cada uma delas. (DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 23).

O que se destaca, com relação ao conceito de região, é a noção de homogeneidade, ou seja, a presença de elementos que lhe dão unidade e a caracterizam como região, mesmo na presença de outros que contrastam e que a diversificam.

As reflexões em torno do conceito de região cultural são consideradas no presente estudo, pois o Oeste do Paraná, espaço geofísico e social em que se deu a coleta dos dados, tal qual se apresenta a nós, não é um bloco homogêneo. A sua composição orgânica e dinâmica, marcada pela confluência de etnias e culturas, manifesta-se, hoje, nos usos linguísticos, nos fenômenos de conservação e inovação linguística.

Diante da sobreposição de elementos variados, não podemos mais reconhecer com tanta nitidez a homogeneidade étnica do passado, mas apenas alguns traços que se perenizam no tempo, embora também concorram com outras formas. Entre os elementos que colaboram para essa complexa dinamicidade, podemos citar os econômicos (formação de latifúndios, mecanização da produção agrícola, êxodo rural, formação de centros urbanos, construção da usina hidrelétrica de Itaipu, formação do lago de Itaipu e inundação de grandes extensões de terras, entre outros) e os sociais (mão-de-obra necessária para o trabalho na agricultura, que passou da produção

familiar para a formação de pequenos latifúndios, a vinda de operários para trabalhar na construção da Itaipu, o comércio que se desenvolvia na região da fronteira com Paraguai e Argentina).

O Oeste do Paraná encontra-se na área cultural do Extremo Sul (DIÉGUES JÚNIOR, 1960), cercado de um lado pelas áreas culturais de colonização estrangeira, formada por correntes imigratórias, inicialmente de alemães e italianos, e mais tarde de poloneses, russos, árabes, suábios, holandeses e japoneses, que ocuparam faixas vazias do Extremo Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), e, de outro, pela área cultural do café, constituída pela expansão dos cafezais de São Paulo e do Norte do Paraná.

Ribeiro (1995, p. 269) destaca os “quadros locais” como espaços da história, enquanto “cenários locais” cuja origem está na “protocélula étnica neobrasileira”. Para o autor, a sociedade brasileira, em toda a sua diversidade e singularidade, possui uma unidade sociocultural básica. O que no princípio se apresentava como um arquipélago social e cultural, dadas as especificidades de cada local e grupo, tinha por base uma unidade pautada na mistura dos elementos das diferentes etnias.

Ainda segundo Ribeiro (1995, p. 272), “a partir daquelas protocélulas, através de um processo de adaptação e diferenciação que se estende por quatro séculos, surgem as variantes principais da cultura brasileira tradicional”, que são: a cultura crioula do Nordeste; a cultura caipira em São Paulo; a cultura sertaneja do Nordeste e do Centro-Oeste; a cultura cabocla da Amazônia; e, por fim, a cultura gaúcha do Sul.

Segundo Ribeiro (1995, p. 409), a região Sul do Brasil possui por característica principal a heterogeneidade cultural, pois

os modos de existência e de participação na vida nacional dos seus três componentes principais não só divergem largamente entre si como também com respeito às outras áreas do país. Tais são os lavradores *matutos* de origem principalmente açoriana, que ocupam a faixa litorânea do Paraná para o sul; os representantes atuais dos antigos *gaúchos* da zona de campos da fronteira rio-platense e dos bolsões pastoris de Santa Catarina e do Paraná, e, finalmente, a formação *gringo-brasileira* dos descendentes de imigrantes europeus, que forma

uma ilha na zona central, avançando sobre as duas outras áreas. (Grifos do autor).

Embora cada um dos grupos tenha suas especificidades preservadas, principalmente no que se refere aos seus patrimônios culturais e aos seus modos de subsistência, a dispersão dos grupos pelo território, primeiramente, em espaços bem delimitados, depois em áreas diferenciadas, levou à coexistência e à interação, à difusão de elementos e à homogeneização.

As discussões sobre a sociedade brasileira a partir da cultura do seu povo e a interpretação da organização dos espaços à luz dessa cultura auxiliam na compreensão da constituição da região Oeste do Paraná, e, por extensão, dos fenômenos linguísticos, para capturar os aspectos que, na história da formação da região Oeste, tornaram-se o cenário para o panorama linguístico registrado nas localidades e no interior das dimensões sociais.

2.2 O OESTE E A SUA FORMAÇÃO HISTÓRICA

Apesar do retardo no seu povoamento em relação ao restante do estado, há registros de fluxos migratórios na região ainda no século XVI, com dois núcleos de povoamento ligados à Redução Jesuítica do Guairá, localizados onde hoje se encontram os municípios de Guaíra e Terra Roxa. Nesse mesmo período, a região foi palco do maior conflito da história entre brancos e indígenas, com a destruição das reduções jesuíticas e demais povoações espanholas pelos bandeirantes.

Situada na fronteira entre Paraguai e Argentina, a região caracterizava-se por ser uma terra hostil, de mata fechada e povoada inicialmente por indígenas, tendo mais tarde seu território tomado por exploradores de madeira e erva-mate. O povoamento da região exigia dos governantes grandes esforços e investimentos, que foram retardados até a década de 1930, quando o país foi tomado pelo nacionalismo getulista.

Antes, porém, em 1888, com o fim da guerra do Paraguai e a criação de uma comissão estratégica por parte do Ministério da Guerra, foi fundada a Colônia

Militar na foz do rio Iguaçu, e foram retomados os interesses nacionais no Oeste paranaense. Nesse período, segundo Colodel (2002, p. 23), dão-se as primeiras tentativas de povoamento da região, devendo a colônia tornar-se um centro agrícola e pastoril. A situação, contudo, era outra: os moradores estavam abandonando estas atividades e se dedicando à extração da erva-mate nativa, que seria o “grande negócio da região, o mais lucrativo”.

A partir de 1869, a região passou de fato a ser povoada, agora pelos *obrageros*, que, com capital inglês, começaram a projetar seus interesses sobre o Oeste (RIPPEL, 2005). As companhias estrangeiras permaneceram por mais de cinquenta anos explorando as riquezas vegetais. Colodel (2002, p. 23) destaca que a mão-de-obra era de trabalhadores vindos de terras paraguaias, os “guaranis modernos”, que se propunham trabalhar braçalmente nas *obrages* e eram conhecidos na lida como *mensus*¹⁵.

As atividades extrativistas das companhias impunham um isolamento cada vez maior à região. A área da fronteira se tornava mais frágil, pois os seus limites estavam condicionados pelas atividades das *obrages*. O universo social, os costumes e as formas de relações que se mantinham nas *obrages*, em que o paraguaio cedia sua mão-de-obra, podem ter gerado um ambiente social em que este permaneceu num nível inferior no grupo, e atraiu para si alguns estigmas, relacionados principalmente ao comportamento desordeiro.

As *obrages* representaram, num primeiro momento, a falta de interesse dos governantes pelas terras da região, mas em outro, motivaram a nacionalização das áreas de fronteira. A década de 1930 é um marco para a região, pois passou a fazer parte do projeto de nacionalização do Governo Federal. Segundo Rippel (2005, p. 76), só então os governos federal e estadual perceberam a necessidade de expulsar os exploradores argentinos da área, e, depois, “ocupar de modo efetivo a região com população brasileira visando garantir a preservação da fronteira nacional”.

A ocupação das terras, segundo Gregory (2005, p. 65),

¹⁵ O termo é equivalente ao nosso ‘peão’, e explica-se pelo fato de que o trabalhador era pago mensalmente ou, pelo menos, a sua conta era assim movimentada (COLODEL, 2002, p. 23).

foi promovida uma ação administrativa agressiva através do programa 'Marcha para o Oeste'. Em regiões de fronteiras nacionais, como era o caso do Sudoeste e do Oeste Paranaense, onde a população e a economia possuíam laços estreitos com argentinos e paraguaios, a atuação do poder público buscava evidenciar e explicar os sentimentos nacionalistas. Até impô-los, quando necessário.

Segundo estudos historiográficos realizados sobre a formação da região, podemos reconhecer quatro fases e, na última, a presença de três frentes colonizadoras. As fases podem ser assim caracterizadas: (i) a da ocupação indígena; (ii) a do período jesuítico; (iii) a do sistema *obragero*; e, por último, (iv) a da ocupação realizada pelas companhias colonizadoras (REOLON, 2007, p. 50).

Deitos (2004, p. 343) destaca a pluralidade da colonização do Oeste paranaense, que se deve tanto às frentes de colonização, como aos métodos utilizados, "ora através de empresas colonizadoras, ora pela apropriação litigiosa de territórios". São três frentes de colonização, que, num curto período, entrecruzaram-se nesse território. Segundo dados históricos, é possível identificar as seguintes frentes de povoamento: (a) a ocupação proveniente do chamado *Paraná Tradicional*¹⁶; (b) a ocupação cabocla¹⁷; e (c) a ocupação proveniente dos estados do Sudeste e do Nordeste do Brasil¹⁸.

O deslocamento e a presença dessas frentes podem ser reconhecidos por meio de marcas na economia, na cultura e na língua, destacando-se o polimorfismo

¹⁶ Segundo Colodel (2002, p. 43), esta frente tinha como centros irradiadores os Campos de Guarapuava, das antigas colônias de imigrantes europeus estabelecidos no terceiro planalto e de Laranjeiras do Sul, dentre outros. Seu principal eixo de penetração foi a estrada ligando Guarapuava a Foz do Iguaçu. Esse fluxo populacional encontrou espaço nos atuais territórios de Cascavel, Catanduvas, Guaraniaçu e Foz do Iguaçu. Gregory (2005) destaca que essa frente vinda dos campos de Guarapuava se caracteriza como populações oriundas de colonos estabelecidos no terceiro planalto paranaense, também conhecido com planalto de Guarapuava, e formado por antigas colônias de imigrantes europeus (GREGORY, 2005). Daí procede a frente de ocupação mais antiga da região oestina (DEITOS, 2004, p. 44).

¹⁷ Enquanto as pressões se intensificavam contra a administração na fronteira, uma população flutuante passava a fixar-se em torno da trilha dos militares e dos grandes acampamentos de ervais, pontos de origem de muitos povoados hoje consolidados no trajeto demandava de Catanduvas a Foz do Iguaçu. Essa população é procedente da frente cabocla de colonização (DEITOS, 2004, p. 45).

¹⁸ Finalmente, temos uma terceira frente de colonização. Depois de ter ocupado o Norte paranaense, atraída pela economia cafeeira, atravessou o rio Piquiri e chegou ao Oeste. Compõem esse fluxo populacional elementos que haviam saído dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e também do Nordeste brasileiro. Da sua ação povoadora surgiram os municípios Guaira, Palotina, Terra Roxa, Assis Chateaubriand, Formosa do Oeste, Nova Aurora, Vera Cruz do Oeste, Ouro Verde do Oeste, Cafelândia, Tupãssi, Corbéia, Braganey, dentre outros (COLODEL, 2002, p. 43).

cultural que corta a região de um extremo ao outro. Deitos (2004, p. 47) destaca que, “embora o interesse motivador do deslocamento das frentes seja o mesmo – a conquista da terra –, cada uma das frentes traz elementos culturais específicos, perspectivas próprias e trajetórias históricas diferenciadas.”

A história da região deve ser compreendida a partir do processo de ocupação da fronteira do Sul do Brasil que, segundo Rippel (2005), desenvolveu-se no Rio Grande do Sul, mais tarde em Santa Catarina, e, num momento posterior, no Paraná. Neste estado, a ocupação das terras e a formação das localidades se deram na presença de portugueses, paulistas, mineiros, nordestinos, e com grande participação de imigrantes gaúchos e catarinenses. Com relação a estes últimos, destacam-se as representações em torno da terra, do trabalhar a terra e do trabalhador da terra, no caso, o colono. Para Gregory (2005, p. 15), “ter terra representava, e ainda representa, o espaço vital que cada ‘chefe familiar’ teria que conquistar para pertencer à comunidade, nela ser um produtor dos seus alimentos e nela conseguir reproduzir a unidade camponesa”.

Esse conceito sobre a terra está no cerne dos movimentos migratórios que o colono sulista realizou pelo território brasileiro e por terras estrangeiras em busca de novas fronteiras agrícolas. Do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para o Paraná, do Paraná para Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, e também para o Paraguai, o colono sempre teve por motivação garantir a propriedade da terra. Em torno da propriedade da terra surgiu o *status* de proprietário e produtor, e organizou-se um estilo de vida particular. Embora tenha migrado e reemigrado em diferentes fases e para diferentes lugares, o colono não perdeu o objetivo de se fixar na terra, habitá-la e torná-la produtiva.

O deslocamento do colono sulista para a região ocorreu em função do novo modelo econômico que surgia no Rio Grande do Sul, voltado para a criação de minifúndios e a ampliação de propriedades dedicadas à pecuária. Segundo Rippel (2005, p. 77), os descendentes de italianos e alemães, na sua maioria, “dispunham de algum recurso financeiro e de instrumentos de trabalho para assegurar sua instalação numa propriedade no meio rural”. Esse perfil atraiu a atenção do governo para garantir a colonização e nacionalização da região, pois se tratava de gente acostumada com a

lida do campo, e que possuía conhecimento e instrumentos para explorá-la economicamente.

Segundo Colodel (2002, p. 42), os empreendimentos das companhias colonizadoras foram de fundamental importância no papel no povoamento intensivo da Região, pois estavam

alicerçados fundamentalmente na venda de pequenos lotes agrícolas aos colonos interessados no cultivo direto da terra. Os projetos colonizadores se multiplicam e atraem milhares de famílias durante as décadas de 1940-50. Podemos chamar essa fase como sendo a frente de povoamento sulista, já que a corrente colonizadora tem sua origem preferencialmente nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

As companhias colonizadoras atuaram com mão firme na colonização do Oeste. Todas as ações estavam voltadas para o colono sulista, considerado ideal para povoar as terras e fazê-las produtivas. As empresas, com a autorização dos governos federal e estadual, adquiriram glebas de terras e as revenderam em forma de pequenos lotes aos colonos provenientes do Norte e do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, e das regiões Oeste, Noroeste e Sudoeste de Santa Catarina (RIPPEL, 2005).

É possível encontrar o respaldo das ações das colonizadoras na postura dos governantes da época que, imbuídos do projeto de colonização das terras vazias e habitadas por estrangeiros, procuravam evitar que indivíduos pouco qualificados para o trabalho viessem se estabelecer na região. É a partir da necessidade da criação de mecanismos para a manutenção da segurança nacional, preservação das fronteiras, expulsão dos estrangeiros, povoamento de áreas ainda vazias, e criação de zonas produtivas no país, que se deu a transferência do colono sulista para as terras do Oeste paranaense. Rippel (2005) destaca, no processo de ocupação da região, a formação de núcleos rurais, que atraíram os colonizadores sulistas na ocupação das terras e, mais tarde, novos imigrantes, como mão-de-obra para o trabalho nas lavouras.

Antes, porém, da colonização se dar de fato, passaram pelas terras da região trabalhadores de outras regiões do Brasil, como do norte, para o trabalho nas lavouras de hortelã. O cultivo de hortelã teve destaque na década de 1950, trazendo

um processo intenso de migração para a região. Quanto à procedência dos grupos que foram atraídos para o Oeste paranaense, para trabalhar na produção da hortelã, Backes (2008, p. 3) destaca que

não são aqueles 'selecionados' pela Colonizadora no Sul do país para adquirirem terras na região, mas provenientes de outras regiões como do Norte e do Nordeste. Os quais passaram a fazer parte do espaço agrícola até então planejado do Oeste do Paraná. As lavouras, dessa feita, irromperam um processo significativo de transformações socioculturais na região. Elas utilizaram-se não somente das famílias sulistas, mas de trabalhadores vindos de outras regiões principalmente os estigmatizados 'nortistas'.

Das lavouras de hortelã surgiu uma organização social particular: os agregados, trabalhadores que não possuíam terras e que passaram a residir em terras alheias para cultivar a hortelã, e o meeiro, que arrendava uma área de terra para plantar. Backes (2008, p. 6) destaca que, da "relação meeiro x proprietário, o meeiro participava com sua força de trabalho e o proprietário com os meios de produção (ferramentas, alambiques). Essas interações grupais, intermediadas pelas relações de trabalho não deixam de manifestar também relações de poder".

O ciclo da hortelã deixou algumas marcas na história da região. Contudo, a presença dos trabalhadores vindos de outras regiões do Brasil para as lavouras de hortelã esteve reduzida a algumas zonas, como Guaíra e Capitão Leônidas Marques. Conforme Backes (2008, p. 8), a "onda migratória de corrida com o ciclo hortelaneiro permanece silenciada, pois se caracteriza como não pertencente ao projeto colonizatório."

Com relação à formação e ao povoamento, nem todas as localidades foram colonizadas de forma igual. Os núcleos sulistas ficaram restritos a algumas localidades, como Toledo, Marechal Cândido Rondon, Palotina, Santa Helena e Medianeira. Em algumas áreas, ocorreram muitos litígios, e muitas terras devolutas foram ocupadas por grileiros (REOLON, 2007), o que impôs também certas características à formação da região. Enquanto os municípios formados pela empresas colonizadoras só recebiam pessoas selecionadas previamente, para os demais eram

trazidos indivíduos de diferentes estados do Brasil, principalmente do Sudeste e do Nordeste, para tomarem conta das terras e as protegerem de invasores.

Quanto à formação dos núcleos sulistas, nascidos a partir do movimento nacional Marcha para o Oeste, destaca-se, entre os idealizadores e realizadores do projeto, um sentimento de nacionalismo e de reafirmação do imaginário social em torno da unidade e homogeneidade, numa atitude contra o outro, o forasteiro, o diferente. Os governantes do período souberam como reavivar e fomentar o sentimento de homogeneidade cultural trazido pelos imigrantes europeus, principalmente com a promessa da propriedade da terra, o que dava ao colono autoridade para impor e preservar sua cultura e seus hábitos.

O povoamento da região, realizado efetivamente na década de 1960, pode ser compreendido a partir de três perspectivas:

- i) a primeira é a geográfica e a histórica. O Oeste tem a maior parte de sua extensão em áreas de fronteira cortadas por uma densa floresta e por rios. Os embates e as disputas de terras do passado sempre estiveram presentes no cotidiano dos habitantes, seja no aspecto positivo ou no negativo. O morador da região aprendeu desde cedo a lidar com essa situação;
- ii) a segunda perspectiva diz respeito à continuidade dos sentimentos de conhecer e povoar o mundo novo, a terra prometida, que levou imigrantes europeus a se aventurarem pelos oceanos às terras desconhecidas da América, principalmente no Sul do Brasil. Todo o imaginário construído em torno da transposição para as novas terras, da fixação e adaptação ao novo ambiente ainda persistem no viver do colono sulista, que desbravou o Oeste nas décadas de 1950 e 1960 e que deixou para a história elementos particulares da sua origem;
- (iii) a última perspectiva está relacionada ao desenvolvimento social e econômico. Esse desenvolvimento começa com a própria colonização sulista, que, desde o início, implementa uma agricultura voltada para a mecanização da terra, produção de grãos

e criação de suínos. Concomitante às primeiras investidas das companhias colonizadoras, foi iniciada a construção da rodovia BR-277, concluída em 1969, ligando a região à capital, Curitiba, e ao litoral; em seguida, a construção da hidrelétrica de ITAIPU, que atraiu mão-de-obra e investimentos e ensejou a formação de um polo comercial e turístico na fronteira com a Argentina e o Paraguai.

As pesquisas já realizadas na região Oeste do Paraná (AGUILERA, 1994; KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002; ALTINO, 2007) revelam um quadro interessante da fala local, que resulta do contato entre os diferentes grupos e da manifestação desse contato na língua, na formação de áreas conservadoras, inovadoras e de transição. Ou seja, revelam como a cultura e os ideais de continuidade trazidos pelos colonos sulistas estão hoje, como influenciaram os demais grupos, e que influências receberam.

3 INVESTIGAÇÕES LINGUÍSTICAS: ELEMENTOS PARA DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA VARIAÇÃO

3.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Numa comunidade de fala,¹⁹ a língua se constitui pela complexa relação entre seus elementos, a partir da reconstituição de estágios anteriores (COSERIU, 1988),²⁰ da combinação de formas do passado com novas formas, condicionadas às dimensões sociais e espaciais. Uma investigação que se propõe a identificar e descrever as diferenças de uma língua deverá atentar para as suas dimensões externas e internas e considerá-las em sua complexidade, dinamicidade e integração.

Segundo Coseriu (1988, p. 62), na língua real, na língua falada, “coincidem o sistemático, o cultural, o social e o histórico”. Mas, se entendermos a língua real como atividade que resulta da face criadora, a partir do sistema, que se oferece como possibilidade de uso, e da face reguladora, a partir da norma como equilíbrio sincrônico (externo e interno) do sistema, o sistemático, o histórico, o social e o cultural, além de coincidirem, coexistem, pois são o ambiente mesmo em que a fala/língua se realiza.

Nas pesquisas sobre variação, além da descrição das variantes de uma língua, é possível identificar os estágios dos fenômenos que se encontram nos processos de mudança, ou seja, nas formas inovadoras implementadas numa comunidade de fala, e que convivem com as já existentes. As formas que se mantêm, e no estado em que se mantêm, são indícios do movimento da língua nas dimensões sociais e espaciais.

¹⁹ Segundo Labov (2008, p. 150), “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso”.

²⁰ Coseriu refere-se à língua como ‘reconstituição’ de um estado anterior. Optamos pelo termo ‘fala’ por entendermos que este se aproxima do nosso objeto de pesquisa, que é a variação linguística. E tomamos como fundamento a citação do próprio autor (1988, p. 31), de que é preciso colocar-se “desde o primeiro momento no terreno da fala e tomá-lo como norma de todas as outras manifestações da linguagem (inclusive da língua)”.

A descrição das formas que se mantêm e das formas novas de uma língua, nas fronteiras sociais e espaciais, atualiza em cada estado de fala uma realidade orientada para a relação entre os contextos internos e externos, em que se revelam aspectos da história, da organização social e da cultura da comunidade. Ou seja, a manutenção ou o abandono de uma forma original e a adoção/implementação de uma forma inovadora evocam as bases sobre os quais a língua se constitui, e em cada estrutura dessa base estão inscritos os elementos do contexto interno e externo, bem como a relação que estes mantêm entre si nas diferentes dimensões, naquele momento de realização da fala.

Segundo Coseriu (1988, p. 62-63),

dentro do marco de uma grande tradição linguística geral, existem sempre várias tradições de extensão menor. Esta variedade do saber linguístico não se dá somente na comunidade, mas também no mesmo indivíduo, o qual, como indivíduo histórico, conhece uma série de tradições e pode dispor delas segundo as circunstâncias e o ambiente em que falar (quer dizer, segundo as necessidades da intercompreensão) e segundo a intenção expressiva.

A respeito da fala como atividade, que tem a “mutabilidade” como condição própria da existência da língua, destaca-se o fato de que os fenômenos se dão no interior de instâncias criadoras, livres e finalistas (COSERIU, 1988). O falante age com criatividade e liberdade, pois, como ser social, faz uso de formas da tradição linguística da comunidade, mas também acolhe em sua fala outros elementos, obedecendo às condições externas e internas da língua. Assim, não é a língua que se impõe ao falante, como estrutura; ao contrário, ela se oferece como possibilidade de uso diante do conjunto de dimensões que orientam aquela situação comunicativa.

O falante assume um papel como “indivíduo histórico” na realização da fala, pois, a partir da sua ‘liberdade linguística’ e da tradição linguística da comunidade, recria e renova a história da própria língua. Segundo Coseriu (1988, p. 47- 48), porém,

todo ato de fala, sendo ao mesmo tempo histórico e livre, tem uma extremidade ancorada em sua necessidade histórica, em sua condição historicamente necessária – que é a língua –, e outra extremidade que aponta para uma finalidade significativa inédita e que, portanto, vai mais além da língua já estabelecida.

Podemos considerar que a fala abarca, portanto, ao mesmo tempo, todas as condições de sua realização, uma vez que se coloca, de um lado, como opção de realização da atividade linguística por parte do falante e, de outro, como elo entre os diferentes momentos da história, da cultura e da organização social da comunidade de fala.

Segundo Labov (1994, p. 34, **tradução nossa**), a mudança linguística segue o curso orientado pelas condições sociais da comunidade de fala. Os rumos que a inovação tomará e os caminhos que percorrerá dependerão das condições de encaixamento da mudança na comunidade de fala, pois se

de uma parte, qualquer mudança dada se encaixa na matriz estrutural das formas linguísticas que se relacionem mais estritamente com ela, e a mudança se refreará, redirecionará ou acelerará de acordo com a sua relação com as outras formas. Entendido assim, o problema do encaixamento é um aspecto implícito do problema das pressões. De outra parte, uma mudança se encaixa na estrutura da comunidade de fala. Para entender as causas da mudança é necessário saber onde, dentro da estrutura social, se originou a mudança, como se estendeu a outros grupos sociais, e que grupos mostraram mais resistência ante ela. Posto que o encaixamento em uma estrutura maior supõe inevitavelmente causas múltiplas, a solução de qualquer problema de encaixamento requer análises multivariáveis.²¹

O princípio do encaixamento implica o fato de que a mudança não ocorre como um elemento isolado na comunidade, mas resulta do “entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social”, pois a adoção e difusão de formas novas dependem de inúmeras condições (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 17). As novas formas encaixam-se na estrutura de acordo com as condições do sistema e se adaptam a partir da relação entre as demais formas, e da pressão que estas exercem para a adoção e implementação da forma inovadora.

²¹Por una parte, cualquier cambio dado se incrusta en la matriz estructural de las formas lingüísticas que se relacionen más estrechamente con él, y el cambio se refrenará, redirigirá o acelerará por su relación con otras formas. Entendido así, el problema del incrustamiento es un aspecto implícito del problema de las constricciones. Por otra parte, un cambio se incrusta en la estructura de la comunidad de habla. Para entender las causas del cambio es necesario saber dónde, dentro de la estructura social, se originó el cambio, cómo se extendió a otros grupos sociales, y qué grupos mostraron más resistencia ante el. Puesto que el incrustamiento en una estructura mayor supone inevitablemente causación múltiple, la solución a cualquier problema de incrustamiento requiere análisis multivariable.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 35) propõem que a língua, do ponto de vista diacrônico ou sincrônico, é “um objeto constituído de heterogeneidade ordenada”, destacando que a aparente relação antagônica entre heterogeneidade e estrutura é superada pela descrição da língua real, em uso.

Se, de um lado, a língua figura como elemento determinado por um conjunto de relações internas e reguladoras de certa estabilidade, de outro, sua face social, histórica e cultural orienta o aparecimento de formas resultantes da complexa dinamicidade das dimensões sociais. Trata-se, então, de identificar as condições em que ocorrem as mudanças, quais são favoráveis e quais inibem o surgimento, a adoção, a implementação e a difusão de uma inovação. As investigações sobre a variação linguística podem encontrar nos condicionadores internos e externos da língua uma explicação para o funcionamento do sistema, sem, com isso, cair num reducionismo descritivista.

As discussões teóricas apontam para uma necessária dupla articulação dos determinantes da “heterogeneidade ordenada” da língua. As pesquisas sobre variação, amparadas em princípios da Sociologia da Linguagem, podem determinar o ponto de encontro entre as variáveis linguísticas e sociais.

3.2 A PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

As pesquisas que unem os princípios metodológicos da Geolinguística aos da Sociolinguística podem oferecer pistas para a identificação dos caminhos pelos quais as inovações linguísticas se encaixam no interior dos contextos internos e externos da língua. O reconhecimento das dimensões que favorecem e/ou inibem a adoção e a difusão das novas formas ou a manutenção e preservação de formas já existentes revela também o papel de cada dimensão, que, no caso da variação, é particularizado pelos elementos da história e da cultura de cada grupo.

Tomando como princípio o fato de que a língua não existe fora das dimensões sociais, Coseriu (1988, p. 41) afirma que “o social da língua se dá no falar, assim como tudo aquilo que a língua é”. Nessas condições, a fala se coloca como

atividade catalisadora das ações do falante, que age de acordo com o seu lugar no grupo, e do próprio lugar do grupo na sociedade.

Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 1, **tradução nossa**), a Sociolinguística, enquanto disciplina independente, “estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variabilidade linguística, sua interrelação com fatores sociais e o papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança linguística”.²² Para Labov (1976), é impossível descrever e compreender os estágios e a progressão de uma inovação linguística até a mudança acabada senão pela análise da comunidade, pois nela se dão as relações de força, nela surgem e são exercidas as pressões sociais presentemente ativas.

Se nem toda variação corresponde a uma mudança, mas toda mudança linguística implica a existência de formas que se alternam em dada comunidade, está-se lidando com um ambiente altamente complexo quando se trata da descrição do fenômeno da variação na fala. Tanto a mudança acabada quanto a mudança em curso constituem-se a partir dos complexos contextos interno e externo da língua. É necessário percorrer o caminho pelo qual uma forma alcançou determinado *status* no grupo para compreender o que aconteceu com aquelas que ficaram pelo caminho, e também com aquelas que se alternam na fala. Um estado de fala corresponde, portanto, ao ambiente em que convivem formas originais e inovadoras da língua, que, como elementos ou peças da engrenagem social, atuam na adoção, manutenção e difusão da forma inovadora, e sofrem pressões quanto a esses aspectos.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 104), há uma estreita coocorrência entre as regras e os elementos linguísticos concernidos, que é atribuída às regras sociais de um dialeto, pois “um código ou sistema é concebido como um complexo de regras ou categorias interrelacionadas que não podem ser misturadas aleatoriamente com as regras ou categorias de outro código.” O fato de não se misturarem aleatoriamente as formas de realização das variedades de língua não implica, contudo, o fato de que não possam ser alternadas na fala. Por realizar-se conforme as regras de um dialeto, essa coocorrência estrita segue um caminho traçado

²² [...] estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad lingüística, de su interrelación con factores sociales y del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio lingüístico.

no interior da comunidade de fala pela história e pela cultura do grupo, como podemos observar em comunidades bilíngues.

Neste contexto, ocorre o fenômeno da covariação sociolinguística, que, segundo Silva-Corvalán (1989, p. 155), “implica maior ou menor frequência de uso de certas variantes linguísticas, é necessária para que se produza a mudança.” É a partir da ‘flutuação incessante’ entre uma forma e outra, um estado e outro da língua, que se dá o triunfo ou a derrota de uma das formas em concorrência.

O percurso da forma vencedora pelas dimensões sociais e linguísticas se torna único no interior do fenômeno de variação. Talvez se tenham algumas pistas que possam ser percorridas por outras formas, mas cada uma tem sua própria história, sua própria trajetória. Uma forma alça a determinado *status* a partir da reunião de uma complexa rede de fatores, tanto sociais quanto linguísticos, no tempo e no espaço. O que se tem até o momento, a partir de pesquisas sobre o fenômeno de variação na língua, é a identificação de grupos que se colocam como mais inovadores e de grupos mais conservadores, e de estruturas linguísticas que têm apresentado, na evolução da própria língua, uma inclinação para alteração na sua estrutura por economia, acomodação, adaptação ou assimilação.

Coseriu (1988, p. 79) destaca que a inovação pode ter como gênese:

- a) a alteração de um modelo tradicional;
- b) a seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua;
- c) a criação sistemática (‘invenção’ de formas de acordo com as possibilidades do sistema);
- d) os empréstimos de outra ‘língua’ (que pode ser total ou parcial e, com respeito ao seu modelo, pode implicar também ‘alteração’);
- e) a economia funcional (negligência de distinções supérfluas no discurso).

Para cada uma das condições de ocorrência de uma inovação, há um conjunto de elementos que atuam como forças contrárias, refreando, ou como forças favoráveis, impulsionando os fenômenos.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 104-105) identificam os condicionadores como “um complexo de regras ou categorias interrelacionadas”, chamando a atenção para a necessidade de uma atitude muito criteriosa na identificação de uma variável linguística. Para os autores,

uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que ‘frequentemente’, ‘ocasionalmente’ ou ‘às vezes’ se aplicam. A evidência quantitativa para a covariação entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 107).

A variável linguística compreende o conjunto de variantes linguísticas, essas últimas tomadas como formas diversas e alternantes de se expressar uma mesma informação. Para a determinação de uma variável linguística, Labov (2008, p. 26) apresenta duas condições:

primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade.

Conforme a descrição acima, apresentada por Labov, a variável linguística, representada pelo conjunto de suas variantes, deve comportar/revelar as condições de aparecimento do fenômeno da variação. É ela quem orienta o percurso de uma descrição do fenômeno da variação, quem fornece os elementos para a análise da mudança linguística.

O sistema heterogêneo é visto, portanto, como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras coocorrentes. Dentro de cada um desses subsistemas, podemos encontrar variáveis individuais que

covariam, mas que não ocorrem de forma isolada. Cada uma dessas variáveis será definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), normalmente se esperaria encontrar uma íntima covariação entre as variáveis linguísticas.

Tomando a heterogeneidade como princípio para a descrição da mudança na língua, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 17) propõem um roteiro de problemas aos quais as descrições e análises dos fenômenos da variação devem fornecer respostas:

- a) a questão dos *fatores condicionantes* (mudanças e condicionantes possíveis ou seja, quais são as instâncias ou variáveis sociais que atuam nos contextos de mudança);
- b) a questão da transição (os estágios intervenientes entre dois estados da língua);
- c) a questão do encaixamento (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social);
- d) a questão da avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua);
- e) a questão da implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua em dada época).

O problema da transição, “trilha pela qual uma mudança linguística está caminhando para se completar” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 90), está relacionado aos fatores condicionantes, de onde surge a inovação, e do encaixamento da inovação nas estruturas linguística e social. A transição não corresponde, assim, a algo passageiro, dado em algum momento, mas pode criar ambientes de convivência e de concorrência das formas.

Parece-nos que o aparecimento e a convivência de formas arcaicas e inovadoras na língua, numa comunidade onde a mudança já tenha se completado, só pode ser explicado pelo problema do encaixamento e da avaliação. A metodologia da Dialetoлогия Pluridimensional, que une o diatópico ao diastrático, pode identificar os elementos que atuam como inovadores e conservadores, bem como as circunstâncias

de uso da língua em que os traços são registrados, por descrever a fala nos eixos horizontal (sua distribuição areal), vertical (sua realização nos diferentes estratos sociais) e relacional (seu registro em diferentes instâncias comunicativas).

Segundo Fasold (1990, p. 223), o papel das classes sociais na difusão e adoção de uma inovação linguística é determinante, pois os fenômenos estão subordinados à “classe de estratificação”. Assim, “se uma variável mostra uma classe de estratificação, determinadas variantes são usadas com mais frequência pelos mais altos da classe, menos pelos mais baixos da classe”. Ou seja, o movimento da língua no interior dos grupos está relacionado aos valores que as variáveis possuem, isto é, ao que representam em termos de prestígio e poder social.

Quanto à mudança linguística e sua relação com a classe social, Labov (1996) apresenta dois tipos básicos: (a) mudança vinda de baixo e (b) mudança vinda de cima.

As mudanças vindas de cima e de baixo se referem simultaneamente a níveis de consciência social e a posições dentro da hierarquia socioeconômica. As mudanças acima são introduzidas pela classe social dominante com plena consciência pública. Normalmente, representam empréstimos de outras comunidades de fala que têm maior prestígio aos olhos da classe dominante. Esses empréstimos não afetam imediatamente os padrões próprios correntes da classe dominante ou de outra classe social, porém aparecem antes de tudo na fala cuidada, refletindo um dialeto superposto aprendido depois do próprio. (LABOV, 1994, p. 145, **tradução nossa**).²³

As mudanças vindas de baixo estão abaixo do nível de consciência social, dependem de pressões sociais inferiores. Somente quando se aproximam de sua realização total, os falantes tornam-se conscientes delas. Segundo Labov (1994, p. 144-145), “as mudanças vindas de baixo podem ser introduzidas por qualquer classe social, mas não se têm registrado casos em que grupos sociais de maior *status* atuem como um grupo inovador”.

²³ Los *cambios desde arriba* los introduce la clase social dominante, frecuentemente con plena consciencia pública. Normalmente, representan prestamos de otras comunidades de habla que tienen mayor prestigio a ojos de la clase dominante. Esos préstamos no afectan inmediatamente los patrones propios corrientes de la clase dominante o de otra clase social, pero aparecen ante todo en habla cuidada, reflejando un dialecto superposto aprendido después de que el propio corriente se adquiera.

Segundo Fasold (1990), a adoção da inovação ou a mudança linguística entre as classes sociais também está relacionada ao grau de dependência entre elas, aos usos que se faz ou se necessita dos bens de consumo. A escolaridade pode orientar o comportamento do falante para adotar ou resistir às mudanças linguísticas, reconhecendo as formas prestigiadas ou não socialmente.

Na variável faixa etária, encontramos os parâmetros para a identificação dos diferentes estágios da mudança linguística. Considerando-se que o comportamento das pessoas apresenta certa regularidade em diferentes fases da vida, o fenômeno da variação pode ser descrito a partir dos elementos que se manifestam entre jovens e velhos. A idade é um marco na constituição de identidades sociais: jovens e idosos estão envolvidos em diferentes atividades, assumem determinados comportamentos, os quais são refletidos na linguagem.

Silva-Corvalán (1989, p. 75-76) destaca que a variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: 1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso.

Na luta travada entre formas linguísticas concorrentes, sobrevive aquela que tiver maior valor social, que estiver circulando entre o maior número de falantes. Conforme Labov (1994, p. 127, **tradução nossa**),

as formas concorrentes associam-se com valores sociais característicos dos falantes que os usam, e o avanço da mudança se associa com a adoção dos valores de um grupo por membros do outro. Assim, no começo da mudança, os falantes com a forma mais antiga se veem raramente expostos à forma mais nova, de modo que pouca mudança ou transferência pode ter lugar. A velocidade da mudança será maior quando o contato entre falantes for maior, quer dizer, no ponto médio.²⁴

A pesquisa em tempo real considera a possibilidade de o inquiridor retornar à comunidade investigada num período de tempo subsequente, repetindo o mesmo estudo. A pesquisa em tempo real pode dividir-se ainda em estudo de

²⁴ Dos sonidos en competencia se asocian con los valores sociales característicos de los hablantes que los usan, y el avance del cambio se asocia con la adopción de los valores de un grupo por miembros del otro. Así, al comienzo del cambio, los hablantes con la forma más antigua se ven raramente expuestos a la forma más nueva, de modo que poco cambio o transferencia puede tener lugar. La velocidad del cambio será mayor cuando el contacto entre los hablantes sea mayor, es decir, en el punto medio.

tendência e estudo de painel. No primeiro, trata-se de enumerar a população geral do mesmo modo, extrair a amostra do mesmo modo, obter dados e analisá-los do mesmo modo, em um período de tempo posterior. O segundo, conforme Labov (1994, p. 141, **tradução nossa**), procura “localizar os mesmos indivíduos que foram os sujeitos do primeiro estudo, e controlar quaisquer mudanças em seu comportamento submetendo-os ao mesmo questionário, entrevista ou experimento.”²⁵

Trata-se, aqui, de estabelecer orientações metodológicas que permitam acercar as mudanças linguísticas em curso ou completas, de modo a delimitar seu percurso e identificar os estágios que levam uma inovação a ser incorporada na língua.

Apesar de tradicionalmente apresentarem uma dimensão da fala que corresponde ao falante da área rural, do sexo masculino, de idade avançada e sem escolaridade, nascido na localidade²⁶, as pesquisas dialetológicas não deixaram de lado as demais dimensões com entrevistas experimentais, com questões adicionais, informantes auxiliares e assim por diante²⁷. Há, inclusive, monografias que se dedicam à análise das diferenças provenientes do sexo, da idade ou da profissão do informante.²⁸

O avanço das pesquisas que buscam descrever a fala em centros urbanos levou a uma ampliação dos princípios metodológicos, principalmente com relação à seleção dos informantes. Mouton (1992, p. 675, **tradução nossa**) destaca que

a decisão de incluir as cidades – não com um único informante como nos pontos rurais – permitiu comparar a fala de gentes de grupos sociais e de sexo distintos em um atlas. Alvar apresentou reflexões teóricas sustentadas nessas experiências onde, constatando as indubitáveis limitações de um atlas para estudar uma cidade, opina que os dados

²⁵ [...] localizar a los mismos individuos que fueron los sujetos del primer estudio, y controla cualesquiera cambios en su comportamiento sometiéndolos al mismo cuestionario, entrevista o experimento.

²⁶ Nonmobile, older, rural males – NORMs (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 33).

²⁷ Nos inquiridos para o Atlas Linguístico da França, conforme destacam Chambers e Trudgill (1980, p. 33-34), dentre os setecentos informantes, Edmont incluiu sessenta mulheres, cerca de duzentos dos informantes possuíam instrução e o restante eram praticamente sem instrução, e todos eles de pequenas aldeias francesas.

²⁸ Uma discussão breve é apresentada em: MOUTON, Pilar Garcia. *El Atlas Lingüístico y etnográfico de Andalucía. Hombres y Mujeres. Campo y Ciudad*. In. *Actas del Congreso Internacional de Dialectología*. Disponível em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/13687/1/garcia_mouton_pilar_1992b.pdf> Acesso em: 05 jan. 2010.

recolhidos servem para ilustrar processos internos da biologia linguística em seu contexto social.²⁹

A complexidade de alguns contextos linguísticos requer uma descrição “transversal” dos fenômenos, uma investigação das formas sobrepostas da fala, que pode estar no jogo de forças entre as variáveis, na história de cada forma e nas crenças que mobilizam as atitudes de falantes na comunidade.

Naro (2004, p. 43), ao descrever alguns aspectos dessa relação sociedade/língua, adverte que

nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público. E mesmo uma única pessoa pode escolher uma forma mais conservadora numa situação formal, preferindo outra forma mais atual em conversa informal.

As diferenças na fala de homens e mulheres nem sempre são perceptíveis ou recebem por parte dos falantes alguma importância. Trudgill (1974) destaca que, em alguns casos, o fenômeno é colocado na mesma categoria das diferenças gestuais ou das expressões faciais, como no caso de *Yukaghir*, uma língua da Ásia, em que os fonemas /tj/ e /dj/, na linguagem masculina, correspondem aos fonemas /ts/ e /dz/, na fala das mulheres. Segundo o autor, tais diferenças são feitas conscientemente, a partir de uma correlação geracional: crianças também usam os fonemas da fala feminina, assim como pessoas velhas dos dois sexos usam outro tipo de variante. Isto significa que o falante masculino usa três diferentes formas durante sua vida, e é presumível, portanto, que ele conheça as duas transições que faz.

Quanto às explicações sobre as diferenças linguísticas entre falantes de gêneros diferentes, segundo Trudgill (1974), estudos sociolinguísticos demonstram que

²⁹ La decisión de incluir las ciudades – no con un único informante como en los puntos rurales – permitió comparar el habla de gentes de grupos sociales y de sexo distinto en el marco del atlas. Alvar hizo reflexiones teóricas sustentadas en estas experiencias donde, tras señalar las indudables limitaciones de un atlas para estudiar una cidade, opina que los datos recogidos sirven para ilustrar procesos internos de biología lingüística en su contexto social.

as mulheres, nas sociedades ocidentais, são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens. Por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais. Para exemplificar, o autor se vale da linguagem da classe trabalhadora, que, assim como outros aspectos culturais, tem conotações associadas à masculinidade. Isto pode ocorrer porque a linguagem da classe trabalhadora é associada a um comportamento mais duro e resistente, tradicionalmente suposto como característica de seu modo de viver – e resistência ou dureza é uma característica masculina. Dado que há variações linguísticas que envolvem, numa comunidade de fala, uma covariação com a classe social, pode-se reconhecer que há pressões sociais atuando para que os falantes adquiram prestígio ou pareçam corretos no emprego das formas da classe alta. Essas pressões, contudo, podem ser mais fortes sobre as mulheres, em função da sua consciência sobre o *status* social. De outro lado, há também pressões para que se continue usando uma forma de menor prestígio como sinal de identidade e de solidariedade ao grupo social.

A variação linguística de sexo/gênero surge porque a língua, como fenômeno social, está relacionada a atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes nas diferentes posições sociais que ocupam, e são regidos por diferentes regras sociais. A língua reflete simplesmente um fato social. A linguagem de homens e mulheres não é apenas diferente: a linguagem das mulheres é também (socialmente) ‘melhor’ que a linguagem dos ‘homens’. Isto é um reflexo do fato de que o comportamento social considerado mais ‘correto’ é o da mulher.

Quanto menos flexíveis forem as regras sociais entre homens e mulheres, mais rígidas serão as diferenças sociais. Essas diferenças sociais desencadeiam uma espécie de expectativa quanto ao comportamento esperado de homens e mulheres. A explicação poderia estar no fato de que, segundo Trudgill (1974), determinados extratos sociais e algumas variantes podem apresentar algum tipo de ‘prestígio’. Labov (1976) chama esse tipo de prestígio de *covert prestige* (prestígio encoberto), quando uma variante passa a identificar grupos que não pertencem à elite dominante. Segundo o autor, essas atitudes são regidas por normas secretas em que,

dado um sistema estável de estratificação sociolinguística, parece razoável propor que estas normas abertas são compensadas por um

conjunto de normas secretas, que conferem valor positivo para as formas não-padrão que as pessoas usam na vida cotidiana. (LABOV, 2001, p. 196, **tradução nossa**)³⁰.

As variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, a função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definido. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Assim, no estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. (PAIVA, 2004).

Nas pesquisas geolinguísticas, a opção pelo informante do sexo masculino, considerado conhecedor ativo do “mundo real”, deixou a mulher numa representação desigual. Destacam-se, entre os primeiros atlas, as entrevistas experimentais realizadas com informantes do sexo feminino, as quais possibilitaram a análise da fala entre os sexos, e a identificação do comportamento mais arcaizante e conservador das mulheres.

O gênero foi incorporado ao conjunto de variáveis sociais para a seleção dos informantes mulheres quando as pesquisas geolinguísticas se voltaram para a descrição da fala em centros maiores. Trata-se do momento em que, ao descrever os *patois* de uma língua, a Dialetologia se deparou com as formas oscilantes da fala, com a face dinâmica e complexa dos fenômenos.

A sociedade contemporânea trouxe muitos desafios às pesquisas dialetológicas, pois, além de incorporar as variáveis sociais, pretende, ao lado da Sociolinguística, descrever a fala no *continuum* de usos, rastreando as pistas da história dos dialetos que sobrevivem no espaço e no tempo.

³⁰ Given a stable system of sociolinguistic stratification, it seems reasonable to propose that these overt norms are balanced by a set of covert norms, which give positive value to the nonstandard forms that people use in everyday life.

3.3 A PERSPECTIVA DIALETOLÓGICA E GEOLINGUÍSTICA

A Dialetoлогия surgiu em resposta aos princípios postulados pelos neogramáticos sobre a regularidade da mudança fônica. Segundo os princípios da corrente neogramática, uma vez ocorrida uma alteração fônica, a mudança ocorreria em todos os contextos em que som/fonema alterado estivesse presente.

O princípio da regularidade e da uniformidade neogramática desencadeou algumas reações, advindas principalmente de pesquisas sobre a língua, como a desenvolvida por Wenker (1852-1911) sobre os dialetos alemães. Nessas pesquisas, que se propunham a descrever as línguas e suas variedades distribuídas no espaço, o fenômeno da variação linguística se apresentava muito mais complexo e dinâmico do que sugeriam os neogramáticos (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980). Segundo Moreno Fernández (1998, p. 57), a pioneira experiência de Wenker “foi muito significativa porque a ausência de fronteiras nítidas se associa indubitavelmente à inexistência de mudanças linguísticas mecânicas ou cegas e também está relacionada nada menos do que com a natureza variável da língua”.

Segundo Dauzat (1922, p. 31, **tradução nossa**), “a geografia linguística é essencial para reconstruir a história das palavras, das flexões, dos agrupamentos sintáticos, de acordo com a distribuição de formas e tipos no presente.”³¹ O autor destaca, ainda, que a distribuição não se dá ao acaso, mas com base nas condições anteriores, no espaço geográfico, de acordo com o meio ambiente, e a partir da solidariedade do homem.

A Geografia Linguística permite, portanto, recriar, a partir do estado atual da língua, as camadas de palavras muitas vezes soterradas pelo tempo, no espaço; e, unida a critérios sociais, pode identificar as “leis que levaram a mudanças, a criações, a associações, a viagens, à vida e à luta das palavras”³² (DAUZAT, 1922, p. 31, **tradução nossa**). É possível perceber nessas palavras, ecoadas no tempo, o objeto

³¹ La géographie linguistique a pour but essentiel de reconstituer l'histoire des mots, des flexions, des groupements syntaxiques, d'après la répartition des formes et des types actuels.

³² [...] les lois qui ont présidé aux transformations, aux créations, aux groupements, aux voyages, à la vie et à la lutte des mots.

mesmo Geolinguística: os dialetos, tomados como formas pelas quais é possível determinar a ‘estratigrafia’³³ de uma palavra.

A impressão de que as diferenças entre as formas de uma língua estivessem relacionadas às fronteiras político-administrativas impulsionou alguns estudiosos a traçar essas divisas linguísticas, como o fizeram Tourtoulon e Bringu’er, buscando delimitar as áreas geográficas dos dialetos franceses e provençais. Segundo Mendonça (1936, p. 31), a “experiência quixotesca” empreitada pelos estudiosos levou à constatação de que “os dialetos não têm limites naturais, nem fronteiras nitidamente distintas”.

Inicialmente, as descrições diatópicas foram organizadas em forma de monografias, com estudos dos falares das diferentes localidades, como, por exemplo, o de J. A. Schmeller (1821), que descreveu os falares da Baviera. Wenker (1881) realizou um estudo dos dialetos alemães motivado pelas teorias da época, segundo as quais a mudança linguística se dava de forma regular e uniforme, restrita ao aparecimento dos traços linguísticos em ambientes específicos (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 37).

Gilliéron (1880) elaborou o Atlas Linguístico da França, o primeiro a ser publicado. Na sua apresentação, pode-se observar o mapa ponto simbólico, com localidades e linhas simbólicas., que foi o primeiro modelo de mapa monodimensional. Segundo Thun (1998), desde Gilliéron, busca-se reunir sobre uma mesma ‘fotografia’ uma série de imagens sucessivas, representando as diferentes posições que um ser vivente ocupa durante um movimento de locomoção.

As primeiras incursões já apontavam para o papel dos condicionadores internos e externos da língua no surgimento de uma inovação, na sua adoção e na implementação da mudança na língua. Diante da complexidade observada, a Dialectologia, por meio do método geolinguístico, passou a executar a recolha de evidências das diferenças sistemáticas entre os dialetos de uma língua.

Outro impulso para os estudos dialetológicos veio da preocupação em preservar as línguas nacionais e resgatar as suas origens. Segundo Cardoso (2001), as

³³ O termo remete ao ramo da geologia que estuda a sucessão das camadas ou estratos que aparecem num corte geológico. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=estratigrafia&x=11&y=9&stype=k>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

palavras de Rousselot (1887) a respeito do efeito do tempo sobre as línguas ainda podem ser tomadas em toda a sua atualidade e pertinência.

Dentre os primeiros trabalhos geolinguísticos voltados para a descrição de línguas nacionais, podemos citar:

- Atlas Linguístico da França/ALF (GILLIÉRON, 1902; 1910);
- Atlas Linguístico da Córsega/ALC (1914; 1915);
- Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional/AIS (JUD; JABERG, 1928-1940);
- Atlas Linguístico Italiano/ALI (BARTOLI, 1931);
- Atlante linguistici Italiano della Corsica (BOTTIGLIONI, 1935; 1942);
- Atlas Linguístico da Catalunha/ALC (GRIERA, 1923; 1939);
- Atlas Linguístico Romeno/ALR (PUSCARIU, 1877-1948);
- Atlas Linguístico da Península Ibérica/ALPI (NAVARRO TOMÁS, 1954; 1962);
- Atlas Linguístico de Portugal (BOLÉO, 1942; 1966).

São trabalhos que buscam essencialmente registrar as particularidades de uma língua circunscrita a um espaço geopolítico e, por isso, todos os atlas acabam levando o título dos países, continentes e regiões das línguas investigadas. São esses primeiros trabalhos, nos quais se busca estudar a língua viva, a fala de cada dia, nos quais se observa a viagem das palavras, a sobrevivência ou a extinção de formas da língua no tempo, no espaço e no interior dos grupos.

Na América Latina, os projetos de elaboração dos atlas linguísticos tomam corpo a partir da década de 1950. Conforme destaca Almeida (2008), alguns estudos já buscavam superar os registros diatópicos da fala e acenavam para as dimensões sociocultural e diafásica. Dentre os trabalhos, destacam-se:

- El español en Puerto Rico. Contribución a la geografía lingüística hispanoamericana (NAVARRO TOMÁS, 1948);
- Atlas Linguístico y Etnográfico de Chile/ALESUCH (1973);
- Atlas Linguístico-Etnográfico de Colômbia/ALEC (FLORÉZ, 1983);
- Atlas Linguístico de México/ALM (BLANCH, 1990);

- Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai/ADDU (ELIZAINCÍN; THUN, 1991);
- Atlas Linguístico Guarani-Românico/ALGR (THUN; SYMEONIDIS; AQUINO; DIETRICH, 2008),³⁴
- Atlas Linguístico do Brasil/ALiB (em andamento);
- Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch/ALMA-H (THUN; ALTENHOFEN) (em andamento).³⁵

A Geolinguística brasileira, segundo Cardoso (1999), pode ser caracterizadas nas três fases que constituem a tentativa de realizar uma descrição do português brasileiro:

- i) a primeira fase, que compreende o período que vai de 1826 a 1920, data em que é publicado *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, tem seus trabalhos voltados para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil, como a elaboração de dicionários, vocabulários e léxicos regionais;³⁶
- ii) na segunda fase, com a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, que vai até 1952, encontramos a preocupação com a descrição das variantes em espaços delimitados. Segundo Cardoso (1999, p. 235), é o “momento em que se dão os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da Geolinguística em território brasileiro.” Além de expandir o espectro de investigação,

³⁴Para maiores informações a respeito dos atlas na América Latina, consultar Almeida (2008).

³⁵ O Projeto ALMA-H objetiva fundamentalmente: 1) constituir um amplo acervo de dados linguísticos e etnográficos relacionados à variedade dialetal do Hunsrückisch falado como língua minoritária e de imigração em contato com o português e o espanhol na Bacia do Prata (Brasil, Argentina e Paraguai), e 2) elaborar, a partir desse acervo, descrições macrolinguísticas da constituição, difusão e uso do Hunsrückisch na área em estudo, com vistas à elaboração de um atlas linguístico-contatual que considere tanto a relação “língua românica-alemão”, quanto a relação entre as diferentes variedades desse alemão, incluindo o dialeto-padrão. Disponível em: <http://www1.ufrgs.br/pesquisa/forms/form_dadosProjetoPesquisa.php?Cod=11515>. Acesso em: 11 jan. 2010.

³⁶ Cardoso (1999) destaca, na primeira fase, as obras: Dicionário da língua brasileira, 1832, de Luís Maria Silva Pinto; Vocabulário brasileiro, 1853, de Brás da Costa Rubim; Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada, de 1883 a 1884, de Visconde de Beaurepaire-Rohan na Gazeta Literária, posteriormente, em 1889, transformado no Dicionário de vocábulos brasileiros; A linguagem popular amazônica, 1884, de Macedo Soares; O tupi na geografia nacional, 1901, de Theodoro Sampaio; Glossário paraense, 1905, de Vicente Chermont de Miranda; Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros, 1912, de P. Carlos Teschauer; Dicionário de brasileirismos, 1912, de Rodolfo Garcia.

incorporando os níveis fonético-fonológico e morfossintático, as pesquisas refletem a preocupação com a metodologia, a definição de variáveis, a investigação *in loco*. A fase é marcada pela produção de monografias, como as de Amaral, Nascentes e Marroquim;

- iii) a terceira, e última fase, estende-se de 1952 a 1996 e é inicialmente marcada por atos oficiais, como o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, e a Portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano, enfatizando a elaboração de um atlas linguístico. Esta fase é marcada pelos atlas de pequeno domínio e pela retomada dos trabalhos para a publicação do Atlas Linguístico do Brasil/ALiB.

Mota e Cardoso (2006, p. 21) apontam ainda a quarta fase dos estudos dialetais brasileiros, inaugurada com a retomada do projeto do Atlas Linguístico do Brasil/ALiB, em 1996. É o momento em que a Dialectologia se volta também para a descrição da fala dos centros urbanos. Para as autoras,

do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Soliciolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de ‘tradicional’.

No novo milênio, as pesquisas dialetológicas são marcadas pelos passos certos que os trabalhos do Atlas Linguístico do Brasil/ALiB dão rumo à conclusão da coleta e tratamentos dos dados e à publicação das cartas linguísticas.

As cartas linguísticas poderão dar uma resposta às questões que rondaram e rondam as pesquisas dialetológicas, principalmente com relação à condição dos dialetos e à disseminação, conservação e transição das variantes linguísticas. É um grande passo para “uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil”,³⁷ para o reconhecimento do multiculturalismo nacional e, principalmente, para a valorização das diferenças geográficas e sociais.

³⁷ <http://www.alib.ufba.br/objetivos.asp>. (Acesso em: 23 set. 2009).

No Brasil, os atlas regionais, que formam a base dos estudos geolinguísticos, foram desenvolvidos em períodos diferenciados e seguindo diferentes metodologias; porém, unem-se todos a um único objetivo: o de descrever o português brasileiro. Dentre os trabalhos, podemos citar os atlas publicados, os atlas em andamento e projetos anunciados, porém, ainda não concluídos:

- o Atlas Prévio dos Falares Baianos/APFB (ROSSI, 1963);
- o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais/EALMG (RIBEIRO; ZÁGARI; RIBEIRO; PASSINI; GAIO, 1977);
- o Atlas Linguístico da Paraíba/ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984);
- o Atlas Linguístico de Sergipe/ALS I (ROSSI; FERREIRA; FREITAS; ANDRADE; CARDOSO; ROLLEMBERG; MOTA, 1987);
- o Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994);
- o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002);
- o Atlas Linguístico Sonoro do Pará/ALISPA (RAZKY, 2004);
- o Atlas Linguístico de Sergipe II/ALS II (CARDOSO, 2005);
- o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul/ALMS (OLIVEIRA, 2007);
- o Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007);
- Atlas Linguístico do Oeste Potiguar (PEREIRA, 2008);
- o Atlas Linguístico do Ceará/ALECE (BESSA) (em andamento);
- o Atlas Linguístico do Maranhão/ALiMA (BEZERRA; ROCHA; VIANA);
- o Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte/ALiRN (PEREIRA);
- o Atlas Geossociolinguístico do Pará/ALIPA (RASKY);
- o Atlas Linguístico do Espírito Santo/ALES (NADALIN; SILVA; RODRIGUES);
- o Atlas Linguístico do Igatu/CEARÁ (LIMA);

Os projetos anunciados,³⁸ que buscam descrever o português do Brasil, também favorecem investigações mais localizadas, voltadas para uma descrição detalhada das variáveis sociais e do aspecto etnográfico da variação.

³⁸ Alguns trabalhos já foram anunciados, porém estão ainda na fase de organização dos procedimentos metodológicos, como o Atlas Linguístico do Acre/ALAC; outros já tiveram os dados recolhidos, mas não

No Paraná, segundo Aguilera (1999, p. 8), os primeiros trabalhos de descrição do falar paranaense correspondem aos registros de viajantes que passaram pela região. No século XIX, o cientista francês Auguste de Saint-Hilaire³⁹, viajando por várias províncias brasileiras, registra o mais antigo testemunho de que se tem notícia sobre o português falado pelos habitantes dos Campos Gerais do Paraná. Já no início do século XIX, o escritor paranaense Salvador José Correia Coelho registra as recordações da viagem que fez ao interior do Estado, em que inclui alguns aspectos da língua. Em 1938, durante o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, no Rio de Janeiro, sob o título *Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste*, Andrade Muricy apresenta o que pode ser considerado o primeiro registro sistemático dos falares paranaenses. Porém, é somente na década de 1950 que se iniciam os estudos sistematizados do falar paranaense, com os trabalhos de:

- AMARAL, Serafina Taub do. (1952) *Contribuição para um inquérito linguístico no litoral do Paraná*;
- ALVAR, Júlio; ALVAR, Janine. (1979) *Guaraqueçaba, mar e mato*⁴⁰;
- MERCER, José Luiz da Veiga. (1979) *Le lexique technique des pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)*;
- FILIPAK, Francisco. (1976) *Antologia do Vale do Iguaçu*;
- TONIOLO, Enio. (1981) *Vocabulário de Tibagi*;
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. (1987) *Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (EALLO)*;
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. (1992) *Atlas Linguístico de Ortigueira*;
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. (1994) *Atlas Linguísticos do Paraná/ALPR*.

houve a divulgação de resultados preliminares, tampouco informações a respeito do andamento dos trabalhos, como o Atlas Linguístico do Estado de São Paulo/ALESP.

³⁹ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à comarca de Curitiba, 1820*. São Paulo: Companhia das Letras, 1964; *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1978.

⁴⁰ ALVAR, Júlio; ALVAR, Janine. *Guaraqueçaba, mar e mato*. Curitiba, Brasil, UFPR, 1979. Disponível em: <<http://www.usp.br/nupaub/acervo2.html#caicaras>>. Acesso em: 13 jan. 2010.

Seguindo o trabalho de Aguilera (1994), algumas pesquisas de mestrado e doutorado procuram descrever, de forma aprofundada e detalhada, a fala paranaense nas diferentes regiões e perspectivas socioculturais.

- ALTINO, Fabiane Cristina. (2001) Pelos caminhos da Geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis;
- RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. (2007) Em busca de uma história para o léxico rural paranaense;
- ALTINO, Fabiane Cristina. (2007) Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II.

O que tem movido pesquisadores da área da Linguística a descreverem a fala, buscando recuperar os vestígios e os rastros da história dos falantes e da própria língua, enquanto estrutura que muda diante de determinadas condições, é o registro do comportamento linguístico, nas suas diferentes variedades, diante de dimensões de ordem social e linguística.

A Dialetoлогия conquistou seu *status* de disciplina autônoma justamente porque buscou ultrapassar as fronteiras do descritivismo da Linguística Histórica, definindo seus métodos e seus fins. A manifestação mais evidente das diferenças dialetais se apresenta desde o início no plano areal: a distribuição dos falares em determinada área geográfica impõe condições particulares quanto ao uso da língua. Brandão (2005, p. 8) destaca que, desde o princípio, é premente a preocupação com a metodologia de descrição dos dialetos, que “– quer por meio de monografias, quer por meio de atlas – deveriam ser realizadas com o rigor exigido pelas ciências naturais, obedecendo, portanto, a uma metodologia bem definida”.

A impressão de estaticidade imprimida à representação da variação nas cartas linguísticas é superada, segundo Mouton (1996, p. 65), pela possibilidade da observação da “vida da língua a partir dos mapas, reconstruindo as situações anteriores a que se apresentava cartografada”. A autora ainda assevera que

a partir da análise dos mapas se vê que as palavras, como os falantes, movem-se: que possuem vias para se mover e que às vezes encontram obstáculos que as fazem parar. Em suas viagens lutam para se imporem

e, conseqüentemente, algumas são vencedoras, e outras, derrotadas. Também se viu que há fortes centros irradiadores (capitais, centros econômicos, culturais, etc.), que dão prestígio às palavras que difundem; que as regiões isoladas são menos receptivas ao novo, que os centros culturais o são muito mais... Isso provou que é um erro estudar a vida das palavras apenas a partir da evolução fonética, sem atender a todas as vicissitudes por que passam, as quais são as causas do fato de que *cada palavra tem sua própria história*. (MOUTON, 1996, p. 67, **tradução nossa**).⁴¹

As cartas linguísticas se transformam em um ‘inventário de formas’, segundo Brandão (2005, p. 11), proporcionando “uma visão dinâmica de cada fato descrito”. Os atlas documentam as línguas e seus falares em sua face mais móvel e dinâmica. O caminho percorrido pelas formas no espaço refaz o trajeto do homem, e muito mais: revela a organização do grupo, o papel de cada cultura e etnia naquela comunidade.

Moreno Fernández (1998, p. 58) destaca que os dados recolhidos da realidade pela Dialetoлогия e Geolinguística permitem a “demonstração de que as palavras migram”. O registro dos fenômenos nas cartas linguísticas representa os caminhos trilhados pelas palavras, refazendo as etapas pelas quais elas avançam em determinada direção, bem como aquelas em que estacionam em determinados espaços e grupos.

A dispersão das formas pelo território indica a presença de elementos que atuam direta e firmemente sobre o comportamento linguístico. A atuação desses elementos resulta na formação de áreas mais homogêneas com relação à presença ou não de determinadas variantes. Esta é uma das contribuições da Dialetoлогия e da Geolinguística: a identificação de áreas responsáveis pela adoção, implementação e dispersão das inovações, bem como de áreas conservadoras e arcaizantes da língua.

A confecção dos mapas linguísticos que comporão um atlas é precedida por um longo caminho, vencendo-se etapas que vão desde a profunda

⁴¹ A partir del análisis de los mapas se vio que las palabras, como los hablantes, se desplazan; que disponen de vias para avanzar y que a veces encuentran obstáculos que las detienen. En sus viajes luchan por imponerse y, en consecuencia, unas resultan vencedoras, y otras, vencidas. También se vio que hay centros de expansión fuertes (capitales, núcleos de poder económico, cultural, etc.), que Dan prestigio a las palabras que difunden; que las regiones aisladas son menos receptivas ante lo nuevo, que los centros culturales lo son mucho más... Esto puso de manifesto que es un error estudiar la vida de las palabras sólo en su evolución fonética, sin atender a todas las vicisitudes por las que pasan, que son la causa de que cada palabra tenga su propia historia.

pesquisa sobre a área a ser investigada até a realização da recolha dos dados e o seu devido tratamento. O conhecimento profundo dos “aspectos históricos, geográficos, ecológicos, socioeconômicos”, segundo Brandão (2005, p. 27), pode orientar a pesquisa para a obtenção de uma “visão global da dinâmica dos grupos humanos que ali viviam”, e, assim, reconhecer os elementos que atuaram na composição do quadro de fenômenos que ali se apresentam.

Os fenômenos revelados pelas cartas linguísticas resultam na identificação de áreas conservadoras, áreas inovadoras, áreas de difusão e áreas de transição. Essas áreas nem sempre se encontram nos limites políticos das localidades. Surge, assim, a compreensão de que a língua não tem fronteiras, não respeita os limites instituídos pelos homens; está condicionada, porém, por aspectos de ordem geográfica⁴² e social.

Dauzat (1922, p. 42, **tradução nossa**) já destacava que, entre as constatações dos primeiros estudos da Geografia Linguística, está “o princípio da continuidade das áreas”, ou seja, “uma área que agora aparece desarticulada e fragmentada já formou um todo contínuo.”⁴³ Isso significa que as palavras viajam pelos espaços, transpõem as barreiras físicas, mas também viajam com os homens, entre os grupos, e se alojam nos ambientes que lhes oferecem condições favoráveis.

Com relação ao percurso das variantes documentado nas cartas linguísticas, Dauzat (1922, p. 64, **tradução nossa**) afirma que

as viagens das palavras são instrutivas em mais de uma maneira. É durante suas viagens que os termos se tornam mais propensos a se alterarem, e quanto mais eles se distanciam de seus pontos de partida. Essas viagens não ocorrem de forma aleatória: as palavras seguem as principais rotas geográficas tomadas pelos invasores, como através do comércio e relações sociais normais; também enfrentam barreiras naturais do mar, as montanhas, os espaços desabitados – e para além das barreiras linguísticas oferecidas por grupos de pessoas que falam línguas fundamentalmente diferentes, e refratários, como resultado, ao intercâmbio intelectual.⁴⁴

⁴² A separação linguística pode ser precisa quando se trata de obstáculos naturais, enseadas, montanhas difíceis de atravessar, grandes espaços vazios (DAUZAT, 1922, p. 157).

⁴³ Une aire qui apparaît aujourd'hui disloquée et fragmentée formait autrefois un tout continu.

⁴⁴ Les voyages des mots sont instructifs à plus d'un titre. C'est au cours de leurs déplacements que les termes sont le plus sujets à s'altérer, et d'autant plus qu'ils s'éloignent davantage de leurs points de départ. Ces voyages ne s'opèrent point au hasard: les mots suivent les grandes voies géographiques,

Os dialetólogos, desde os primórdios, constataram certa liberdade das línguas, que tomam tantas direções quantos forem os rumos dos homens sobre um determinado território. Embora o foco fosse a distribuição dos homens e das línguas pelos espaços, a Dialectologia cedo compreendeu a necessidade de ampliar seu conjunto de variáveis, pois os mapas, conforme destaca Moreno Fernández (1998), também registram e comprovam as formas antigas da fala, em zonas isoladas, formas que podem dar lugar a uma estratificação linguística, indicando as “lutas entre vozes antigas e modernas, nas quais a consciência linguística é decisiva, porque o falante sente necessidade de conservar a sua língua, por um lado, por outro, crê ser importante melhorá-la ou atualizá-la.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 59).

Podemos afirmar que as pesquisas geolinguísticas e dialetológicas têm caminhado para uma descrição pormenorizada da variação. Como resultado, temos atlas que abrangem áreas de diferentes extensões, atlas que se voltam para a descrição de distintos níveis linguísticos, atlas sonoros e atlas pluridimensionais. Todos, em cada uma de suas particularidades, envolvem especificidades metodológicas que vão desde os estudos preliminares até o registro dos resultados nas cartas linguísticas. Se a tarefa da Dialectologia é a descrição da variação e das variedades dialetais, os princípios metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística podem desdobrar a configuração areal dos dados e, com o advento do uso de tecnologias na cartografia, dimensionar e registrar a fala a partir de seus condicionantes e das variáveis sobre as quais atua e das quais recebe influências.

Cardoso (2001, p. 27) destaca que a Dialectologia avança nos estudos da variação ao permitir investigações comparativas entre os fenômenos descritos em diferentes pontos de um espaço: é a ‘intercomparabilidade’ entre as variedades em diferentes espaços, tanto pela presença, quanto pela ausência dos fenômenos. Os fenômenos dispostos nos mapas são pistas para desvendar os enigmas de uma língua,

empruntées par les invasions comme par les échanges commerciaux et les relations sociales normales; eux aussi se heurtent à des barrières naturelles: la mer, les montagnes, les espaces inhabités – et en outre aux barrières linguistiques qu’offrent les groupements, et réfractaires, par suite, aux échanges intellectuels.

desde que representem a fala em sua forma mais ativa, utilizada nas situações de interação.

Para que a Dialetoлогия dê conta do seu objeto de estudo com todo rigor necessário, a metodologia da pesquisa deve observar: a rede de pontos onde serão desenvolvidas as investigações; o questionário que será aplicado para recolha dos dados; o informante a quem será aplicado o questionário; e o inquiridor, responsável pela realização das entrevistas.

A rede de pontos é reveladora dos objetivos do estudo, pois a escolha não é aleatória, mas representativa dos fenômenos da variação observados em determinada área. Por meio da fixação dos pontos, poderão ser identificadas áreas inovadoras, áreas conservadoras e áreas de dispersão e de irradiação linguística.

O questionário, enquanto “conjunto de perguntas através das quais se espera obter determinados materiais linguísticos” (MOUTON, 1996, p. 64), deve considerar a possibilidade de extrair as variantes a que o estudo se dedica. As questões podem variar de acordo com a extensão do estudo, pois o questionário é o instrumento pelo qual se constituirá o *corpus* da pesquisa, além de informações relacionadas à história das localidades e as observações do inquiridor sobre o informante. Segundo Chambers e Trudgill (1980, p. 24), a aplicação do questionário para o levantamento dos dados tem a vantagem de “garantir que os resultados de todas as entrevistas realizadas na pesquisa serão comparáveis”. As variantes serão registradas entre todos os informantes, em todos os pontos, o que garante o rigor e a precisão dos estudos dialetológicos.

Brandão (2005, p. 31-32) reitera a necessidade de extrair das entrevistas “um material homogêneo susceptível de comparação”, para que se tenha de fato uma representação espacial e social da fala. A preparação do questionário exige, além do “levantamento preliminar de dados”, informações além daquelas fornecidas pelo informante. Daí a interface etnográfica dos atlas, que se transformam em um compêndio da vida do povo, dos grupos, das culturas, da língua e dos seus falares em determinada área geográfica.

O rigor da pesquisa dialetológica, ao se deter sobre a fala viva, tal qual ela se apresenta nas ruas, nas rodas de conversa, nas reuniões familiares, nas

relações comerciais, ou seja, aquela que constitui e se constitui no interior dos grupos sociais, requer que todas as fases de sua constituição primem pela representação da realidade como se apresenta.

A Dialetoлогия identificada como tradicional e/ou monodimensional optava por critérios que atendessem à possibilidade de coletar as formas remanescentes dos falares que estavam em via de desaparecimento diante das formas novas. A ampliação dos critérios para a questão dos gêneros, da faixa etária e da classe social significa uma mudança na cartografia dos dados, ou seja, dos registros nas cartas linguísticas dos fenômenos. A Dialetoлогия e a Geolinguística têm dado passos firmes nas adequações metodológicas impostas pelos estudos contemporâneos da variação, aprimorando e detalhando as técnicas de cartografia, com o auxílio das modernas ferramentas da tecnologia computacional.

O inquiridor é quem dá vida à pesquisa, é o coração da investigação: seus pulsos direcionarão a entrevista para o objetivo proposto. Devidamente preparado e instrumentalizado, o inquiridor é o verdadeiro paleontólogo da língua, pois dele depende a seleção do informante e a aplicação do questionário. Para que o trabalho se cumpra de maneira desejada e os objetivos sejam alcançados, o inquiridor precisa estar imbuído do espírito desbravador e aventureiro do dialetólogo. Precisa superar as adversidades da pesquisa de campo e os seus próprios limites, pois as entrevistas em alguns momentos exigem muita perspicácia e paciência para se poder extrair a fala em estado natural e espontâneo.

3.4 A DIALETOLÓGIA PLURIDIMENSIONAL

Sem perder de vista a distribuição espacial do fenômeno da variação, a Dialetoлогия mergulha nas profundezas da organização e da constituição das sociedades e de lá absorve o comportamento da língua quanto à inovação e à conservação de determinados traços da fala.

Cunha (1972, p. 57) destaca que, com o objetivo de recolher relíquias de um passado em vias de desaparecimento, o Atlas Linguístico da França/ALF, obra

precursora da Geolinguística, na realidade, deu “uma descrição da língua viva, uma ‘fotografia linguística’, um ‘instantâneo da fala em determinado momento’, que se prestava a múltiplas interpretações, inclusive a interpretações extralinguísticas”.

Segundo Gracia (1996, p. 27), o que durante algum tempo se colocava como certo problema para as pesquisas dialetológicas, com o auxílio da Sociolinguística, ultrapassou as “fronteiras geográficas”, e apresentou os falares a partir das diferentes instâncias sociais “em muitas áreas refratárias”. Nas cidades, onde as diferenças sociais podem ser sentidas com maior evidência na forma de falar, buscaram-se vários informantes dos dois sexos, de distintas idades, de distintos níveis de instrução e de distintas localidades, que representem a complexidade urbana (MOUTON, 1996). De acordo com Brandão (2005, p. 12), “aos poucos, aperfeiçoando-se o método, nos atlas buscou-se retratar peculiaridades etnográficas e, modernamente, variações diastráticas, sobretudo porque os interesses da Dialectologia voltaram-se também para a fala dos grandes centros urbanos”.

O estudo pormenorizado da variação a que a Dialectologia vem se dedicando resultou na união dos planos horizontal e vertical das pesquisas sobre variação, recompondo a língua nos seus diferentes espaços e momentos de uso. Não se trata apenas de voltar-se para os centros urbanos, mas de dimensionar a língua nos diferentes contextos das sociedades contemporâneas

Tendo o vínculo entre língua e sociedade como pressupostos – daí o objetivo de descrever a “fala viva” (ALVAR, 1996) –, o recorte geolinguístico visava a descrever os vestígios de falares que se preservavam diante da língua de cultura e, por meio desses, reconstruir a história da língua. Trilha-se, assim, o postulado de que a Dialectologia não pode ser separada da Sociolinguística, porque não é verdade que a variação dialetal existe apenas no assim chamado plano horizontal ou geográfico, e é igualmente falso que a variação horizontal é a mesma em todos os níveis sociolinguísticos (RONA, 1976).

A face mais social da Dialectologia diatópica manifesta-se e define-se, em termos metodológicos, a partir do que se denominou como crise ou divisão da Geolinguística românica, identificada por Radtke e Thun (1991) como o momento em que a disciplina se defrontou com a necessidade de descrever falares que

transpusessem os espaços mais isolados, de conservação e purismo linguístico. Essa atitude estava presente desde o princípio, conforme declara Cardoso (2002), mas, diante da possibilidade de identificar, descrever e dar tratamento aos dados, por meio da cartografia, aflorou nos últimos anos, ampliando a concepção dos espaços geográficos, das variáveis sociais para a seleção dos informantes e da coleta dos dados, incluindo, por exemplo, elementos referentes ao contato entre línguas e dialetos.

Segundo Thun (2000, p. 196), a Dialetoologia Pluridimensional, que busca se distinguir da Dialetoologia tradicional “pela arealização complexa, pela desarealização e pela quantificação”, pode responder a duas questões para as quais a Geolinguística tradicional e a Sociolinguística não têm encontrado resposta: (i) “Até que nível social, idade, estilo etc. estende-se um fenômeno linguístico identificado numa área entre os locutores de um mesmo nível social, de uma mesma faixa etária ou expressando-se num mesmo estilo?”; (ii) “Até que área chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que convivem num mesmo lugar, em vários grupos etários, em vários estilos, etc.?”.

As dimensões sociais cindem-se para deixar vir à tona os cenários que regem as especificidades dos traços linguísticos em cada realização. Thun (2005, p. 71) apresenta um roteiro para as dimensões, organizando-as a partir de parâmetros que explicitam a realidade da fala nas localidades investigadas, conforme podemos observar na figura 03:

- a) Dimensão Dialingual: as línguas em contato;
- b) Dimensão Diatópica: topostático;
- c) Dimensão Diatópica Cinética: topostático e topodinâmico;
- d) Dimensão Diastrática: socioculturalmente elevado e inferior;
- e) Dimensão Diageracional: geração I e II;
- f) Dimensão Diassexual: feminino e masculino;
- g) Dimensão Diafásica: leitura, conversa livre, resposta;
- h) Dimensão Diarreferencial: objetividade e metalinguagem.

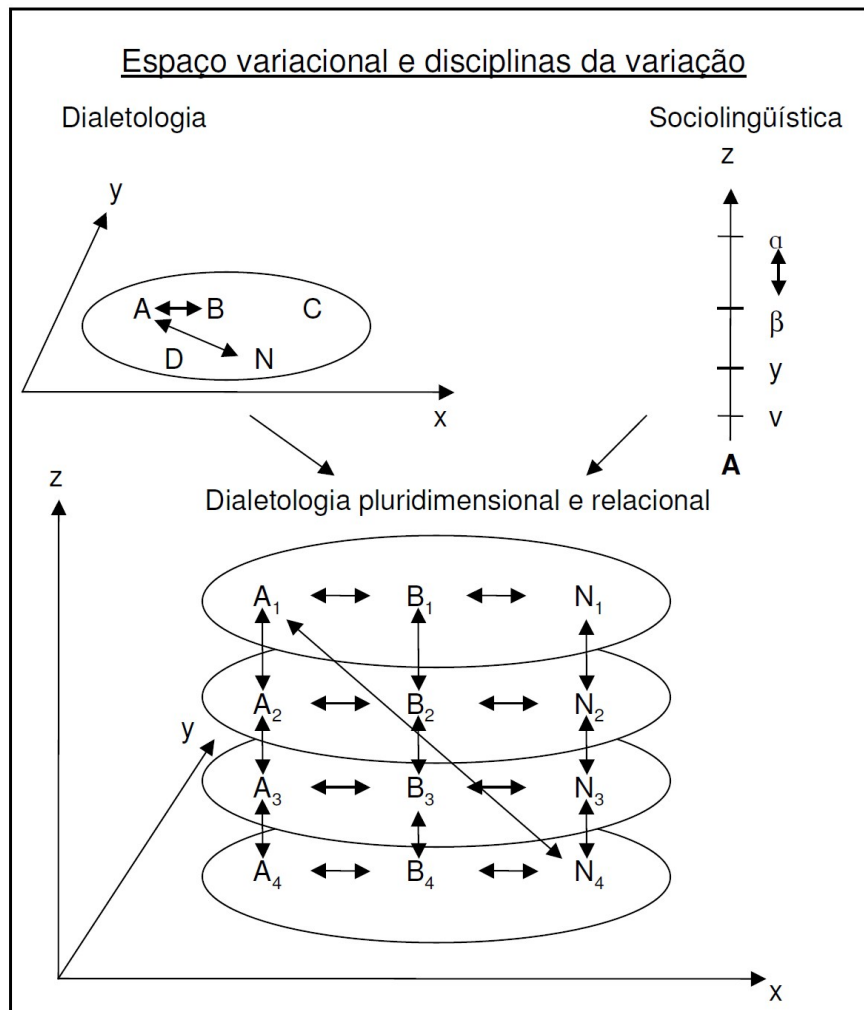


FIGURA 03 – Esquema de H. Thun.
 Fonte: THUN (2005, p. 67)

Segundo Margotti (2004, p. 87), a Dialetoлогия pluridimensional “é resultado da confluência de duas disciplinas separadas historicamente, a saber: Dialetoлогия areal e Sociolinguística”. O resultado dessa união pode ser visualizado na sequência, pois se trata da proposta do registro da dinâmica das línguas em todos os modos de realização.

As dimensões e os parâmetros de um atlas pluridimensional apontam para um novo conceito do espaço linguístico, com estudos que abrangem os âmbitos horizontal (contrastivo), vertical e diagonal da fala. Segundo Thun (1998), as atuais pesquisas caracterizam-se pelo triplo esforço de melhorar a recolha dos dados, de visualizar as grandes estruturas formadas pelos fatos individuais e de estender a

tradicional superfície constituída pela dimensão diatópica em espaços linguísticos que se desdobram e que se unem a outras dimensões verticais, como a dimensão diastrática.

O atlas topodinâmico pluridimensional tem por objetivo registrar também a fala em grupos com uma história migratória (grupo com mobilidade horizontal identificável). Para tal, a seleção da rede de pontos prevê movimentos de imigração que devem ser seguidos de uma fase razoavelmente longa de “sedimentação” residencial e linguística, dispersão do grupo sobre um território, e análise contrastiva de grupos de fala de origem com grupos de fala tradicional na zona de chegada. A possibilidade do levantamento linguístico da zona de origem (cronodinâmica) dos informantes, por meio de estudos já publicados, visa a identificar os fenômenos estáveis, os fenômenos em curso e as mudanças acabadas.

Podemos afirmar que a Dialetoлогия atualmente vem se aproximando da descrição do “complexo operar de qualquer língua” (CUNHA, 1972, p. 60), muito embora ainda precise transpor alguns desafios de ordem metodológica e operacional. A evolução da sociedade para estágios dinâmicos de comunicação, a ampliação das redes de contatos sociais e a necessidade de constituir e manter uma identidade linguística têm orientado as pesquisas geolinguísticas a delimitarem o espaço variacional a partir da mobilidade geográfica e das dimensões socioculturais dos grupos investigados. A Dialetoлогия Pluridimensional busca, a partir dos desdobramentos do espaço geográfico em topostático e topodinâmico, e da variável social em eixos e parâmetros, descrever a fala na sua condição dinâmica e complexa.

Thun (1998, p. 706), a respeito da Dialetoлогия Pluridimensional, destaca que

o espaço variacional da Dialetoлогия Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetoлогия tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais.

As cartas linguísticas e os atlas acabam registrando todo esse movimento da língua, e, na sua forma mais detalhada, podem oferecer, o que antes era uma ‘fotografia’ da fala de determinado grupo e em determinada área, uma ‘imagem em movimento’ do comportamento linguístico dos falantes em diferentes situações de comunicação.

3.5 ATLAS BI E PLURIDIMENSIONAIS

Segundo Cardoso (2004, p. 7), há inúmeros trabalhos que, ao longo da história da Geolinguística, buscam descrever a fala dos diferentes gêneros, sem, contudo, controlar cartograficamente os registros das diferentes variáveis. Para os primeiros atlas, a inclusão das variáveis sociolinguísticas poderia inviabilizar o grande empreendimento, que consistia na descrição da fala de grandes áreas, como no caso dos Atlas Linguístico da França/ALF e do Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz/AIS (JUD; JABERG, 1928-1940). O que se tem, porém, são pequenas incursões pelos níveis sociolinguísticos, buscando capturar elementos particulares, informações complementares sobre os diferentes comportamentos dos falantes diante da fala. Segundo Cunha (1972, p. 60-61), são “indicações sobre as reações dos informantes diante do interrogatório, suas hesitações, seus pudores, sobre o que consideram grosseiro ou distinto, sobre o que pensam do seu falar e do falar dos vizinhos”.

Dentre os trabalhos que incluíam nas variáveis os diferentes gêneros, as diferentes faixas etárias e os diferentes níveis sociais, destacam-se algumas experiências que registravam as variantes na fala de informantes de locais, classes sociais e gêneros distintos.⁴⁵ Além das experiências realizadas pelo AIS, outros trabalhos também dedicaram espaço a questões socioculturais.

⁴⁵ Conforme destaca Cunha (1972, p. 61), sobre as experiências desenvolvidas por inquiridores do AIS, que em algumas localidades entrevistaram informantes de diferentes profissões (estudante, bibliotecário e artesão), “particularmente importante foi o que o inquiridor Gerhard Rohls realizou em Lucera, onde

Cunha (1972, p. 62) identifica o Atlas Linguístico y Etnográfico de Andalucía como referência, entre os atlas regionais, no registro de observações mais sistemáticas sobre a linguagem urbana, pois, em todas as capitais da província,

os inquiridores interrogaram sempre, pelo menos, 'dois personagens universitários (homem e mulher) e outros dois (também de sexo distinto) de bairros diferentes'. Quando alguma atividade podia emprestar fisionomia particular à expressão (pescadores, por exemplo), ou quando algum subúrbio tinha relevante personalidade (como Albacín, em Granada, ou Triana, em Sevilha), procuraram, invariavelmente, informantes que 'pudessem ser espécimen de cada uma dessas peculiaridades'.

Nesse contexto, podemos citar o Atlante Linguistico della Campania/ALCam, cujo objetivo é apresentar uma documentação da diversidade linguística da região de Nápoles, na Itália. Para tal, une a Dialectologia às dimensões sociolinguísticas, na medida em que explora a linguagem não só no espaço geográfico, mas também nas suas dimensões social e em diferentes contextos situacionais. A dimensão sociolinguística apresenta-se no trabalho com uma abordagem diageracional, em três grupos etários (menos de 25 anos de idade, entre 26 e 30 anos de idade e mais de 60 anos de idade).⁴⁶

O Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores/ALEAç (2001) é o primeiro atlas publicado em Portugal, e insere-se num projeto mais vasto, o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), iniciado em 1970, sob a direção de Luís F. Lindley Cintra, e ainda em curso. Quanto aos informantes, o atlas apresenta os dois sexos, mas há um número maior de homens, sempre nascidos na localidade e aí residentes por um tempo não inferior a cinquenta anos. A maioria apresenta nível de instrução básico, e a minoria é sem escolaridade⁴⁷.

O Atlas Linguístico e Etnográfico do Piemonte Ocidental/ALEPO (TELMON; CANOBBIO, 2004) também inclui nos critérios para a seleção dos

pôde observar certas variações na pronúncia das vogais, de bairro para bairro, além de uma sensível diferença geral entre o vocalismo feminino e o masculino”.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.alcam.de/alcamframesetenglish.htm>>. Acesso em: 09 dez. 2009.

⁴⁷ SEGURA, Luísa. O atlas linguístico-etnográfico dos Açores. Dados para uma classificação dos dialectos açorianos. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_aleac.php>. Acesso em: 09 dez. 2009.

informantes a variável idade e sexo, entrevistando de um a treze informantes por localidade.⁴⁸

O Atlas Linguístico (y etnográfico) de Castilla-La Mancha/ALeCMan é, segundo Mouton (1994), metodologicamente semelhante aos atlas regionais organizados por Alvar, mas se destaca por adotar dois informantes (masculino e feminino) por localidade. Incluem-se também as variáveis idade (de 10 a 19 anos; de 20 a 34 anos; de 35 a 54 anos; 54 e mais anos), escolaridade (estudos primários, médios e superiores) e local de residência (bairros)⁴⁹.

No Atlas Linguístico Pluridimensional de Nicaragua/ALN (SOLIS, 2003), os 68 informantes foram selecionados observando-se as variáveis sexo (homem e mulher) e faixa etária (acima de 60 anos, a primeira geração, e de 30 a 45 anos, a segunda geração). Por se tratar de um atlas pluridimensional, é possível encontrar uma preocupação com a representação das variedades coletadas, detalhando-a de acordo com as variáveis diastráticas.

O Atlas Linguístico Pluridimensional de El Salvador/ALPES (AZCUNAGA, 2003) segue os mesmos princípios do ALN, voltando-se ao estudo das variáveis de gênero e faixa etária enquanto elementos que permitem uma descrição mais completa da dinâmica do sistema. Embora busque seguir os princípios da Dialectologia Pluridimensional, o Atlas mantém como critério para a seleção dos informantes a não-mobilidade, e não se atém à variável escolaridade. Para tal, apresenta os seguintes critérios⁵⁰:

1. Informantes nativos das localidades ou nelas residentes há mais de vinte anos;
2. Informantes com idade entre 60 e 80 anos, para geração mais velha, e entre 30 a 40, para a geração jovem;
3. Informantes analfabetos ou com pouca instrução;
4. Informantes com descendentes e cônjuge nativos da localidade;

⁴⁸ VENY, Joan. Atlante linguistico ed etnografico del Piemonte Occidentale. Disponível em: <<http://www.geolectos.com/atlas.htm>>. Acesso em: 09 dez. 2009.

⁴⁹ MOUTON, Pilar García. Geolinguística. Trabajos europeos. Madrid, CSIC, 1994. Disponível em: <digital.csic.es/bitstream/10261/8074/1/garcia_mouton_pilar_1994a.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2009.

⁵⁰ Disponível em: <http://atlaslinguistico.blogspot.com/2004/06/atlas-linguistico-pluridimensional-de_17.html>. Acesso em: 09 dez. 2009.

- 5 Informantes que realizam poucas viagens e que não tenham residido fora da comunidade por muito tempo;
6. Informantes com domínio das faculdades mentais;
7. Informantes com boa denteição.

O Atlas Linguístico e Etnográfico do Chile por Regiões/ALECH apresenta os objetivos de: (i) fornecer uma caracterização homogênea dos fenômenos linguísticos presentes na língua; (ii) comparar as variedades do espanhol chileno e a realidade linguística do país; (iii) identificar as áreas dialetais; (iv) descrever os arcaísmos; (v) identificar a influência de línguas indígenas no espanhol do Chile; (vi) demarcar as relações entre as fronteiras políticas e as barreiras linguísticas; (vii) identificar os centros de irradiação, o nível de sobrevivência de costumes, hábitos e artefatos da cultura material e sua distribuição, entre outros. Para alcançar tais objetivos, a seleção dos informantes seguiu os critérios clássicos, embora nos grandes centros tenham sido entrevistados tanto homens quanto mulheres. A faixa etária oscila entre 45 e 65 anos ou mais, pois o atlas busca registrar as formas relativamente estáveis, não-inovadoras, nem arcaicas (WAGNER, 1998).

Segundo Castillo Venegas,⁵¹ para a elaboração do Pequeno Atlas Linguístico da Costa Rica, seguiram-se os princípios da Dialectologia Pluridimensional, que considera a variação não apenas da dimensão diatópica, mas considera as variáveis sexual, geracional e nível social. Decidiu-se, assim, descrever a língua a partir das dimensões geográfica, sexual e geracional, e em cada comunidade foram entrevistados quatro informantes da geração mais jovem, entre 18 e 35 anos, e mais velhos, de 60. Castillo Venegas destaca a preocupação em não entrevistar os jovens com menos de 18 anos, por entender-se que seus padrões de fala ainda não estão fixados.

O Atlas Linguístico do Novo México (1991) tem por objetivos principais a produção de um atlas linguístico não-tradicional e a criação de um arquivo contendo todas as informações coletadas, garantindo amostras tanto sociológicas quanto geográficas. Em cada localidade foram entrevistados seis informantes, observando-se

⁵¹ Disponível em: <http://www.unidadenladiversidad.com/historico/actualidad/actualidad_ant/2002/marzo_2002/actualidad_200302_02.htm>. Acesso em 09 dez. 2009.

as variáveis sexo e idade. A faixa etária compreende três gerações (de 18 a 39, de 40 a 60 e mais de 60). O *status* socioeconômico não foi considerado, embora os autores tenham incluído informantes de vários níveis sociais e econômicos. Além dessas variáveis, os critérios foram: ser falante nativo do espanhol, tendo adquirido a linguagem durante a infância; ser residente quase toda a vida na região; ter passado pouco tempo em outro lugar; não ter nenhum defeito de fala; ser comunicativo e inteligente.⁵²

Quanto aos atlas que combinam a diatopia e as dimensões não-areais, Thun (1998, p. 374) distingue três tipos: (i) atlas potencialmente pluridimensionais; (ii) atlas parcialmente pluridimensionais; e (iii) atlas sistematicamente pluridimensionais. No primeiro tipo, são enquadrados os atlas que buscam investigar pontos em áreas rurais e urbanas e utilizam as variáveis sociais (faixa etária, classe social e sexo), e as cartas linguísticas procuram registrar esses dados pluridimensionais. Como exemplos, o autor cita o Atlas Linguístico e Etnográfico de Andaluzia (ALVAR, 1961) e o Atlas Linguístico do México (LOPE BLANCH, 1990). No segundo, são incluídos atlas como o Atlas Linguístico e Etnográfico de Castilha-La Mancha/ALECMAN, o Atlante Linguístico della Sicilia/ALS e o Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul/ALERS, que registram dados em pontos rurais e urbanos, e, além das variáveis faixa etária, nível de instrução e sexo, incorporam o estilo de elocução e questões pragmáticas. Finalmente, no terceiro tipo, Thun (1998, p. 375) inclui o Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA, 1987) e o Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994) como são representantes de atlas sistematicamente bidimensionais, pois avançam no controle cartográfico das dimensões sociais. Já o Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai/ADDU (THUN; RADTKE, 1991) e o Atlas Linguístico Guaraní-Románico/ALGR (2009) apresentam uma abrangência maior quanto à cartografia dos dados diatópicos, diastráticos e diafásicos.

A Dialetoлогия contemporânea possibilita o acesso a instrumentos tecnológicos que facilitam tanto a coleta, o armazenamento e o tratamento dos dados, quanto a publicação dos atlas. Contudo, mesmo diante da modernidade, em que as formas de tratamento dos dados acompanham os avanços das ciências tecnológicas, a

⁵² Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/circulo/no10/vigilbills.htm>>. Acesso em: 09 dez. 2009.

Dialetologia não deixa de lado sua face areal, seu objetivo de traçar a história das línguas e dos dialetos pelos espaços de ocupação dos homens.

Diante dos rumos da pesquisa geolinguística ao buscar descrever a fala no interior dos complexos e dinâmicos processos geossociais, Cardoso (2004, p. 2) destaca que

a preocupação diatópica, seja porque os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e as suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente as refletem, têm um território próprio, ou seja, ainda, porque o homem é indissociável no seu *existir* e no seu *agir*, no seu *ser* e no seu *fazer*, tem sido uma constante nos estudos dialetais e desde os seus primórdios. (Grifos do autor).

A constituição dos espaços se dá exclusivamente pela presença e ação do homem, que, na sua bagagem, traz a tradição cultural, que pode tomar uma forma diversa da original, mas que 'misteriosamente' mantém alguns elementos. À Dialetologia cabe descrever e analisar esses elementos para, assim, poder traçar a identidade de 'novo homem', fruto da sua história e de tantas outras.

A Dialetologia Pluridimensional oferece, a partir dos seus princípios metodológicos, que cruzam as variantes diatópicas e socioculturais, a possibilidade de descrever a dinamicidade da língua, os roteiros das variantes pelo espaço e pelas dimensões socioculturais. Os dados permitem reconhecer o comportamento linguístico dos falantes diante das diversas situações de uso da língua. O rastro deixado pelas variantes na sua viagem pelos espaços revela o homem, sua condição no interior do grupo, seu papel e sua função na organização das sociedades. O desafio da Geolinguística Pluridimensional está em eleger e delimitar os aspectos metodológicos e assegurar o conjunto de variáveis para capturar os fenômenos em sua complexidade e dinamicidade.

4 MÉTODO E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

4.1 DOS OBJETIVOS DA PESQUISA

A pesquisa da fala do Oeste paranaense tem o objetivo principal de documentar os fenômenos linguísticos, apresentando uma descrição diatópica e sociocultural das variantes. Trata-se de uma incursão pela Dialetologia contemporânea, com vistas a descrever a fala no espaço areal, atravessado pelas dimensões e pelos parâmetros sociais.

Segundo López Morales (1993, p. 32, **tradução nossa**)⁵³, o campo, o objeto e os objetivos da Sociolinguística e da Dialetologia se voltam para o estabelecimento da “estratigrafia”⁵⁴ dos letos por meio das variáveis analisadas, o que implica forçosamente uma análise de covariação entre os conjuntos de dados: os linguísticos e os sociais”

Os objetivos da pesquisa tomam como referência os trabalhos já realizados e divulgados sobre a fala do estado do Paraná, da região Sul e do Brasil. São trabalhos que identificam a região por suas particularidades linguísticas, principalmente aquelas relacionadas à manutenção de traços linguísticos dos grupos de origem que colonizaram a região, e à adoção e implementação de formas inovadoras, trazidas pelos novos grupos, originários, na sua maioria, do Sudeste do Brasil.

Com o objetivo de documentar a modalidade oral da língua portuguesa em uso em nove localidades da região, selecionados segundo sua formação histórica, a pesquisa aqui desenvolvida pretende ainda:

A) Documentar em cartas linguísticas as variantes fonético-fonológicas e semântico-lexicais da fala na região Oeste do Paraná, a partir das dimensões diatópica/topodinâmica e sociocultural (social, geracional, sexual). Como já discutido, o Oeste do Paraná é uma região de formação recente, marcada pela mistura de culturas

⁵³ [...] estratigrafia de los lectos a través de las variables analizadas, lo que implica forzosamente un análisis de covariación entre dos conjuntos de datos: los lingüísticos y los sociales.

⁵⁴ Estudo das “capas” (cada uma das partes superpostas que compõe um todo) ou estratos linguísticos de um território. <http://www.wordreference.com/definicion/estratigrafia>. Acesso em: 10 ago. 2007.

e de etnias. Os processos migratórios que deram origem às diferentes localidades imprimem diferentes marcas no português falado na região. Essas diferenças são marcadas por fatores de ordem histórica e socioeconômica, pois se trata de culturas transplantadas de diferentes regiões do Brasil, e que se fixaram na região ocupando papéis e lugares sociais. O espaço que cada grupo ocupa na ordem social é determinante para a existência, sobrevivência e mudança de cada cultura e, por extensão, de cada língua e/ou dialeto. Na fala, encontramos elementos que podem revelar a dinâmica dos contatos no espaço e no interior dos estratos sociais. Incorporamos à descrição areal da variação as variáveis sociais, para identificar os diferentes estágios da fala, considerando a relação entre as línguas e os dialetos.

B) Identificar os traços linguísticos dos diferentes dialetos e línguas presentes na Região, no espaço pluridimensional, mais especificamente na rede de pontos definida para a realização dos inquéritos e no interior das variáveis sociais. Em alguns trabalhos já desenvolvidos sobre a fala do Paraná e da região Sul, como os de Mercer (1993), Aguilera (1994), Koch, Klassman e Altenhofen (2002) e Altino (2007), a região Oeste é apontada como área de transição, porém, com pontos que mantêm certa homogeneidade na fala. Numa apresentação prévia dos dados preliminares do Paraná registrados pelo Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul/ALERS (2002), Mercer (1993) apresenta uma discussão sobre os feixes de isófonas relacionados aos diferentes grupos que povoaram o Estado, quais sejam: (i) ditongação de /a/ tônico final seguido de /s/ e de /u/ tônico final seguido de /s/; (ii) conservação de /e/ átono final; e (iii) realização apical de /r/. Segundo o autor (1993, p. 313),

as isófonas da ditongação indicam os limites de um processo que é dominante ao norte e ao leste dessas linhas, ao passo que as duas outras isófonas fixam os limites setentrionais de fenômenos que dominam a porção ao sul. Isto posto, pode-se dizer que, de forma esquemática, esse feixe de quatro linhas divide o Paraná em norte e sul e circunscreve, no sul, uma área a leste com ocorrências de ditongação de tônica final, pelas quais se liga ao norte.

Buscando identificar o conjunto de isófonas do ALERS que caracterizam áreas e subáreas no interior do Paraná, Mercer (1993, p. 311) apresenta a

questão: “Por que os três feixes de isófonas operam essas compartimentações do território paranaense? A que fatos da história se prendem as áreas resultantes dessa compartimentação?”. A resposta, segundo o autor, está no processo de povoamento do Paraná, que se deu em períodos e de modo diferenciados.

O atravessamento étnico-cultural na fala, conforme vem se discutindo neste trabalho, acaba por delinear a formação de áreas e subáreas linguísticas e demarcar fronteiras entre os traços linguísticos, que refletem a cultura dos grupos que primeiro ocuparam os espaços e deixaram a constituição de uma identidade que se insinua na língua.

No Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), é possível observar esta realidade nas cartas linguísticas 187, figura 04, e 103, figura 05. Na carta 187 – isófonas do *-r/-* em travamento silábico, as variantes se distribuem pelo estado acompanhando o movimento dos grupos: (i) a retroflexa é registrada de forma mais concentrada no litoral até o norte; (ii) o tepe */r/* ocorre é registrado em pontos na área central e no sudoeste, concentrado-se na região oeste; (iii) há ainda uma faixa de coocorrências de retroflexa e tepe.

Os dados registrados na carta revelam duas áreas de maior concentração quanto ao fenômeno descrito, que são o tepe, a vibrante alveolar e a retroflexa, traduzindo, assim, o roteiro de povoamento da Região. No Extremo Oeste, a presença de descendentes alemães e italianos, tendo Marechal Cândido Rondon e Toledo como núcleos de povoamento, e no ponto mais a nordeste da região, a presença de paranaenses do Norte e Noroeste, além de paulistas, mineiros e baianos. As demais áreas, que registram a transição entre uma variante e outra, têm em sua formação uma heterogeneidade étnica, como Cascavel e Guaraniaçu, com a presença de paulistas, mineiros, baianos e paranaenses de outras áreas do estado, que vieram para trabalhar como peões nas fazendas.

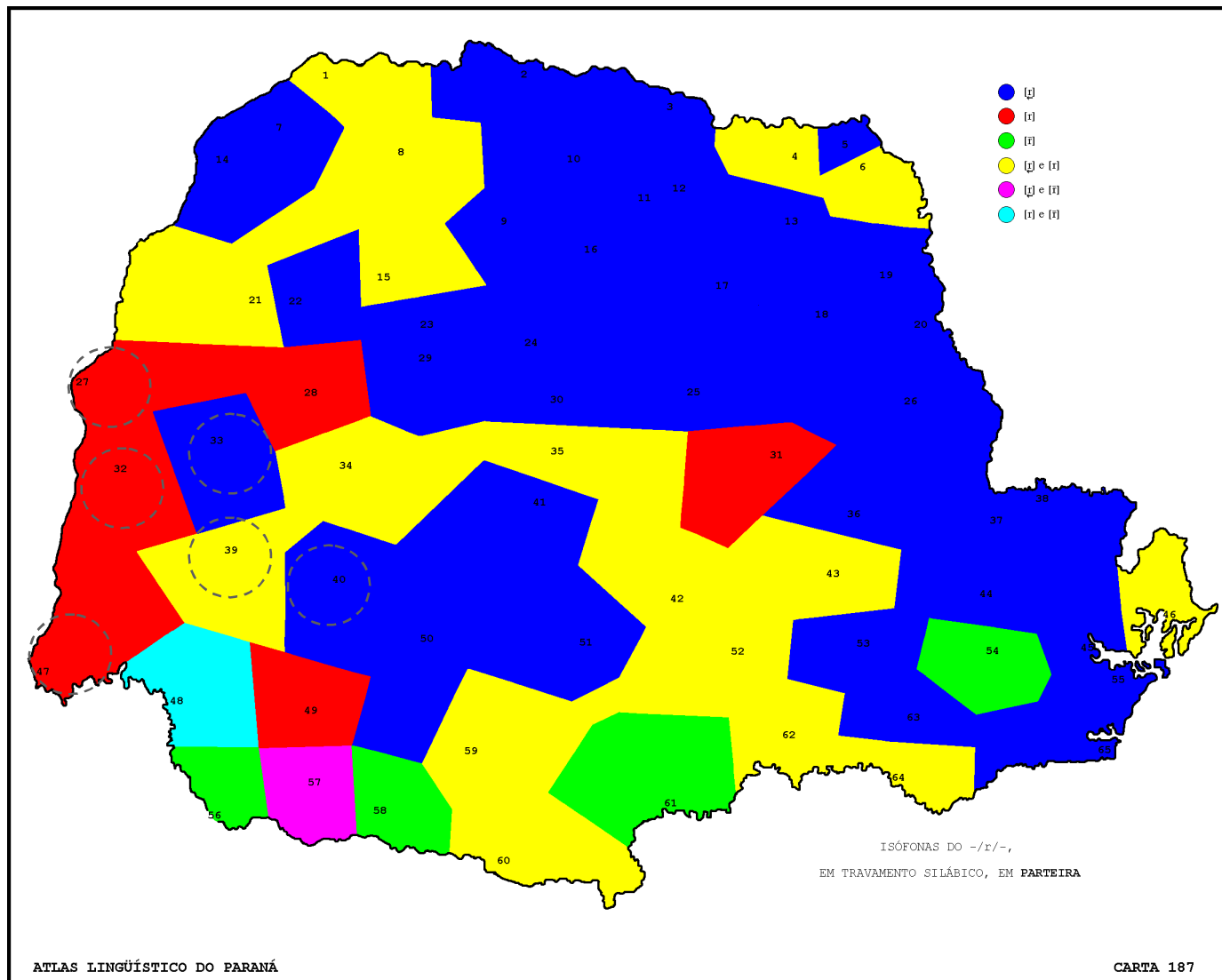


FIGURA 04 – Carta Linguística 187 – Isófona do [r] em travamento silábico em *Parteira*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 397)

Na carta linguística 103 - *Ponte*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), figura 05, na sequência, podemos observar que as ocorrências das variantes para a consoante oclusiva dental surda dividem o Paraná em duas áreas: (i) o norte com o registro da africada alveopalatal surda; (ii) o sul com a oclusiva dental. A área mais a oeste apresenta grandes faixas de transição entre /tɕ/ e /tʃc/, principalmente numa zona mais central. O fenômeno pode ser indício da implementação de uma inovação linguística vinda do Norte do estado, mas também pode estar presente na fala de grupos de outras localidades do Brasil (como, por exemplo, São Paulo e Minas Gerais) e que vieram para morar nas terras tomadas por posseiros, como nos pontos **39** - Cascavel e **40** - Guaraniaçu.

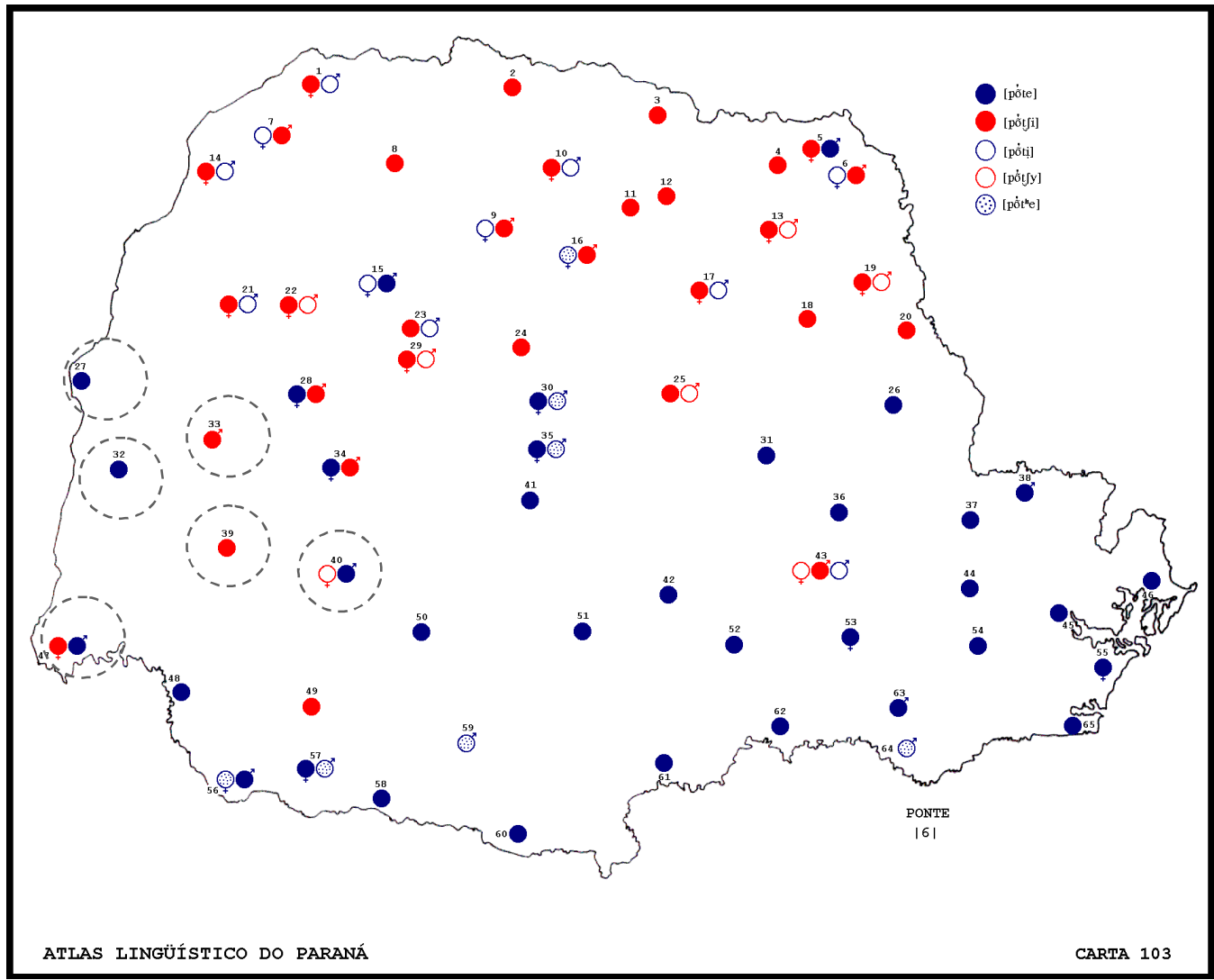


FIGURA 05 – Carta Linguística 103 – *Ponte*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 229)

Segundo Altenhofen (2005, p. 185), as migrações internas ocorridas durante os processos de ocupação podem ser descritas como fatores determinantes da fala da região Sul do Brasil. A fala do Oeste do Paraná pode ser descrita a partir desse contexto, que tem como parâmetro a condição “topodinâmica da variação”, em grupos que migraram há uma ou duas gerações e que, em alguns casos, reemigraram para áreas como o Paraguai e o Mato Grosso do Sul.

Se no território paranaense as áreas linguísticas foram definidas pelas ‘ondas colonizadoras’, podemos encontrar no Oeste alguns espaços que também esboçam um quadro linguístico representativo da formação histórico-cultural das localidades. As informações de atlas já publicados, como o Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002) e o Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), acenam para uma dinâmica de transição e formação de subáreas linguísticas no Oeste, as quais se manifestam pelo conservadorismo com relação a alguns traços linguísticos e pela inovação advinda, principalmente, do falar do Norte do estado.

Na Carta 04, do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002), figura 06, podemos observar, na realização de ditongo em *Dez*, a ocorrência das variantes /ɛjs/ e /ɛ^js/ na região Oeste do Paraná, numa faixa que vem do norte e se estende do leste até o sul; e a manutenção da média alta /ɛs/ a oeste, coocorrendo com o ditongo na área que vai em direção a sudoeste. Conforme os registros da Carta 04, a variante para o monossílabo tônico, seguido de sibilante, /ɛjs/, está presente em toda a área do estado, com maior vitalidade no Norte, Noroeste e Centro. No Oeste, são documentadas as zonas de maior transição entre com /ɛs/ e /ɛjs/. Essa zona de transição, na verdade, forma uma área de conservação, que demarca novamente o núcleo sulista de povoamento, nos pontos **185** - Marechal Cândido Rondon, **186** - Toledo e **190** - Santa Helena, e as áreas de maior heterogeneidade étnico-cultural, nos pontos **177** - Guairá, **193** - Cascavel, **197** - Guaraniaçu e **198** - Foz do Iguaçu.

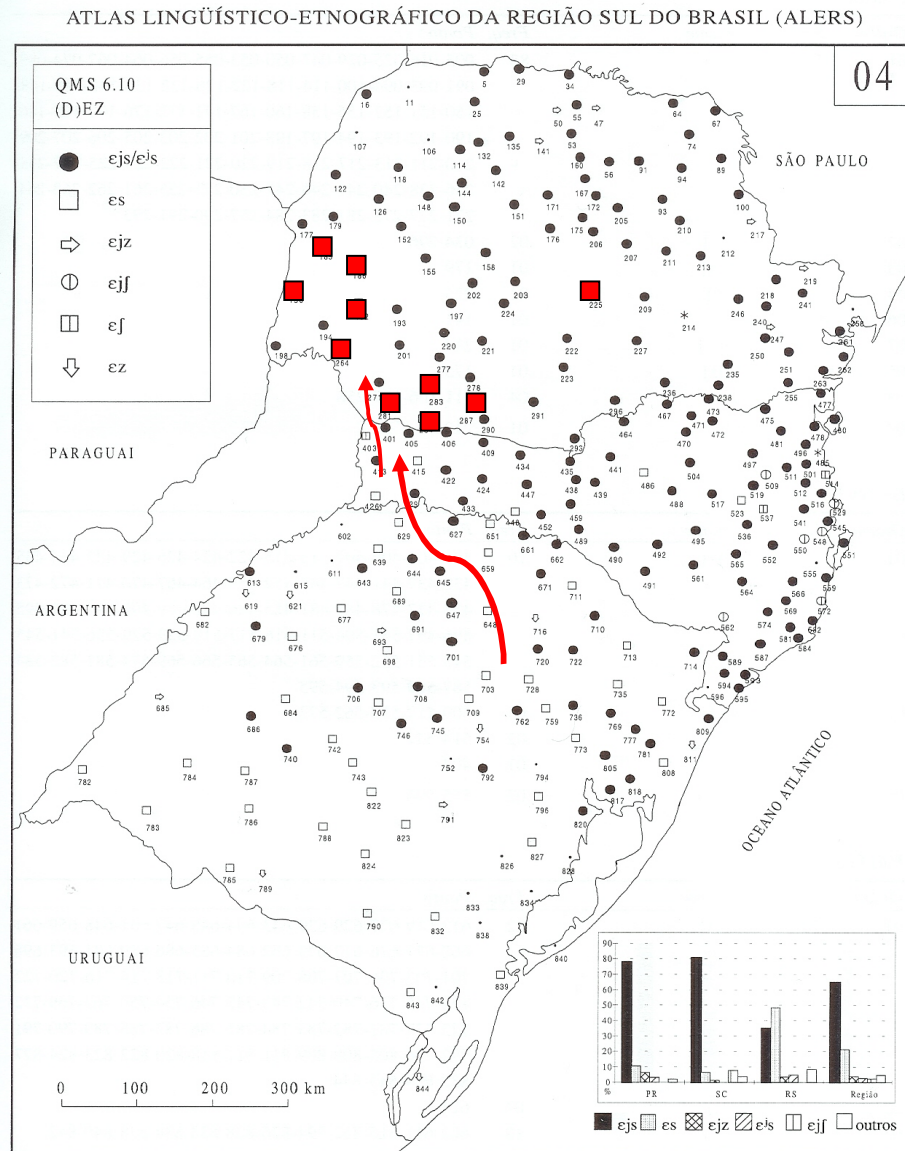


FIGURA 06 – Carta Linguística 04 - Dez

Fonte: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002, p. 39)

Na Carta 327, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), figura 07, com as variantes para -R, em *Rato*, podemos observar a concentração da vibrante alveolar [r] em toda a área que compreende a região, estendendo-se por todo

o sul e sudeste. Apenas nos pontos **39** - Cascavel e **40** - Guaraniaçu, a variante concorre com a fricativa velar [x], com destaque para o registro entre falantes do sexo feminino. Embora a realização das variantes entre informantes do sexo feminino não se encontre registrada em todos os pontos, o fenômeno pode ser representativo da inovação linguística, se tomarmos a fala das mulheres como mais influenciada pela fala de prestígio, e se o traço linguístico for representativo desse fenômeno.

Carta 327

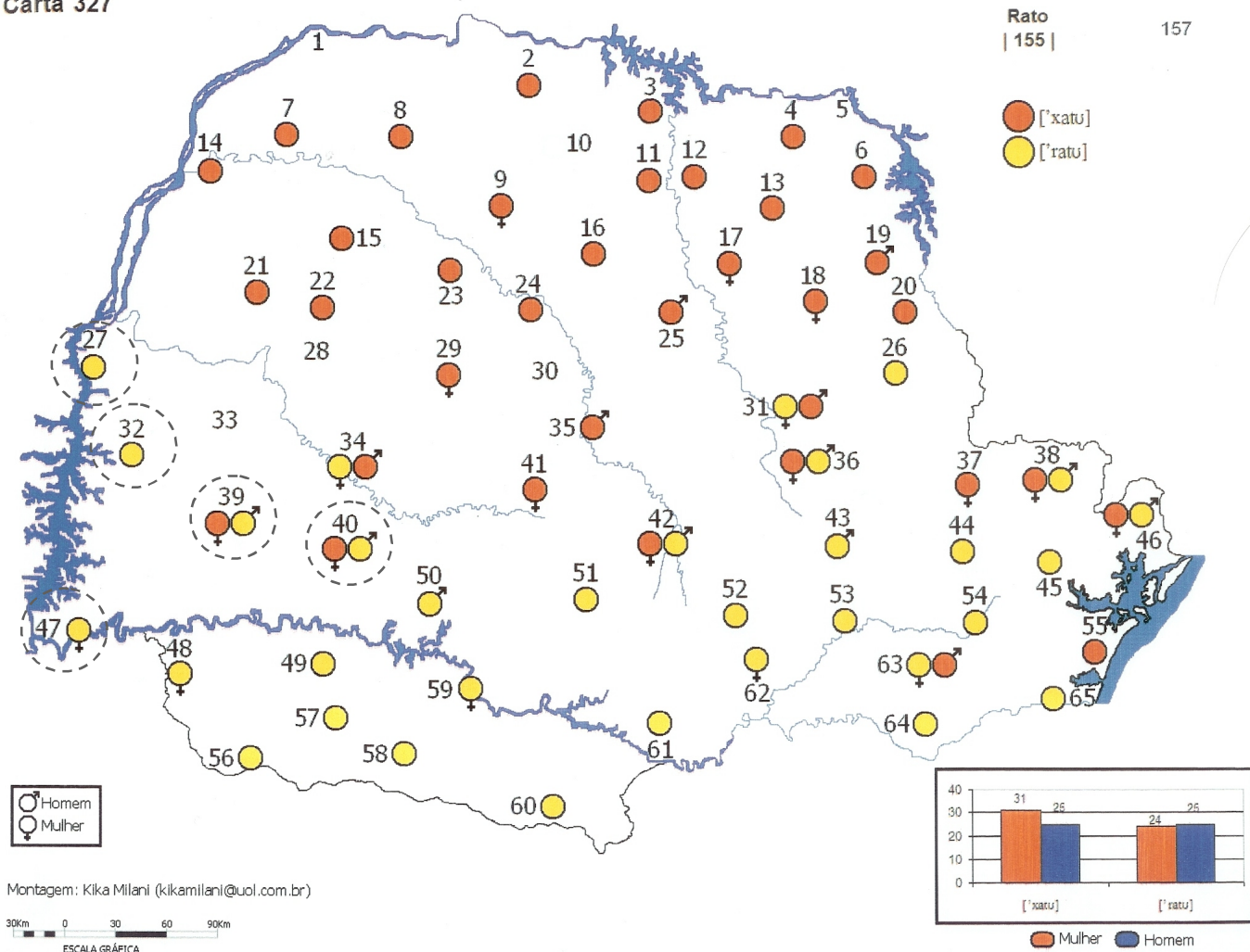


FIGURA 07 – Carta Linguística 327 – Rato
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007, p. 291)

Os registros corroboram a hipótese de Mercer (1993), de que os traços linguísticos da região são resultado do seu processo de povoamento. Essa realidade pode ser observada na concentração da vibrante alveolar, na Carta 327 do ALPR II (ALTINO, 2007), nas áreas dos núcleos sulistas de colonização, coocorrendo com uma forma que pode ser considerada inovadora, em localidades onde se deu um povoamento por parte de paulistas, de mineiros, do Norte e Noroeste paranaense.

C) Identificar os fatores que favorecem ou inibem a inovação, a conservação, a difusão, a dispersão e a concentração de traços linguísticos, considerando as dimensões diatópica e sociocultural. Parte-se da hipótese de que a região pode ser dividida em quatro áreas culturais:

- (i) uma área ao norte, entre Guaíra e Assis Chateaubriand, com uma forte presença de falantes originários de regiões mais ao norte do Paraná e sudeste do Brasil;
- (ii) uma área ao leste, que compreende Cascavel, Guaraniaçu e Capitão Leônidas Marques, de colonização 'mista', ou seja, na presença de colonos sulistas, posseiros e peões, provindos do Norte do Paraná, de São Paulo e de Minas Gerais;
- (iii) uma área central, que atravessa a região de um extremo a outro, formando a faixa tomada pelas empresas colonizadoras destinadas a promover o povoamento da região e a expulsão de estrangeiros e forasteiros; essa área vai de Santa Helena até Marechal Cândido Rondon e alcança Medianeira;
- (iv) uma área periférica, com a presença de colonos sulistas estabelecidos por ocasião do processo de povoamento da década de 1960, mas que se destaca pela presença de paulistas e mineiros do período da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, novos moradores que sobrevivem da economia da fronteira, árabes, turcos, coreanos, paraguaios, brasiguaios, entre outros.

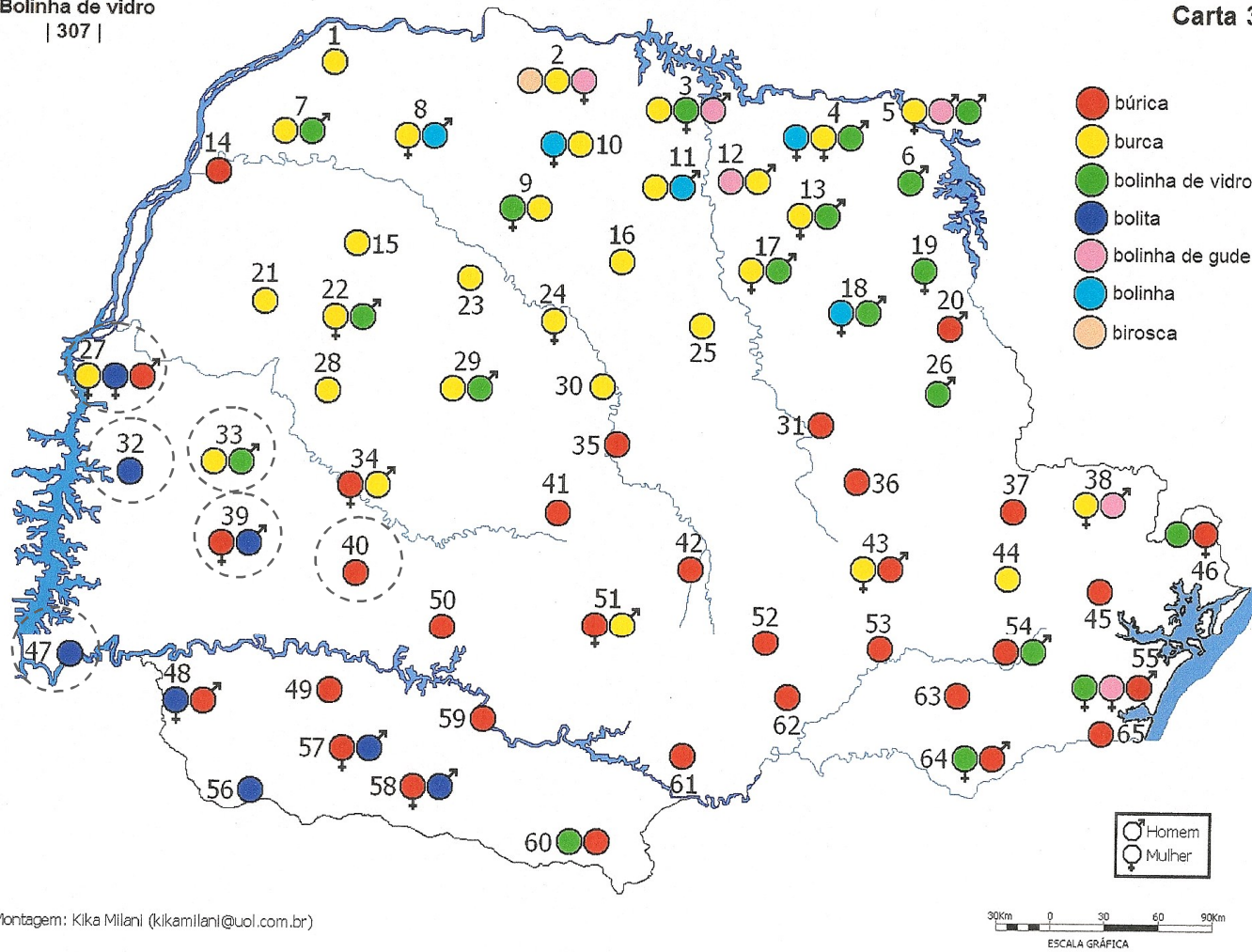
Na sequência, figura 08, Carta 311, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), podemos observar alguns indícios dessa divisão do Oeste em áreas linguísticas. A carta lexical registra a distribuição espacial das variantes

para *Bolinha de vidro*. A variante *bolita*, presente nos pontos **27** - Guairá, **32** - Marechal Cândido Rondon, **39** - Cascavel e **47** - Foz do Iguaçu, convive com outras duas formas: *burca* e *búrica*. A primeira forma está presente em todo o Norte do Paraná, e a segunda, na faixa que vem do litoral e se estende pelo Sul até o Oeste. A distribuição diatópica das variantes revela a vitalidade de *bolita*, exceto no ponto **33** - Assis Chateaubriand. Segundo o dicionário Houaiss,⁵⁵ o termo é um regionalismo do Rio Grande do Sul. Para *burca*, não há registros, mas *búrica* é identificada como um regionalismo carioca, o mesmo que *búraca*.

⁵⁵ Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=bolita&stipe=k>>. Acesso em: 29 dez. 2009.

Bolinha de vidro
| 307 |

Carta 311



Montagem: Kika Milani (kikamilani@uol.com.br)

FIGURA 08 – Carta Linguística 311 – *Bolinha de vidro*
Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007, p. 263)

D) Descrever contrastivamente as variantes do falar oestino considerando os dados do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002), do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), buscando identificar os traços linguísticos das comunidades de origem dos moradores da região, as mudanças em tempo real e tempo aparente. Uma análise das informações contidas em atlas já concluídos pode fornecer pistas do movimento da língua na região. Os dados dos três atlas foram coletados na década de 1990, o que favorece um estudo em tempo real, buscando descrever as mudanças linguísticas e identificar as condições que atuam em cada fenômeno. O estudo contrastivo da língua é um dos objetivos da Dialetologia Pluridimensional, pois possibilita uma análise profunda dos fenômenos da variação.

Na Carta 37 – *Calção*, do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002), figura 09, em que se registram as variantes fonético-fonológicas para a consoante lateral, em coda silábica, podemos observar a formação de uma área de concentração da lateral alveolar [l], na região Oeste, com a coocorrência da semivogal [w], no ponto **177** - Guaíra, e da lateral alveolar velarizada [ɭ], nos pontos **194** - Medianeira e **193** - Cascavel. A distribuição das variantes indica o trajeto dos colonizadores pela região Sul, que saíram do Rio Grande do Sul e do Oeste, Sudoeste e Extremo Sudeste de Santa Catarina. Os dados também revelam a presença de uma variante inovadora no ponto **177** - Guaíra, localidade que se destaca pela sua localização geográfica, na fronteira com o Paraguai, e pela sua formação histórica.

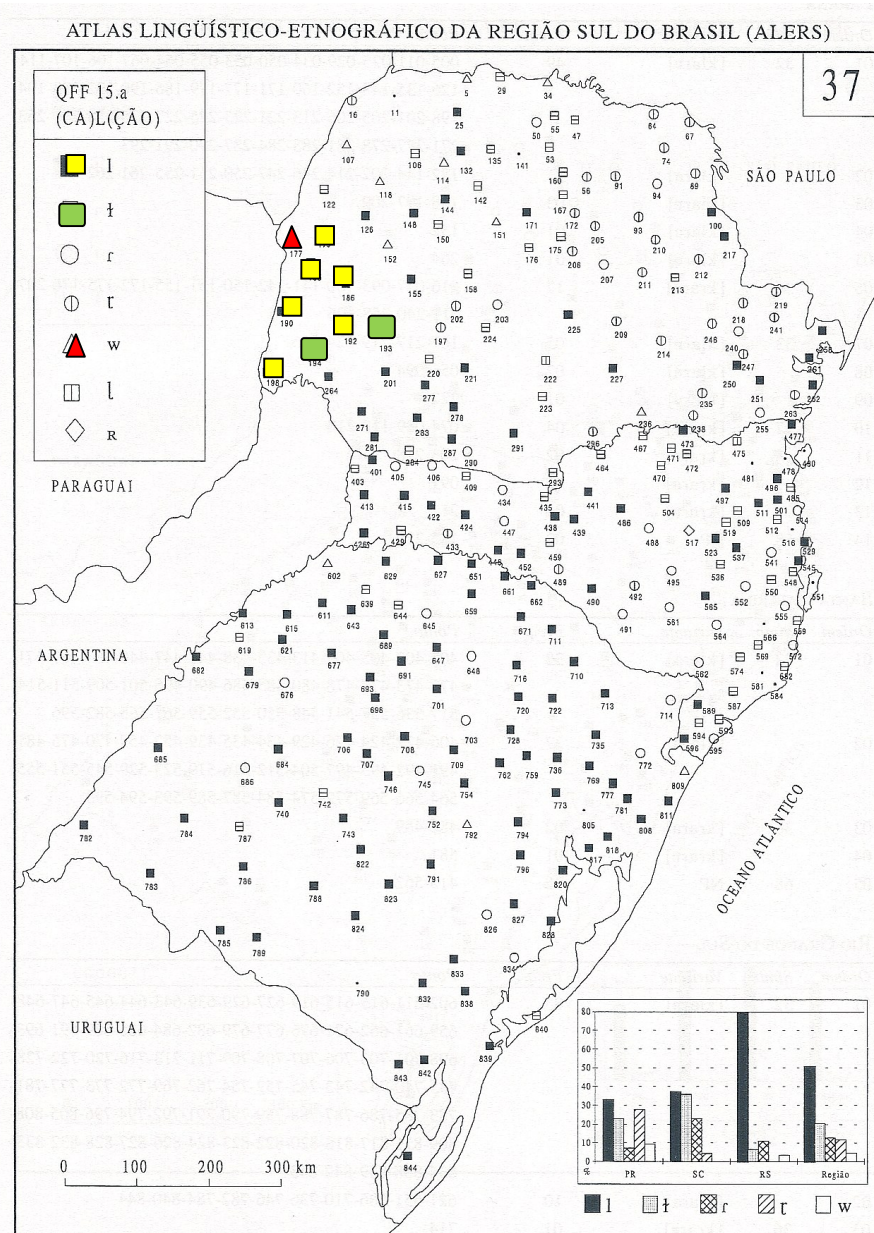


FIGURA 09 – Carta Linguística 37 - *Calção*

Fonte: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002 p. 83)

A Carta 342 - *Brinco*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), figura 10, com as variantes para a vogal média posterior, em final de palavra, também pode ser tomada como exemplo da conservação de traços linguísticos da fala dos colonizadores sulistas, principalmente nos pontos **32** - Marechal Cândido Rondon,

com a manutenção da vogal posterior média-alta arredondada e **39** - Cascavel, onde a forma coocorre com o traço inovador, a vogal posterior alta arredondada átona [ɔ].

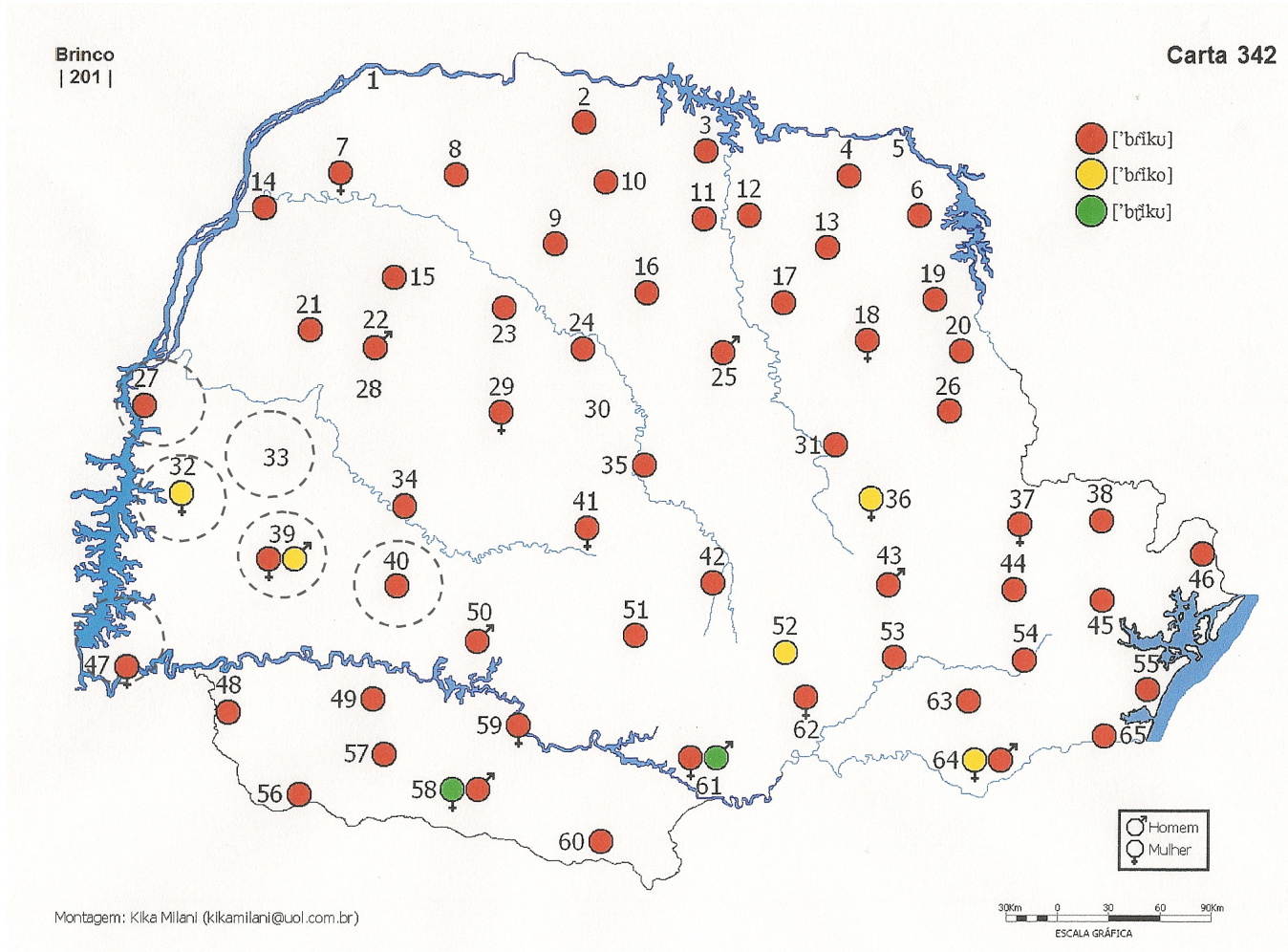


FIGURA 10 – Carta Linguística 342 – *Brinco*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007, p. 323)

Na Carta 185 - *Estrela*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), figura 11, a isoglossa do alteamento da vogal média anterior, em posição átona inicial, divide o estado em duas áreas: uma ao norte, com a realização da vogal anterior alta átona [ɪ], e outra ao sul, com a realização da vogal anterior média [e].

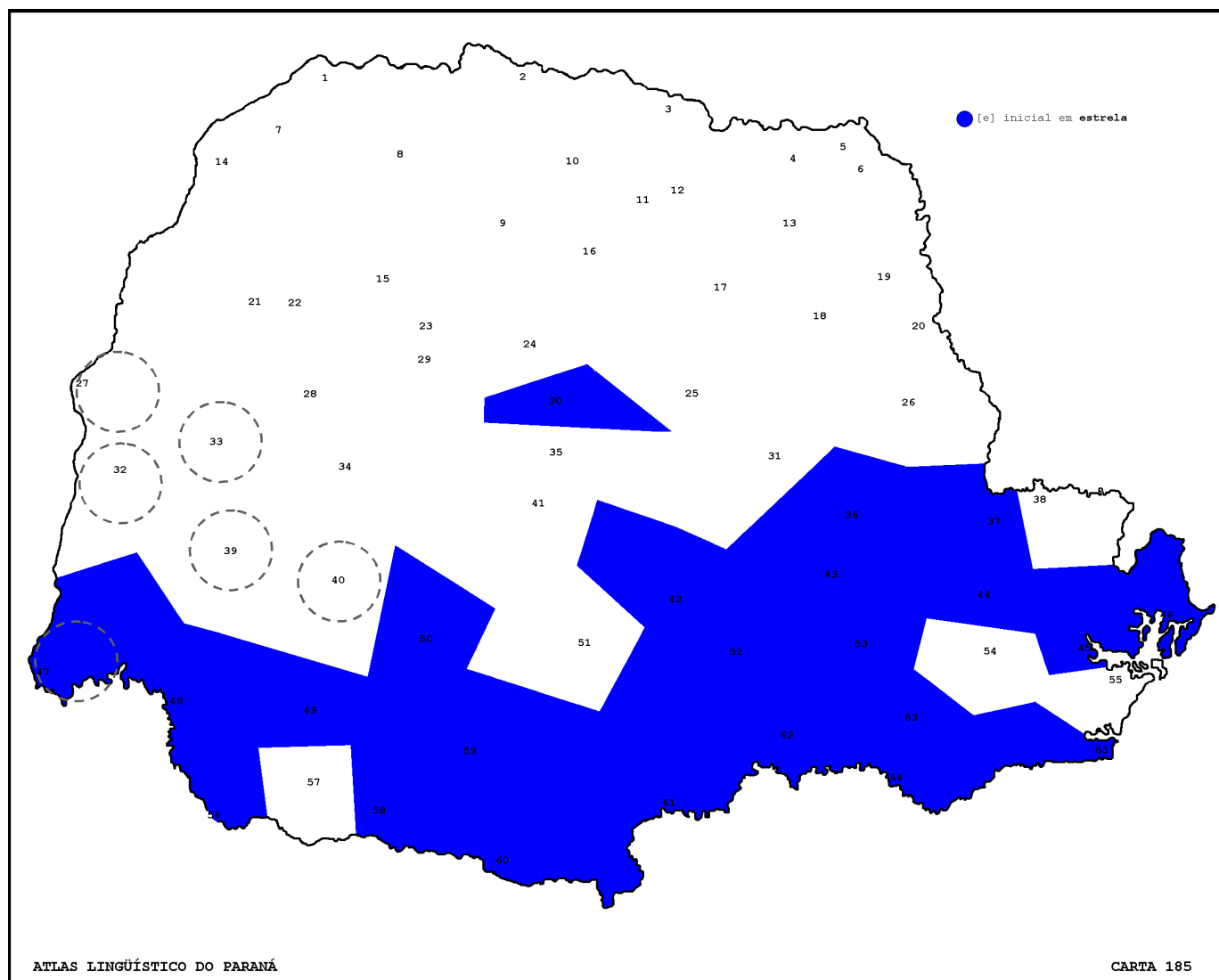


FIGURA 11 – Carta Linguística 185 – [e] inicial em *Estrela*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 393)

Na Carta 318 - *Ontem*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), figura 12, com o registro das variantes para a oclusiva dental, em sílaba final, podemos observar a ocorrência da africada alveopalatal surda, forma inovadora na fala da região Oeste, enquanto a dentalização e a queda da nasalização estão em processo de transição. A palatalização toma o Oeste vindo pelo centro. Nesse caso, podemos pensar em duas hipóteses: (i) trata-se de uma forma inovadora originária de outras regiões do Paraná e do Brasil; ou (ii) de uma forma remanescente de processos de povoamento nordestino em áreas isoladas da região, forma essa que foi mantida e, diante da reconfiguração étnica e cultural da região, disseminada, principalmente nas áreas de colonização mista: pontos **39** - Cascavel, **40** - Guaraniaçu e **47** - Foz do Iguaçu.

Ontem
| 52 |

Carta 318

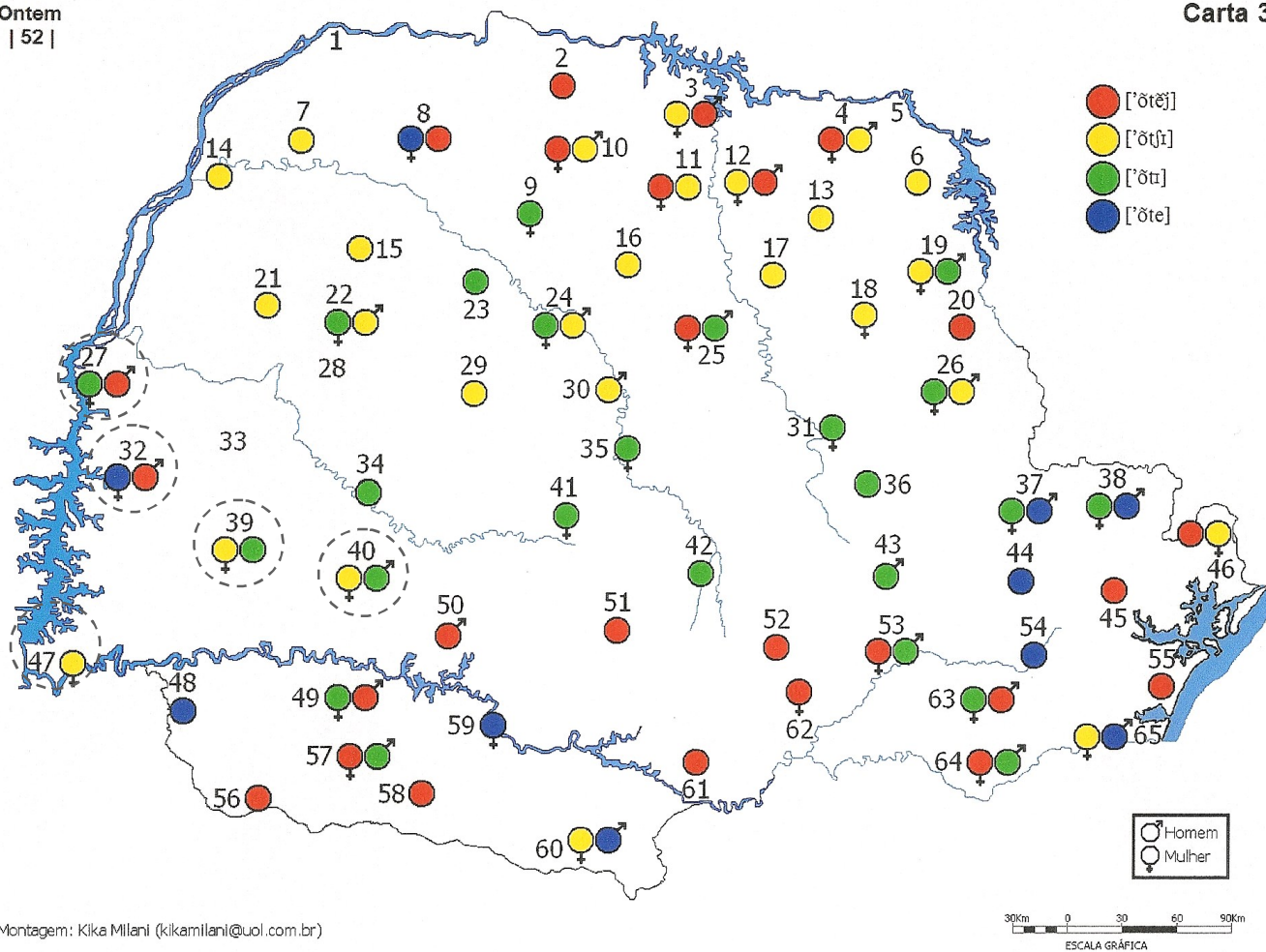


FIGURA 12 – Carta Linguística 318 – *Ontem*
Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007, p. 318)

Os objetivos aqui descritos orientam a pesquisa, buscando recobrir a realidade linguística do Oeste paranaense descrita em trabalhos que se dedicaram à descrição do falar paranaense e da região Sul do país. Os atlas já publicados nos dão indícios do quadro da fala da região, que, pela localização geográfica, pela colonização e pelo processo de urbanização e repovoamento, destaca-se quanto à formação de áreas heterogêneas, em que a adoção de formas inovadoras está praticamente completa, e áreas homogêneas, onde se mantêm traços e formas da fala dos grupos de origem do Sul do Brasil.

4.2 A DIMENSÃO DIATÓPICA

Dentre os cinquenta municípios que compõem a região Oeste do Paraná, foram selecionados para compor a rede de pontos aqueles que tiveram seu povoamento realizado na década de 60. O ponto **06** - Santa Terezinha de Itaipu teve sua emancipação realizada em 1987, porém, os primeiros moradores chegaram ao município entre 1960 e 1970, originários de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Na figura 13, referente ao mapa da região Oeste do Paraná, com a rede de pontos desta pesquisa, temos a identificação das fronteiras regionais, nacionais e internacionais.



FIGURA 13 – Rede de pontos
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná.

Para a definição da rede de pontos desta pesquisa, consideraram-se: (i) os estudos desenvolvidos por Aguilera (1994), Rodrigues (2007) e Altino (2007), os quais indicam a formação de áreas ou zonas linguísticas marcadas por traços característicos dos movimentos de colonização e povoamento; (ii) a data de fundação das localidades (década de 60); (iii) as localidades que concentraram no processo de

povoamento os grupos oriundos dos estados do Sul, do Sudeste e do Nordeste do Brasil; e (iv) a equidistância entre os pontos. Considerando-se os critérios apresentados, a rede de pontos é constituída conforme o quadro 2:

Ponto	Descrição do Ponto
Ponto 01	Guaíra
Ponto 02	Assis Chateaubriand
Ponto 03	Marechal Cândido Rondon
Ponto 04	Santa Helena
Ponto 05	Medianeira
Ponto 06	Santa Terezinha de Itaipu
Ponto 07	Capitão Leônidas Marques
Ponto 08	Cascavel
Ponto 09	Guaraniaçu

QUADRO 02 – Rede de pontos
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná.

No quadro 03, apresentamos os pontos da região Oeste do Paraná que já foram investigados pelo Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002) e Atlas Linguístico do Brasil/ALiB. Como podemos observar, duas localidades, que compõem a rede de pontos desta pesquisa, ainda não foram investigadas: Santa Terezinha de Itaipu e Capitão Leônidas Marques. Assim que os atlas forem publicados, como é o caso do volume das variantes lexicais do ALERS e o ALiB, pesquisas futuras terão um vasto material para a realização de estudos contrastivos do português brasileiro falado na região Oeste, no Paraná, na região Sul e no Brasil, assim como para a identificação dos estágios da língua, considerando-se que os trabalhos foram executados em diferentes momentos no tempo.

Rede de Pontos - Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná	Rede de Pontos do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR	Rede de Pontos do Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS	Rede de Pontos do Atlas Linguístico do Brasil/ALiB
01 – Guaíra	27 – Guaíra	177 – Guaíra	
02 – Assis Chateaubriand	33 – Assis Chateaubriand	179 – Palotina	
03 – Marechal Cândido Rondon	32 – Marechal Cândido Rondon	185 – Marechal Cândido Rondon	
04 – Santa Helena		190 – Santa Helena	
05 – Medianeira		194 – Medianeira	
06 – Santa Terezinha de Itaipu			
07 – Capitão Leônidas Marques			
08 – Cascavel	39 – Cascavel	193 – Cascavel	
09 – Guaraniaçu	40 – Guaraniaçu	197 – Guaraniaçu	
	47 – Foz do Iguaçu	198 – Foz do Iguaçu	
		186 – Toledo	215 – Toledo
		201 – Três Barras do Paraná	
			217 – São Miguel do Iguaçu

QUADRO 03 – Municípios do Oeste do Paraná que compõem a rede de pontos de atlas já publicados e em andamento

A representação cartográfica dos dados coletados para o estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná busca identificar áreas linguísticas na região, de forma a resgatar os elementos da identidade dos falantes com relação à posição geográfica dos pontos selecionados para a realização dos inquéritos, e à sua formação histórica.

Segundo Brandão (2005), a seleção da rede de pontos representa uma tentativa de delimitação prévia das áreas de abrangência (as isoglossas) de determinados fenômenos linguísticos, podendo, assim, revelar com maior nitidez as zonas de transição entre elas.

4.2.1 A Rede de Pontos

Na sequência, apresentamos dados e informações a respeito de cada localidade que compõe a rede de pontos da pesquisa. Os dados e informações foram colhidos de materiais fornecidos pelas prefeituras municipais, de *sites* da Internet, mas, principalmente, das obras bibliográficas que retratam mais aprofundadamente a formação histórica da região.

4.2.1.1 Guaíra

O município de Guaíra possui uma área total de 568,845 km² e está localizado às margens do Rio Paraná, a 260 metros acima do nível do mar e a 679,86 km de Curitiba. Localizada na área mais a noroeste da região, tem por limites os municípios de Mercedes, Terra Roxa, Altônia e Mundo Novo, no estado do Mato Grosso do Sul.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁵⁶, a população de Guaíra é de 28.683 habitantes. Dados do Censo IBGE-2000⁵⁷ demonstram que 24.878 habitantes residem na zona urbana e 3.781, na zona rural.

O município constituiu-se por meio da Lei nº 790, de 14 de novembro de 1951, e sua população, que em era estimada, em 1959, em conta com 2.400 habitantes, distribuídos em três aglomerados urbanos: Vilas de Nova Maripá, Palotina e Terra Roxa do Oeste, com respectivamente, duzentos, cem e duzentos habitantes.

A cidade de Guaíra propriamente dita surgiu na primeira metade do século XX, pertencendo, durante cinquenta anos, aproximadamente, à Companhia Mate Laranja⁵⁸. A região de Guaíra, apesar de pertencer inicialmente ao território do Paraguai, era habitada exclusivamente por selvagens, distribuídos em numerosas tribos. A região foi definitivamente anexada ao território brasileiro em virtude dos constantes ataques dos bandeirantes às reduções jesuíticas, que acabaram por afastar, definitivamente, a pretensão do Governo do Paraguai de prolongar, nesse rumo, o seu domínio até o Atlântico.

Segundo Pieruccini, Tschá e Iwake (2002, p. 87-88), o dinamismo do município foi historicamente atrelado à questão do turismo voltado às Sete Quedas⁵⁹. Na década de 1980, o fechamento das comportas da Usina de Itaipu elevou o nível das águas do Rio Paraná e, conseqüentemente, alagou extensas áreas habitadas e cultivadas, que se estendiam por cerca de 170 quilômetros ao longo do curso do rio, entre o Paraguai e o Brasil.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85980&btOk=ok>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁵⁸ A Companhia Mate Laranja trouxe à Guaíra grande desenvolvimento, instalando para uso privativo e exclusivo a Estrada de Ferro Guaíra–Porto Mendes e viabilizando a construção de estaleiro, clube, hotel, posto de gasolina, aeroporto, etc. Da Argentina vinham para Guaíra e Campanário, combustíveis, veículos, motores, máquinas, equipamentos, peças de reposição, etc. provenientes dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha. Disponível em: <<http://www.guaira.pr.gov.br/site/cidade.php?id=12>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁵⁹ O Salto de Sete Quedas (também chamado Salto Guaíra) era a maior cachoeira do mundo em volume de água, que desapareceu com a construção do lago da Usina Hidrelétrica de Itaipu. No entanto, resquícios dela aparecem quando o nível de água da usina está baixo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Salto_de_Sete_Quedas>. Acesso em: 07 nov. 2009.

4.2.1.2 Assis Chateaubriand

O município de Assis Chateaubriand possui uma área total de 966,158 km², está a 440 metros acima do nível do mar e a 577,96 km de Curitiba, e localiza-se na região Médio Oeste do Paraná, fazendo divisa ao norte com Alto Piquiri e Iporã, através do Rio Piquiri; ao sul, com Toledo e Tupãssi; ao oeste, com São Pedro e Palotina; e ao leste, através do Rio Verde, com Formosa do Oeste, Jesuítas e Nova Aurora.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁶⁰, a população de Assis Chateaubriand é de 32.226 habitantes. Dados do Censo IBGE-2000⁶¹ informam que 27.011 habitantes do município residiam na zona urbana e 6.265, na zona rural.

O município foi criado por meio da Lei Estadual nº 5.389, de 27 de agosto de 1966, e instalado oficialmente em 07 de abril de 1967, desmembrado dos municípios de Cascavel, Palotina e Toledo.

De acordo com o relatório PADCT/CIAMB (1993), a primeira tentativa de ocupação planejada da região Noroeste do estado ocorreu no início do século XX, mais precisamente na década de 1920, a partir de iniciativa da Companhia Brasileira de Viação e Comércio (BRAVIACO) e com apoio da Companhia de Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande (CEFSPRG), que já havia recebido, em 1888, do governo imperial, as terras situadas entre os rios Paranapanema, Ivaí e Paraná. Terras muito férteis atraíram as atenções para a localidade e, sob o comando da Colonizadora Norte do Paraná S/A, foram ocupadas e colonizadas as terras do Vale do Piquiri.

4.2.1.3 Marechal Cândido Rondon

O município de Marechal Cândido Rondon, com uma área total de 748,281 km², está localizado às margens do Rio Paraná, a 400 metros acima do nível

⁶⁰ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁶¹ Disponível em: <<http://www.assischateaubriand.pr.gov.br/artigos/artigos.php?id=122>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

do mar e a 584,52 km de Curitiba. Marechal Cândido Rondon faz divisa com os municípios de Mercedes, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Entre Rios do Oeste e Pato Bragado.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁶², a população de Marechal Cândido Rondon é de 44.562 habitantes. Os dados do Censo IBGE-2000⁶³ dão conta de 31.246 habitantes residindo na zona urbana e 5.051, na zona rural.

O município foi criado pela Lei Estadual nº 4.245, de 25 de julho de 1960 e instalado oficialmente em 02 de dezembro de 1961, quando foi desmembrado de Toledo.

A formação histórica é correlata à formação do município de Toledo, em função do trabalho desenvolvido pela Empresa Colonizadora, denominada Industrial Madeireira Rio Paraná S/A – Maripá, que, na sistemática da colonização, procede de maneira distinta para os municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon. Os primeiros moradores chegaram à localidade em 07 de março de 1950 (PIERUCCINI; TSCHÁ; IWAKE, 2002, p. 104).

Marechal Cândido Rondon é uma cidade tipicamente germânica, onde os traços do povo e as construções enxaimel⁶⁴ preservam a cultura europeia. A ocupação do território local foi estimulada a partir das ações da Colonizadora Maripá, em meados dos anos cinquenta.

4.2.1.4 Santa Helena

O município de Santa Helena, com uma área total de 759,123 km², está localizado a 347 metros acima do nível do mar e a 607,71 km de Curitiba. Localizada na

⁶² Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁶³ Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85980&btOk=ok>>.

Acesso em: 07 nov. 2009.

⁶⁴ Em diversas regiões da Europa, o enxaimel é uma técnica de construção totalmente manual, desenvolvida primeiramente no círculo campestre e trazida, durante os séculos XVII e XVIII, para o meio urbano. Esse tipo de técnica se mostrava em edificações de cunho considerado exclusivo da alta burguesia (GÜTTGES, Arlen Alberto; VALQUES, Igor J. B. A arquitetura germânica e suas influências nas edificações brasileiras: o caso de M. C. Rondon. In: *Akrópolis*, Umuarama, v. 11, n. 3, jul./set., 2003. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/377/343>>. Acesso em: 06 nov. 2009.)

região Oeste do Paraná, entre Guaíra e Foz do Iguaçu, e é a única cidade às margens do Lago de Itaipu, fazendo divisa com os municípios de Entre Rios do Oeste, Missal e Diamante d'Oeste.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁶⁵, a população de Santa Helena é de 22.794 habitantes. Os dados do Censo IBGE-2000⁶⁶ informam que 9.818 habitantes residiam na zona urbana e 10.673, na zona rural.

O território do atual município de Santa Helena foi objeto da presença de grupos populacionais muito antes de sua povoação definitiva, a partir da segunda metade do século XX. A ocupação inicial da área do atual município, desde meados do século passado, deve-se principalmente à extração da erva-mate e da madeira, realizada de forma predatória pelas *obrages*.

A exploração da madeira de lei e da erva-mate, a fertilidade do solo vermelho e o baixo preço das terras atraíram uma grande leva de famílias, notadamente de agricultores, vindos dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

A participação do contingente populacional proveniente das regiões Sudeste e Nordeste deixou de ser significativa a partir da década de 1970, quando a mecanização da agricultura provocou um esvaziamento populacional em Santa Helena, ocasionando o deslocamento desses migrantes para outras regiões.

O anúncio da construção da barragem da Hidrelétrica de Itaipu e a possível inundação de grande parte do município, inclusive da própria sede – o que não se concretizou –, gerou certa estagnação econômica, que veio a culminar com a desapropriação de 26.718 hectares de terras férteis (aproximadamente 31% da área total do município) e a migração de milhares de colonos para outros locais.

4.2.1.5 Medianeira

O município de Medianeira, com uma área total de 325,167 km², e está localizado a 402 metros acima do nível do mar e a 577,30 km de Curitiba. Medianeira

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁶⁶ Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85892&btOk=ok>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

faz divisa ao norte com o município de Missal, ao oeste, com São Miguel do Iguaçu, ao sul, com Serranópolis do Iguaçu, e ao leste, com Matelândia.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁶⁷, a população de Medianeira é de 38.397 habitantes. Os dados do Censo IBGE-2000⁶⁸ informam que 33.246 habitantes residiam na zona urbana e 4.581, na zona rural.

Medianeira foi criada pela Lei Estadual nº 4245, de 25 de julho de 1960, publicada no Diário Oficial do Estado nº 119, de 28 de julho de 1960, desmembrado do território pertencente a Foz do Iguaçu.

Em 27 de maio de 1949, partia rumo ao oeste paranaense uma caravana de vinte homens, interessados na compra de uma gleba de terras localizadas entre Matelândia e São Miguel do Iguaçu. Os componentes da caravana vinham de vários municípios do Rio Grande do Sul, como Bento Gonçalves, Guaporé e Veranópolis.

A população, que inicialmente era formada quase que exclusivamente de gaúchos e catarinenses, passou a receber as migrações do Norte do estado, de onde procediam os nortistas, e, assim, formou-se aos poucos uma rica etnia com pessoas das mais diversas origens, predominando os descendentes de italianos e alemães⁶⁹.

4.2.1.6 Santa Terezinha de Itaipu

O município de Santa Terezinha de Itaipu, com uma área total de 267,491 km², está localizado a 270 metros acima do nível do mar e a 613,20 km de Curitiba. Santa Terezinha de Itaipu faz divisa com os municípios de Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu.

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁶⁸ Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85884&btOk=ok>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁶⁹ Disponível em: <http://www.camara-medianeira.pr.gov.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=13>. Acesso em: 06 nov. 2009.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁷⁰, a população de Santa Terezinha de Itaipu é de 19.552 habitantes.

O município foi criado em 03 de março de 1982, pela Lei Estadual nº 7.572, e instalado em 01 de fevereiro de 1983, quando foi desmembrado de Foz do Iguaçu.

Em meados da década de 50, a colonização do município deu-se através de migrações provenientes de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Norte do Paraná. Posteriormente instalou-se também, na sede do município uma população remanescente da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, de origens nordestina e mineira.

A economia do município de Santa Terezinha do Itaipu se destaca na região pelo Terminal Turístico Alvorada de Itaipu, que abriga uma praia artificial. (PIERUCCINI; TSCHÁ; IWAKE, 2002, p. 133).

4.2.1.7 Capitão Leônidas Marques

O município de Capitão Leônidas Marques, com uma área total de 274,892 km², está localizado a 360 metros acima do nível do mar e a 516,43 km de Curitiba. Capitão Leônidas Marques faz divisa com os municípios de Santa Lúcia, Céu Azul, Capanema, Nova Prata do Iguaçu, Realeza, Lindoeste e Boa Vista da Aparecida.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁷¹, a população de Capitão Leônidas Marques é de 13.616 habitantes, e os dados do Censo IBGE-2000⁷² informam que 4.609 habitantes residiam na zona urbana e 2.218, na zona rural.

O município foi criado pela Lei Estadual nº 4 859 de 28 de abril de 1964 e instalado oficialmente em 14 de dezembro de 1964, desmembrado de Cascavel.

Na década de 1958, verificou-se, na área da “Gleba Andrada”, situada junto ao rio Iguaçu, o aparecimento de vários núcleos urbanos, entre os quais Capitão

⁷⁰ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁷² Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85790&btOk=ok>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

Leônidas Marques, que, em 1964, apenas iniciado, já assumia a posição de sede municipal (PIERUCCINI; TSCHÁ; IWAKE, 2002, p. 80).

A formação do município deu-se, em grande parte, ao incentivo dado pelo Governo do Estado por meio das companhias imobiliárias, o que dinamizou o fluxo migratório para a região.

4.2.1.8 Cascavel

O município de Cascavel com uma área total de 2.091,401 km², está localizado a 800 metros acima do nível do mar e a 491,00 km de Curitiba, faz divisa com os municípios de Santa Tereza do Oeste, Tupãssi, Toledo, Cafelândia, Corbélia, Braganey, Campo Bonito, Catanduvas, Três Barras do Paraná, Boa Vista da Aparecida, Santa Lúcia e Lindoeste.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁷³, a população de Cascavel é de 285.784 habitantes. Em 2000, segundo dados do Censo IBGE⁷⁴, 115.462 habitantes residiam na zona urbana e 7.275, na zona rural.

O município foi criado por meio da Lei Estadual nº 790, de 14 de novembro de 1951, tendo seu território desmembrado de Foz do Iguaçu. Em virtude do Decreto Estadual nº 1.542, de 14 de dezembro de 1953, foi criada a comarca de Cascavel, cuja instalação se deu a 9 de junho de 1954.

Embora tenha sido elevado à categoria de município na década de 50, o povoamento da localidade inicia-se ainda em 1930. Formou-se, assim, um povoado no meio do sertão e às margens do caminho entre Guarapuava e Foz do Iguaçu (IBGE, 1959). Soma-se a este fato, a localização geográfica da localidade, em um ponto formado pelo entroncamento de várias trilhas abertas pelos ervateiros, e que foi denominada Encruzilhada.

A população recenseada em 1950 perfazia um total de 4.411 habitantes, com cerca de 90% desta população residente na zona rural. Já em 1956,

⁷³ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85800&btOk=ok>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

estimava-se uma população de 2.000 habitantes apenas na aglomeração urbana. A articulação com as atividades terciárias no município de Cascavel é verificada já nos primeiros anos de sua emancipação, permitindo, assim, caracterizá-lo como um importante centro fornecedor de bens e serviços.

No Oeste do Paraná, o processo de mecanização e automação do setor agrícola foi “marcado pela introdução maciça, no campo, de avançadas técnicas de cultivo, de substituição de culturas alimentares pela produção de *commodities* e de alterações radicais nas relações de trabalho” (IPARDES, 2003, p. 24). Tais fatores impulsionaram ainda mais a urbanização, marcada pelo esvaziamento da população do campo. O censo demográfico de 1960 apontava uma população de 37.346 habitantes ainda com a população rural predominante na área do município (REOLON, 2007, p. 53).

4.2.1.9 Guaraniaçu

O município de Guaraniaçu com uma área total de 1.240,063 km², está localizado a 920 metros acima do nível do mar e a 427,51 km de Curitiba, faz divisa com os municípios de Catanduvas, Quedas do Iguaçu, Nova Laranjeiras, Altamira do Paraná, Campina da Lagoa.

Segundo dados do Censo IBGE-2007⁷⁵, a população de Guaraniaçu é de 15.959 habitantes. Dados do Censo IBGE-2000⁷⁶ informam que 4.036 habitantes residiam na zona urbana e 4.419, na zona rural.

O município foi criado em 14 de novembro de 1951, pela Lei Estadual nº 790, instalado em 14 de dezembro de 1952 e elevado à Comarca em 15 de julho de 1968, pela Lei Estadual nº 5809.

Guaraniaçu foi desmembrado de Laranjeiras do Sul e elevado à categoria de distrito em 1934. A sua história se confunde com a formação histórica do estado do Paraná, por originar-se das expedições que exploravam o Terceiro Planalto

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

⁷⁶ Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85400&btOk=ok>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

Paranaense no século XIX. Posteriormente, com a criação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, acelera-se o desbravamento da região Oeste do Paraná. Em 1917, a estrada ligando Guarapuava à Colônia Militar resultou na formação do primeiro povoado de Guaraniaçu, denominado Rocinha, e, posteriormente, o núcleo de Mato Queimado.

4.3 A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL

Conforme Brandão (2005, p. 26), a inclusão de critérios para a seleção de informantes como as variáveis sexo, idade, nível de instrução e situação socioeconômica, são determinantes para “que se revelem ao máximo as peculiaridades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos”.

Thun (1998, p. 371) destaca que “existem essencialmente dois complexos importantes entre os fatos extralinguísticos os quais os geolinguístas não podem de ignorar. Estes são a mobilidade da população e a identificação de redes de comunicação. Para tanto, deve distinguir entre os aspectos estáticos e dinâmicos”.

Torna-se tarefa, também, da Dialetoлогия a descrição dos falares na sua face móvel, para a representação de um quadro da fala que vai desde a identificação de áreas e estratos sociais mais arcaizantes e conservadores, até zonas e estratos sociais inovadores, além do reconhecimento das modalidades ou estilos de linguagem em que os fenômenos da mudança linguística possam ser melhor identificados.

4.3.1 Dimensão Diassexual

Conforme destaca Trudgill (1974), a fala de homens e mulheres é distinta, e os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais.

Para o estudo aqui proposto, foram entrevistados quatro homens e quatro mulheres em cada ponto, de duas faixas etárias e dois níveis de escolaridade.

4.3.2 Dimensão Diageracional

As duas faixas etárias definidas para a seleção dos informantes do estudo em tela buscam registrar a variação na fala dos oestinos e fornecer dados para uma análise da mudança em *tempo aparente*. Para uma análise da mudança em *tempo real*, tomam-se alguns fenômenos de estudos realizados em momentos anteriores (Atlas Linguístico do Paraná/ALPR; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS).

Foram definidas as seguintes faixas etárias:

- (i) GI (18 a 35 anos), a geração mais nova, que deve abarcar os filhos ou os netos dos colonizadores, já nascidos na localidade, que se inseriram ou estão por se inserir no mercado de trabalho e que se deslocam para a cidade em função do trabalho ou dos estudos;
- (ii) GII (45 a 65 anos), a geração mais velha, ainda ativa econômica e socialmente, formada por colonizadores das localidades, oriundos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia e da região Norte do Paraná, e que residem há trinta anos na localidade pesquisada. Os critérios se justificam em função (a) do registro de traços inovadores com relação ao grupo de convivência familiar e social, e (b) do registro de traços conservadores com relação à fala dos grupos e locais de origem.

4.3.3 Dimensão Diastrática

A dimensão diastrática inclui os parâmetros que definem a classe social dos informantes. Dentre os fatores que caracterizam o perfil socioeconômico estão o nível de renda, a ocupação, o nível de instrução, o tipo de moradia e o bairro ou ponto de residência na localidade. Para o estudo aqui proposto, optamos pela escolaridade como variável diastrática. A presença da escola na vida de uma pessoa pode ser determinante quanto ao seu comportamento linguístico. Não se trata apenas do acesso ao conhecimento formal da língua, mas da aquisição de certas atitudes com relação à sua fala, à fala do seu grupo.

Segundo Thun (2005), a definição dos parâmetros diastráticos se dá pelas questões socioculturais, ou seja, conforme a formação escolar. O nível de escolarização pode facilitar o acesso a alguns bens que favorecem a mudança linguística, como a mídia, e, ainda, levar o indivíduo a absorver algumas características sociais em função da profissão e dos contatos que estabelece durante o período que permanece na escola.

Partindo da hipótese de que a escolarização possa se colocar como variável atuante no conservadorismo e na inovação linguística, para esta pesquisa, a dimensão diastrática foi definida a partir das variáveis:

- (i) EFI: nenhuma formação escolar ou Ensino Fundamental incompleto;
- (ii) EMI: Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto.

A seguir, no quadro 04, apresentamos as variáveis eleitas como critérios para a seleção dos informantes na dimensão sociocultural.

DIMENSÕES		PARÂMETROS
SOCIOCULTURAL	Diastrática	EFI (Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto)
		EMI (Ensino Fundamental completo ou Ensino Médio incompleto)
	Diageracional	G I (18 a 35 anos)
		G II (45 a 65 anos)
	Diassexual	Masculino
		Feminino

QUADRO 04 – Dimensões e parâmetros diatópicos e socioculturais
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná

No quadro 05, encontra-se a descrição das células sociais desta pesquisa, conforme os parâmetros que compõem as dimensões diassexual, diageracional e diastrática.

Células Sociais	
Homem, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 18 a 35 anos	MEFIGI
Homem, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 45 a 65 anos	MEFIGII
Homem, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 18 a 35 anos	MEMIGI
Homem, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 45 a 65 anos	MEMIGII
Mulher, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 18 a 35 anos	FEFIGI
Mulher, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 45 a 65 anos	FEFIGII
Mulher, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 18 a 35 anos	FEMIGI
Mulher, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 45 a 65 anos	FEMIGII

QUADRO 05 – Perfil dos Informantes
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná.

4.4 A DEFINIÇÃO DOS INSTRUMENTOS PARA UMA DESCRIÇÃO DIALETOLÓGICA DA FALA

As pesquisas de cunho geolinguístico seguem alguns procedimentos metodológicos, que buscam garantir uma descrição da realidade linguística quanto aos fenômenos de variação, nas dimensões diatópica e sociocultural. O cuidado e o rigor refletem a necessidade de registrar os fenômenos linguísticos de maneira a organizar um quadro da realidade linguística da comunidade investigada, recobrando aquelas variáveis internas e externas da língua, que retratam o *modus operandi* dos grupos que formam aquela sociedade em toda a sua dinamicidade e complexidade.

Além dos clássicos da literatura Geolinguística (DAUZAT, 1922; CHAMBERS; TRUDGILL, 1980; COSERIU, 1988; ALVAR, 1996; BRANDÃO, 2005), há algumas obras que devem ser tomadas como referência, principalmente no Brasil. Trata-se dos Documentos I (AGUILERA; MOTA; MILANI, 2003) e Documentos II (MOTA; CARDOSO, 2006). Nessas obras, encontramos orientações, discussões e reflexões a respeito do roteiro metodológico para o desenvolvimento das pesquisas para o Atlas Linguístico do Brasil/ALiB.

4.4.1 O Questionário

Para a elaboração do questionário, foram utilizadas as orientações do Comitê Nacional para Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). As questões foram adaptadas do questionário do ALiB, buscando investigar a diversidade linguística nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical. Além de refletir aspectos e traços linguísticos específicos da região, o questionário tem por objetivo confirmar fenômenos observados na Região Sul e no Brasil.

O questionário encontra-se organizado em duas partes: (a) a primeira, que se destina ao levantamento de dados pessoais do informante e da localidade; (b) a segunda, que está dividida em cinco partes: questionário fonético-fonológico – QFF, com 87 questões; questionário semântico-lexical – QSL, com 163 questões;

questionário morfossintático – QMS, com quarenta questões; questões metalinguísticas, com oito questões, e conversa livre.

4.4.1.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

O questionário fonético-fonológico busca identificar as áreas de ocorrência dos fatos fônicos, tomando-os no conjunto das variantes fonético-fonológicas do português brasileiro, e, especificamente, quanto aos fenômenos da fala da região Sul do Brasil. Segundo Aragão (2003, p. 65), a aplicação do questionário fonético-fonológico deve mostrar “até onde uma variante pode ser considerada puramente linguística, ou se ela se constitui uma marca regional ou sociolinguística, diminuindo, assim, uma série de dúvidas e discussões sobre a prevalência de um determinado tipo de variação sobre o outro.”

As questões do questionário fonético-fonológico foram retiradas do rol de questões do Atlas Linguístico do Brasil/ALiB. São 87 questões, aplicadas de forma direta, e que buscam registrar os fenômenos vocálicos e consonantais do português brasileiro falado nas localidades investigadas.

Com relação aos fenômenos vocálicos, buscou-se registrar:

- as variantes para a vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra (*dez, arroz*);
- as variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra (*caixa, peixe*);
- as variantes para os ditongos nasais finais (*perdão, homem, ontem*);

Quanto aos fenômenos consonantais, foram selecionadas as variantes para:

- vibrante em diferentes posições na palavra (*rato, parteira, trabalhar, borracha, arroz*);
- oclusiva dental surda e sonora em final de palavra (*dente, leite, tarde*);

- lateral em coda silábica (*sol, mel*).

4.4.1.2 Questionário Semântico-Lexical (QSL)

As questões do questionário semântico-lexical buscam investigar a questão de interesse diatópico e sociocultural, tendo por objetivo a documentação do registro da fala local, bem como dos processos de conservação, inovação e irradiação das variantes linguísticas do português brasileiro.

Os itens encontram-se distribuídos por áreas semânticas:

- Acidentes Geográficos;
- Astros e Tempo;
- Atividades Agropastoris;
- Fauna;
- Corpo Humano;
- Ciclos da Vida;
- Convívio e Comportamento Social;
- Religião e Crenças;
- Jogos e Diversões Infantis;
- Habitação;
- Alimentação e Cozinha;
- Vestuário e Acessórios;
- Vida Urbana.

4.4.1.3 Questionário Morfossintático (QMS)

O questionário morfossintático visa a apurar variantes – diatópica, diassexual, diageracional e diastrática – nas construções sintáticas e morfológicas. Para tal, seguindo as orientações do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), as questões voltaram-

se para a identificação de alguns fenômenos como a flexão nominal (gênero e número), a flexão e a concordância verbais, entre outros.

As questões foram aplicadas ao conjunto de informantes e os dados foram transcritos, porém, não são objeto deste estudo, que se volta para a análise das variantes fonético-fonológicas e semântico-lexicais. Os dados coletados e registrados servirão de objetivo para estudos futuros.

4.4.1.4 Temas para discurso semidirigido

Ao refletir sobre a coleta de dados, especificamente sobre o *paradoxo do observador*, Labov (1972) expõe algumas técnicas de entrevista para registrar a fala espontânea do informante. Mota (2006, p. 41) ressalta que, na parte do questionário destinada aos temas para discursos semidirigidos, é possível registrar “elocuições mais espontâneas, destituídas do grau de tensão e formalidade que, muitas vezes, ocorre nas respostas às indagações do inquiridor, em outros trechos da entrevista”. Trata-se de um momento em que o informante “discorre livremente sobre determinados assuntos, destacando-se entre esses os relatos pessoais”.

Os dados coletados e transcritos das conversas livres também ficarão à disposição para estudos que pretendam estudar os registros das variantes nos diferentes estilos de fala.

4.5 ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas no período de fevereiro a novembro de 2008. Após os contatos iniciais, por carta e telefonemas, com as prefeituras, especificamente com as secretarias de educação, para indicação de um mediador na comunidade, foram feitas as primeiras visitas às localidades para a seleção dos informantes. Tomamos sempre a escola como ponto de referência, e com a ajuda de

diretores, professores e funcionários dos estabelecimentos, contatamos os moradores das comunidades.

4.6 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

As transcrições foram realizadas pela própria pesquisadora, concomitantemente à realização dos inquéritos. A realização das entrevistas e das transcrições foi importante para a verificação de pontos falhos e a correção ou ajustes.

Finalizada a etapa de transcrição das entrevistas, após três revisões, as variantes foram organizadas em tabelas do Word, observando a sua ocorrência no interior das dimensões diatópica e sociocultural.

A tabela para a organização dos dados foi adaptada a partir das sugestões do Professor Thun e do material utilizado para a cartografia do Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai/ADDU (ANEXO I e II). Nos atlas pluridimensionais, conforme destaca Thun (2005), os dados são inscritos verticalmente, no eixo sociolinguístico, representado por uma cruz em cada ponto. Os quatro compartimentos da cruz representam os grupos pesquisados em cada ponto. Na parte superior da cruz, situam-se os informantes de classes sociais mais altas, enquanto na parte inferior, a classe baixa. Do lado direito, os homens e do lado esquerdo, as mulheres.

M Ca	F Ca
M Cb	F Cb

Nesta pesquisa, apresentamos os dados expostos nas cartas linguísticas de duas maneiras:

- i) para representação dos dados diatópicos, distribuídos nas cartas linguísticas, foi utilizado o gráfico de setores.⁷⁷ O gráfico de setores

⁷⁷ O gráfico de setores é constituído por uma representação esférica ou circular que se divide de acordo com a proporção de um fenómeno ou tema. Os dados dispostos nos gráficos circulares são expressos em números ou em percentuais. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/tipos-graficos.htm>>. Acesso em 10 jan. 2010.

é uma adaptação do modelo cartográfico utilizado por Thun (1998) para as cartas linguísticas do Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai/ADDU, Atlas Linguístico Guarani-Românico/ALGR e do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch/ALMA-H. No gráfico, encontra-se a frequência, em porcentagem, das variantes registradas pelos falantes e selecionadas para a análise. Optamos por essa representação na tentativa de registrar a dinâmica diatópica das variantes em cada ponto. A seguir, nas figuras 14 e 15, apresentamos um modelo de tabela que gerou cada gráfico e a sua distribuição na carta linguística:

PONTO	Mexerica	Tangerina	Bergamota	Pocã	Representação (%)
02 - Assis Chateaubriand	5	1	1	1	

FIGURA 14 – Modelo de tabulação
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná.

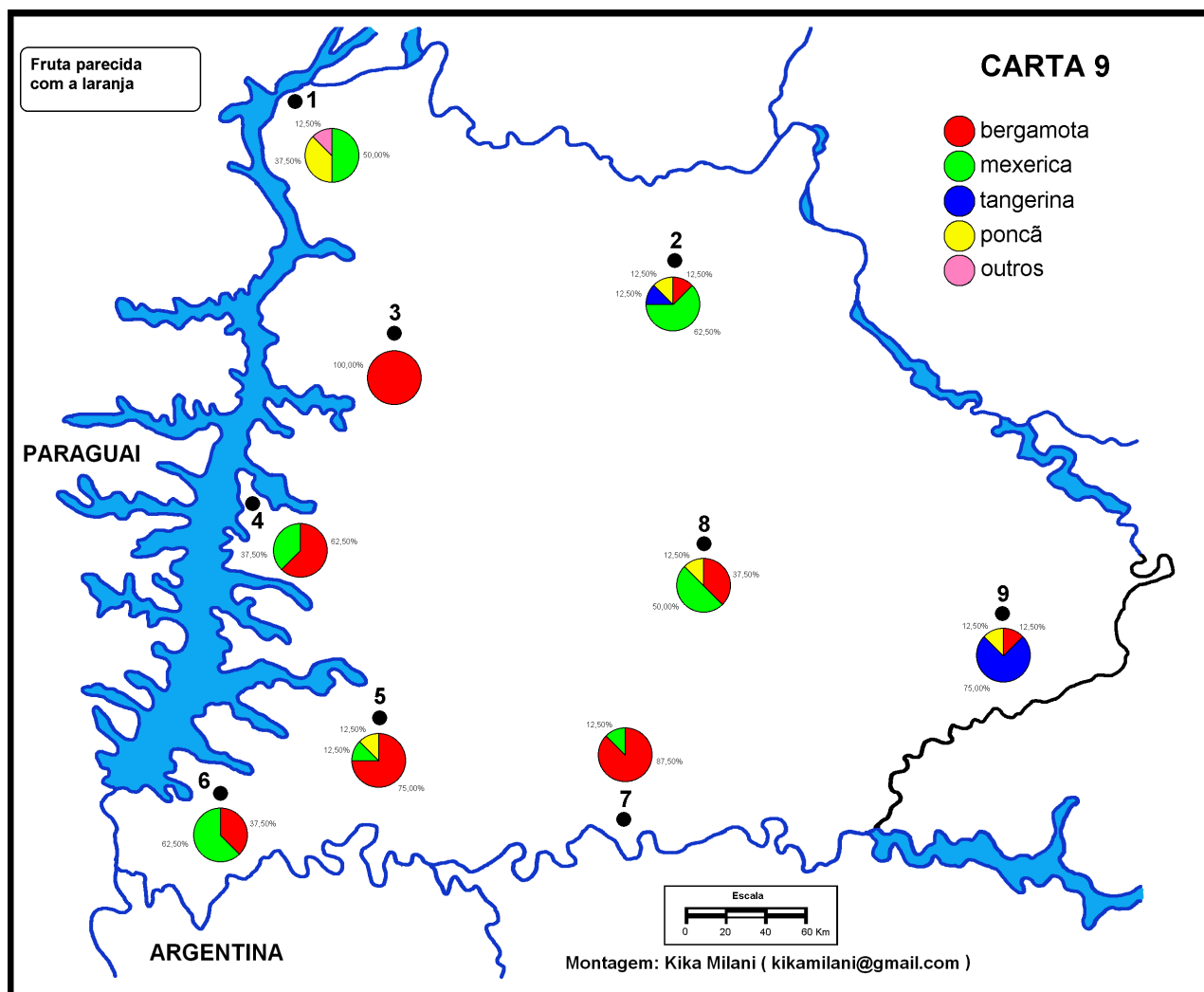


FIGURA 15 – Modelo de carta linguística
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná.

ii) para a representação dos dados socioculturais, nas dimensões diassexual, diageracional e diastrática, foi utilizado o gráfico de barras. Além de registrar a frequência das variantes em cada dimensão sociocultural, o gráfico de barras pode subsidiar uma análise relacional do movimento da fala entre os grupos. Nas figuras 16, 17 e 18, podemos observar um modelo de gráficos para a apresentação das ocorrências das variantes no interior das dimensões socioculturais.

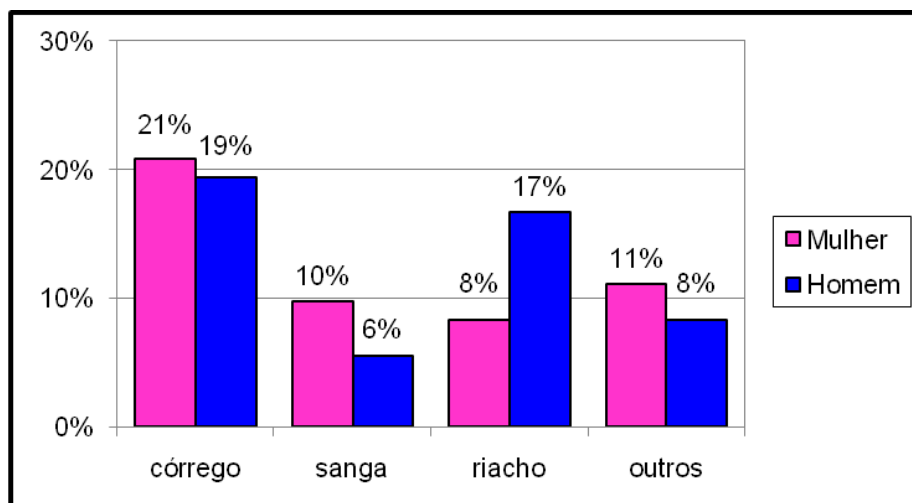


FIGURA 16 – Modelo de gráfico com a distribuição diasssexual das variantes

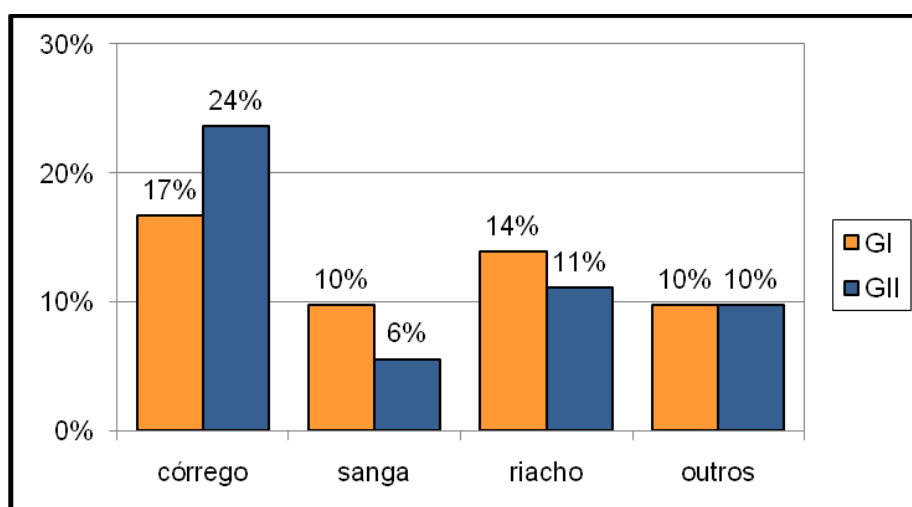


FIGURA 17 – Modelo de gráfico com a distribuição diageracional das variantes

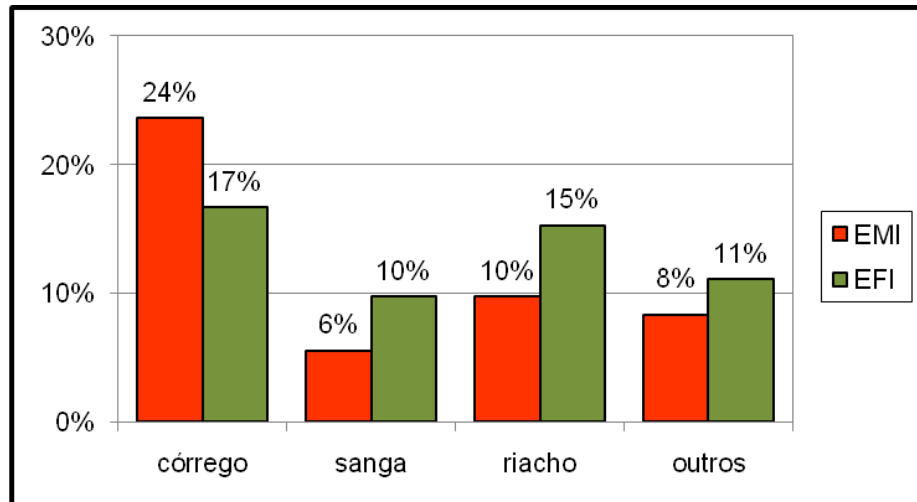


FIGURA 18 – Modelo de gráfico com a distribuição diastrática das variantes

A representação diatópica permite o registro e a visualização de representação espacial de todas as variantes selecionadas para o estudo. Além das variantes representadas na carta, em forma de observação, seguem também as formas únicas – *legomenon hapax* – registradas pelos informantes. A opção pela apresentação dos dados socioculturais em gráficos se deve à necessidade de registrar todos os dados em todos os extratos sociais (sexo, faixa etária e escolaridade).

Com a representação dos dados linguísticos, tanto na superfície linguística (monodimensional) quanto no espaço linguístico (pluridimensional), que inclui dimensões do eixo horizontal e do eixo vertical, linguísticas e extralinguísticas, esperamos: (i) oferecer um panorama representativo da fala do Oeste paranaense; (ii) identificar as localidades mais conservadoras com relação à fala de origem dos informantes; (iii) estabelecer um quadro comparativo entre os pontos (variação diatópica); (iv) reconhecer as instâncias sociais responsáveis pelos fenômenos de conservação e inovação linguística (variação sociocultural); (v) avaliar as ocorrências das variantes no interior das diferentes dimensões (variação diasssexual, diageracional e diastrática), buscando identificar os grupos conservadores e inovadores, bem como os fatores sociais que atuam com relação aos diferentes comportamentos linguísticos.

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS GEOSOCIOLINGUÍSTICOS DA FALA DO OESTE PARANAENSE

Neste capítulo, apresentaremos os dados selecionados para a descrição geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná, obtidos por meio da realização de 72 entrevistas, nos nove municípios que constituem a rede de pontos da pesquisa, e a análise dos fenômenos: (i) de manutenção de variantes linguísticas da fala dos grupos de origem, especialmente dos colonizadores sulistas; (ii) de adoção de formas inovadoras, provenientes da fala dos grupos oriundos do norte do Paraná, do sudeste e nordeste do Brasil.

As entrevistas foram aplicadas aos informantes previamente selecionados a partir das variáveis sexo (masculino e feminino), faixa etária (GI – 18 a 35 anos; GII – 45 a 65 anos) e nível de escolaridade (Ensino Fundamental incompleto; Ensino Médio incompleto).

Inicialmente, serão apresentados os dados fonético-fonológicos registrados pelos informantes e selecionados para a descrição da fala do Oeste paranaense. Cada fenômeno é precedido de um breve panorama das pesquisas já realizadas, principalmente na região Sul do Brasil, para, em seguida, por meio de tabelas, com o registro geral das ocorrências das variantes, e gráficos, com a distribuição diatópica e sociocultural, proceder-se à análise.

A distribuição areal das variantes tem por objetivo identificar: (i) as áreas em que os traços da fala de origem dos colonizadores ainda é preservada; (ii) as variantes linguísticas que avançam nessas áreas, formando zonas de transição linguística; (iii) as áreas heterogêneas, em que as formas inovadoras apresentam estágios avançados de realização.

Dessa forma, esperamos que os dados aqui apresentados possam oferecer um retrato da fala e da cultura do Oeste paranaense, colaborando para a identificação da identidade do morador da região.

5.1 FENÔMENOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

Os traços fonético-fonológicos do português brasileiro falado na região Oeste do Paraná caracterizam-se pela formação de: (i) áreas mais homogêneas, nos pontos **03** - Marechal Cândido Rondon, com a presença de descendentes de alemães, **05** - Medianeira, com a presença de descendentes de italianos, e **02** - Assis Chateaubriand, com a presença de paranaenses, paulistas e mineiros; os dados revelam, porém, uma transição linguística, com a alternância de traços e formas, como resultado da sobreposição social da fala, em que se misturam elementos mantidos da fala dos grupos de origem com as formas inovadoras, trazidas pelos grupos de imigração recente ou reemigração; (ii) espaços mais heterogêneos, localidades que sofreram um processo de povoamento moderno, em que o contato entre as diferentes línguas e os diferentes dialetos criou ambientes favoráveis à adoção e à implementação de formas inovadoras.

A seguir, apresentamos a descrição dos fenômenos fonético-fonológicos e as variantes para:

- a vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra;
- os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra;
- os ditongos nasais finais;
- a vibrante em diferentes posições na palavra;
- a oclusiva dental surda e sonora em final de palavra;
- a lateral em coda silábica.

Para a seleção dos fenômenos, foram considerados: (i) os estudos já desenvolvidos sobre o português falado na região Sul do Brasil, principalmente nas áreas com maior incidência de descendentes alemães e italianos; (ii) a constituição do português brasileiro, nas suas manifestações dialetais que afloram nas diferentes regiões do país, e que estão presentes no Oeste paranaense, com grupos que colonizaram as terras mais ao norte, ou que migraram recentemente.

5.1.1 Variantes para a vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra

As vogais tônicas [a], [e], [ɔ] e [u], seguidas de [s], tendem a se realizar em forma de ditongo, *fez – feiz, paz – paiz, nós – nósis*. Nos dados coletados, observamos o ambiente linguístico, como o contexto precedente: sonoridade, ponto e modo de articulação do fonema inicial da palavra.

O fenômeno da ditongação da vogal tônica, seguida de [s], em final de palavra, foi registrado em seis questões do questionário fonético-fonológico. Para descrição e análise das variantes, selecionamos as palavras: *arroz, paz, cruz, três e dez*.

Amadeu Amaral (1982, p. 48) destaca que o único fato importante a assinalar com relação ao fenômeno da ditongação “é que, quando seguidas de ciciante (s ou z), no final das palavras, ditongam-se pela geração de *i rapáiz, mêis, péis, nósis, luiz*”.

Conforme destaca Aragão,⁷⁸

o ditongo é um dos elementos linguísticos existentes nas línguas de modo geral e sua existência na língua portuguesa é registrada desde o latim até nossos dias. O latim clássico possuía quatro ditongos [ae], [oe], [aw] e [ew]. Esses ditongos latinos seguiram dois caminhos diferentes na passagem para o português: ou se ampliaram em novos ditongos ou se monotongaram.

A realização do traço dialetal da ditongação pode ser delimitada em áreas linguísticas de fala mais heterogênea, na presença da mistura de portugueses, índios e negros, como ocorreu no Sudeste, Nordeste e Norte do Brasil.

O fenômeno da ditongação é descrito em estudos que se dedicam a pesquisas geolinguísticas e sociolinguísticas no Paraná e na região Sul. No Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), encontramos uma descrição detalhada do fenômeno, como podemos observar na figura 19, referente à carta 01-04, das áreas de ocorrência de ditongação em *Paz, Cruz, Três e Dez*, nos pontos destacados com as cores verde e vermelha, que correspondem às localidades investigadas pelo estudo.

⁷⁸ Texto disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

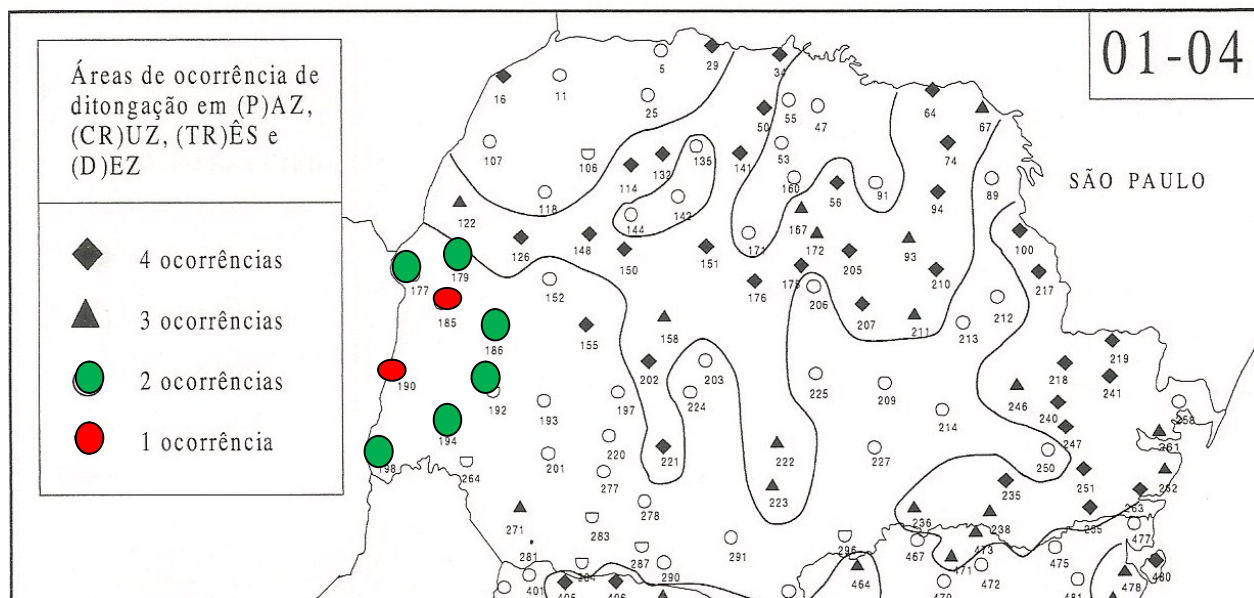


FIGURA 19 – Carta Linguística 01 - 04 - Áreas de ocorrência de ditongos em (P)AZ, (CR)uz, (TR)Ês e (D)EZ

Fonte: Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002, p. 49)

Segundo os dados do ALERS, o território paranaense encontra-se dividido em duas grandes áreas, como podemos observar: (i) a do litoral, que corta o estado em direção ao noroeste, com o registro de maior número de ocorrência da ditongação; (ii) a do leste, em direção ao oeste, pelo sul, com as menores ocorrências.

Pelos dados registrados na carta 01-04, podemos atribuir ao contexto histórico de formação e povoamento do Paraná – na parte norte, pela onda colonizadora vinda do Sudeste do Brasil; na parte sul, pela colonização sulista – a formação das áreas de concentração e transição de fenômenos linguísticos das localidades de origem, em contato com as formas inovadoras trazidas pelos migrantes de outras áreas, como o Norte do Paraná e a região Sudeste do Brasil.

Numa apresentação prévia dos dados preliminares do Paraná registrados pelo Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul/ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), Mercer (1993) realiza uma discussão sobre o registro dos dados e o resultado dos feixes de isófonas, relacionados aos diferentes

grupos que povoaram o estado. O autor analisa a ditongação de /a/ tônico final seguido de /s/ e a ditongação de /u/ tônico final seguido de /s/, entre outros fenômenos. Segundo Mercer (1993, p. 313), “as isófonas da ditongação indicam os limites de um processo que é dominante ao norte e ao leste dessas linhas”. As isófonas demarcam, portanto, a divisão do território paranaense entre norte e sul, e apontam para o oeste pela formação de uma área de concentração com um número menor de ocorrências do fenômeno.

Na sequência, apresentamos, na tabela 01, os índices gerais da ocorrência das variantes, registradas entre os informantes do Oeste do Paraná, para as vogais tônicas [a], [ɛ], [o] e [u], seguidas de sibilante em final de palavra. No nível linguístico, podemos observar que a ditongação é menos produtiva em *arroz*, *paz* e *cruz*. Porém, em *três* e *dez* a ocorrência da ditongação é mais da metade das realizações.

TABELA 01 - Variantes para a vogal tônica seguida de sibilante, em final de palavra

PALAVRA	CARTA	CONTEXTO FONOLÓGICO	REALIZAÇÕES	
ARROZ	60	Vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra	[oz]	[ojz]
			76%	24%
PAZ	61	Vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra	[az]	[ajz]
			74%	26%
CRUZ	62	Vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra	[uz]	[ujz]
			87%	13%
TRÊS	59	Vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra	[ɛz]	[ɛjz]
			21%	79%
DEZ	58	Vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra	[ɛz]	[ɛjz]
			44%	56%
TOTAL			60%	40%

No nível linguístico, a realização da tônica seguida de sibilante em final de palavra pode ser descrita a partir da formação de dois grupos: (i) dos substantivos, com alto índice de manutenção da forma; (ii) dos numerais, com a ocorrência de ditongação. No primeiro grupo, o monossílabo tônico é formado pelas vogais baixa [a],

média posterior [o] e alta posterior [u], enquanto no segundo, a formação é com a vogal média-baixa [ɛ] e a vogal média-alta [e].

Precisaríamos de mais dados para considerar que as vogais possam atuar como ambiente favorável para a manutenção da forma ou para a realização do ditongo. Um fator que pode colaborar para a ocorrência de ditongação em *dez e três* é a influência das formas *dois* e *seis*, que apresentam o ditongo.

Os dados registrados no gráfico 01 permitem afirmar que a ditongação é implementada em toda a região Oeste. Se em estudos anteriores tínhamos entre um e dois registros da variante nos pontos investigados pelo ALERS, agora a ocorrência chega à metade e ultrapassa 70% nos pontos investigados. Com relação às áreas de concentração da ditongação, podemos apontar a relativa heterogeneidade cultural das duas localidades: (i) ponto **09** - Guaraniaçu, por abrigar um grande número de imigrantes do Centro-Oeste paranaense, Sudeste e Nordeste do Brasil; (ii) ponto **01** - Guaíra, por sua formação histórica, por estar localizada na fronteira com o Paraguai e Mato Grosso do Sul, por possuir fluxo constante de paraguaios, entre outros grupos, e por estar numa rota rodoviária até o Centro-Oeste do Brasil.

A menor concentração do traço, no ponto **05** – Medianeira, pode estar relacionada ao ideal de homogeneidade de colonização sulista. O sentimento persiste na geração mais velha, o que leva à atitude de resistência a algumas formas inovadoras, considerando-se que a localidade está na rota de passagem de transportadores, turistas e compristas, que se deslocam a Foz do Iguaçu. Outro fator está relacionado ao movimento demográfico da região, que absorveu trabalhadores remanescentes da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e do comércio da fronteira.

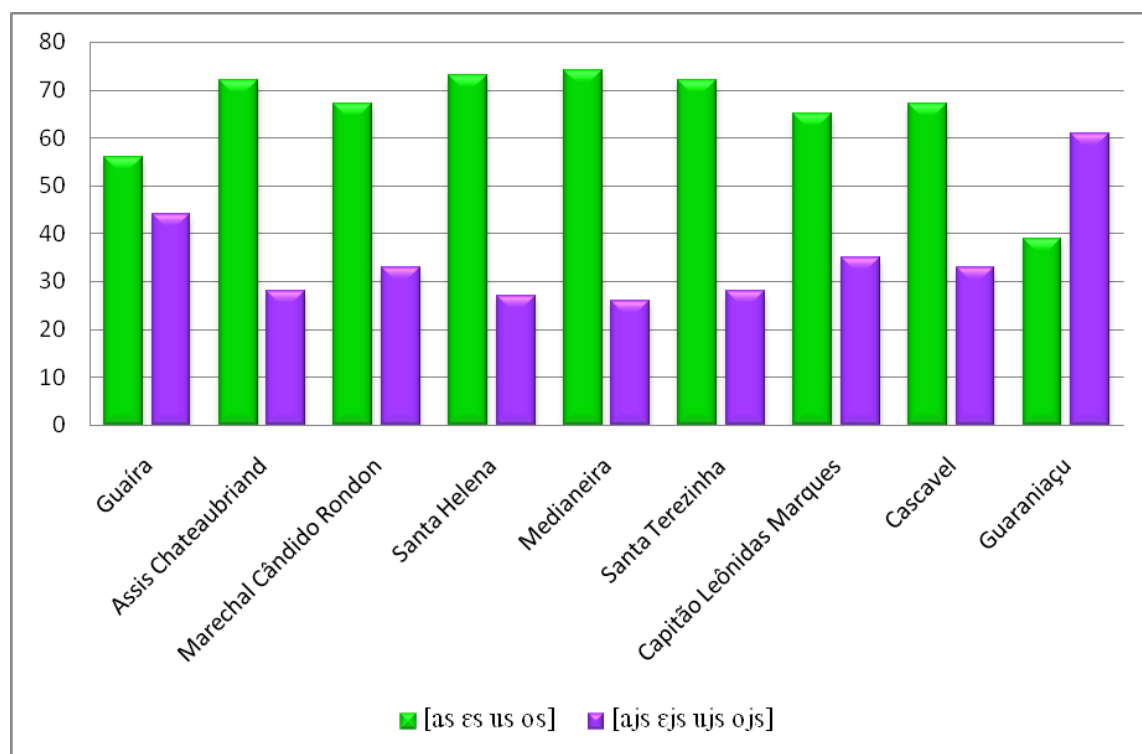


GRÁFICO 01 – Distribuição diatópica das variantes para a tônica seguida de sibilante, em final de palavra

A carta 58 - *Dez*, figura 20, registra as variantes para a vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra em *Dez*, coletadas na fala dos informantes da região Oeste. Conforme podemos observar, o fenômeno da ditongação toma toda a área da região, com menores ocorrências em alguns pontos.

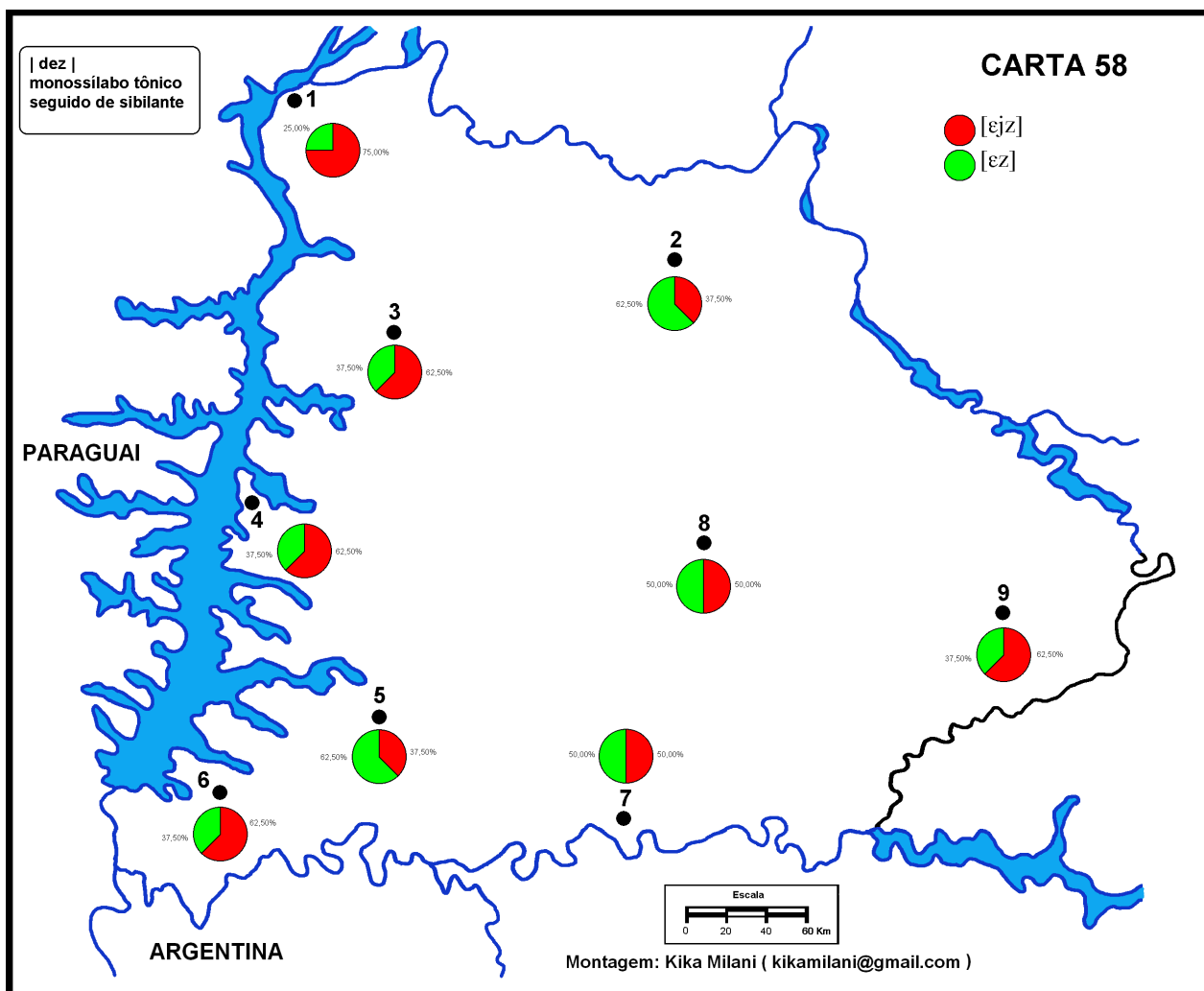


FIGURA 20 – Carta Linguística 58 - *Dez*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

A figura 21, referente à carta 60 - *Arroz*, com as variantes para a tônica seguida de sibilante em final de palavra, registra a manutenção da forma. Destacam-se, porém, os pontos **03** - Marechal Cândido Rondon e **09** - Guaraniaçu. O primeiro, pela homogeneidade dos colonizadores, descendentes alemães, e, nesse caso, precisamos avaliar a dimensão topoestática e topodinâmica dos informantes (THUN, 1998), ou seja, a mobilidade geográfica (estudo, trabalho, e outras atividades na zona rural e urbana).⁷⁹

⁷⁹ A dimensão topoestática e topodinâmica não foi adotada como uma variável de controle para a seleção dos informantes, pois não tínhamos por objetivo realizar um estudo contrastivo das falas rural e urbana.

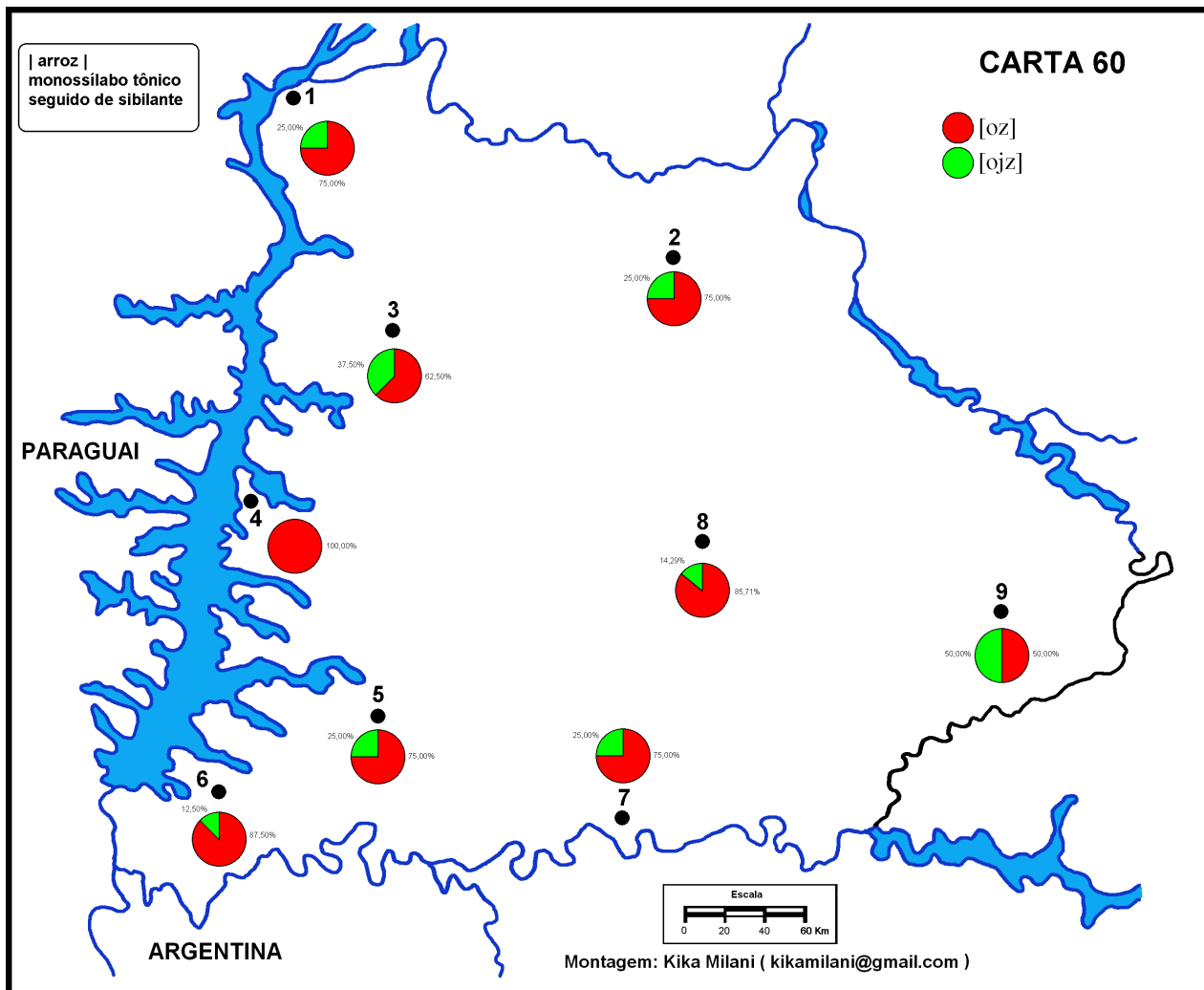


FIGURA 21 – Carta Linguística 60 - *Arroz*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Muito provavelmente, os dados socioculturais poderão fornecer algumas pistas com relação à manutenção da forma e adoção e implementação do ditongo.

Na sequência, apresentamos os gráficos com o registro da realização da vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra, na dimensão diasssexual, diageracional e diastrática. Na dimensão diasssexual, conforme o gráfico 02, os dados apresentam um equilíbrio na fala de homens e mulheres. Há uma tendência das mulheres para a manutenção da vogal tônica, e dos homens para a ditongação.

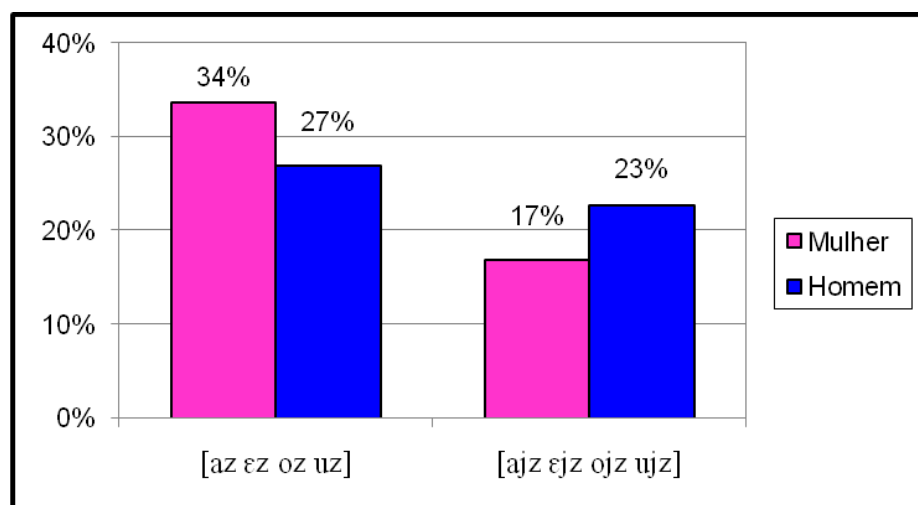


GRÁFICO 02 – Distribuição diasssexual das variantes para a vogal tônica seguida de sibilante, em final de palavra

Na dimensão diageracional, gráfico 03, conforme podemos observar, não há diferenças, com relação à realização dos fenômenos, na fala dos mais velhos e dos mais jovens. A ditongação da vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra não é, portanto, uma variação diageracional.

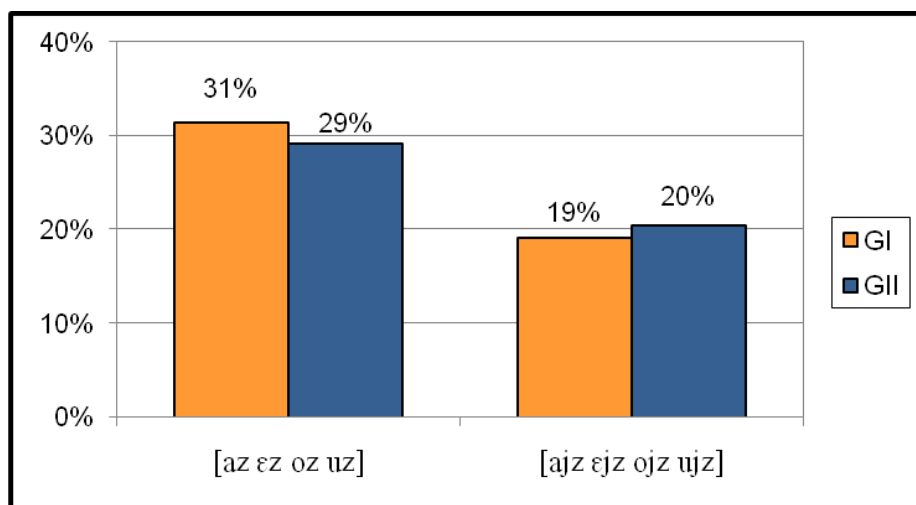


GRÁFICO 03 – Distribuição diageracional das variantes para a vogal tônica seguida de sibilante, em final de palavra

Os dados registrados, no gráfico 04, para a dimensão diastrática, indicam a alternância das variantes entre os falantes com baixa escolaridade, enquanto os falantes com Ensino Médio incompleto se destacam na monotongação.

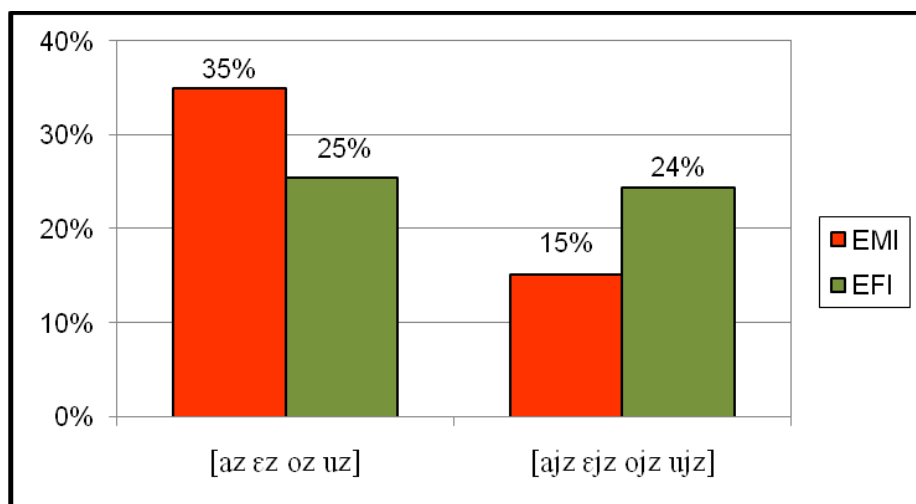


GRÁFICO 04 – Distribuição diastrática das variantes para a vogal tônica seguida de sibilante, em final de palavra

Segundo os dados apresentados nos gráficos, as mulheres e os informantes com Ensino Médio incompleto conservam a monotongação, enquanto os homens e os informantes com Ensino Fundamental incompleto se destacam no registro da ditongação. As ocorrências, no interior das dimensões, indicam que as variáveis sociais atuam na adoção de uma forma considerada prestigiada, presente no ambiente escolar, por parte de um grupo, as mulheres e os mais escolarizados.

5.1.2 Variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra

Hora e Lucena (2008, p. 360) destacam que o processo de monotongação “não é um fenômeno exclusivamente sincrônico. De fato, a tendência a evitar ditongos, transformando-os em vogais simples, é atestada no português ao longo de toda a sua história”. A partir de pesquisas que se dedicaram à descrição do fenômeno da monotongação no português brasileiro, Hora e Lucena (2008, p. 361) apresentam algumas generalizações:

- i) dos ditongos orais decrescentes passíveis de monotongação, o ditongo [aj] é o que menos favorece a aplicação da regra. A explicação para isto parece estar no número elevado de palavras monossilábicas que existem com [aj] e o pouco favorecimento da redução nestes monossílabos;
- ii) o ditongo [ow] sofre redução em quaisquer contextos e independentemente das variáveis sociais. Os altos índices referentes à aplicação da regra indicam tratar-se de um estado de mudança praticamente consumado.
- iii) o ditongo [ej] é o segundo maior favorecedor do processo de monotongação, exceto quando em posição final, quando é quase categórica a sua retenção. A explicação também certamente reside em restrições relacionadas à tonicidade.

No Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), a monotongação é registrada na carta 159 – *Moleira*, figura 22. Os dados documentam a ocorrência da variante em todo o território paranaense, com pontos de manutenção do ditongo no litoral e no Norte.

Na região Oeste, nos pontos destacados na carta, é registrada a variante monotongada.

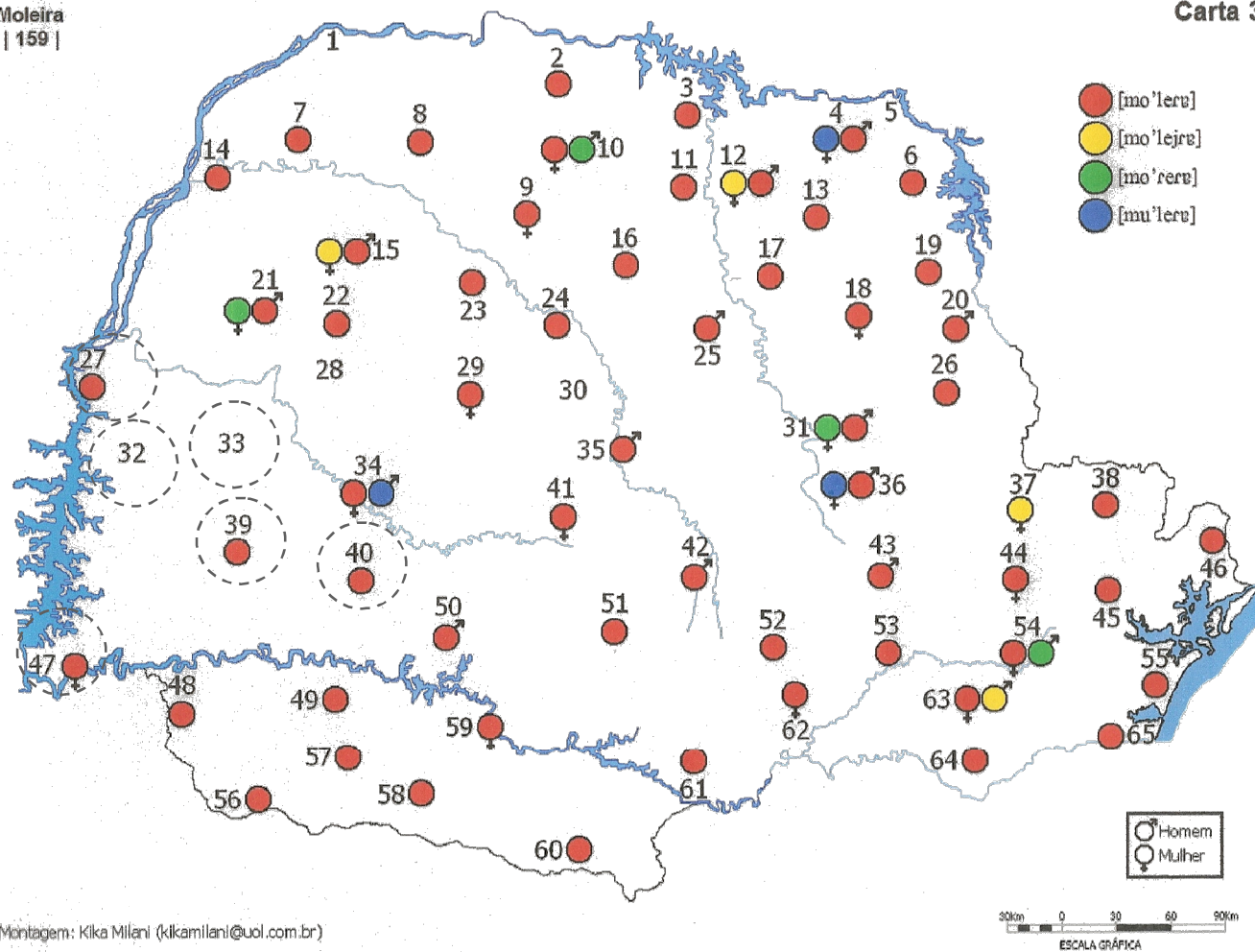


FIGURA 22 – Carta Linguística 329 – *Moleira*
Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007, p. 297)

Na figura 23, referente à carta 25 – *Queixo*, do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), a monotongação também é registrada com vitalidade, nos pontos em vermelho. Porém, a carta documenta a manutenção do ditongo em três pontos, aqueles em que os núcleos de colonização sulista foram mais concentrados: **179** – Palotina; **185** - Marechal Cândido Rondon e **190** - Santa Helena.

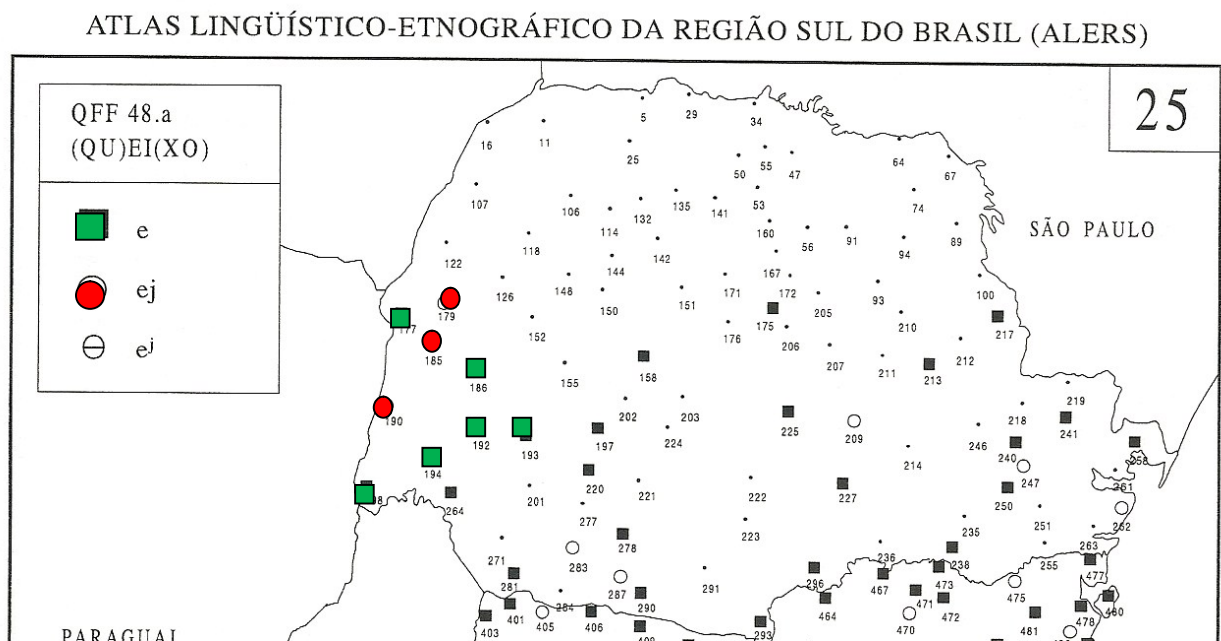


FIGURA 23 – Carta Linguística 25 - (QU)EI(XO)

Fonte: Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002, p. 91)

Para o estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná, das oito questões do questionário fonético-fonológico, que buscam o registro das variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra, selecionamos quatro: *peneira*, *tesoura*, *caixa* e *travesseiro*.

Quanto ao contexto linguístico, todas apresentam o ditongo na sílaba tônica, duas no interior da palavra e uma no início. Conforme podemos observar na tabela 02, na sequência, há uma tendência para a monotongação na fala dos

informantes da região, pois os índices ficam muito próximos dos 50%, ultrapassando em *peneira* (71%), *tesoura* (56%) e *travesseiro* (59%).

TABELA 02 - Variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra

PALAVRA	CARTA	CONTEXTO FONOLÓGICO	REALIZAÇÕES	
PENEIRA	73	Ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra	[e]	[ej]
			71%	29%
TESOURA	74	Ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra	[o]	[ow]
			56%	44%
CAIXA	75	Ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra	[a]	[aj]
			45%	55%
TRAVESSEIRO	76	Ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra	[e]	[ej]
			59%	41%
TOTAL			58%	42%

Conforme os dados da tabela 02, o ambiente linguístico para a ocorrência da ditongação pode ser descrito: (i) pela sílaba tônica; (ii) pela extensão da palavra (três ou mais sílabas); (iii) pelo contexto seguinte, o tepe [r] ou a fricativa alveopalatal surda [ʃ].

Segundo Hora,⁸⁰ pesquisas realizadas acerca da monotongação “revelam que o [ow] praticamente já se constitui em uma regra devido a seus altos índices de ocorrência.” No grupo C, mantém-se a sílaba tônica, porém a extensão da palavra muda para duas sílabas, assim como o contexto seguinte, a fricativa alveopalatal surda [ʃ]. Segundo Araújo (1999, p. 50), há um alongamento, do ponto de vista articulatorio, da vogal tônica, o que favorece a incidência da monotongação nas sílabas tônicas.

A ocorrência das variantes [aj], [ej] e [ow] e [a], [e] e [o] também está relacionada à evolução da própria língua, ou seja, ao fato diacrônico, conforme explicita Araújo,

A distinção entre glides vocálicos e consonantais é fonológica, e está vinculada, assim como a proposta de Bisol, ao fato histórico de que a fonte latina dos ditongos indica que muitos deles evoluíram a partir da

⁸⁰ Disponível em: <www.santiago.cu/hosting/linguistica/Descargar.php?archivo>. Acesso em: 22 jan. 2010.

vocalização de uma consoante de coda (daí glide consonantal), p. ex. leite < *lacte*, e tende a ser preservado; enquanto outros sofreram uma regra de inserção ou metátese, i.e, a semivogal ora foi inserida ou transportada de um lugar a outro dentro do vocábulo (daí glide vocálico), p.ex., cadeira < *cathedra*, madeira < *materia*. Este glide tende a ser perdido. (ARAÚJO, 1999, p. 51).

Meneghini (1983), em estudo dos ditongos presentes na fala de informantes de uma localidade do Rio Grande do Sul, conclui que o fenômeno da monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [oj] ocorre em determinado contexto linguístico e extralinguístico. Quanto ao contexto linguístico, destaca-se o contexto seguinte para os ditongos:

- a monotongação de [ej] acontece diante dos fonemas [r, ʃ, ʒ ou g];
- a monotongação de [aj] acontece diante do fonema [ʃ];
- a monotongação de [ow] não segue uma regra específica, mas ocorre em qualquer ambiente.

Aragão, em análise das ocorrências de monotongação na fala de informantes do estado do Ceará, nos dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil/ALiB, afirma que, além do contexto fonológico, a extensão da palavra também cria um ambiente favorecedor ao fenômeno, pois, quanto maior a palavra, mais ocorre a monotongação. Os dados ainda revelam, segundo a autora, que se trata de uma variante social em que se destaca o estilo de fala, além de realizar-se em contexto fonético-fonológico favorável.

Paiva (1996), ao desenvolver uma análise quantitativa da monotongação, considerando as variáveis de ordem fonética (ponto e modo de articulação do fonema seguinte ao ditongo), de ordem fonológica (extensão da palavra, tonicidade da sílaba em que ocorreu o ditongo) e morfológica (radical ou sufixo), chegou às seguintes conclusões: o modo e o ponto de articulação das consoantes criam um ambiente favorável à queda da semivogal; a natureza da vogal de base do ditongo também pode favorecer a ocorrência da monotongação.

Considerando as conclusões de Paiva, encontramos nas ocorrências de *peneira* e *travesseiro* a comprovação da regra de queda da semivogal na presença do tepe. Em *caixa*, encontramos um equilíbrio na frequência das ocorrências, com a

manutenção do ditongo. A explicação pode estar relacionada, conforme Aragão, à extensão da palavra.

Os dados dispostos no gráfico 05 relevam a predominância da monotongação nos pontos **01** – Guaíra, **04** – Santa Helena, **05** – Medianeira, **07** – Capitão Leônidas Marques e **09** – Guaraniaçu, e pontos com menor incidência: **02** – Assis Chateaubriand, **03** – Marechal Cândido Rondon e **06** – Santa Terezinha de Itaipu.

Os registros da monotongação não seguem o trajeto dos colonizadores pela região, pois ocorrem com vitalidade (índices de mais de 50%) na fala de informantes em localidades povoadas por grupos diferentes, mas que, no processo de urbanização, apresentam elementos semelhantes (industrialização, alagamento de terras devido à construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, trânsito de turistas e compristas). Ou seja, a imigração recente, nesses pontos, pode atuar como aspecto motivador para o registro da monotongação na fala.

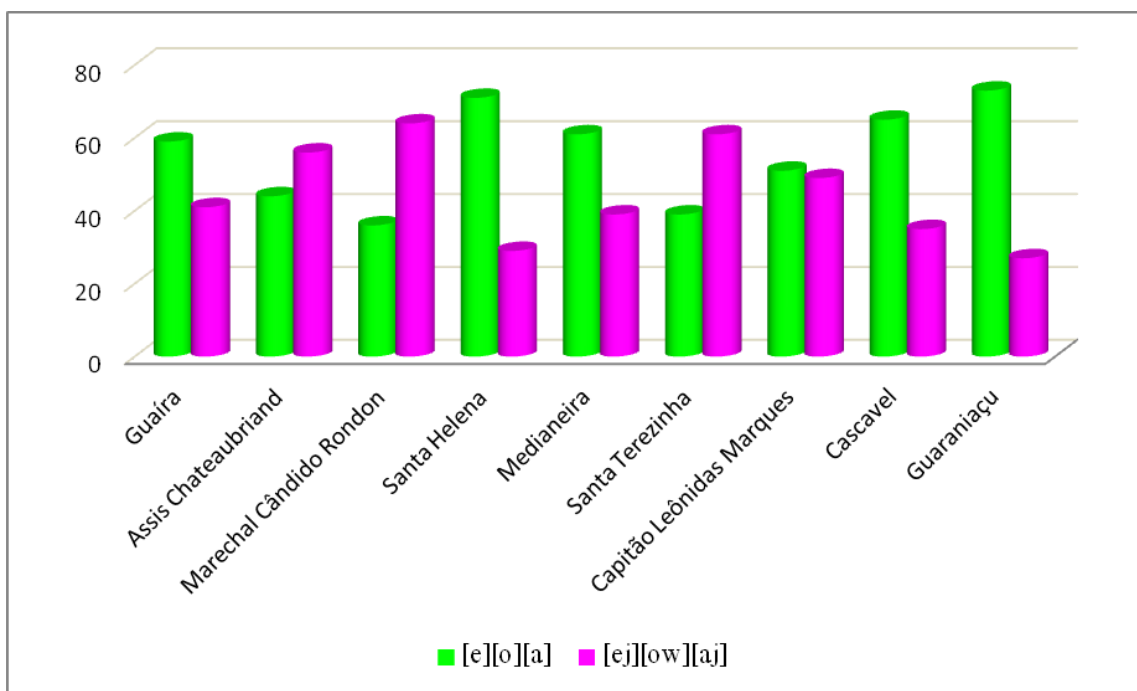


GRÁFICO 05 – Distribuição diatópica das variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra

Na figura 24, referente à carta 76 – *Travesseiro*, podemos observar a distribuição diatópica das variantes, na região Oeste do Paraná, com formação de áreas de (ii) manutenção do ditongo, na área mais central, nos pontos **02** – Assis Chateaubriand, **03** – Marechal Cândido Rondon, **08** – Cascavel, e um ponto isolado, **06** – Santa Terezinha de Itaipu; (ii) de adoção e implementação da monotongação, na área mais ao sul, nos pontos **09** – Guaraniáçu, **07** – Capitão Leônidas Marques, **05** – Medianeira, **04** Santa Helena e **01** – Guaíra.

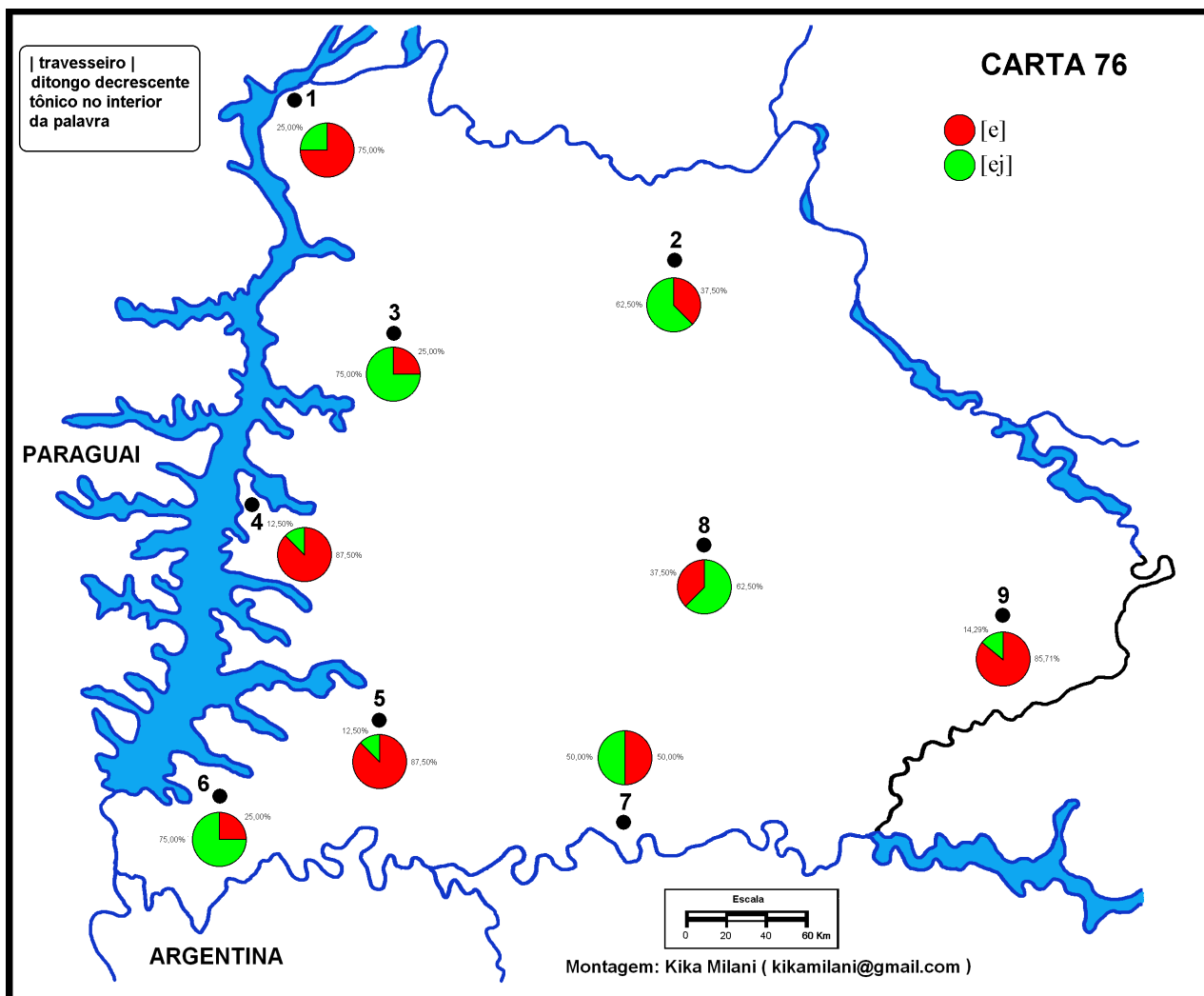


FIGURA 24 – Carta Linguística 75 – *Travesseiro*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Na dimensão sociocultural, conforme os gráficos apresentados a seguir, a faixa etária e a escolaridade atuam como contextos favoráveis à adoção da monotongação ou manutenção do ditongo.

Os dados registrados, no gráfico 06, revelam que os fenômenos da ditongação e monotongação ocorrem na fala de homens e mulheres de forma equilibrada.

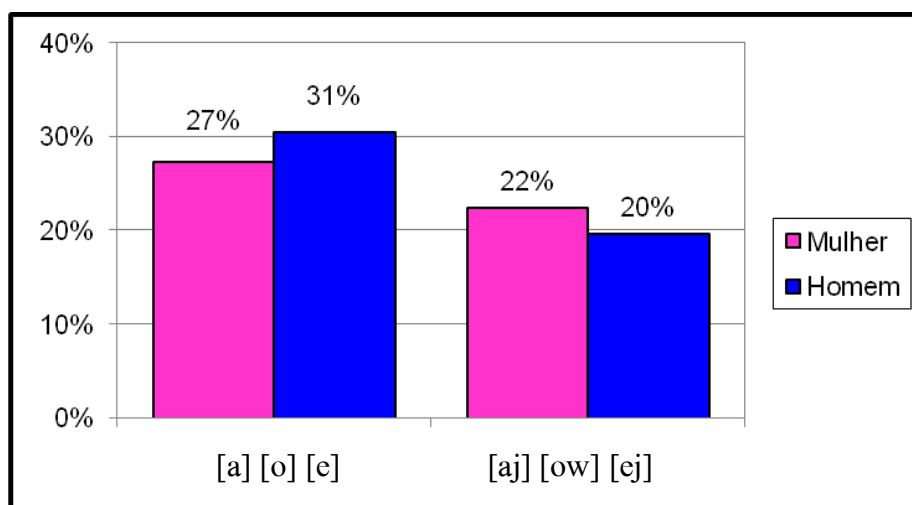


GRÁFICO 06 – Distribuição diasssexual das variantes para os ditongos decrescentes tônico no interior da palavra

Na dimensão diageracional, conforme o gráfico 07, podemos observar a mesma realidade registrada na dimensão diasssexual.

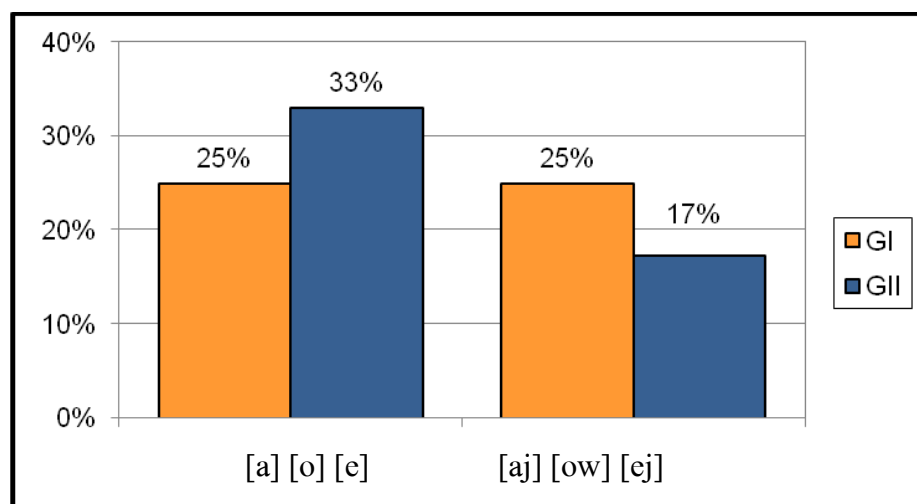


GRÁFICO 07 – Distribuição diageracional das variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra

No gráfico 08, podemos observar que da monotongação é registrada pelos dois grupos. É possível observar que os falantes sem escolarização e com Ensino

Fundamental incompleto se destacam na realização da monotongação, enquanto entre os falantes com Ensino Médio Incompleto há uma alternância entre os fenômenos.

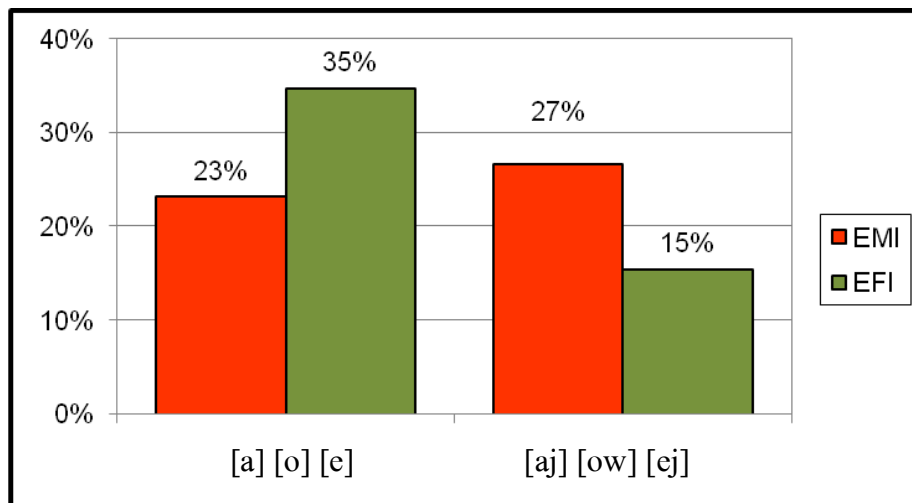


GRÁFICO 08 – Distribuição diastrática das variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra

Nos dados apresentados, com as variantes para os ditongos decrescentes átonos no interior da palavra, entre falantes da região Oeste do Paraná, podemos observar que algumas localidades se destacam na manutenção do ditongo, porém, não pertencem aos núcleos sulistas, como **02** - Assis Chateaubriand e **06** - Santa Terezinha de Itaipu. Com relação à monotongação, podemos observar, conforme o gráfico 05, que pontos pertencentes aos núcleos sulistas registram o fenômeno, como **04** - Santa Helena e **05** - Medianeira.

Na dimensão sociocultural, encontramos em todos os parâmetros (diassexual, diageracional e diastrático) um equilíbrio na realização da ditongação e da monotongação. Não pudemos, assim, identificar o grupo que estaria atuando na implementação da monotongação.

5.1.3 Variantes para os ditongos nasais finais

Segundo Battisti (2002, p. 183), ditongos nasais átonos *ão* e *em* realizam-se “variavelmente no português do Brasil, ora sem qualquer nasalidade (*órgu, falaru, homi, onti*), ora mantendo a nasalidade (*falaram, homem*). A nasalidade, conforme a autora, esteve presente na evolução do latim e do português, surgindo nesse último os ditongos nasais.

Hora e Lucena (2008, p. 354), sobre a redução dos ditongos nasais átonos, destacam tratar-se “de um fenômeno sincrônico variável no português do Brasil, encontrado nos falares de diferentes partes do território nacional, em falantes de perfis sócio-econômicos e culturais distintos”. Os autores retomam as conclusões de Battisti e afirmam que a atonicidade tem papel fundamental como desencadeador da redução do ditongo.

Battisti (2002, p. 185) destaca que, dentre os estudos variacionistas já realizados,⁸¹ sobre a redução dos ditongos nasais átonos, os resultados indicam a preponderância das variáveis linguísticas sobre as extralinguísticas. Atuam para a manutenção ou eliminação do ditongo as vogais e as consoantes, tanto no contexto precedente quanto seguinte. A tonicidade da palavra também é um fator determinante, além da classe morfológica. As pesquisas também revelam que se trata de uma variação em processo de mudança, pois é registrada mais na fala de jovens com baixa escolaridade.

Os dados colhidos para o presente estudo sobre o fenômeno da nasalização revelam um quadro estável com relação aos ditongos nasais. A variação encontra-se no registro de ocorrência de substituição do ditongo [ãw̃] por [õw̃].

Segundo Margotti (2004, p. 12), o fenômeno é registrado na fala de descendentes de italianos, os quais podem, além de substituir a vogal baixa pela média posterior, realizar a nasalização eliminando o ditongo [fo'gãw̃] por [fo'goⁿ]. A explicação se dá pelo fato de a nasalização não existir na língua italiana.

Em análise aos dados coletados nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, entre descendentes italianos, Margotti conclui que, nos pontos em

⁸¹ GUY, G. R. Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade da Pensilvânia.

VOTRE, S. J. Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro. 1978. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

que é menor a presença de italianos, seja pela presença de outras etnias, ou pela expansão demográfica, com afluxo de pessoas de outras regiões, ocorrem “os mais altos índices percentuais de emprego da variante [ãw̃]. Isso significa que nesses lugares a maior difusão da variante portuguesa se deve justamente à maior presença do português”.

Na região Oeste, segundo os dados colhidos para esta pesquisa, é possível observar o mesmo quadro. Nos pontos em que se formaram os núcleos de colonização sulista, **05** – Medianeira e **06** – Santa Terezinha de Itaipu, a variante não é registrada. Acreditamos que o fato esteja relacionado à posição geográfica dos dois municípios (às margens da BR 277, rota de passagem para Foz do Iguaçu; convívio com os grupos que se instalaram na área após a construção da hidrelétrica de Itaipu; abandono da língua de origem – o italiano).

Das sete palavras, do questionário fonético-fonológico, com ocorrência de ditongos nasais, apresentamos, na tabela 03, os registros das ocorrências das variantes para os ditongos nasais finais para: *perdão*, *passagem* e *homem*.

TABELA 03 - Variantes para os ditongos nasais finais

PALAVRA	CARTA	CONTEXTO FONOLÓGICO	REALIZAÇÕES		
PERDÃO	79	Ditongos nasais finais	[ãw̃]	[õw̃]	
			99%	1%	
PASSAGEM	78	Ditongos nasais finais	[ẽj]	[e]	[i]
			32%	14%	54%
HOMEM	77	Ditongos nasais finais	[ẽj]	[e]	[i]
			50%	19%	31%

A ocorrência de variantes na realização das vogais nasais átonas é registrada com o ditongo nasal [ẽj], com a supressão da nasalidade [e] e com a elevação da vogal anterior média-alta, para vogal anterior alta [i].

É possível observar uma diferença na ocorrência das variantes entre o ditongo nasal e a elevação da vogal. A explicação pode estar relacionada à extensão das palavras; porém, é necessário um estudo mais aprofundado para confirmar a hipótese.

Com relação à variante do ditongo nasal [õw̃], não registramos ocorrências significativas na dimensão diatópica, tampouco na dimensão sociocultural, uma vez que foi registrada no ponto **08** - Cascavel, com informante do sexo masculino, da GII, do EFI.

A seguir, no gráfico 09, apresentamos os registros diatópicos das variantes para os ditongos átonos finais em *passagem* e *homem*. A realização do ditongo nasal é registrada com incidência acima de 50%, em dois pontos: **01** – Guaíra e **08** - Cascavel.

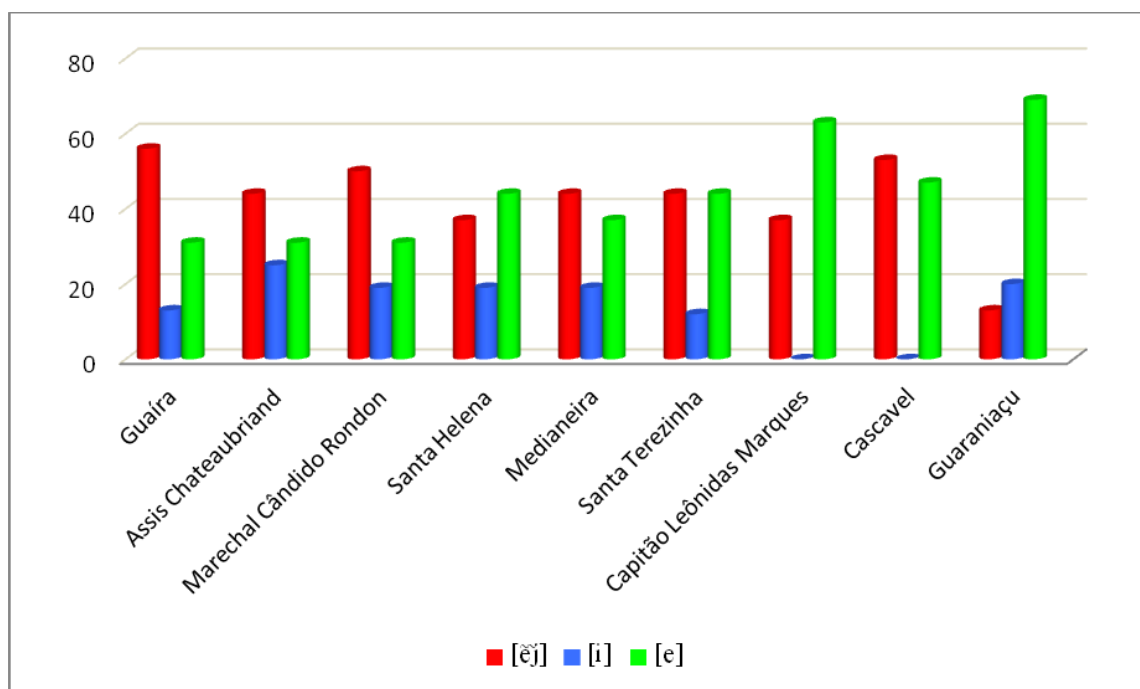


GRÁFICO 09 – Distribuição diatópica das variantes para os ditongos nasais finais

A seguir, na figura 25, referente à carta 77 – *Homem*, são registradas as ocorrências diatópicas das variantes para o ditongo nasal final. Como podemos observar, o ditongo predomina em toda a região, enquanto a queda da nasalidade e o monotongo ocorrem nos pontos que apresentam maior heterogeneidade cultural, ponto **02** – Assis Chateaubriand e ponto **09** – Guaraniáçu.

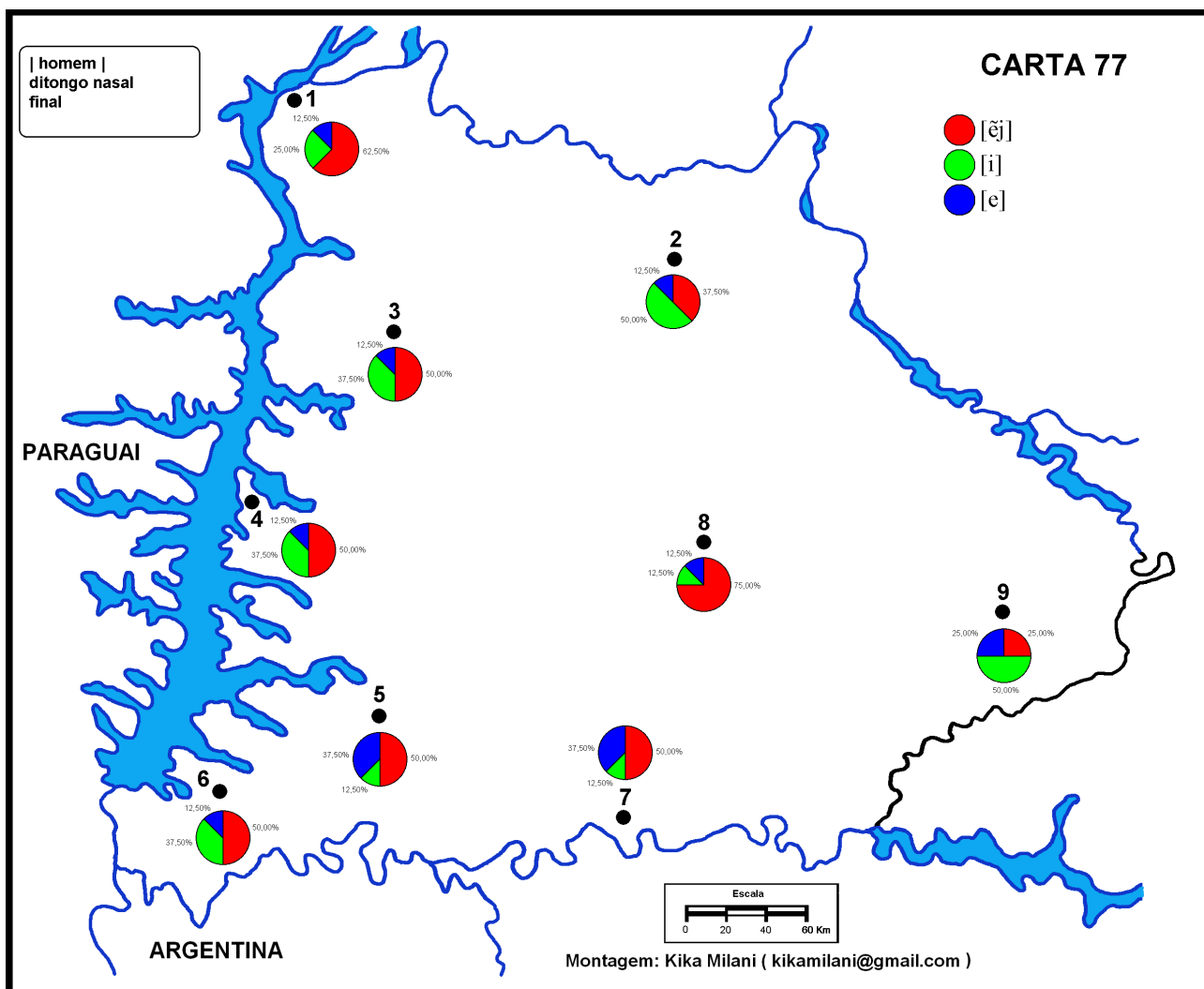


FIGURA 25 – Carta Linguística 77 – *Homem*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

No ponto **08** – Cascavel, encontramos maior incidência de manutenção do ditongo nasal, por se tratar de uma cidade polo na região Oeste. O fenômeno indica uma atitude mais cuidadosa do falante com relação à variante, por esta carregar um estigma social. Trata-se de uma hipótese que poderá ser confirmada com os dados socioculturais, e com uma investigação sobre as crenças e as atitudes do falante com relação às formas que avalia como rurais, urbanas, prestigiadas e desprestigiadas da fala.

No que concerne à variável gênero, conforme as ocorrências apresentadas no gráfico 10, não há uma diferença representativa no registro das variantes.

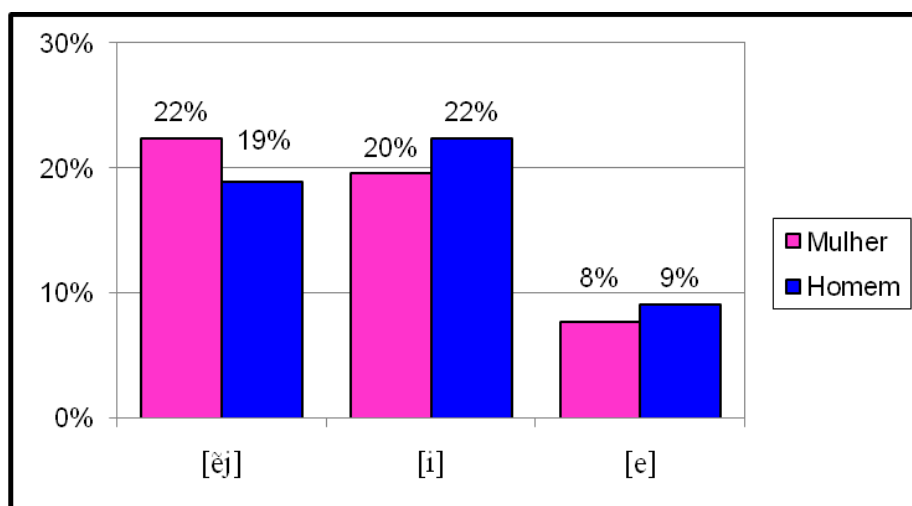


GRÁFICO 10 – Distribuição diasssexual das variantes para ditongos nasais finais

A mesma realidade é encontrada na dimensão diageracional, gráfico 11, entre falantes da GI (18 a 35 anos) e falantes da GII (45 a 65 anos).

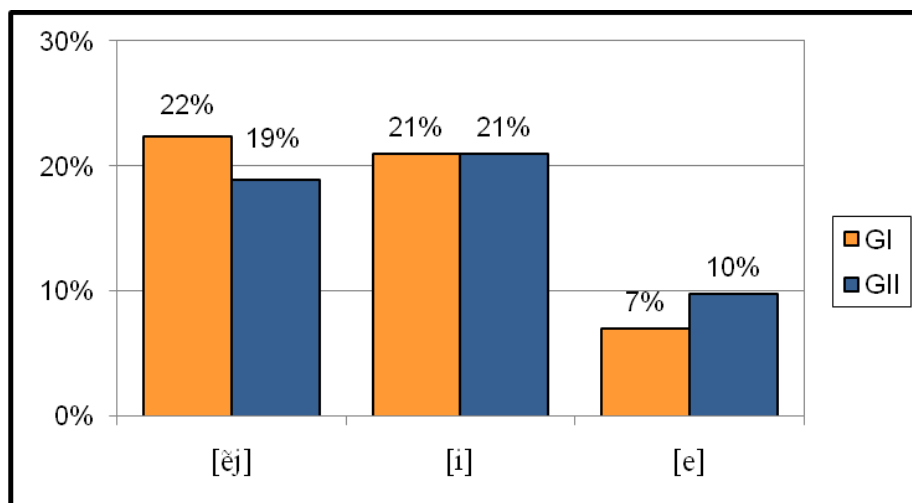


GRÁFICO 11 – Distribuição diageracional das variantes para os ditongos nasais finais

Na dimensão diastrática, segundo os dados apresentados no gráfico 12, podemos observar novamente um equilíbrio na manutenção do ditongo e na redução.

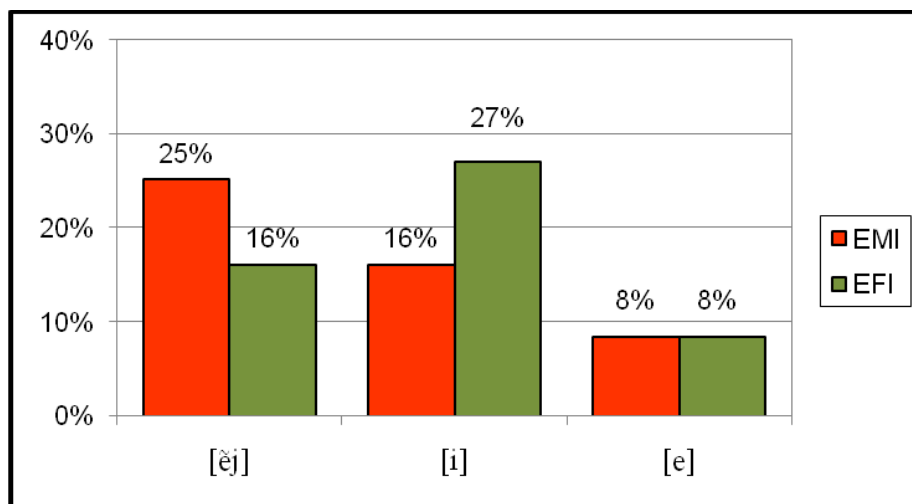


GRÁFICO 12 – Distribuição diastrática das variantes para ditongos nasais finais

A descrição dos ditongos nasais átonos finais e suas variantes, na fala do Oeste do Paraná, não se esgota aqui; antes, merece um levantamento das variantes na conversa espontânea para uma análise pormenorizada. Os dados nos permitem

pontos de alternância das variantes: **04** – Santa Helena, **05** – Medianeira, **06** – Santa Terezinha de Itaipu e **08** – Cascavel. A redução do ditongo predomina no ponto **09** – Guaraniaçu, mas também se destaca em **07** – Capitão Leônidas Marques.

5.1.4 Variantes para a oclusiva dental surda e sonora em sílaba átona, final de palavra

Segundo Battisti e Hermans (2008, p. 1), a palatalização das consoantes oclusivas dentais ocorre no português brasileiro tanto com a vogal alta subjacente /i/ em posição tônica e átona quanto com [i] fonético elevado de /e/ em posições átonas em contexto seguinte, como em [me'dʒidø], [ˈmɛdʒiko] e [toˈmatʃi]. Além do contexto linguístico, os autores identificam a variável geográfica do fenômeno, que se distribui pelo Brasil, apresentando mais vitalidade em algumas regiões e localidades do que em outras.

Considerando a palatalização um processo variável, condicionado socialmente, e regido por princípios estruturais (BATTISTI; HERMANS, 2008, p. 283), a descrição do fenômeno pressupõe a correlação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos, para identificar: (i) o *status* que a variante assume na fala do Oeste do Paraná; (ii) a manutenção da vogal média anterior átona; (iii) a elevação da vogal.

A Carta 334 – *Bigode*, do ALPR II (ALTINO, 2007), figura 26, documenta a palatalização da oclusiva dental sonora [d] em todo o norte do Paraná, em oposição à dental, na parte sul. A região Oeste apresenta pontos em que se registram as variantes [di] e [dʒi], o que pode indicar um estágio de transição entre a dental e a africada alveopalatal sonora.

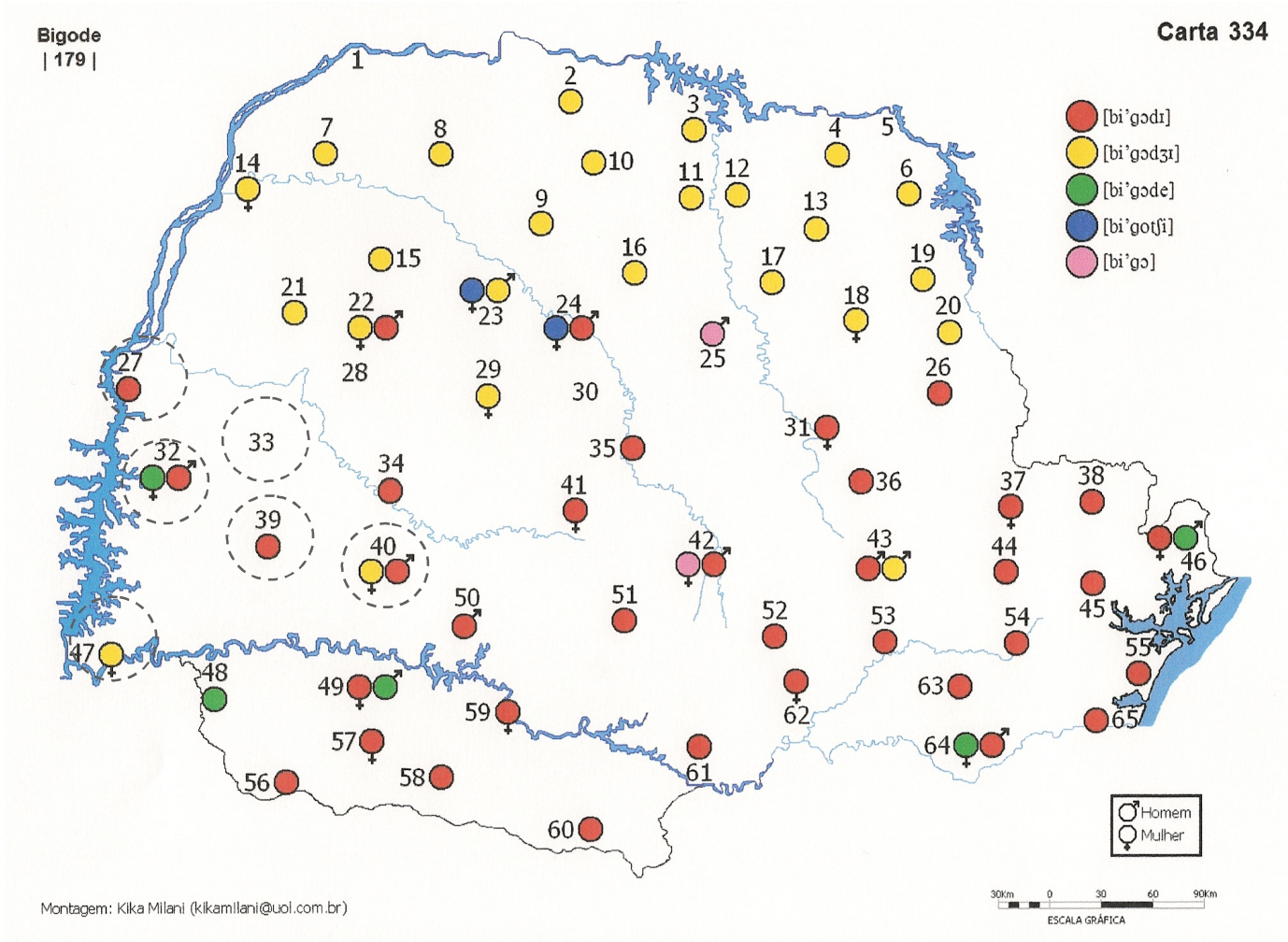


FIGURA 26 – Carta Linguística 334 – *Bigode*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II
 (ALTINO, 2007, p. 307)

Segundo Câmara Júnior (1986, p. 186), a palatalização corresponde a uma “mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, em virtude do desdobramento da parte média da língua no palato médio.”

Sobre o fenômeno, Monaretto, Quednau e Hora (2001, p. 221) afirmam que,

como resultado de um processo assimilatório, as consoantes oclusivas dentais do Português [t], [d], sob influência da vogal [i] ou do glide [y], tornaram-se palatalizadas. Este fenômeno linguístico ocorre, como veremos, em regiões diversas do Brasil, e pode ser analisado diferentemente, a depender da perspectiva teórica que se considere.

A palatalização das oclusivas dentais possui um *status* linguístico e social, e está relacionada à criação de um ambiente linguístico favorável à sua ocorrência, e também à sua adoção pelos diferentes grupos sociais. Pesquisas revelam a realização total da palatalização na presença da vogal anterior alta [i] em determinadas localidades, mas, também, fases de transição entre a palatal e a dental, dependendo do contexto linguístico e da incidência do uso da palavra pelo grupo inovador.

Abaurre e Pagotto (2002, p. 567), em pesquisa sobre o fenômeno da palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil a partir de variáveis linguísticas e extralinguísticas, chegam a algumas conclusões sobre a implementação da variante, tanto no plano estrutural, quanto geográfico. O Brasil teria, segundo os autores, uma grande tendência à palatalização, tendo seu ponto de dispersão no Sudeste (Rio de Janeiro) e Nordeste (Bahia), para depois surgir em São Paulo e no Sul (Porto Alegre). Quanto às variáveis sociais, a idade demonstrou ser um fator relevante, mas que também depende da ocorrência do fenômeno em determinadas áreas.

No nível linguístico, destaca-se a consoante surda, que apresenta, segundo os dados, um ambiente propício à ocorrência da palatalização, além dos contextos antecedente e seguinte.

Em pesquisas desenvolvidas no Rio Grande do Sul, em comunidades de descendência alemã (BISOL, 1986), constatou-se que a palatalização está

condicionada à elevação da vogal média anterior. No contexto precedente, a vibrante, em comunidades italianas, apresentou-se como ambiente favorável para o fenômeno, como em *tarde*; já em comunidades alemãs, a lateral exerceu esse papel, como em *balde* (BISOL, 1991).

No contexto extralinguístico, os mais jovens apresentam um número maior de ocorrências, acompanhados das mulheres, que aderiram ao fenômeno, levando a supor, conforme Oliveira (2007, p. 63), que as variantes africadas alveopalatais “são formas linguísticas prestigiadas em distintas regiões de pesquisa, pois foram as mulheres que as empregaram com mais frequência.”

Segundo Paula (2006, p. 77), em estudo sobre o fenômeno da palatalização em duas localidades do estado do Rio Grande do Sul, atuam como contextos precedentes favoráveis para o registro da fricativa africada alveopalatal, o fonema nasal, como em *gente*, e a vibrante, como em *perdido*, entre outros.

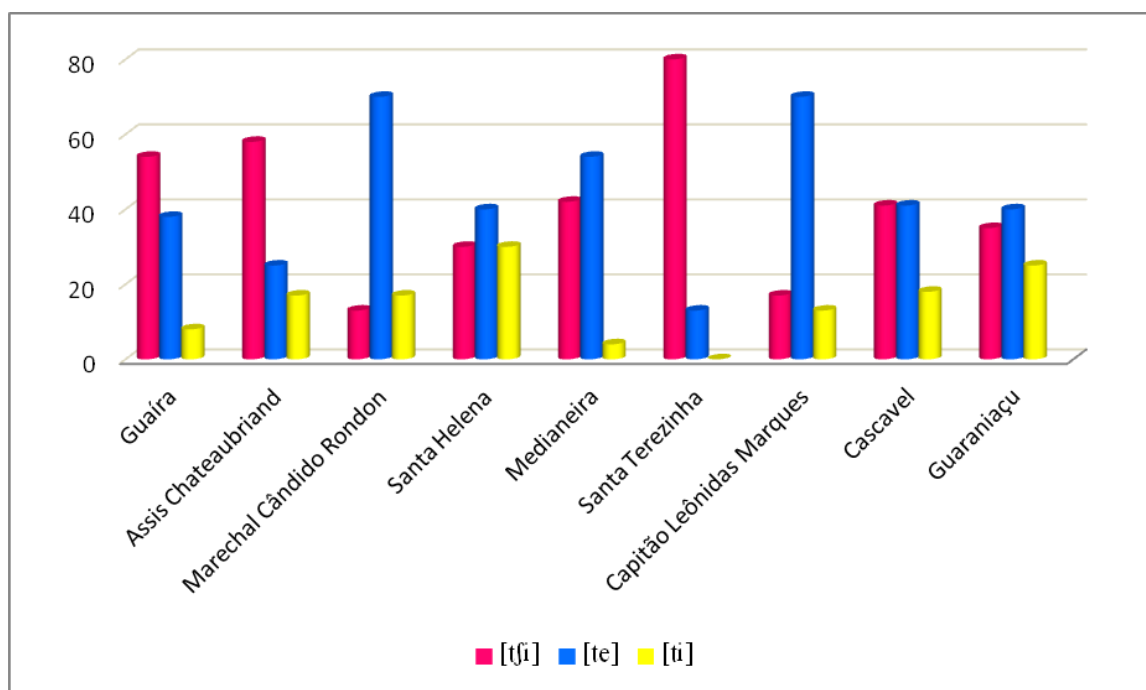
Para o presente estudo, selecionamos as palavras *dente*, *noite* e *tarde* para a análise da realização da oclusiva dental surda e sonora em sílaba átona final. Conforme podemos observar na tabela 04, de ocorrência das variantes para a oclusiva dental postônica final, na fala de informantes do Oeste paranaense, temos a oclusiva dental surda [t] e sonora [d], a africada alveolar [ts] e a africada alveopalatal surda [tʃ] e sonora [dʒ].

No contexto linguístico, as regras descritas pelos estudos acima se aplicam aos registros coletados. Destaca-se, contudo, que a manutenção da dental na fala dos informantes ainda é representativa, como em *dente* e *noite*. Um dos fatores pode estar relacionado à elevação da vogal média anterior, mas outros fatores também podem atuar para o quadro que se apresenta. Cabe, portanto, um estudo mais detalhado e aprofundado para encontrar as regras para o registro das variantes.

TABELA 04 – Variantes para a oclusiva dental surda e sonora em sílaba átona final

PALAVRA	CARTA	CONTEXTO FONOLÓGICO	REALIZAÇÕES		
			[te]	[ts]	[tʃi]
DENTE	81	Sílaba átona final	[te]	[ts]	[tʃi]
			53%	11%	36%
NOITE	82	Sílaba átona final	[te]	[ti]	[tʃi]
			40%	15%	45%
TARDE	80	Sílaba átona final	[de]	[di]	[dʒi]
			26%	26%	47%

Diatopicamente, conforme o gráfico 13, nos pontos **03** - Marechal Cândido Rondon e **05** - Medianeira, podemos atribuir a manutenção da dental ao povoamento sulista (descendentes alemães e italianos) e à formação de núcleos culturais mais homogêneos. No ponto **07** - Capitão Leônidas Marques, a ocorrência dental pode estar relacionada à posição geográfica do município, próximo do Sudoeste do estado. O mesmo ocorre com o ponto **09** - Guaraniáçu, que apresenta um trânsito de moradores de áreas ligadas à região central do Paraná, como Laranjeiras do Sul.

**GRÁFICO 13** – Distribuição diatópica das variantes para a oclusiva dental surda em sílaba átona final

O fenômeno da palatalização concentra-se em pontos que abrigaram, durante a formação histórica, momentos distintos quanto à presença de grupos originários do Sudeste e do Nordeste do Brasil, e do Norte do Paraná. No primeiro grupo, estão Guaíra, durante a fase hortelaneira, e Assis Chateaubriand, com a colonização realizada quase que totalmente por grupos advindos do Norte do Paraná; no segundo, está Santa Terezinha de Itaipu, em que a presença de grupos distintos daqueles que a colonizaram (catarinenses e gaúchos, descendentes de italianos) se deu na década de 1980, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

O mesmo ocorre na Carta 188 – Isófono da sílaba final de *Ponte*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), figura 27. A realização da dental [tɕ] concentra-se na área mais ao sul do estado, e o percorre do litoral à região Oeste, onde se verifica a formação de uma área de coocorrência com outras formas, principalmente nos pontos **33** - Assis Chateaubriand e **39** - Cascavel.

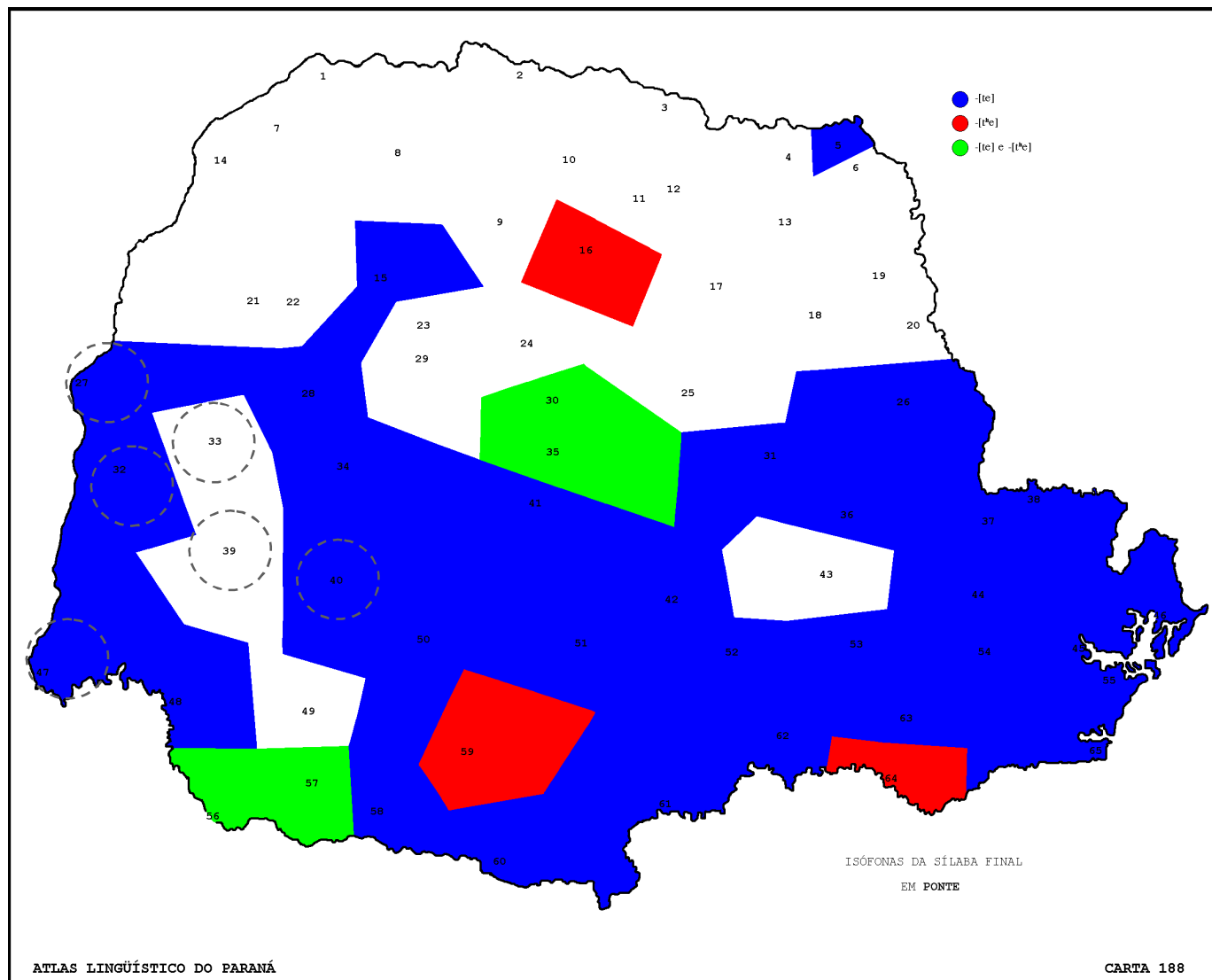


FIGURA 27 – Carta Linguística 180 - Isófona da sílaba final em *Ponte*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 399)

Na sequência, a Carta 82 – *Noite*, figura 28, apresenta o registro das variantes para a consoante oclusiva dental surda, dividindo a região Oeste em áreas de maior e menor concentração dos traços: (i) ao noroeste, o predomínio da palatalização, nos pontos **01** – Guaíra, **02** - Assis Chateaubriand; (ii) ao sul e a oeste, a manutenção da dental, **07** – Capitão Leônidas Marques, **05** – Medianeira, **04** – Santa Helena e **03** Marechal Cândido Rondon. Destacam-se na carta os pontos que registram a alternância entre a dental e a africada alveopalatal, **09** – Guaraniaçu e **08** – Cascavel. O ponto **06** – Santa Terezinha de Itaipu surge na carta linguística como ponto isolado, entre aqueles que concentram a dental, registrando as maiores ocorrências de palatalização.

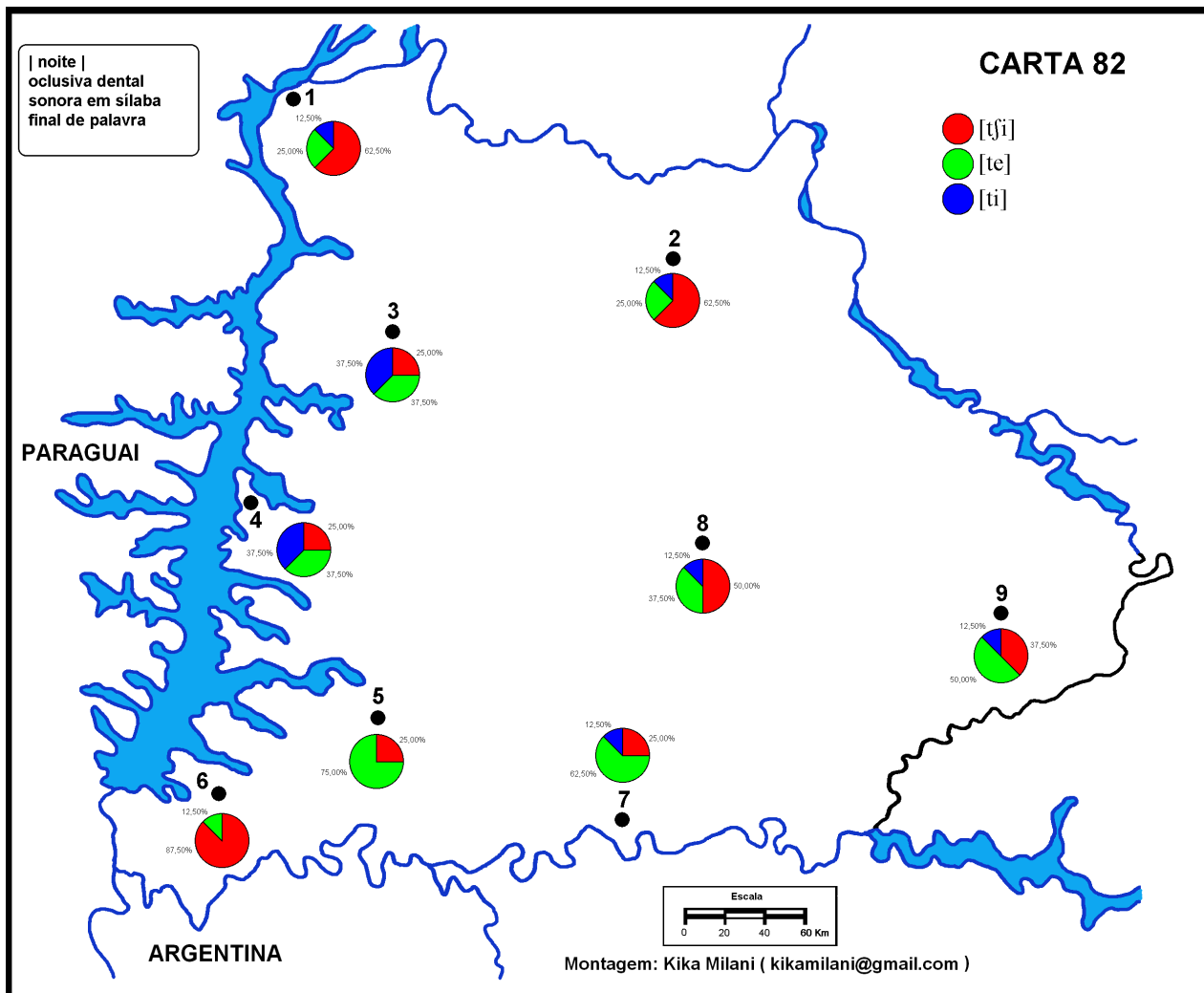


FIGURA 28 – Carta Linguística 82 – *Noite*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Com relação à palatalização da oclusiva dental sonora, os registros das ocorrências das variantes [dɕ], [di] e [dʒi] revelam que a implementação do fenômeno se encontra bem avançada, principalmente naquelas localidades que estão um pouco distantes dos núcleos sulistas de povoamento, como nos pontos **01** - Guaíra, **02** - Assis Chateaubriand, **06** - Santa Terezinha de Itaipu e **08** - Cascavel.

O gráfico 14 apresenta os dados diatópicos das variantes para a consoante oclusiva dental sonora. A variante africada alveopalatal [dʒi] é registrada com maior ênfase nos pontos **01** – Guaíra, **02** - Assis Chateaubriand, **06** – Santa

Terezinha de Itaipu e **08** – Cascavel. Essas localidades têm recebido, em diferentes momentos da história, grupos das regiões norte e central do Paraná e do nordeste e sudeste do Brasil.

Para a variante dental, os dados revelam pontos de concentração nas áreas nas quais se formaram os núcleos sulistas: **03** – Marechal Cândido Rondon e **05** – Medianeira. No ponto **09** – Guaraniáçu também é registrada a variante. A localidade não faz parte dessa área cultural mais homogênea, porém apresenta fluxo constante de pessoas vindas da região mais central do Paraná (Diamante do Sul, Laranjeiras do Sul).

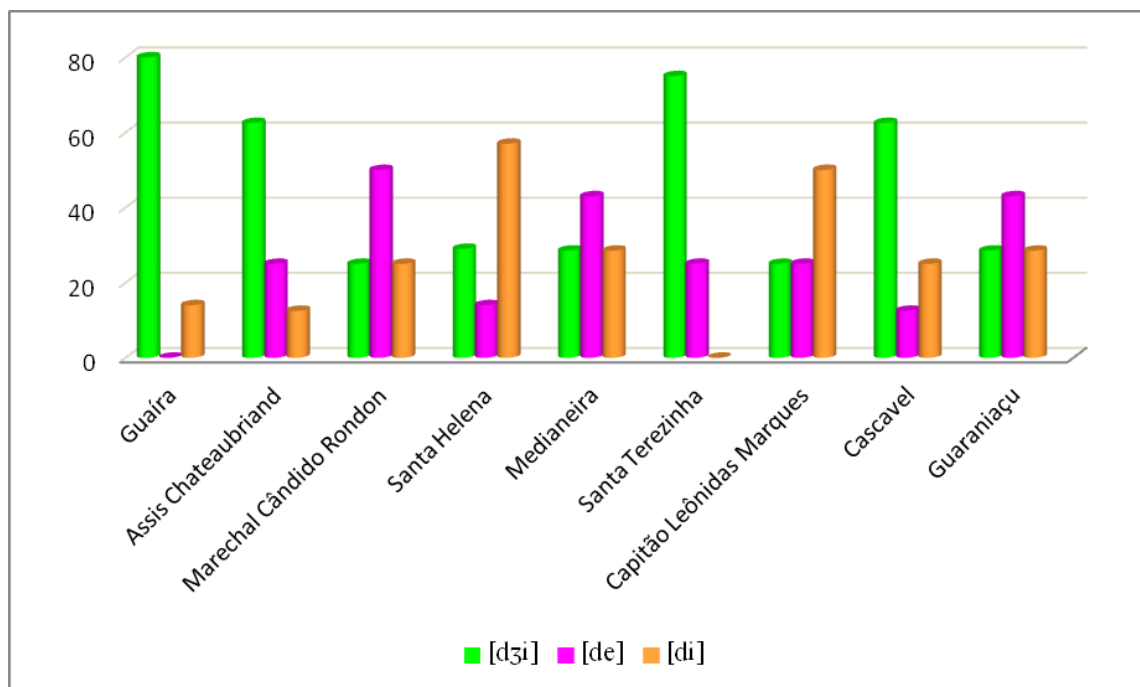


GRÁFICO 14 – Distribuição diatópica das variantes para a oclusiva dental sonora em sílaba átona final,

A seguir, na figura 29, Carta 80 – *Tarde*, podemos observar a distribuição areal das variantes e a formação de áreas e pontos de ocorrência. A variante africada alveopalatal sonora é registrada mais evidência nos pontos **01** – Guaíra, **02** -Assis Chateaubriand, **08** – Cascavel e **06** – Santa Terezinha de Itaipu, confirmando a realidade documentada pelos registros da oclusiva dental surda. Nos

pontos **07** – Capitão Leônidas Marques, **05** – Medianeira e **03** Marechal Cândido Rondon predomina a oclusiva dental.

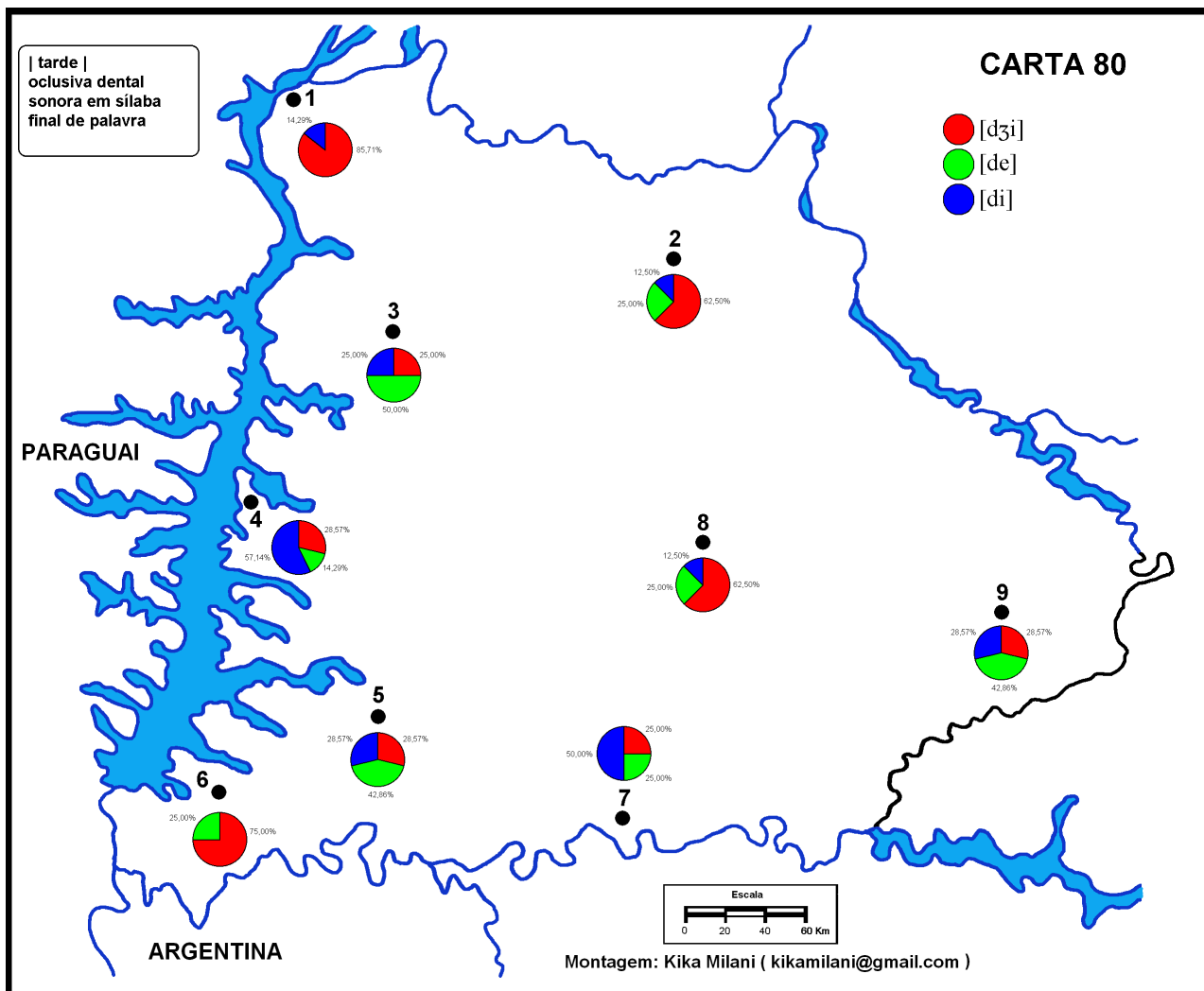


FIGURA 29 – Carta Linguística 80 – *Tarde*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Cabe agora verificar que extratos sociais são responsáveis pela manutenção da oclusiva dental e pela implementação da palatalização. Os gráficos a seguir apresentam as ocorrências das variantes a partir das variáveis diassexual, diageracional e diastrática.

As mulheres tomam a dianteira na palatalização, o que aponta para o prestígio que o fenômeno assume, confirmando o que já se afirmava em estudos

anteriores. Apenas na realização da africada alveopalatal surda [tʃ], a diferença entre os dois gêneros é maior, pois na variante sonora, os homens acompanham as mulheres, o que pode ser explicado pelo contexto linguístico, em que a sonoridade do fonema favorece a realização da palatal. Encontramos, assim, uma realidade linguística diferente da descrita por Abaurre e Pagotto (2002), que afirmam ser o fonema surdo o favorecedor da palatalização.

Destacamos que não se trata de uma descrição exaustiva das variantes para a oclusiva dental surda e sonora, o que demandaria um estudo mais detalhado. O que temos aqui são indícios da realização dos fenômenos e a proposição de algumas hipóteses a partir dos dados disponíveis.

Na dimensão diassexual, não há uma diferença significativa nos registros das variantes entre informantes masculinos e femininos. Os homens apresentam maiores realizações da oclusiva dental surda, conforme o gráfico 15, e as mulheres da palatalização.

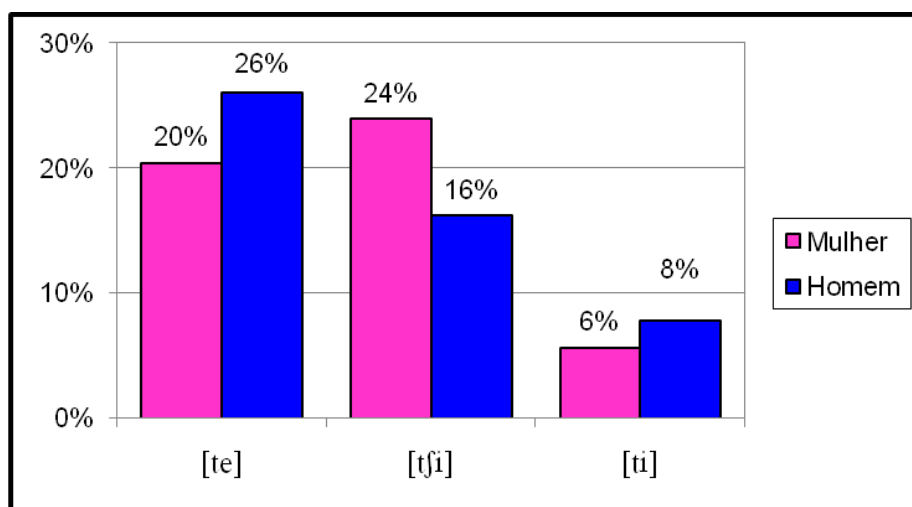


GRÁFICO 15 – Distribuição diassexual das variantes para a oclusiva dental surda em sílaba átona final

Quanto à oclusiva dental sonora, tanto homens quanto mulheres registram a palatalização.

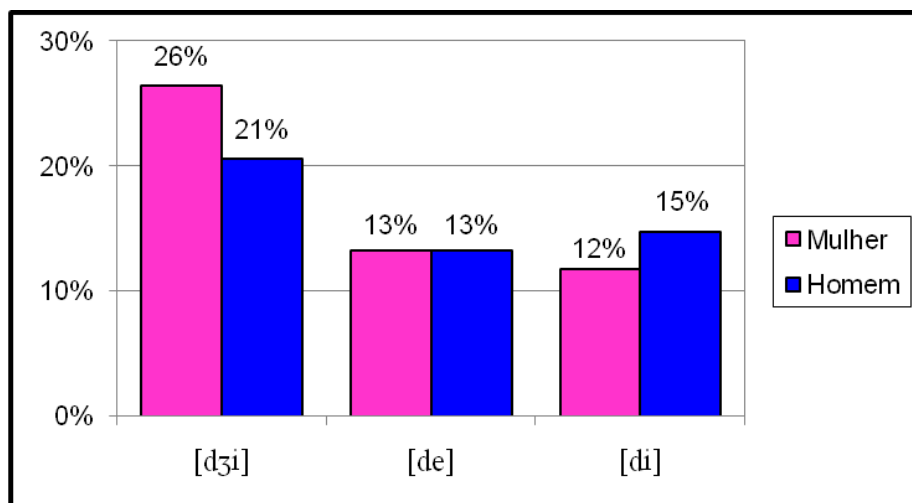


GRÁFICO 16 – Distribuição diasssexual das variantes para a oclusiva dental sonora em sílaba átona final

Na dimensão diageracional, os dados apresentados no gráfico 17 indicam a regularidade de registros entre os informantes de diferentes idades. As realizações chamam atenção para a alternância das variantes tanto na geração mais jovem quanto na geração mais velha.

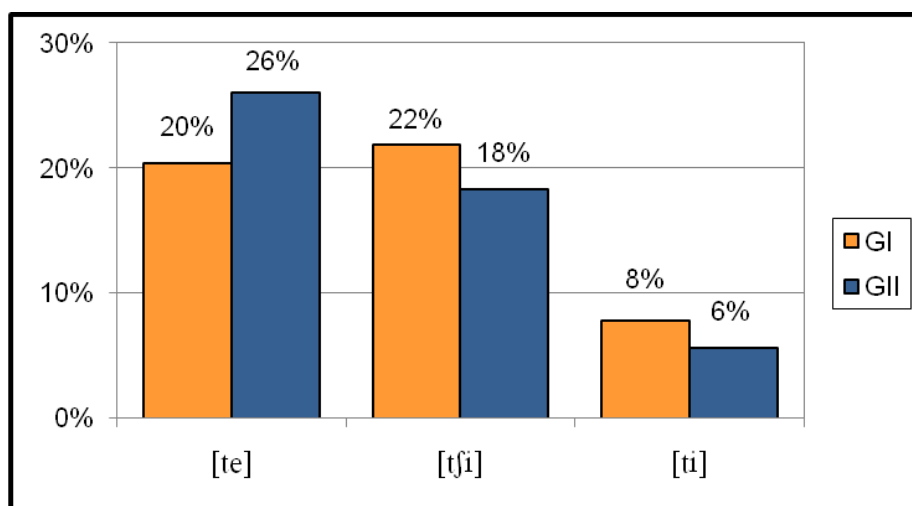


GRÁFICO 17 – Distribuição diageracional das variantes para a oclusiva dental surda em sílaba átona final

Em relação à oclusiva dental sonora, conforme o gráfico 18, a geração mais nova destaca-se na realização da palatalização. É, portanto, o grupo que avança na implementação do traço.

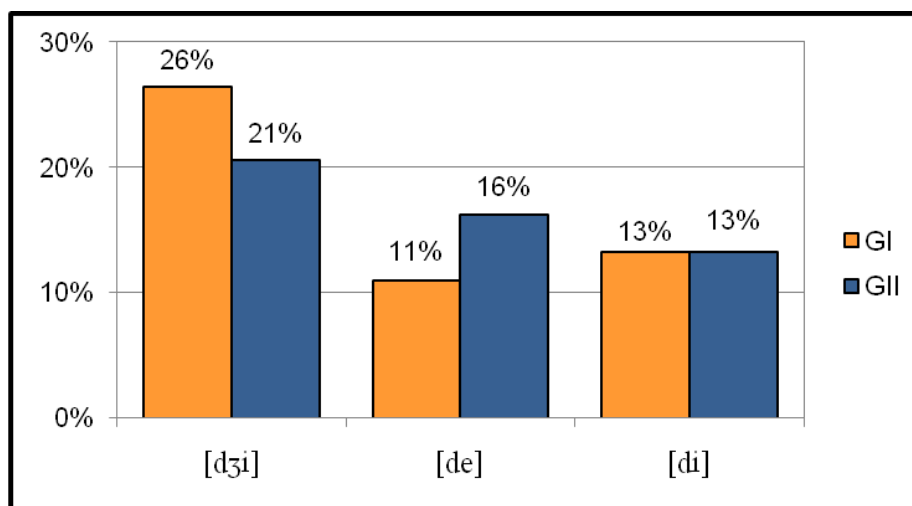


GRÁFICO 18 – Distribuição diageracional das variantes para a oclusiva dental sonora em sílaba átona final

Na dimensão diastrática, de acordo com o gráfico 19, podemos observar o equilíbrio no registro das variantes para a oclusiva dental surda entre falantes sem escolaridade e Ensino Fundamental incompleto e falantes com Ensino Médio incompleto.

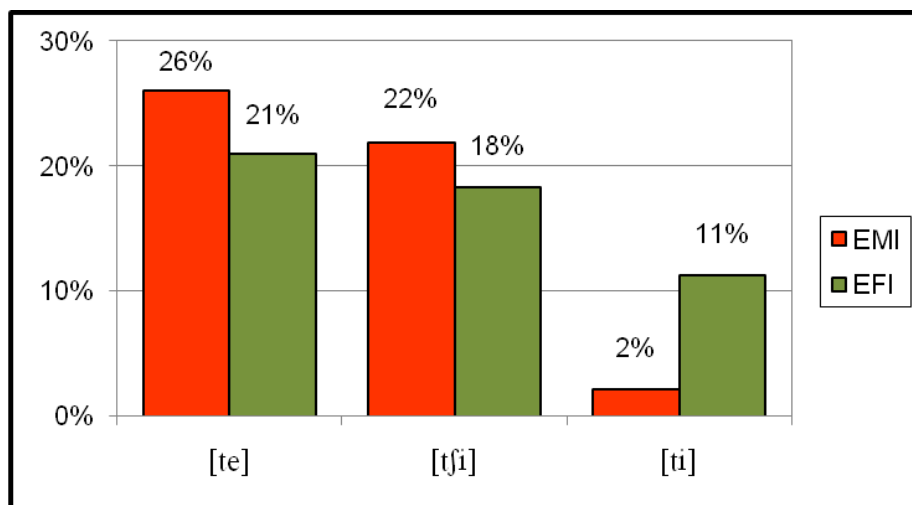


GRÁFICO 19 – Distribuição diastrática das variantes para a oclusiva dental surda em sílaba átona final

No gráfico 20, os dados referentes à oclusiva dental sonora podemos observar que os falantes com maior escolaridade são responsáveis pela implementação da africada alveopalatal sonora.

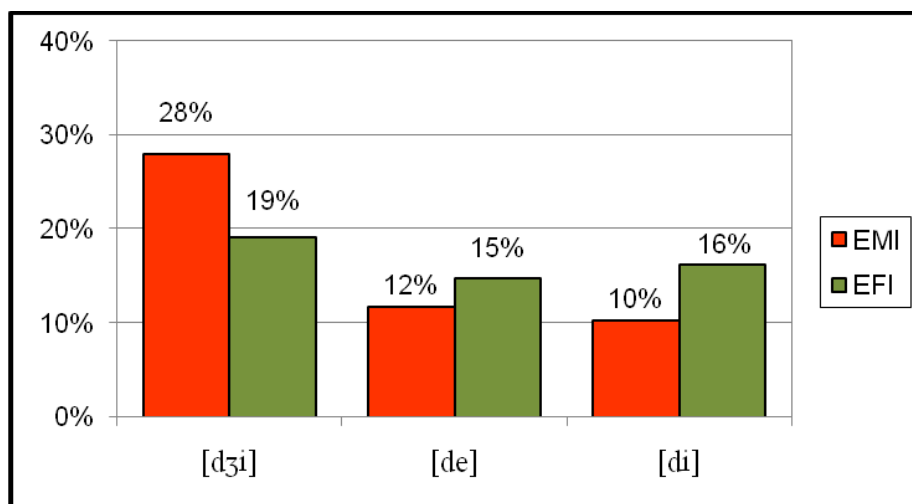


GRÁFICO 20 – Distribuição diastrática das variantes para a oclusiva dental sonora em sílaba átona final

Conforme os dados registrados entre os informantes selecionados para esta pesquisa, observando as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade, podemos afirmar que a realização da oclusiva dental segue o padrão já descrito em pesquisas anteriores do português brasileiro falado na região sul do Brasil e no Paraná. Há, porém, um quadro diferenciado com relação às variantes para a oclusiva dental sonora, em que a africada alveopalatal assume a dianteira.

O fato de a oclusiva dental realizar-se com maior frequência entre informantes masculinos, da GII, e com baixa escolaridade, permite identificá-la como uma variante conservadora. A manutenção da variante nesses grupos recebe dos ambientes de convivência social, em atividades específicas, mais do mundo rural, as condições necessárias para a sua dispersão sobre outras instâncias: manifestações culturais, alimentação, religião, entre outros.

5.1.5 Variantes para a vibrante em diferentes posições na palavra

A descrição e a análise das vibrantes no português brasileiro têm recebido atenção especial dos linguistas brasileiros. Trata-se de uma variante dialetal, que marca a fala geograficamente: a vibrante múltipla no Sul, o retroflexo em São Paulo e Minas Gerais, e a fricativa velar no Rio de Janeiro.

Monaretto, Quednau e Hora (2001, p. 202), em discussão sobre o sistema consonantal do português, destacam que o “r” “pode ser pronunciado como vibrante ([r]ápido), fricativa velar ([x]ápido), uvular ([ʀ]ápido) e aspirada ([h]ápido), ou como uma vibrante simples (c[r]avo, ma[r]), ou ainda como um som retroflexo ([ɾ]ápido, ma[ɾ]).”

Para este estudo, selecionamos para a análise as vibrantes em coda silábica, no interior e em início de palavra.

5.1.5.1 Variantes para a vibrante em coda silábica

Segundo Callou, Moraes e Leite (2002, p. 465), “a variabilidade do [r] difere da de outras consoantes, antes de mais nada, pelo maior número de realizações fonéticas identificadas.” Os autores destacam ainda, que as possíveis realizações se modificam de acordo com a região de origem dos falantes.

Os autores apresentam as seguintes variantes para o fonema em coda silábica interna e final:

- queda do [r];
- vibrante múltipla;
- fricativa velar;
- vibrante uvular;
- aspirada;
- vibrante simples;
- retroflexa.

Um quadro diferenciado pode ser observado na figura 30, Carta 187 - Isófonas do /-r/ em travamento silábico, em *Parteira*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994). A retroflexa, representada na carta pela cor azul, toma praticamente todo o território paranaense, concorrendo em alguns pontos com o tepe, representado pela cor vermelha. O tepe, na área em vermelho, é registrado em todo o Oeste paranaense, formando na região uma faixa mais contínua e homogênea

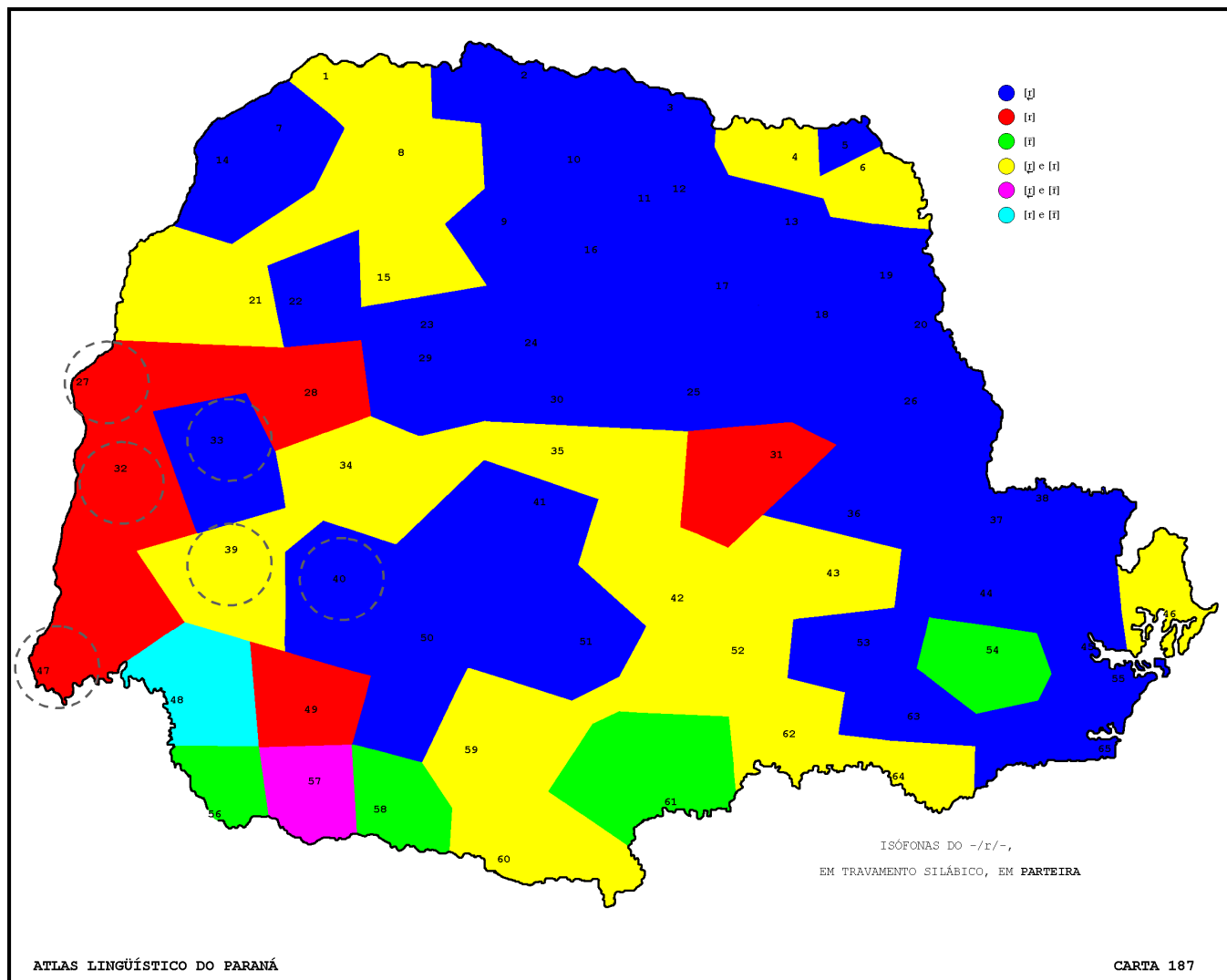


FIGURA 30 – Carta Linguística 187 - Isófonas do /-r/ em travamento silábico, em *Parreira*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 397)

Na figura 31, podemos observar, na carta 52 - *Fervendo*, a predominância do tepe na região Oeste, nos pontos destacados em azul, com o registro da retroflexa nos pontos em vermelho, que abrigaram o maior contingente de grupos das regiões norte e noroeste do Paraná, nordeste e sudeste do Brasil (Guaíra, Assis Chateaubriand e Cascavel).

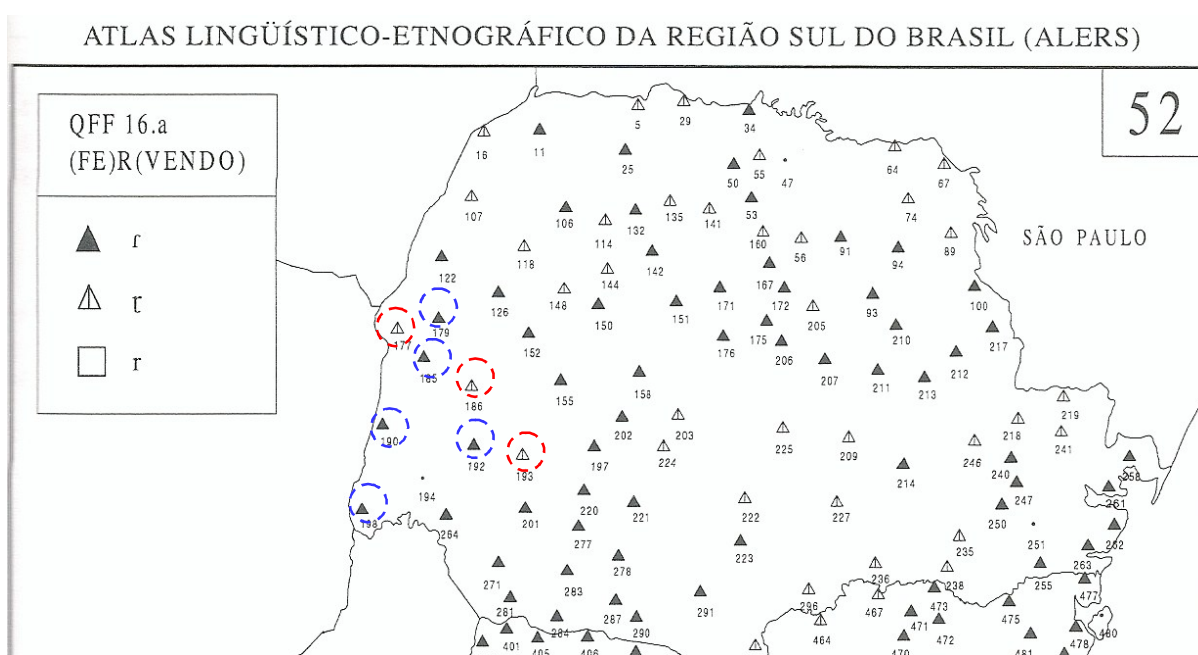


FIGURA 31 – Carta Linguística 52 - (FE)R(VENDO)

Fonte: Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002, p. 165)

Na sequência, no tabela 06, apresentamos os registros das variantes para a vibrante em coda silábica em: *gordura*, *tarde* e *torneira*, colhidas entre os informantes desta pesquisa. Com relação ao contexto linguístico, as variantes retroflexa, tepe, vibrante alveolar, fricativa velar e fricativa glotal ocorrem em contextos fonológicos distintos: a) quanto à tonicidade, em sílaba pretônica *gordura* e *torneira*, em sílaba tônica *tarde*; b) quanto à extensão da palavra, três sílabas *gordura* e *torneira*, e duas sílabas *tarde*.

Segundo os dados, apresentados na tabela 05, a retroflexa predomina nas variantes registradas nas respostas dos informantes, seguida do tepe. Ou seja, a

retroflexa, que, em estudos anteriores ocorria em alguns pontos da região, alternando com tepe, neste estudo apresenta maior vitalidade entre os informantes.

TABELA 05 – Variantes para a vibrante em coda silábica

PALAVRA	CARTA	CONTEXTO FONOLÓGICO	REALIZAÇÕES			
			[r]	[r]	[r]	[h]
GORDURA	85	Coda silábica	[r]	[r]	[r]	[h]
			44%	0%	48%	8%
TARDE	84	Coda silábica	[r]	[r]	[r]	[h]
			72%	7%	19%	2%
TORNEIRA	83	Coda silábica	[r]	[r]	[r]	[h]
			42%	17%	39%	2%
TOTAL			49%	7%	40%	4%

Dentre as hipóteses para a retroflexa, entre os falantes do português brasileiro, destacamos as considerações de Amaral (1982) e Head (1987). Segundo Amaral (1982, p. 47), o

r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é *língua-palatal* e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. É, muito provavelmente, o mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o rr forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema.

Head (1987), após discutir cada uma das hipóteses e apontar os seus problemas⁸², levanta a hipótese de que a origem da vibrante retroflexa esteja nas

⁸² Em (1) a relação entre [r] e [l] como membros exclusivos de uma mesma classe, quer pelas propriedades fônicas em comum, quer pela participação em conjunto de vários processos de alternância e condições de ocorrência, (2) a descrição detalhada das características fonéticas das diversas realizações do [r] no dialeto caipira, abre-se uma perspectiva para explicar, sem recorrer a outros elementos, a origem da pronúncia típica do “r caipira”: em termos gerais, seria a participação de [r], junto com [l], de algum processo de alternância e evolução com esse resultado dentro da respectiva variedade do português do Brasil (HEAD, 1987, p. 15).

propriedades da língua portuguesa, como o ponto e o modo de articulação, e na influência de outros traços que foram incorporados ao português falado no Brasil.

Além da dimensão geográfica, em que se pode identificar as áreas de maior atuação da retroflexa, e da dimensão social, com o registro da variante por determinados grupos de uma localidade, a retroflexa pode ser caracterizada pela sua produção no interior da dimensão linguística, a partir do ambiente fonológico.

Na sequência, no gráfico 21, são apresentados os dados registrados nos nove pontos da pesquisa, para a vibrante em coda silábica. A princípio, confirma-se a hipótese de que a vibrante simples ou tepe é registrada com intensidade nas localidades em que se formaram os núcleos sulistas: **05** - Medianeira, com a presença de descendentes de italianos; **04** - Santa Helena, com descendentes de italianos e alemães; **03** - Marechal Cândido Rondon, com descendentes de alemães. No gráfico o ponto **07** - Capitão Leônidas Marques, também apresenta alto índice de tepe. Além da forte presença de gaúchos e catarinenses, a localidade está muito próxima de municípios da região sudoeste do Paraná, em que, conforme as cartas do ALPR (AGUILERA, 1994) e do ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), há uma grande incidência da variante.

A variante retroflexa ocorre nos pontos que registram a presença de grupos de outras regiões do Brasil (sudeste e nordeste) e do Paraná (centro-oeste e norte), como: **01** – Guaíra, **02** – Assis Chateaubriand, **06** – Santa Terezinha de Itaipu, **08** – Cascavel e **09** – Guaraniaçu. Nos pontos **03** – Marechal Cândido Rondon, **04** – Santa Helena e **07** – Capitão Leônidas Marques, comunidades representativas dos colonos sulistas, a retroflexa coocorre com o tepe ou a vibrante múltipla. O ponto **05** – Medianeira registra o predomínio do tepe.

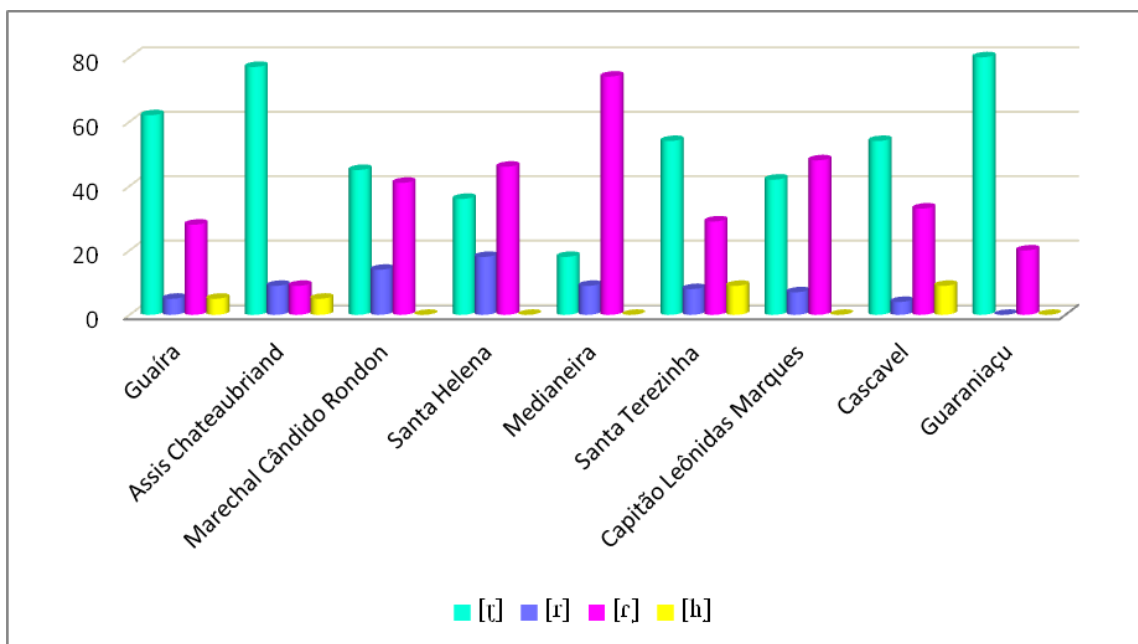


GRÁFICO 21 – Distribuição diatópica das variantes para a vibrante em coda silábica

Na figura 32, carta linguística 83 – *Torneira*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR, podemos observar os pontos de predominância da variante retroflexa [ɾ] nos pontos **09** - Guaraniáçu e **02** - Assis Chateaubriand. São localidades que estão próximas a outras regiões do Paraná, centro-oeste e noroeste, e apresentam, na sua formação histórica, uma presença predominante de grupos de diferentes regiões paranaenses.

No registro das variantes, destacam-se os pontos em que as variantes se alternam, indicando, segundo os índices, a dominância da retroflexa, **08** - Cascavel, **07** - Capitão Leônidas Marques, **06** - Santa Terezinha de Itaipu e **01** – Guaíra.

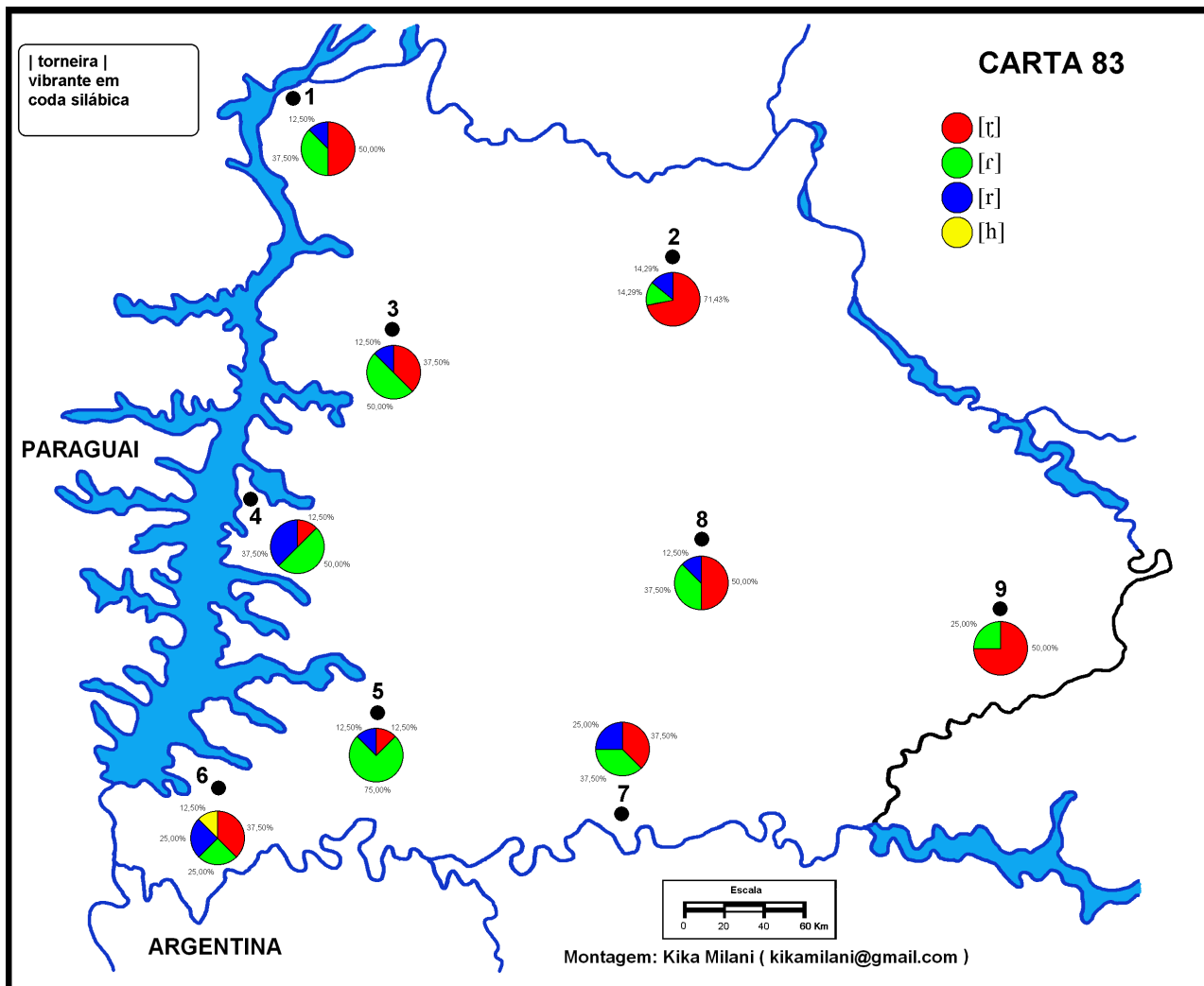


FIGURA 32 – Carta Linguística 83 – *Torneira*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Os dados permitem descrever as variantes retroflexa e tepe como variantes diatópicas. A comparação entre os dados do ALPR, do ALERS e deste estudo indica uma mudança linguística em curso, pois a variante retroflexa está presente em todos os pontos e vem demonstrando grande vitalidade entre os informantes.

Na dimensão diasssexual, conforme os dados registrados no gráfico 22, os homens se destacam no registro da variante retroflexa, enquanto as mulheres apresentam um maior número de ocorrências da vibrante alveolar e do tepe. Ou seja, os homens apresentam uma atitude mais inovadora, com o registro da retroflexa; já as

mulheres revelam uma atitude conservadora, mantendo o tepe e a vibrante alveolar, embora também atuem na implementação da retroflexa.

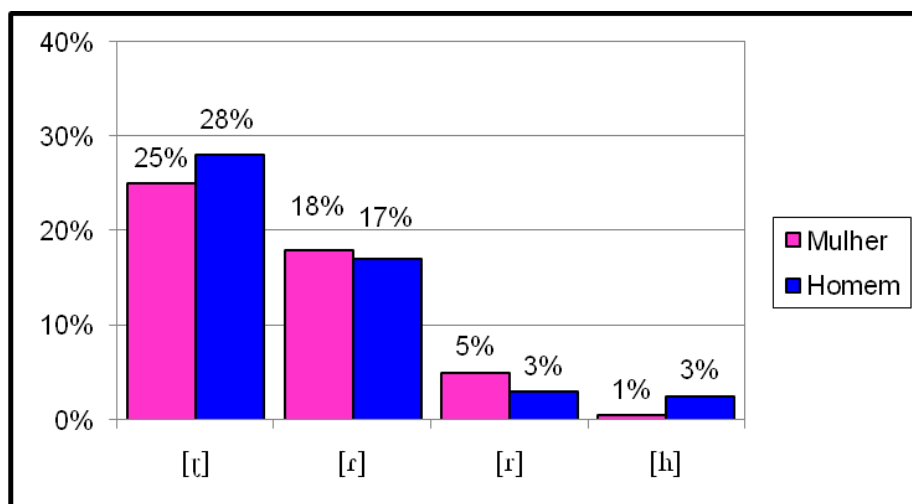


GRÁFICO 22 – Distribuição diasssexual das variantes para a vibrante em coda silábica

Na dimensão diageracional, encontramos delineadas realidades distintas com relação à implementação da retroflexa, e com relação à manutenção do tepe, conforme gráfico 23. O registro da variante retroflexa destaca-se entre os informantes da GI (18 a 35 anos), o que aponta para uma mudança em progresso, que tem nos ambientes escolar, pois os jovens ainda frequentam a escola ou deixaram há pouco tempo, e profissional contextos favoráveis para a sua implementação.

A ocorrência do tepe e da vibrante alveolar é maior entre informantes da GII (45 a 60 anos). Considerando-se estas variantes como traços representativos da fala de origem dos colonizadores, podemos considerar que a geração mais velha ainda os conserva em sua fala, porém, os alterna em determinados contextos com a forma inovadora, a retroflexa.

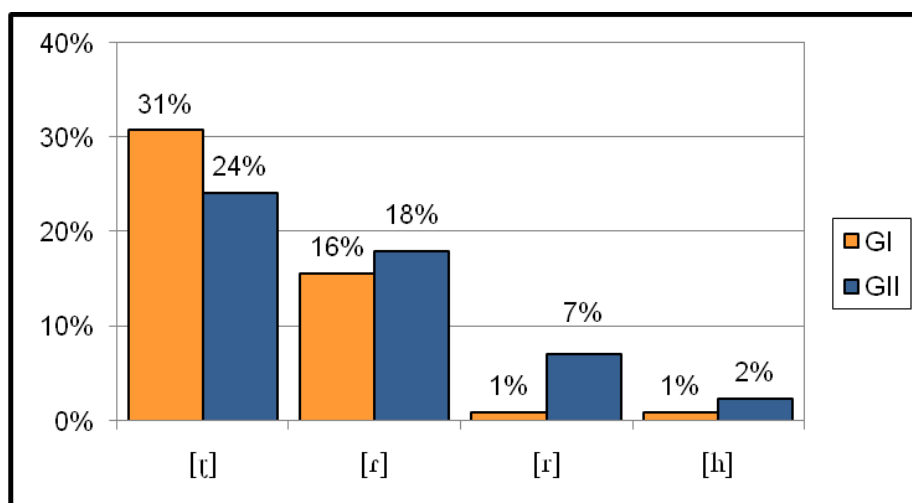


GRÁFICO 23 – Distribuição diageracional das variantes para a vibrante em coda silábica

O gráfico 24, com o registro das variantes na dimensão diastrática, revela um equilíbrio nas ocorrências das variantes para a vibrante em coda silábica. Os falantes dos dois grupos apresentam o mesmo comportamento com relação à implementação da variante retroflexa e a manutenção do tepe e da vibrante alveolar.

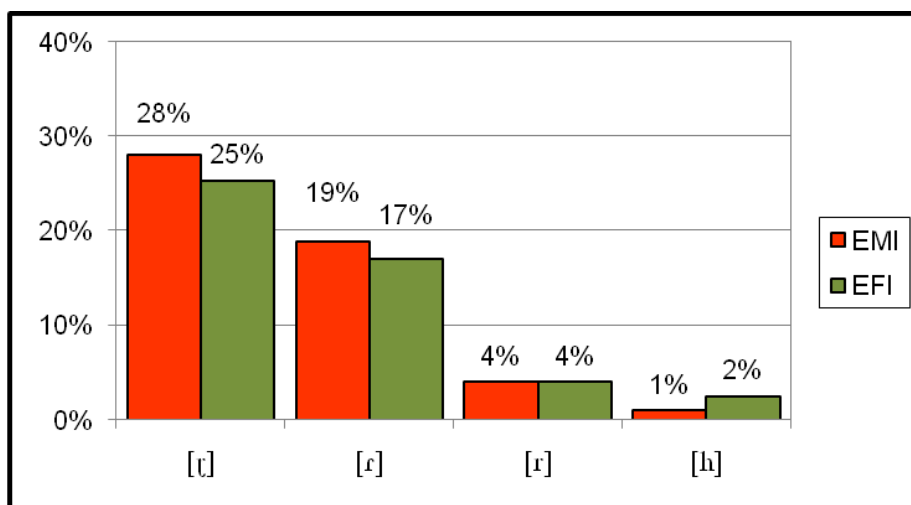


GRÁFICO 24 – Distribuição diastrática das variantes para a vibrante em coda silábica

Os registros indicam uma mudança em progresso, tendo os jovens como responsáveis pela implementação da retroflexa. Podemos apontar algumas condições que podem estar atuando favoravelmente para essa realidade: (i) a disseminação da retroflexa; (ii) o crescimento urbano e a migração de pessoas de todas as regiões do Paraná e do Brasil para a região Oeste do estado, mesmo nas localidades mais homogêneas, pelo crescimento do agronegócio; (iii) o comércio e o turismo na região de fronteira, tanto em Foz do Iguaçu como em Guaíra, cujos efeitos se alastram pelos municípios próximos.

5.1.5.2 Variantes para a vibrante em início de palavra

O comportamento da vibrante em início de palavra assemelha-se no Oeste do Paraná, e em praticamente toda a região Sul do Brasil, à sua localização entre vogais. As variantes registradas nas respostas dos informantes são a vibrante alveolar [r], a fricativa velar [x] e o tepe [ɾ]. Cada variante pode ser descrita pela condição geográfica e sociocultural de realização: (i) a vibrante alveolar, no falar

gaúcho; (ii) a fricativa velar, no Sudeste do país; (iii) o tepe, na fala de descendentes alemães e italianos do Sul do Brasil.

Margotti (2004, p. 10) destaca que, nos dialetos italianos falados pelos imigrantes que se instalaram no Sul do Brasil, não há a vibrante múltipla, e a influência do italiano no português faz com que “os falantes bilíngues português-italiano, ou mesmo falantes monolíngues nas áreas de contato do português com o italiano, usem [r] fraco (tepe) em lugar de [r] forte (vibrante ou fricativa): [ga'rafa] por [ga'rafa] ou [ga'xafa], por exemplo”. O mesmo fenômeno ocorre entre os falantes descendentes de alemães.

Na geração mais velha, a vibrante alveolar é realizada como tepe; na geração mais nova, há uma alternância entre uma e outra forma, geralmente na fala menos cuidada.

O fenômeno pode ser descrito como estereótipo (LABOV, 1972), pois sua ocorrência é marcada e etiquetada pelos falantes que não pertencem às comunidades em que a homogeneidade étnica é maior, e também na localidade, por falantes de outras origens, da zona urbana.

Segundo Labov (2008), os diferentes elementos que atuam para a mudança linguística podem ser caracterizados de acordo com o tipo de avaliação social que recebem, como *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*. O autor descreve os estereótipos como

[...] parte do conhecimento geral dos membros adultos da sociedade. Isso é verdade mesmo quando o estereótipo não corresponde a nenhum conjunto de fatos objetivos. Os membros da comunidade de fala se referem aos estereótipos e falam sobre eles; podem ter um rótulo geral e uma frase característica que serve igualmente bem para identificá-lo. (LABOV, 2008, p. 360).

O registro do tepe em início de palavra e entre vogais é rotulado socialmente, com [ˈrɔdɐ], para *roda*, e [kaˈrɔsɐ], para *carroça*, o primeiro de uso mais geral, mas o segundo denotando o universo rural do colono sulista. É essa relação com o universo rural, do homem do campo, sem escolaridade, que surge o estigma com relação ao fenômeno e ao falante. Não se trata da mesma atitude com a conjugação do

verbo *ir* no pretérito perfeito, *nóis fumo*; tampouco, com qualquer outro fenômeno que possa ser identificado como *marcador*. Nas comunidades em que ocorre, em toda a comunidade ou em grupos mais isolados, a variante está presente na fala independentemente do gênero, da idade ou da escolaridade.

Na figura 33, referente à carta 44 – *Revólver*, a distribuição diatópica das variantes para o registro do rótico em início de palavra pode ser descrita pela formação de áreas de concentração da vibrante alveolar [r] do litoral até o Oeste, pela faixa mais ao sul; e pela fricativa velar [x], no Norte, tomando a área mais a noroeste. O tepe [r] é registrado em pontos isolados, como no Oeste. Nesta região, nós temos a penetração da fricativa velar pelo norte, nos pontos que correspondem às localidades de Guaira e Palotina, porém, prevalece a vibrante múltipla em todo o restante da sua extensão.

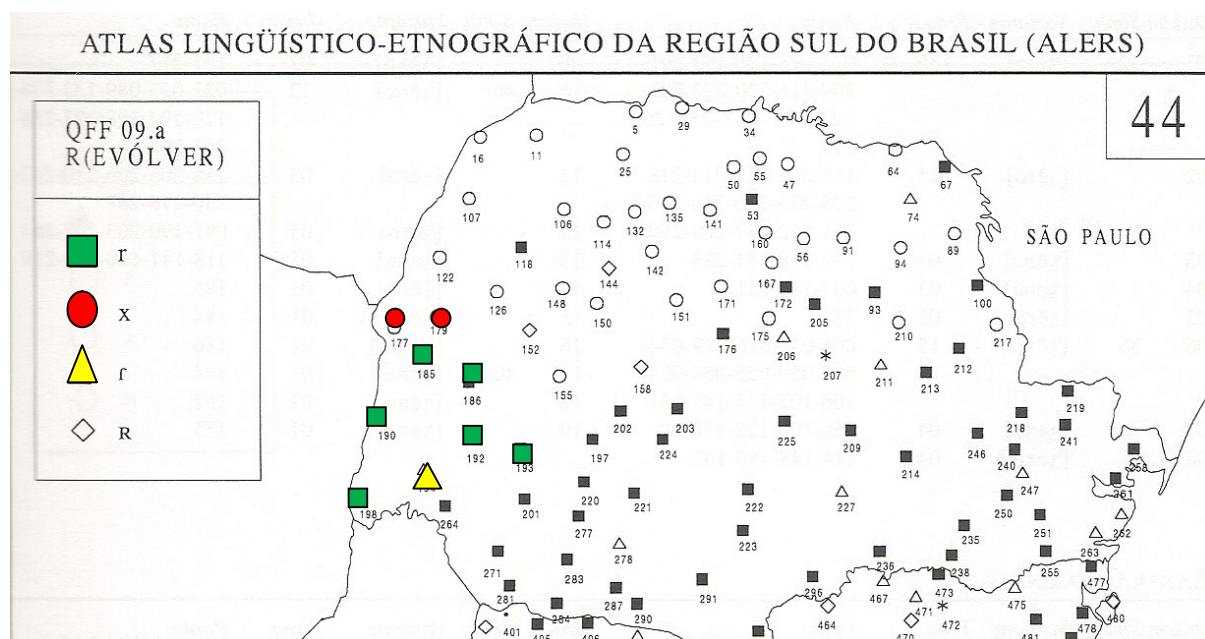


FIGURA 33 – Carta Linguística 44 - *R(EVÓLVER)*

Fonte: Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002, p. 169)

Na figura 34, referente à carta 321 – *Raiz*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II, podemos observar realidade semelhante em relação à vibrante

alveolar. A fricativa velar apresenta os mesmos índices de ocorrência, porém em outra área da região, nos pontos **39** – Cascavel e **40** – Guaraniaçu. O fato pode indicar o fenômeno de transição entre as variantes, a vibrante alveolar presente na fala dos primeiros moradores, oriundos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e a fricativa velar, nos grupos vindos de diferentes regiões do Paraná e do Brasil.

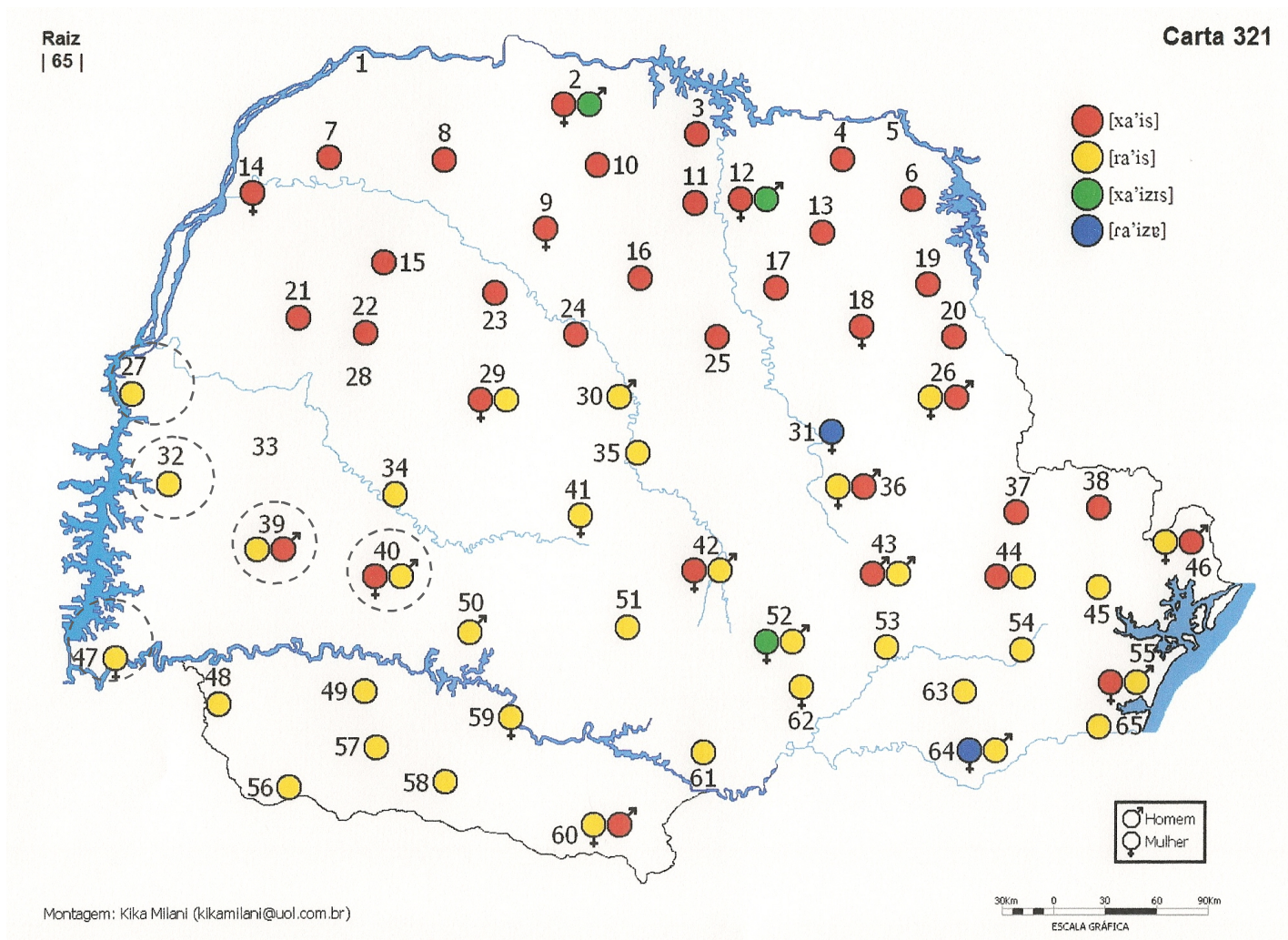


FIGURA 34 – Carta Linguística 321 – Raiz
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007, p. 281)

Para a descrição da vibrante em início de palavra, na fala do Oeste paranaense, foram selecionadas as palavras *remando* e *rosa*, com a vibrante em início de palavra, nos seguintes contextos linguísticos: (i) sílaba tônica, *rosa*; (ii) extensão da palavra (três: *remando*, duas sílabas: *rosa*); (iii) contexto seguinte (vogal média anterior: *remando*, vogal média baixa posterior: *rosa*); (iv) contexto seguinte: consoante nasal, em *remando*.

Nas transcrições coletadas junto aos informantes da pesquisa, identificamos três variantes para a vibrante na posição inicial da palavra: a fricativa velar [x], que apresenta um grande número de ocorrências; a vibrante alveolar [r]; e o tepe [r̥], nas localidades de contato alemão/português e italiano/português.

Com relação à fricativa velar, segundo os dados registrados na tabela 06, o contexto fonológico (tonicidade, extensão da palavra e contexto seguinte) não influencia na realização das variantes. Em *rosa* temos um número maior de ocorrências da fricativa velar, porém, nos dois contextos, as realizações ultrapassam a metade dos registros coletados. O tepe apresenta realidade semelhante, tendo em *rosa* um número maior de registros. A vibrante alveolar apresenta um comportamento diferente, ocorrendo com mais ênfase em *remando*.

TABELA 06 – Variantes para a vibrante em início de palavra

PALAVRA	CARTA	CONTEXTO FONOLÓGICO	REALIZAÇÕES		
			[x]	[r]	[r̥]
REMANDO	91	Início de palavra	[x]	[r]	[r̥]
			60%	11%	29%
ROSA	90	Início de palavra	[x]	[r]	[r̥]
			68%	18%	14%
TOTAL			64%	15%	21%

O gráfico 25 apresenta a distribuição diatópica das variantes para vibrante em início de palavra, nos pontos eleitos para esta pesquisa. Os dados documentados podem ser tomados como uma representação dos processos de povoamento da região.

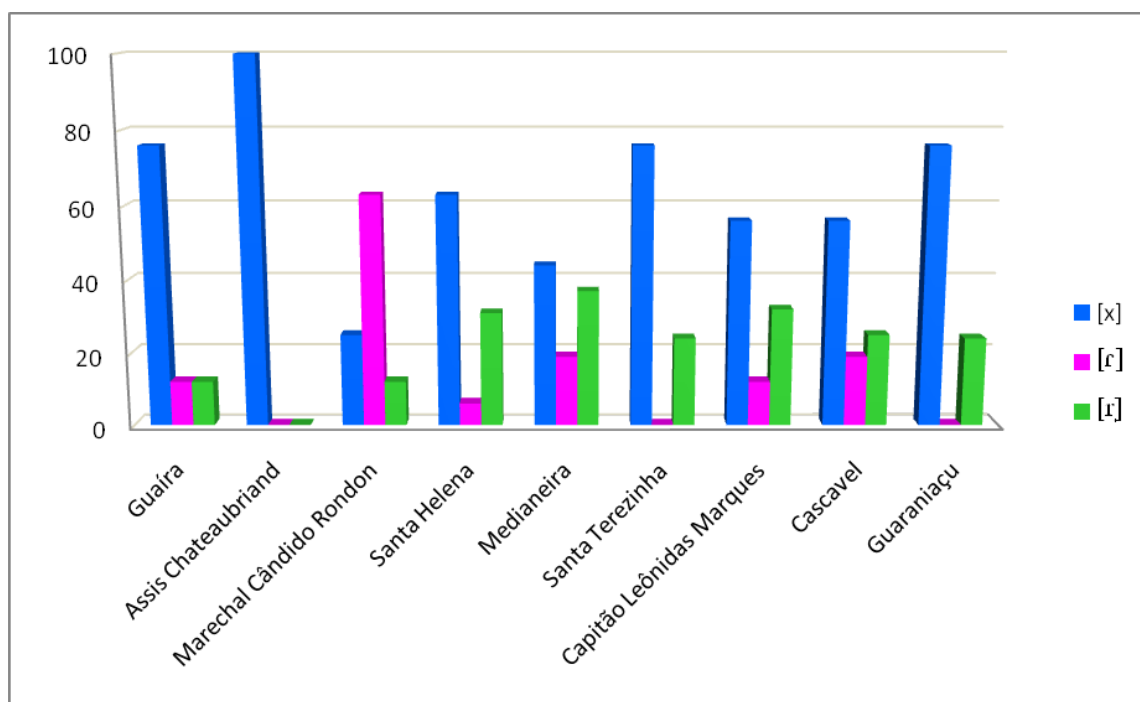


GRÁFICO 25 – Distribuição diatópica das variantes para a vibrante em início de palavra

Além da formação dos núcleos de colonização sulista, das áreas mais heterogêneas que absorveram grupos oriundos de outras regiões do Paraná e do Brasil, é possível apontar outros fatores, que também agiram sobre a realidade linguística do Oeste paranaense, como a localização geográfica (proximidade de rodovias, trânsito de viajantes e turistas, entre outros) e o sistema economia (agrícola ou urbana).

A seguir, na figura 35, carta 90 – *Rosa*, podemos observar o registro areal das variantes para a vibrante em início de palavra na região Oeste.

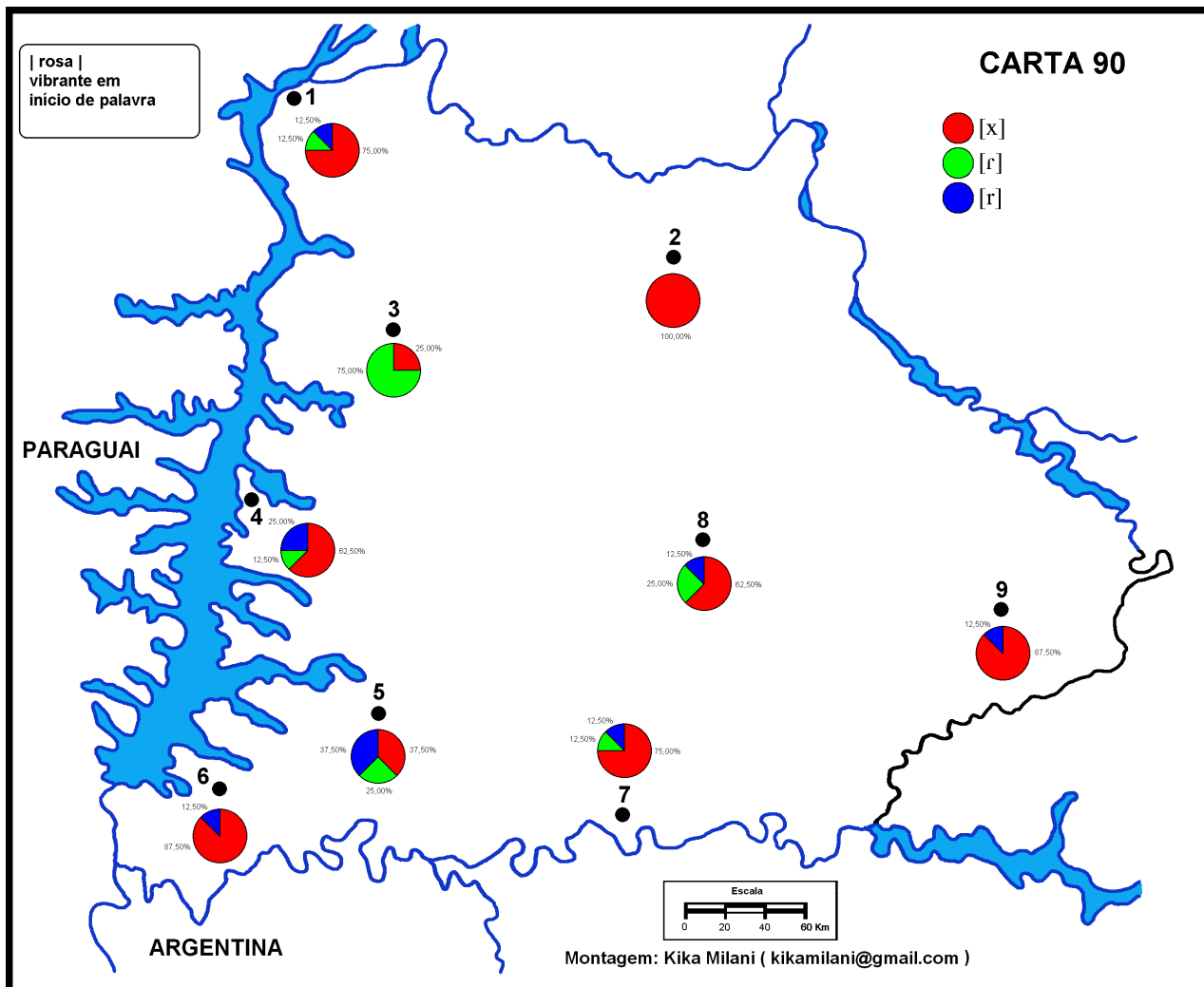


FIGURA 35 – Carta Linguística 90 – Rosa
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná

Com relação ao tepe, podemos observar a concentração da variante no ponto **03** - Marechal Cândido Rondon. Essa realidade pode ser descrita como resultado do contato linguístico entre descendentes de imigrantes alemães e portugueses, e a formação das comunidades teuto-brasileiras.⁸³ Nos pontos **01** – Guaíra, **04** – Santa

⁸³ Teuto-brasileiro é a designação genérica que se atribui aos grupos de descendentes dos imigrantes alemães que colonizaram, a partir do século XIX, os espaços destinados pelo governo brasileiro ou por empresários particulares para sua ocupação sistemática, sobretudo nos estados do Sul. (VOIGT, André Fabiano. O teuto-brasileiro: a história de um conceito. In: *Revista Espaço Plural*, Cascavel, n. 19, 2º semestre 2008, p. 75-81. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/1930/1525>. Acesso em: 11 fev. 2010).

Helena, **05** – Medianeira, **07** – Capitão Leônidas Marques e **08** – Cascavel, alterna em diferentes proporções com a fricativa velar e a vibrante alveolar. Todas essas localidades possuem em sua história uma presença representativa dos imigrantes descendentes de alemães e italianos.

Os dados, em parte, confirmam as descrições apresentadas pelo ALPR e o ALERS:

- (a) a mudança em curso, com a adoção quase que total da fricativa velar nos pontos **01** – Guaíra, **04** – Santa Helena, **07** – Capitão Leônidas Marques e **08** – Cascavel;
- (b) a formação de áreas homogêneas: para a fricativa velar nos pontos **09** – Guaraniaçu, **06** - Santa Terezinha de Itaipu e **02** – Assis Chateaubriand; para o tepe: ponto **03** – Marcehal Cândido Rondon;
- (c) ponto de transição, com a alternância entre as variantes: **05** - Medianeira;

Na dimensão sociocultural, podemos observar, no gráfico 26, o equilíbrio da ocorrência da fricativa velar e da vibrante alveolar na fala de homens e mulheres. O tepe, porém, é registrado mais entre os homens.

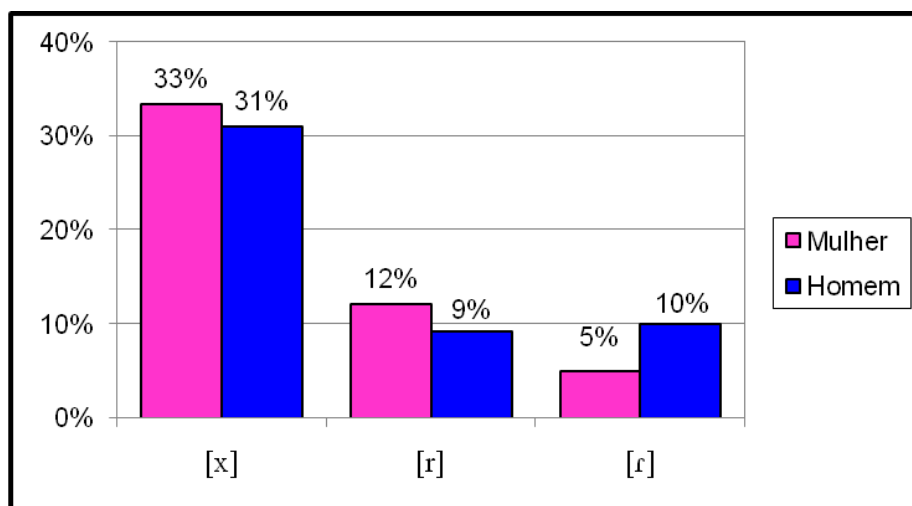


GRÁFICO 26 – Distribuição diasssexual das variantes para a vibrante em início de palavra

Na dimensão diageracional, segundo os dados do gráfico 27, a fricativa velar toma a dianteira entre os informantes da GI (18 a 35 anos), enquanto a vibrante

alveolar e o tepe são realizados com maior ênfase na GII (45 – 65 anos). As ocorrências, 24%, para a fricativa velar, e 23%, somando-se os registros do tepe e da vibrante alveolar, indicam a alternância das variantes na fala da geração mais velha.

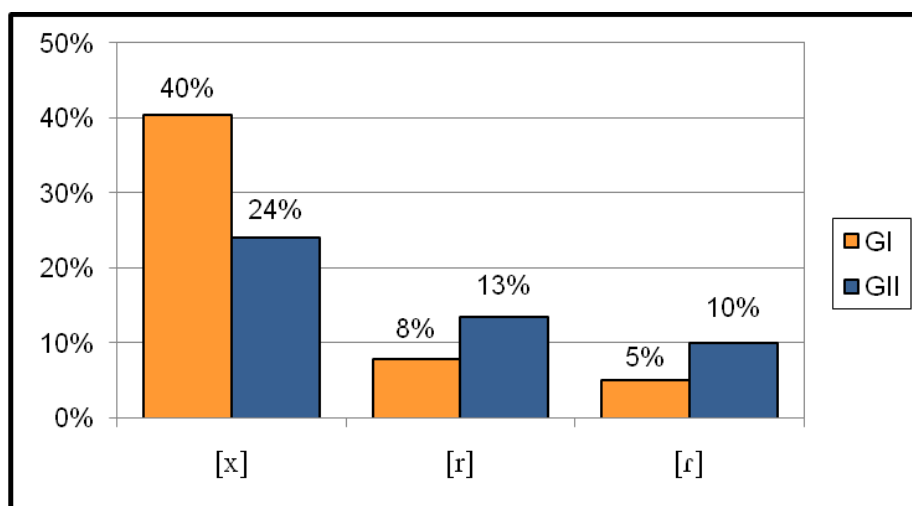


GRÁFICO 27 – Distribuição diageracional das variantes para a vibrante em início de palavra

Na dimensão diastrática, conforme o gráfico 28, podemos observar que o tepe ocorre, em proporções diferentes. Embora estigmatizado, o tepe é uma variante dialetal, submetida à variável atitudinal da língua. Durante a realização dos inquéritos, observamos, principalmente entre os falantes mais jovens, com escolaridade alta, o controle na realização do fenômeno e a correção durante a fala, porém, na fala espontânea a realização do tepe prevalecia sobre a fricativa velar.

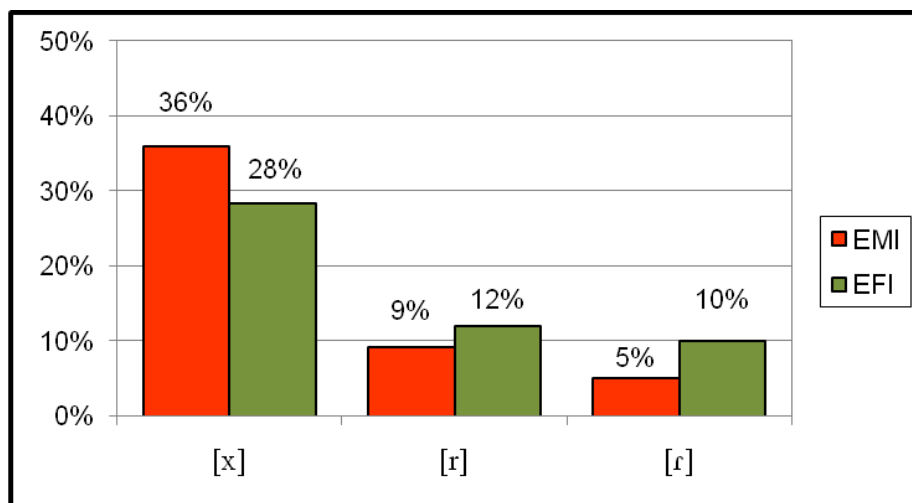


GRÁFICO 28 – Distribuição diastrática das variantes para a vibrante em início de palavra

A faixa etária parece ser determinante na implementação da fricativa velar. Os mais jovens, de acordo com suas redes de contato, principalmente no ambiente escolar, registram a variante, e tendem a expressar uma avaliação negativa com relação ao registro do tepe, como estereótipo de falta de escolaridade e cultura, como podemos observar nas respostas ao questionário metalinguístico. Na sequência, transcrevemos algumas respostas à questão “Como você acha que os moradores daqui de ... falam?”.

Ah... troca as letras, tipo o b... o b pelo p, pelo t também... o f pelo v. Até no modo de escrevê tem gente que troca fazemos... vazemos, o tia... dia. Como aqui é uma cultura mais alemã, é difícil alguém que fala diferente. Mesmo que vem de outro lugar, assim mais do norte, acaba pegando o costume, né, de falá... Acaba que pega o costume de escutá... de tanto escutá acaba falando também, né. Ah, cada região [rezi'ãw] tem um jeito. Que nem o nordeste tem um jeito... a Bahia fala mais puxado, aqui, aqui Rondon aqui... com mais alemão. Cada região [xezi'ãw] tem um jeito de falá. Acho que o Brasil não tem uma língua certa... (Marechal Cândido Rondon, FCaGI)

Daí depende [de'pẽde]... tem uns que falam mais ou menos, sei lá... Falam mais ou menos... assim, não o português correto, assim, sabe, tem uns que não falam, depende da pessoa... Tipo o erre... É eu também já tive bastante problema com o erre uma vez, quando eu era mais pequenininha... Mas depois cresce, aprende... (Medianeira, FCaGI)

Destaque-se que, durante a fala, ao adotar um estilo menos cuidado, o informante tende a registrar o tepe. Essa alternância entre a fricativa velar e o tepe revela a consciência linguística do falante. Prevalece, na fala espontânea, o tepe, que é o traço linguístico presente na fala do dia-a-dia, na família, entre os amigos.

5.1.5.3 Variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais

Os registros para as ocorrências das vibrantes no interior da palavra, entre vogais, acompanham a realidade descrita anteriormente para as vibrantes em início de palavra.

Diatopicamente, o fenômeno já foi descrito na região pelo Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (2002). Na figura 36, carta 46 - (CA)RR(O), podemos observar a ocorrência: (i) da vibrante alveolar, na área mais ao centro, Cascavel, e ao sul da região Oeste, Foz do Iguaçu; (ii) do tepe, na área mais a oeste, em Marechal Cândido Rondon, Toledo e Medianeira; (iii) e da fricativa velar, numa área mais ao norte, Guaíra e Palotina, e num ponto isolado, Santa Helena.

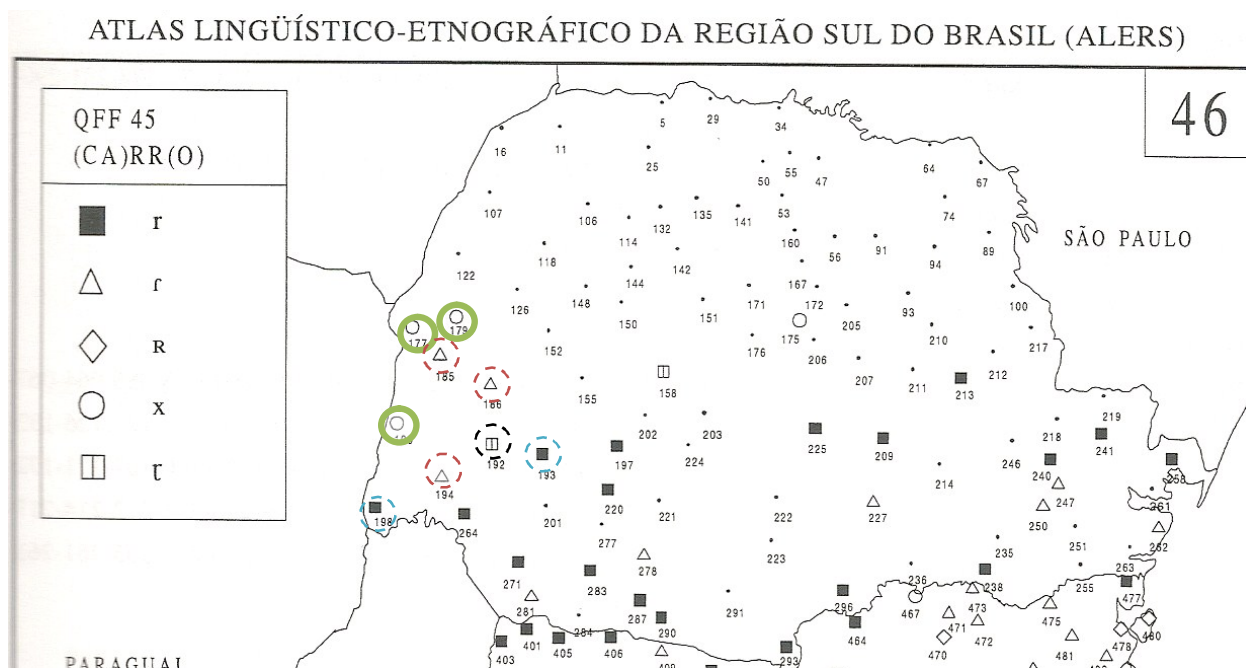


FIGURA 36 – Carta Linguística 46 - (CA)RR(O)

Fonte: Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002, p. 151)

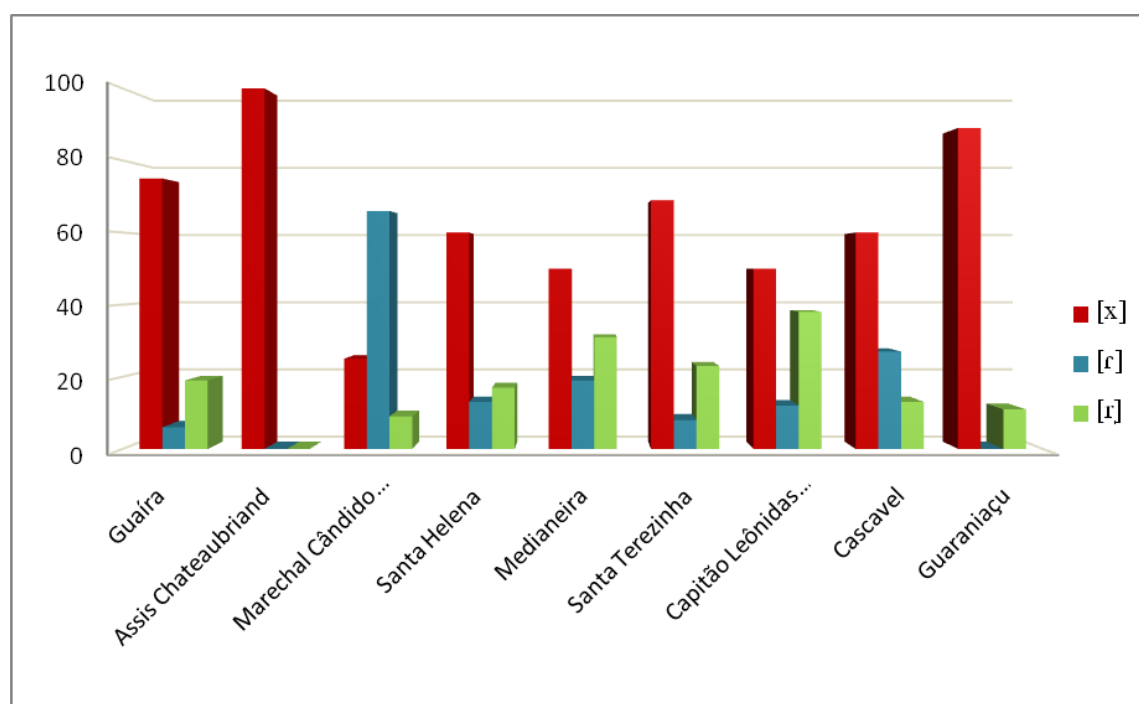
A seguir, apresentamos tabela 07, as ocorrências das variantes em: *arroz* e *borracha*. Linguisticamente, as palavras apresentam características distintas quanto ao número de sílabas, contexto precedente e contexto seguinte. Não há uma diferença expressiva entre o número de ocorrências de uma e outra variante. A fricativa velar sobressai-se, com 66% dos registros, enquanto o tepe ocorre em 16% e a vibrante alveolar, em 18%.

Muito provavelmente, pesquisas futuras poderão encontrar repostas para o quadro que se apresenta, em que alguns traços cederam às formas inovadoras, enquanto outros têm se mantido, embora carreguem marcas e estereótipos.

TABELA 07 – Variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais

PALAVRA	CARTA	CONTEXTO FONOLÓGICO	REALIZAÇÕES		
ARROZ	93	Interior da palavra, entre vogais	[x]	[r]	[r]
			66%	16%	18%
BORRACHA	92	Interior da palavra, entre vogais	[x]	[r]	[r]
			63%	17%	20%
TOTAL			66%	16%	18%

No gráfico 29, encontramos os registros da distribuição diatópica das variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais. Os dados reproduzem o quadro anterior, das vibrantes em início de palavra. Porém, em alguns pontos, os índices de transição entre as variantes são mais estreitos, como nos pontos **05** - Medianeira e **07** - Capitão Leônidas Marques. No ponto **03** – Marechal Cândido Rondon, a ocorrência do tepe é registrada com maior intensidade.

**GRÁFICO 29** – Distribuição diatópica das variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais

A seguir, na figura 37, Carta 92 – *Borracha*, encontram-se registradas arealmente as variantes para a vibrante no interior de palavras, entre vogais. As ocorrências confirmam a realidade descrita anteriormente para a vibrante em início de palavra, com a concentração da fricativa velar nos pontos: **01** – Guaíra; **02** – Assis Chateaubriand; **04** – Santa Helena; **06** – Santa Terezinha de Itaipu; **08** – Cascavel e **09** – Guaraniaçu.

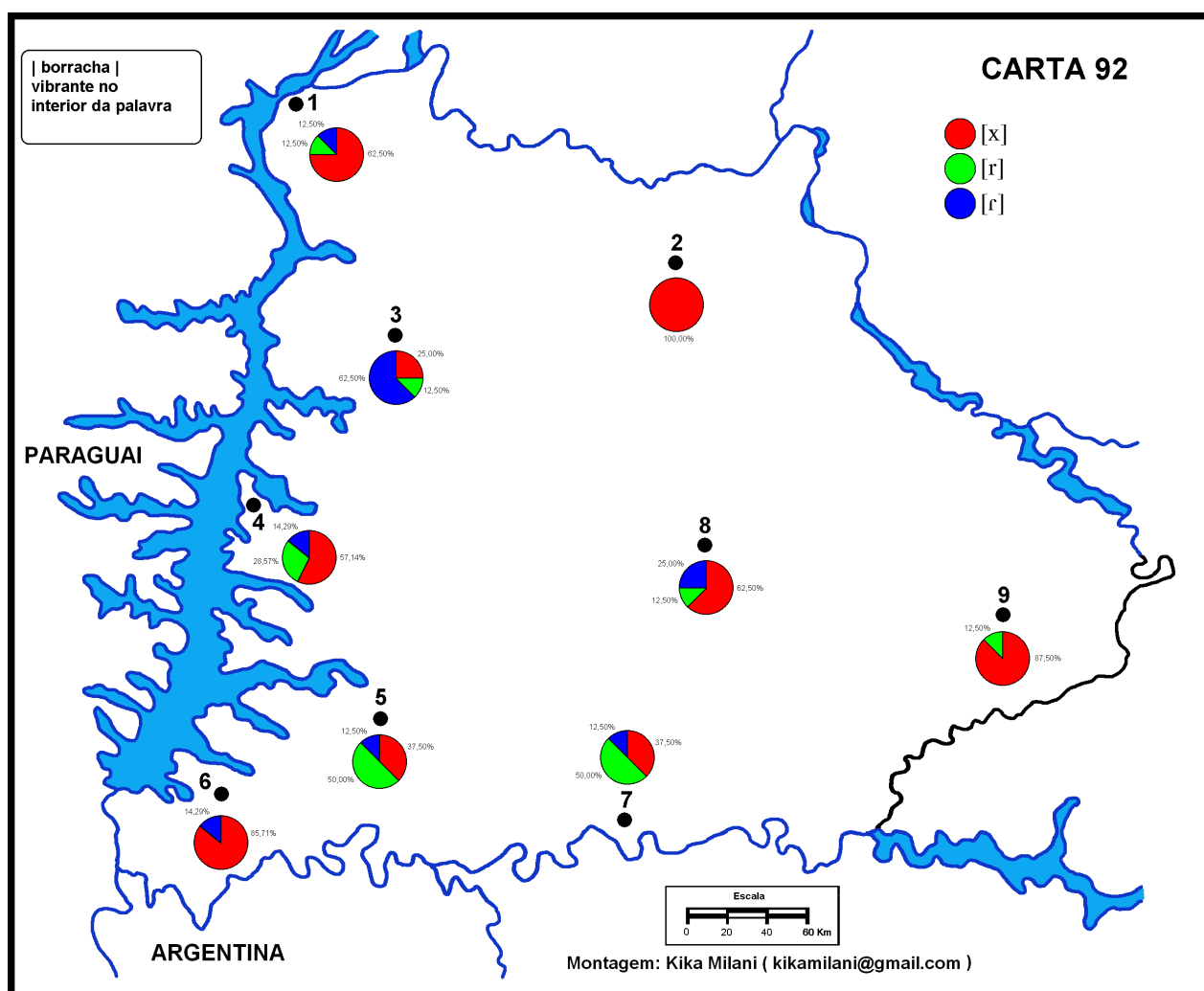


FIGURA 37 – Carta Linguística 92 - *Borracha*
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná

A realização das vibrantes em diferentes posições no interior da palavra, entre falantes da região Sul do Brasil, tem sido objeto de pesquisas de

linguistas⁸⁴. O contato linguístico entre falantes do português brasileiro e de descendência alemã e italiana resultou na incorporação de alguns traços das línguas, bem como em alterações na realização de algumas variantes, como a vibrante alveolar e a fricativa velar, realizadas como tepe. Além do contato linguístico, esta substituição de vibrações apicais por vibrações uvulares e velares para a vibrante alveolar pode ter levado os falantes a passarem por um processo de acomodação, realizando o tepe.

Não podemos esquecer que, no caso das vibrantes no interior da palavra e entre vogais, cuja realização fonético-fonológica se dá pelo registro da vibrante alveolar ou fricativa velar, atua o fator ortográfico: as palavras são registradas com um dígrafo *rr*. Assim, para os escolarizados, que dominam as regras ortográficas, o registro da variante se torna mais fácil, mas entre os falantes com baixa escolaridade, encontramos maior ocorrência do tepe, ou então a hipercorreção, como em *areia*, [a'rejɐ] ou [a'xejɐ].

No gráfico 30, são apresentados os dados colhidos na dimensão diassexual. Segundo as ocorrências há um equilíbrio no registro da fricativa velar na fala de homens e mulheres. As realizações demonstram não se tratarem de variantes diassexuais.

⁸⁴ Segundo Rossi (2000), em estudo da vibrante múltipla na fala de descendentes italianos em Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS, no que diz respeito às variáveis independentes, destacam-se: a) a localização geográfica; b) informantes com mais escolaridade tendem a realizar mais a vibrante múltipla; c) a variável sexo não é relevante à realização da vibrante múltipla, pois se supõe que ambos os sexos realizem mais o tepe que a múltipla; d) informantes com mais de cinquenta anos tendem a realizar mais o tepe; e) as vogais do contexto tanto anterior quanto posterior, bem como a tonicidade, o número de sílabas e a classe da palavra podem favorecer a realização de uma das variantes do r forte do português do Brasil; f) do mesmo modo, as sílabas tônicas também podem favorecer a realização de uma das variantes do r forte do português do Brasil.

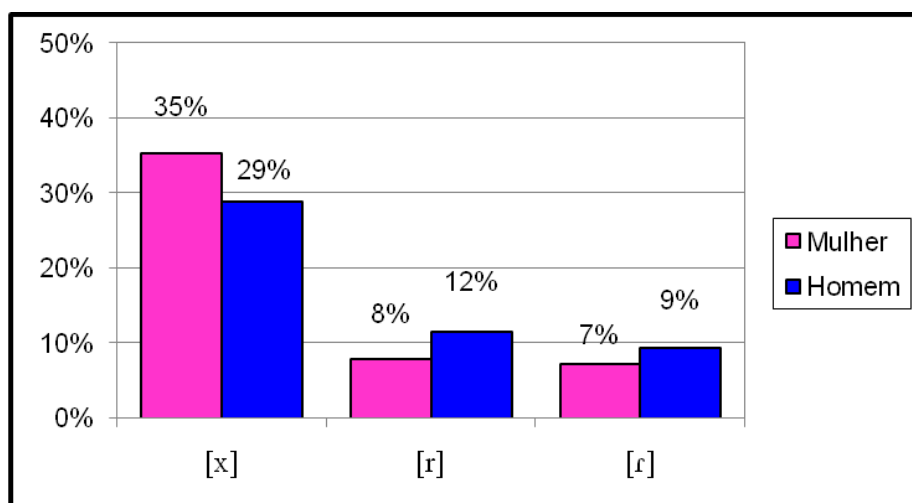


GRÁFICO 30 – Distribuição diasssexual das variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais

A seguir, o gráfico 31 apresenta as variantes distribuídas na diferentes faixas etárias. A geração mais nova (18 – 35 anos) destaca-se no registro da fricativa velar, mantendo as demais variantes. a forma inovadora, porém, mantém o registro das demais variantes. Na geração mais velha (45 – 65 anos) há um equilíbrio no registro das variantes, principalmente o tepe e a vibrante alveolar.

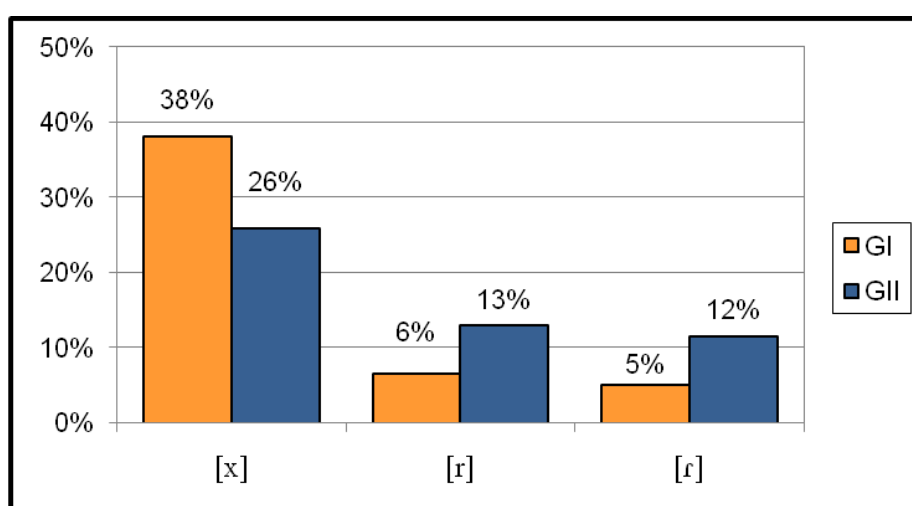


GRÁFICO 31 – Distribuição diageracional das variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais

As variantes no interior da dimensão diastrática apontam para um equilíbrio com relação à fricativa velar, reproduzindo a realidade descrita da dimensão diasssexual, conforme podemos observar no gráfico 32. Se considerarmos que os informantes da GI encontram-se em fase de escolar, ou há pouco deixaram a escola, e estão ativamente inseridos no mercado de trabalho, as variáveis se sobrepõem. Precisamos, também, lembrar que a realização do tepe no interior da palavra, entre vogais, no contexto selecionado para a descrição da vibrante (*arroz* e *borracha*) é um *marcador* social, utilizado para identificar o colono, analfabeto.

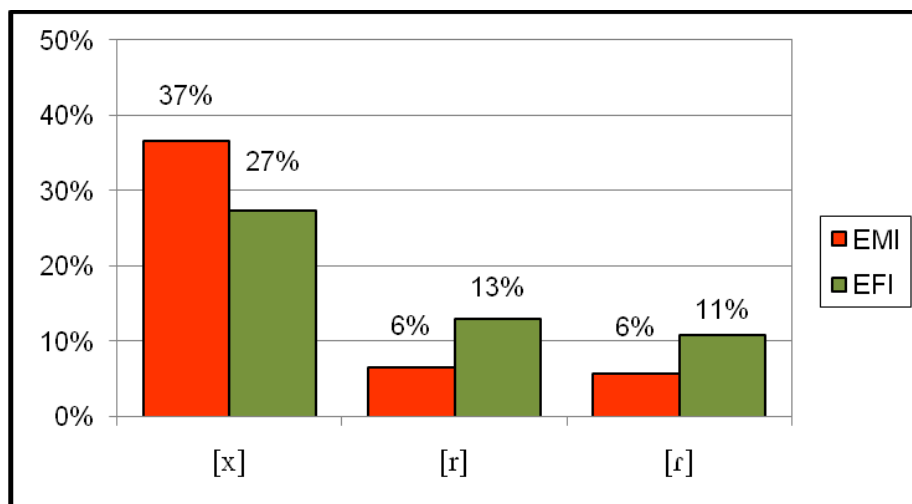


GRÁFICO 32 – Distribuição diastrática das variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais

De acordo com os dados acima descritos, podemos descrever as vibrantes, na fala do Oeste paranaense: (i) pela manutenção das variantes da fala de origem dos colonos sulistas, a vibrante alveolar e o tepe; (ii) pela adoção da forma inovadora e ou a alternância das formas em diferentes estilos e situações de fala.

Em síntese, com relação à vibrante em coda silábica, no interior da palavra, podemos afirmar que há uma grande tendência à adoção do retroflexo, seja pela ascendência do fenômeno em âmbito nacional, que perde seu estereótipo caipira, pois está presente na academia e na mídia, seja pela proximidade entre falantes de outras localidades, seja pela motivação linguística.

5.1.6 Variantes para a lateral em coda silábica

A lateral em posição de final de sílaba é realizada de forma variável como lateral alveolar [l], lateral alveolar velarizada [ɫ] ou semivogal [w]. Estudos comprovam que se trata de variação que ocorre em função de condicionantes tanto sociais quanto linguísticos.

Tasca (2002) destaca que a variação da lateral em posição final de sílaba é descrita em muitas línguas, não se tratando, portanto, de um fenômeno exclusivamente presente no português brasileiro.

Segundo Monaretto, Quednau e Hora (2001, p. 215),

na posição pós-vocálica, essa consoante apresenta-se, em quase todo o território de língua portuguesa, como uma variante posicional. Há, então, uma elevação do dorso da língua até o véu palatino, do que resulta uma articulação dental velarizada, ou inteiramente velar, pela supressão do movimento da ponta da língua; nesse último caso, dá-se a vocalização do /l/ em /w/, com conseqüente arredondamento dos lábios.

Os registros das variantes para a lateral em final de palavra foram documentadas no Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (1990) e no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (2002). Apresentamos, na sequência, duas cartas selecionadas para a visualização dos registros de cada trabalho.

A seguir, na figura 38, carta 138 – *Sol*, encontramos a lateral alveolar distribuída por toda a área mais ao sul, do litoral até o Oeste do Paraná, concentrando-se nas localidades em que se registrou a formação dos núcleos de colonização sulista, conforme destacado na carta.

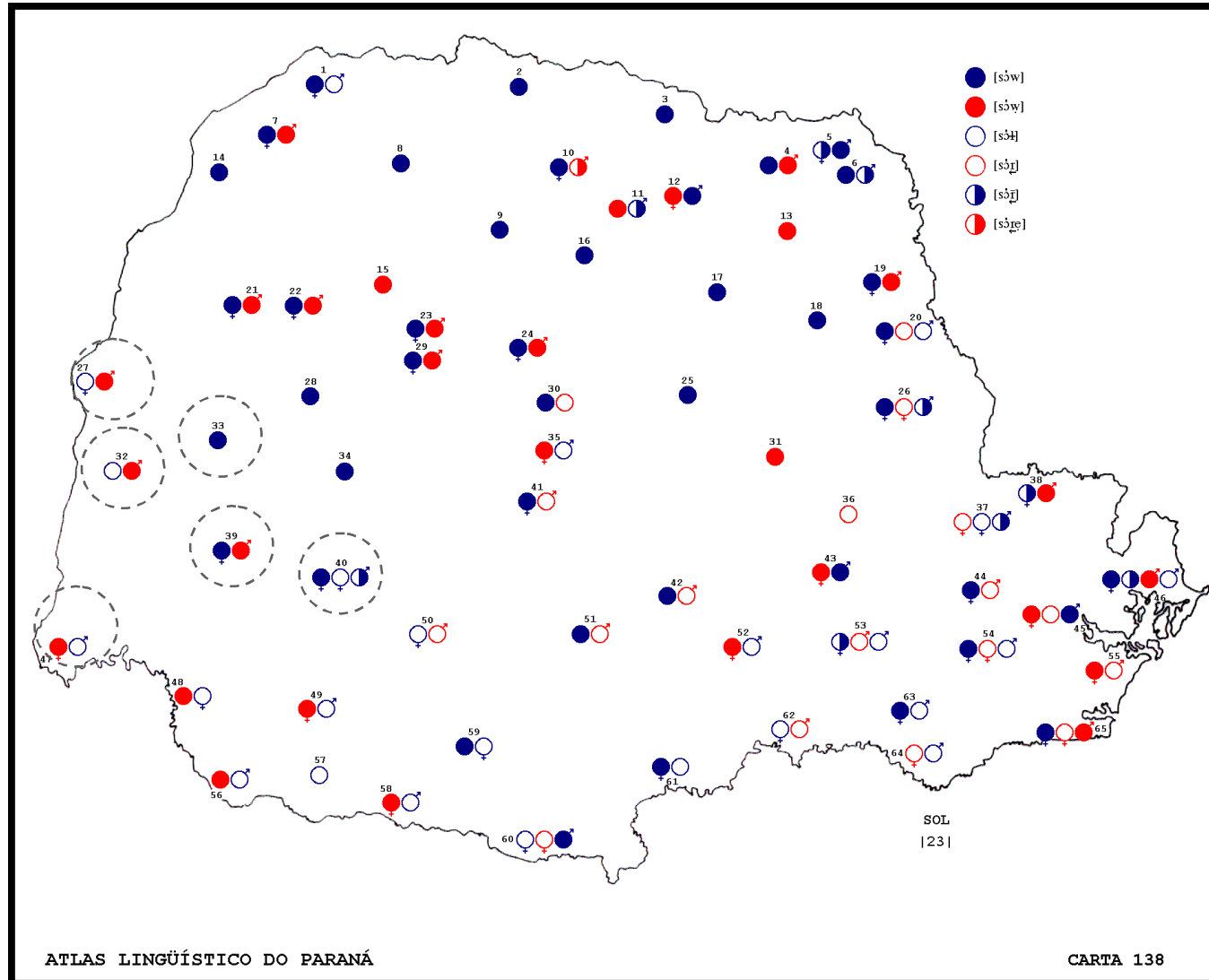


FIGURA 38 – Carta Linguística 138 – *Sol* –
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 299)

Na figura 39, carta 39 - *(REVÓ)L(VER)*, podemos observar na região Oeste do Paraná, conforme destacado no mapa, a ocorrência de três variantes para a lateral: alveolar [l], a alveolar velarizada [ɫ] e a semivogal [w]. A variante alveolar (em vermelho) encontra-se distribuída da área mais central da região, enquanto a alveolar velarizada (em verde) é registrada dispersa na área mais periférica. A semivogal desenha um trajeto que se inicia na área mais a nordeste e se desloca para o sul, representando o caminho de deslocamento dos grupos até a fronteira, em Foz do Iguaçu.

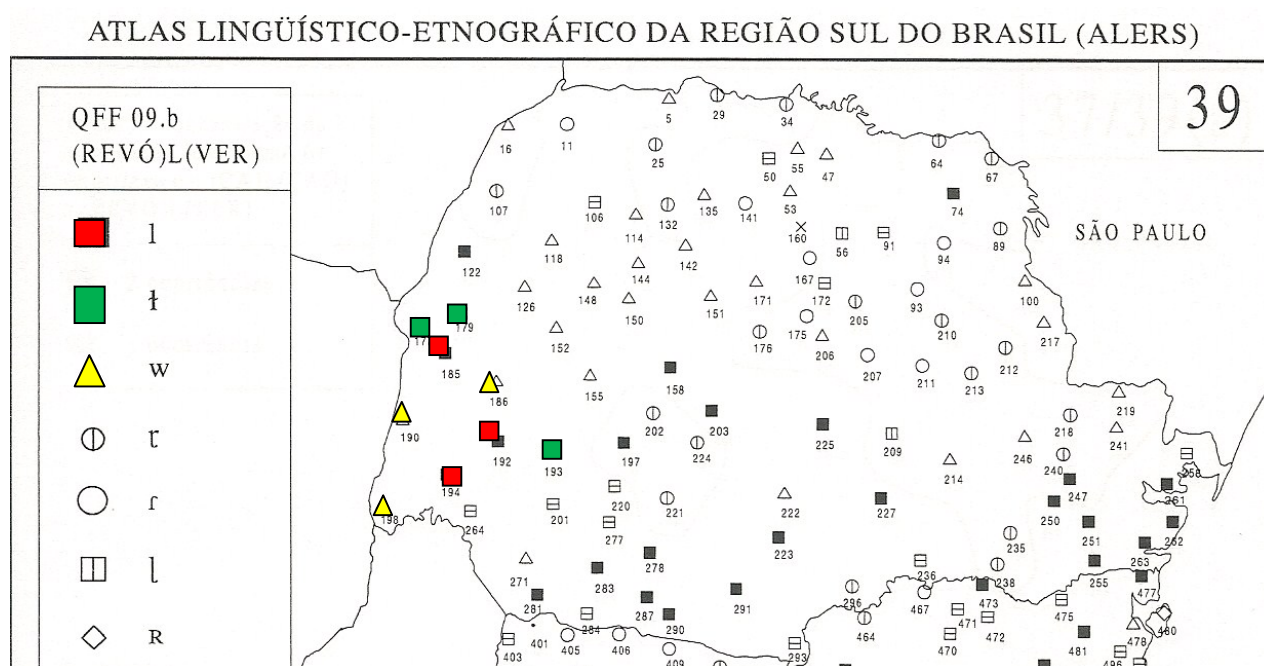


FIGURA 39 – Carta Linguística 39 - *(REVÓ)L(VER)*

Fonte: Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN, ALTENHOFEN, 2002, p. 131)

As cartas confirmam a realidade quanto às variantes para a lateral pós-vocálica, registrando na região Oeste a transição entre [l], [ɫ] e [w]. Considerando-se o contexto linguístico, a extensão da palavra, a sílaba tônica e os contextos precedente e seguinte, podemos visualizar, na Tabela 09 abaixo, outras variantes, como o rotacismo

em *pólvora*, com a incidência da retroflexa, e a queda da lateral ou prolongamento da vogal numa semivogal, em *azul*.

O conjunto geral dos dados registrados nas palavras selecionadas para a análise apresenta uma grande vitalidade da semivogal [w], tendência já apontada em estudos anteriores, e a resistência da lateral alveolar [l] e da lateral alveolar velarizada [ɫ].

A distribuição diatópica e sociocultural das ocorrências pode se somar aos demais fenômenos para delimitar áreas com um perfil mais conservador quanto aos traços da fala de origem dos falantes, e os grupos que se colocam como inovadores, adotando e implementando as formas novas na comunidade, conforme os dados apresentados na tabela 08.

TABELA 08 – Variantes para a lateral em coda silábica

PALAVRA	CARTA	CONTEXTO FONOLÓGICO	REALIZAÇÕES				
			[ɫ]	[l]	[w]	[r]	[ɾ]
PÓLVORA	95	Coda silábica	[ɫ]	[l]	[w]	[r]	[ɾ]
			12,5%	12,5%	56%	4%	15%
AZUL	96	Coda silábica	[ɫ]	[l]	[w]	[ø]	
			4%	8%	75%	13%	
MEL	94	Coda silábica	[ɫ]	[l]	[w]		
			11%	9%	80%		
TOTAL			10%	11%	79%		

Em termos diatópicos, conforme os dados apresentados no gráfico 33, a variante vocalizada para a lateral, em coda silábica, é registrada em todos os pontos investigados.

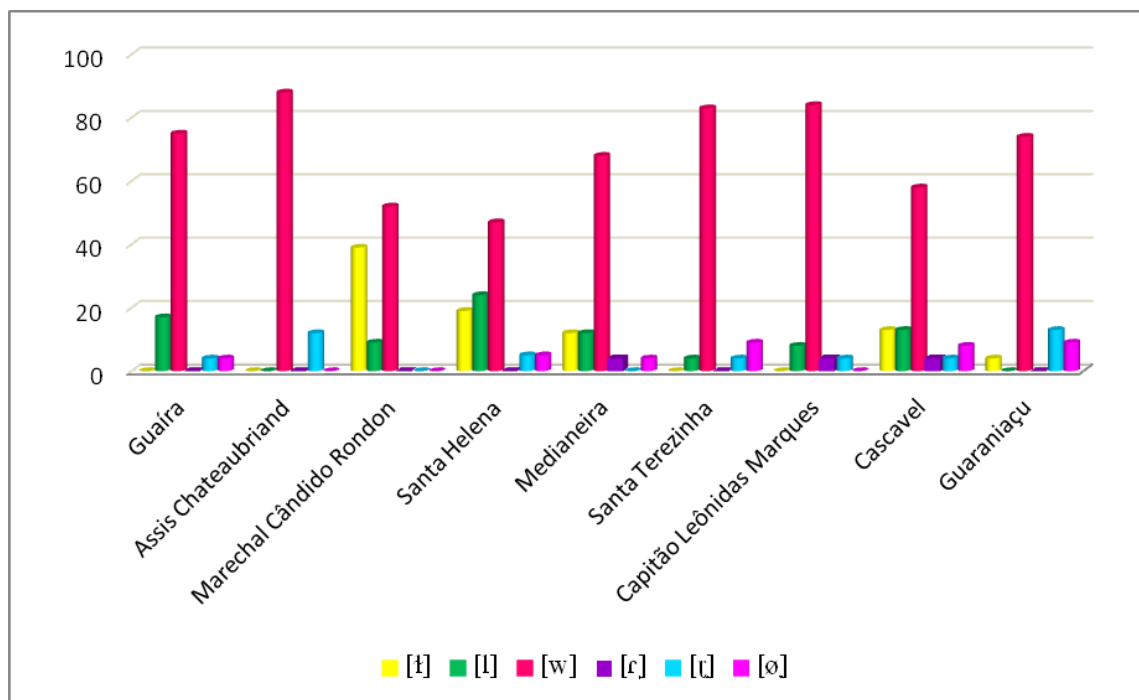


GRÁFICO 33 – Distribuição diatópica das variantes para a lateral em coda silábica

Na figura 40, carta - *Me/*, podemos observar a dispersão das variantes pelo território dos Oeste paranaense. Se delinearíamos faixas de ocorrência, temos faixas: (i) ao norte, nos pontos **01** - Guaíra e **02** - Assis Chateaubriand; (ii) ao centro em direção ao sul, em **06** - Santa Terezinha de Itaipu e **07** - Capitão Leônidas Marques; (iii) ao leste, em **09** – Guaraniaçu. Na maioria das localidades, a variante concorre com a lateral alveolar e/ou com a retroflexa. Somente no ponto **09** - Guaraniaçu não encontramos o registro da lateral alveolar.

O registro da variante lateral alveolar e lateral alveolar velarizada forma uma faixa no Extremo Oeste, nos pontos **03** - Marechal Cândido Rondon e **04** - Santa Helena, ocorrendo também nos pontos **05** - Medianeira e **08** - Cascavel. Embora não ultrapassem os registros da variante semivogal, as suas ocorrências indicam, diante da tendência da presença da semivogal, a manutenção e a resistência à forma inovadora. Os dados socioculturais podem auxiliar a reconhecer os grupos que mantêm o traço, se este atua na comunidade como uma forma de prestígio e preservação da identidade.

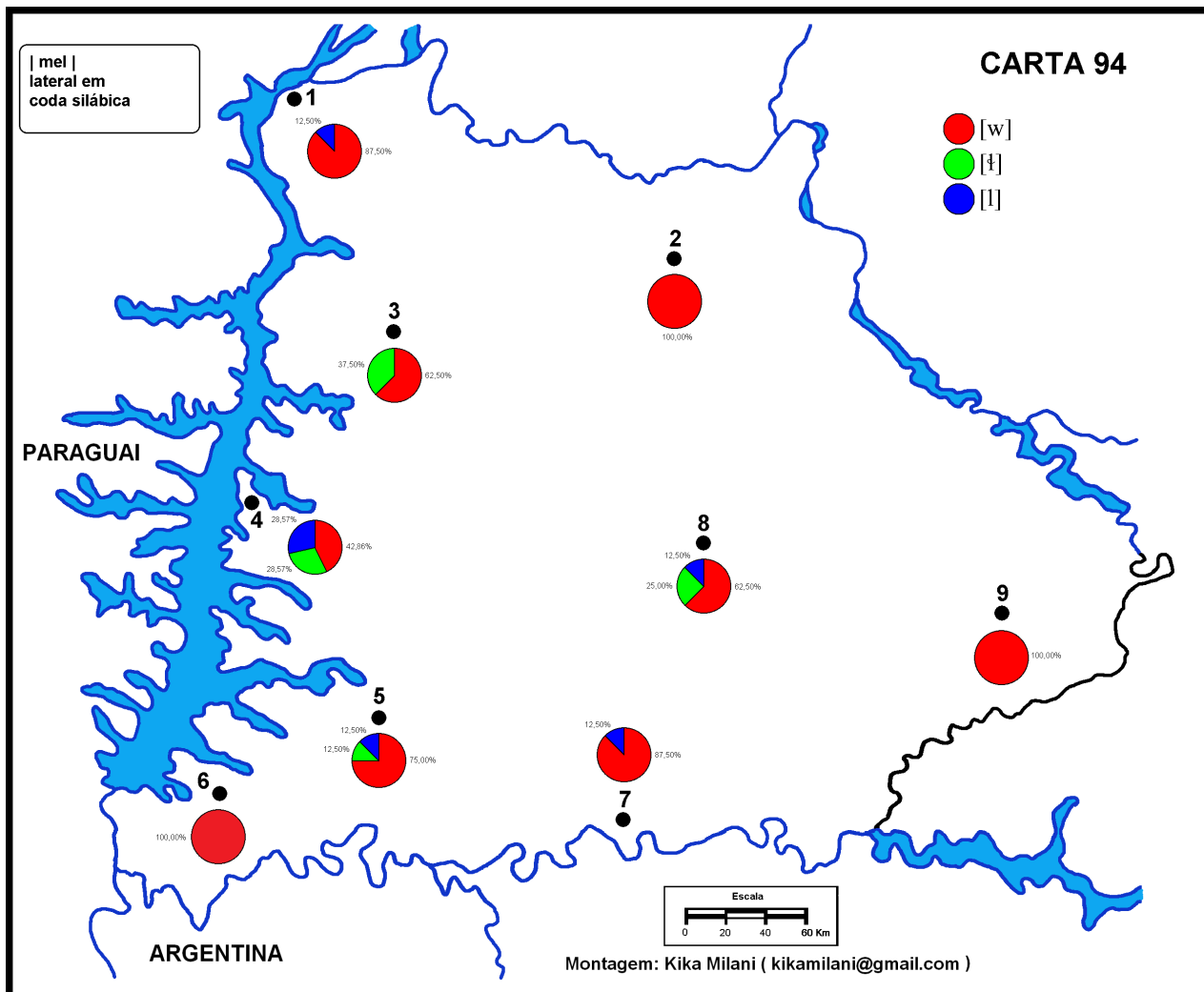


FIGURA 40 – Carta Linguística 94 – *Me/*
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná

Os dados apresentam uma gradação entre os registros: (i) a incidência da lateral alveolar velarizada em **03** - Marechal Cândido Rondon (núcleo de colonização de descendentes alemães); (ii) incidência da lateral alveolar, acompanhada da velar, em **04** - Santa Helena (apesar da presença de teuto-brasileiros, a comunidade apresenta presença de migrantes de outras regiões do Paraná e do Brasil); (iii) a alternância das duas variantes em **05** - Medianeira (núcleo de colonização de descendentes italianos, com a presença de migrantes de outras regiões do Brasil) e **08** - Cascavel (não compreende um núcleo étnico, porém, apresenta nas localidades rurais

fortes marcas culturais das regiões de origem, com a presença de migrantes de outras regiões do Brasil).

Os gráficos, na sequência, ampliam a visualização da ocorrência das variantes da lateral entre vogais em termos socioculturais, possibilitando identificar os grupos mais representativos no registro das variantes.

No gráfico 34, com as variantes para a lateral em coda silábica na dimensão diastrática, podemos observar que as variantes ocorrem de forma equilibrada na fala de homens e mulheres. A semivogal predomina entre os informantes do sexo masculino e feminino, com 70% das ocorrências. Entre os homens, as ocorrências da lateral alveolar e da lateral alveolar velarizada apresentam maior número de registros.

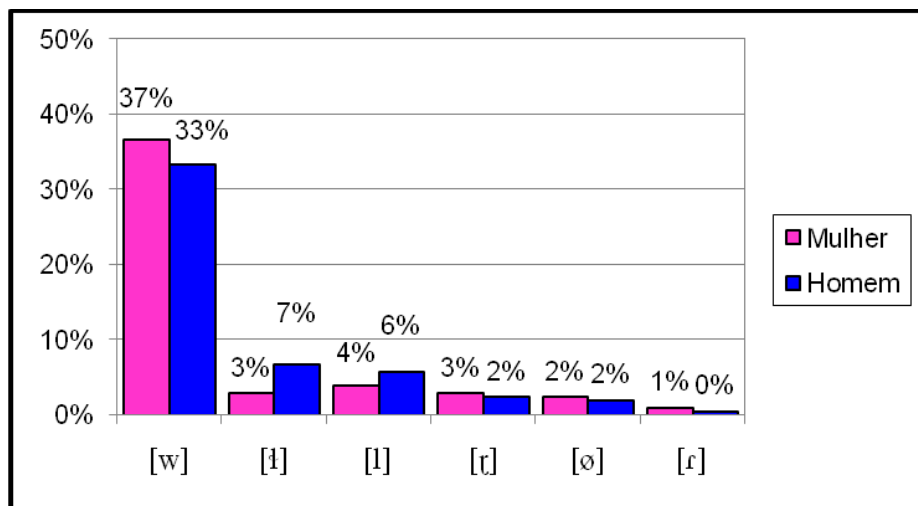


GRÁFICO 34 – Distribuição diasssexual das variantes para a lateral em coda silábica

Na dimensão diageracional, conforme o gráfico 35, encontramos a mesma realidade, com relação à semivogal, na fala da GI e GII. Destaca-se, porém, a baixa produtividade das lateral alveolar e velarizada na fala dos informantes mais jovens.

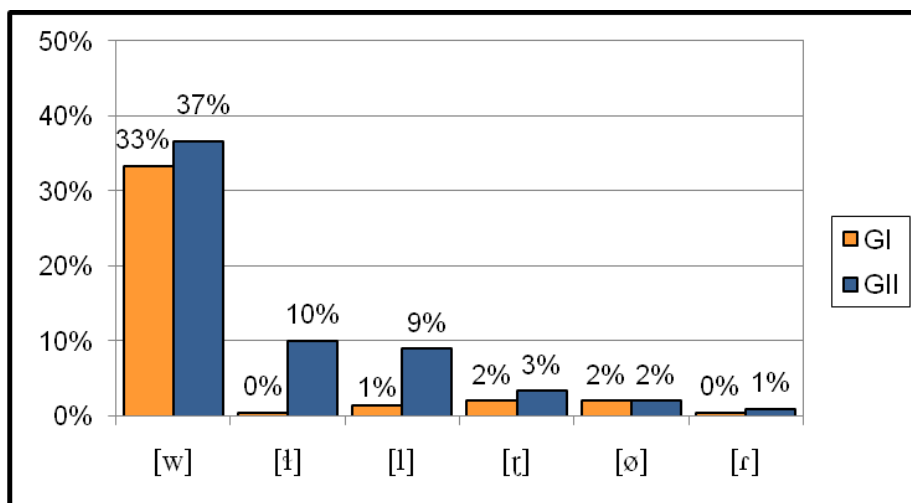


GRÁFICO 35 – Distribuição diageracional das variantes para a lateral em coda silábica

No gráfico 36, podemos observar que o nível de escolaridade apresenta-se como contexto favorável à implementação da semivogal. Assim, quanto mais tempo o falante permanece na escola (Ensino Médio incompleto), maior será o registro de ocorrências da semivogal. Ao contrário, quanto mais baixa a escolaridade (sem escolaridade ou Ensino Fundamental incompleto), menor será a incidência da semivogal, e maior a ocorrência das demais variantes, entre elas a lateral alveolar e a velar, a queda, a retroflexa e o rotacismo.

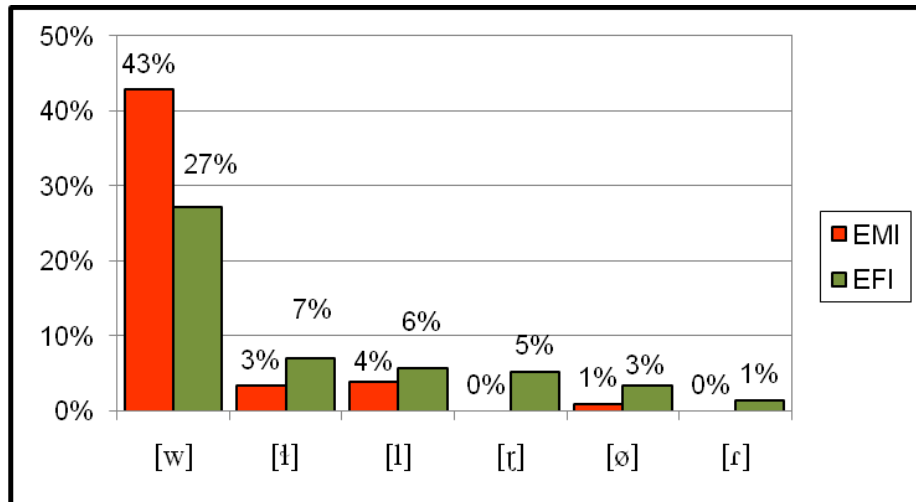


GRÁFICO 36 – Distribuição diastrática das variantes para a lateral em coda silábica

As variantes alveolar e velar, juntamente com a retroflexa, a queda e o rotacismo, são formas estigmatizadas socialmente. As duas primeiras, por se concentrarem na fala de pessoas mais velhas, residentes na zona rural, com pouca escolaridade. No caso, não se pode afirmar veementemente que se trata de prestígio econômico dos falantes, mas relaciona-se à escolaridade e ao rótulo de “colono”, dado àquelas pessoas que residem na zona rural e que, julgadas com pouca escolaridade, não têm acesso aos bens culturais.

Segundo Votre (2004, p. 51),

As formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico; ocorrem em contextos mais formais, mais elitizados, entre interlocutores que se transformam em modelos e pontos de referência do bem falar e escrever.

Presente na fala dos primeiros colonos que povoaram a região, a lateral alveolar e a lateral alveolar velarizada figuram como formas estigmatizadas por serem vistas como forma relacionada ao ambiente rústico do campo, de pessoas com pouca escolaridade. Porém, antes de tecer considerações mais profundas, entendemos que a realização da lateral pós-vocálica merece uma pesquisa mais detalhada e um estudo contrastivo que leve em consideração a dimensão diatópica topostática e topodinâmica.

Os dados fonético-fonológicos coletados para esta pesquisa evidenciam uma realidade que se afigura em todo o território brasileiro; alguns deles, em parte aqui descritos, ocorrem especificamente na região Sul. Podemos considerar, com base nos dados, a influência da escola e da mídia na propagação de variantes avaliadas, hoje, como formas mais prestigiadas pela sociedade. Embora algumas localidades ainda possuam comunidades relativamente homogêneas, como a dos descendentes de alemães, em Marechal Cândido Rondon e Santa Helena, e de italianos, em Medianeira e Santa Terezinha de Itaipu, registramos a implementação e a adoção de alguns fenômenos distintos daqueles presentes da fala de origem dos colonizadores.

É possível identificar uma área de transição entre Capitão Leônidas Marques e Cascavel, comunidades que se formaram com a mistura de gaúchos, catarinenses, paulistas e nordestinos.

5.2 FENÔMENOS SEMÂNTICO-LEXICAIS

Dentre os dialetos do português brasileiro, as variantes lexicais podem ser tomadas como elemento emblemático na representação dos diferentes “brasis” que formam nosso país. A língua portuguesa falada em todo o território brasileiro adquire os tons de cada região, condicionada à mistura de culturas e aos espaços pelos quais penetra ou estaciona por uma área, expondo toda a complexidade e dinamicidade da fala. Mais do que variantes, encontramos nas variedades do português brasileiro a expressão da organização social nas comunidades, a história de cada grupo, seus papéis e as fases de transformação pelas quais cada uma das comunidades passou no tempo.

Para Isquierdo (2006, p. 14),

discutir a configuração dos regionalismos no âmbito de uma língua implica considerar a noção de norma regional e popular, já que esses fatos linguísticos situam-se na esfera da variação lexical de natureza diatópica, ou seja, a variação que se processa no eixo horizontal ou espacial.

Essas normas, às quais a autora faz referência, refletem o modo como os espaços se organizam com relação aos grupos que os compõem. Ou seja, se temos uma grande área identificada pelos seus usos linguísticos, que lhe conferem uma unidade e identidade, no seu próprio interior encontramos grupos socioculturais distintos, que se particularizam quanto ao grupo maior.

Sobre o assunto, Isquierdo (2006, p. 18) ainda destaca que

na verdade, essa norma foi se desenhando de forma distinta nas diferentes regiões brasileiras, motivada por condicionantes extralinguísticos, como os fatores físico-geográficos que as individualizam, os contatos étnicos que ali se processaram, as atividades econômicas predominantes, enfim, pela história social das várias áreas culturais que foram se formando, nos mais diferentes rincões do Brasil, ao longo da sua história.

Segundo Aragão (2007, p. 1), a apreensão, a compreensão, a descrição e a explicação da “visão de mundo’ de um grupo sócio-linguisticocultural, ou de um grupo de especialistas ou profissionais” ocorre por meio do estudo das unidades lexicais e suas relações em contextos.

No léxico encontramos, portanto, os elementos da história, nos quais podemos capturar as transformações culturais, sociais e econômicas dos grupos. No Oeste do Paraná, o contato entre culturas e etnias, as transformações de ordem social (de uma sociedade homogênea para uma sociedade heterogênea), as mudanças econômicas (passagem de uma cultura essencialmente rural para a urbana), o desenvolvimento da rota turística pode atuar decisivamente no comportamento linguístico dos falantes.

Na tentativa de descrever e reconhecer a formação de áreas homogêneas, com a manutenção dos traços trazidos pelos colonizadores, e de áreas mais heterogêneas, com a adoção de formas novas, trazidas pelos grupos de imigração recente, apresentamos, a seguir, uma amostra das variantes lexicais registradas entre os informantes do Oeste.

Para cada variante, apresentamos as formas dicionarizadas em obras lexicográficas selecionadas para esta pesquisa. Com o objetivo de registrar, portanto,

os estágios da língua portuguesa presentes na fala da região, selecionamos os dicionários:

- (i) Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatomico, architectonico..., de Raphael Bluteau (1717-1728),⁸⁵ considerado o primeiro dicionário monolíngue do português;
- (ii) Dicionário da Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes Silva (1813), apresenta a sistematização moderna do léxico da língua, que serviu de referência para os seguintes;
- (iii) Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, Caldas Aulete (1884);
- (iv) Dicionário etimológico da língua portuguesa, de Antonio Geraldo da Cunha (1982);
- (v) Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (2010);
- (vi) Dicionário Houaiss da língua portuguesa, de Antonio Houaiss (2002)⁸⁶.

À apresentação das variantes dicionarizadas e à descrição realizada no Atlas Linguístico do Paraná/ALPR e Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS, segue a descrição das variantes registradas na fala dos informantes do Oeste paranaense, conforme segue:

- (i) Tabelas, com os índices de ocorrência;
- (ii) Gráfico, com a distribuição diatópica;
- (iii) Carta Linguística, com a documentação cartográfica da distribuição areal das variantes pela região;
- (iv) Gráficos socioculturais, com o registro das ocorrências nas dimensões diassexual, diageracional e diastrática.

Os dados, colhidos entre os informantes, serão apresentados considerando-se os campos semânticos. Os campos semânticos, abaixo descritos, selecionados para a descrição e discussão dos dados buscam apresentar um

⁸⁵ Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau/formBusca_DicionarioPIChave.asp> Acesso em: 18 fev. 2010.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.uol.com.br/>

panorama da fala do Oeste paranaense a partir da diversidade da população, mas, principalmente, da convivência das diferentes formas, da resistência e da adoção das variantes na fala, entre os falantes.

- Acidentes Geográficos – Designações para *córrego*;
- Fenômenos da Natureza – Designações para *arco-íris*;
- Atividades Agropastoris – Designações para *camomila*;
- Fauna – Designações para *sura*;
- Corpo Humano – Designações para *terço*;
- Ciclos da Vida – Designações para *caçula*;
- Convívio e Comportamento Social – Designações para *xará*.

Os critérios para a seleção foram, além do registro em estudos anteriores (AGUILERA, 1994; ALTINO, 2007), a possibilidade de identificar os estágios de mudança e a formação de áreas de transição, manutenção e inovação, considerando a imigração dos grupos em diferentes momentos da história.

5.2.1 Acidentes Geográficos

5.2.1.1 Variantes para *córrego*

Para *córrego*, os informantes registraram em suas respostas as variantes: *córrego*, *riacho*, *sanga*, entre outras (*riozinho*, *lagoa* e *arroio*). Foram documentadas aquelas variantes que apresentaram o maior número de ocorrências, conforme a tabela 09, a seguir

TABELA 09 – Variantes para *córrego*

CONCEITO	CARTA	FORMAS REGISTRADAS			
		Córrego	Riacho	Sanga	Outros
Córrego	1	40%	15%	25%	20%

Para *córrego*, nos dicionários consultados, encontramos as variantes:

- *Côrrego de agoa e regato de água*,⁸⁷ em Bluteau (1717-1728);⁸⁸
- *Córrego e regueiro d'água*,⁸⁹ no dicionário Moraes Silva (1813);⁹⁰
- *Córrego, regueiro, torrente, carril entre montes, atalho fundo, linha de córrego, ribeiro, riacho, regato e sanga*,⁹¹ em Caldas Aulete (1968);
- *Córrego e riacho*,⁹² em Cunha (2007);
- *Córrego, fenda, sulco, corga, via estreita, corgo, desfiladeiro e riacho*,⁹³ em Houaiss (2002).

Conforme podemos observar, nas variantes registradas nos dicionários, há: (i) a apresentação das variantes para o referente: *córrego*, *regueiro*, *torrente*, *ribeiro*, *riacho*, *regato*, *sanga*, *fenda*, *sulco desfiladeiro*; (ii) a definição das variantes: *côrrego de agoa*, *regato de água*, *regueiro d'água*, *carril entre montes*, *atalho fundo*, *linha de córrego*, *via estreita*; (iii) o registro de variantes fonético-fonológicas: *corgo* e *gorga*. As descrições indicam a pluralidade de formas da língua para designar o referente, as quais registram também as suas características ao especificar a localização (entre montes), a forma (estrito e fundo).

A seguir, na figura 41, referente à carta 163, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), podemos observar a dispersão das variantes pelo território paranaense. A variante *córrego*, em azul, toma toda a área mais ao norte e parte do litoral, em direção à região central, onde alterna com *sanga*, em vermelho, e *arroio*, em verde. A variante *sanga* concentra-se na área mais ao sul do Paraná, ocorrendo, com registro de vitalidade na região sudoeste e oeste. Em termos de

⁸⁷ “1. CORREGO, *Côrrego de agoa. Agoa, que corre, a modo de hum rigueiro. Do qual tanque por hum Corrego abaxo corre huma quantidade de agoa, que vem dar na praya. Barros, I. Dec. Fol.165.col. (p. 563) 2. CORREGO. Termo de Mineiro, nas Minas do Rio de Janeiro. He hum regato de água, que vem a passar pelas serras, onde se busca o ouro*”.

⁸⁸ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra, 1712-1728. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau/formBuscaDicionarioPIChave.asp>> Acesso: em 18 fev. 2010.

⁸⁹ Para *córrego*, é apresentado “*regueiro d'água, que sái de tanque*”.

⁹⁰ MORAES SILVA, Antonio de. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Na Typografia Lacérdina, 1813.

⁹¹ “1. *Regueiro, torrente, carril entre montes, atalho fundo*; 2. *Linha de córrego, designação portuguesa do talvegue*; 3. (Bras.) *Ribeiro, riacho, regato; sanga (no Rio Grande do Sul e Santa Catarina)*”.

⁹² O dicionário apresenta a origem da palavra, do latim “*corrugus*”.

⁹³ “*Fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes; corga; via estreita e funda entre montes, cadeia de montanhas etc.; corgo, desfiladeiro; ocorre aqui também a identificação de corgo e riacho, no Nordeste do Brasil*”.

abrangência geográfica, *arroio* apresenta maior produtividade que *sanga*, e toma toda a área central do estado. O encontro dessas variantes e a sua coexistência se dão em zonas que tiveram, em sua formação histórica, a presença de grupos do Sudeste e Nordeste do Brasil, e Norte do Paraná.

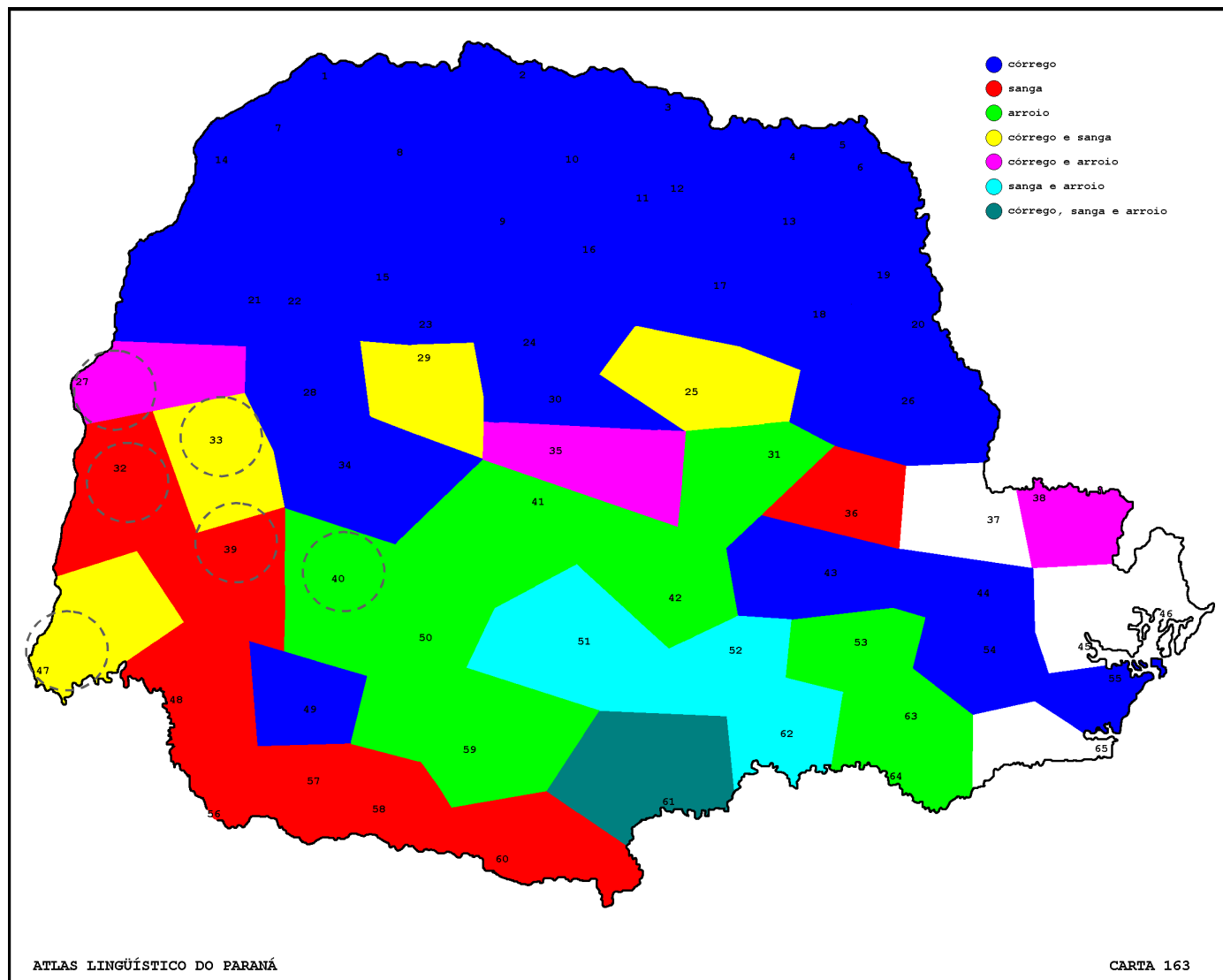


FIGURA 41 – Carta Linguística 163
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 349)

Margotti e Rocha (2008, p. 2) apresentam, na carta 007 - *Riacho*, do Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS, figura 42, na sequência, a difusão da variante *sanga* pelos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Como podemos observar, os dados revelam, além do trajeto da variante pela área mais ao oeste da região, a sua vitalidade no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e a dispersão no Paraná.

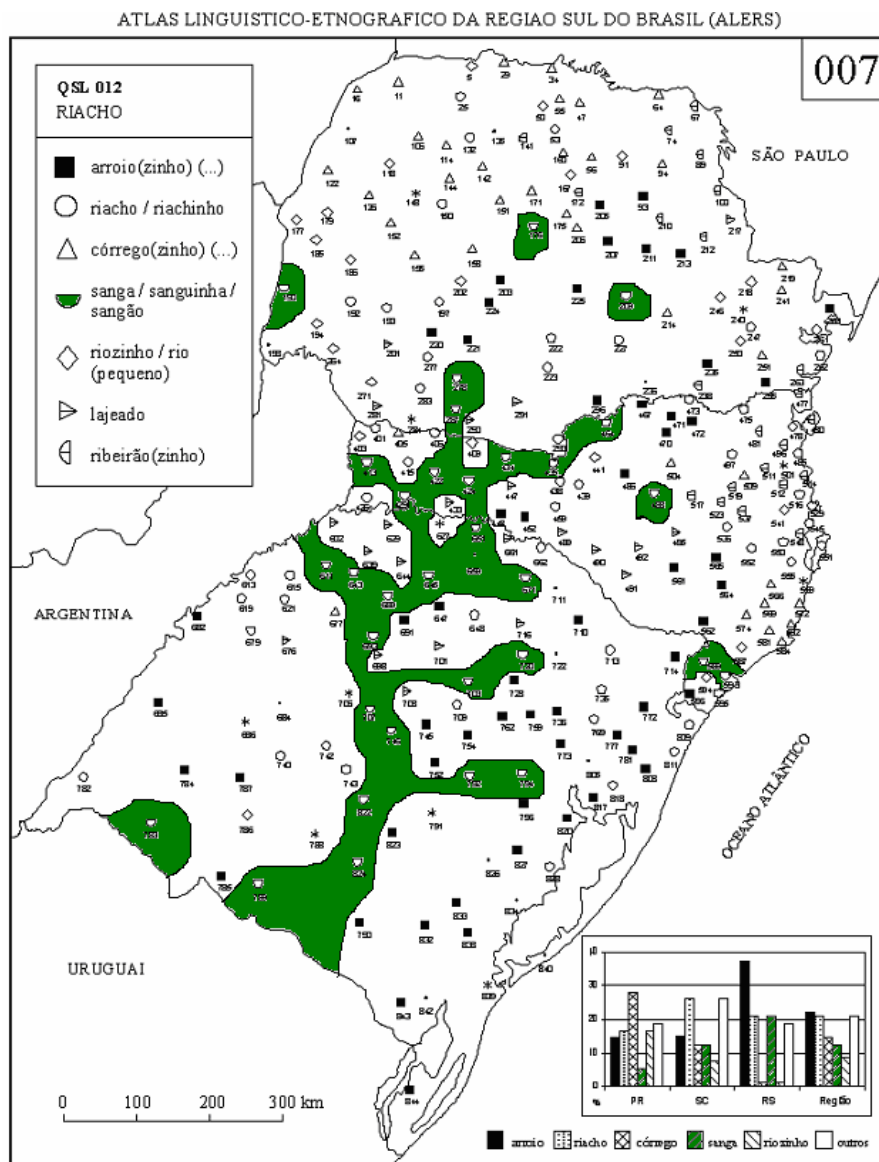


FIGURA 42 – Carta Linguística 007 - *Riacho*

Fonte: Anais do CELSUL (MARGOTTI; ROCHA, 2008, p. 9)

Margotti e Rocha (2008, p. 5) levantam a hipótese de que a variante *sanga* tenha

[...] entrado na língua portuguesa do Sul do Brasil como uma adaptação do termo espanhol *zanja*, que, de acordo com o *Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE)*, provém de *zanjar* que significa uma escavação comprida e estreita que se faz na terra para colocar os cimentos, conduzir as águas, defender as plantações ou coisas

semelhantes, e, na América, significa *arroio* produzido pela água corrente.

Na Carta 007 - *Riacho*, do Atlas Linguístico-Etnográfico da região Sul do Brasil//ALERS, podemos identificar na área destacada a rota da variante *sanga*, a qual partiu da fronteira do Brasil com o Uruguai, indo em direção ao norte, em direção à Santa Catarina e ao Paraná. Segundo Margotti e Rocha, a variante traça o caminho percorrido pelos tropeiros no século XVIII, pois

a distribuição dos dados no mapa da Figura 2 mostra a coincidência das palavras *sanga*, *sanguinha*, *sangão* com uma das primeiras rotas dos tropeiros, aquela que passava pelo município de Lages (SC), subindo pelo centro dos estados rumo a Sorocaba (SP). Os tropeiros optaram, inicialmente, pelo *Caminho da Praia* que era um caminho mais ao Leste dos estados e isso justifica o uso dessas palavras no Sul de Santa Catarina. Posteriormente, depois da expulsão dos jesuítas, os caminhos das tropas foram se deslocando para o Oeste do Rio Grande do Sul, favorecendo a ocupação definitiva das Missões. (MARGOTTI; ROCHA, 2008, p. 8).

A variante *sanga* pode ser tomada como uma herança deixada pelos viajantes que cruzaram a região, como os tropeiros, mas também pode ser resultado de movimentos mais recentes, como a dos colonos sulistas, que povoaram o Oeste e o Sudoeste do Paraná no século XIX.

Nos dados coletados no Oeste paranaense, para esta pesquisa, conforme podemos observar na figura 43, Carta 1 – *Córrego*, a variante *córrego* ocorre em toda a região. De acordo com os registros, podemos identificar: (i) áreas de maior vitalidade, nos pontos **01** - Guaíra, **02** - Assis Chateaubriand e **06** - Santa Terezinha de Itaipu; (ii) áreas de alternância com as variantes *sanga* e *riacho*, nos pontos **03** – Marechal Cândido Rondon, **04** – Santa Helena, **06** – Medianeira, **08** – Cascavel, **09** – Guaraniaçu.

As ocorrências para a variante *sanga* revelam a vitalidade da forma nos pontos mais ao sul da região, **07** - Capitão Leônidas Marques, **06** - Medianeira, e central, **09** - Guaraniaçu e Cascavel, perdendo força nos pontos mais ao norte, **04** - Santa Helena, **03** - Marechal Cândido Rondon, onde alterna com *córrego* e *riacho*, e **02** - Assis Chateaubriand.

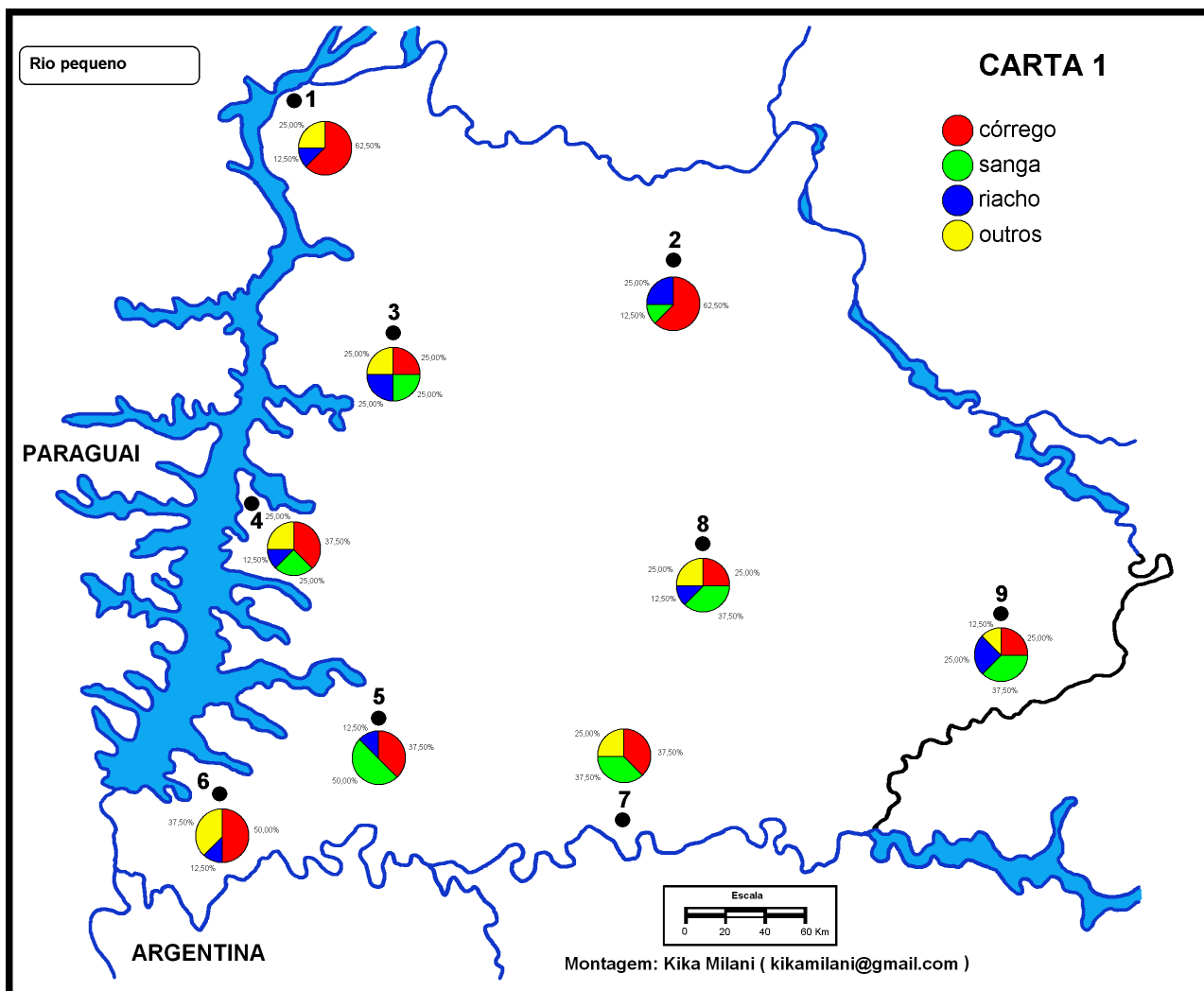


FIGURA 43 – Carta Linguística 1 - *Córrego*
Um Estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Na dimensão sociocultural, os dados registram as realizações das variantes nas variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Na dimensão diasssexual, conforme os dados do gráfico 37, é possível observar que apenas a variante *riacho* se destaca na fala dos homens, as demais apresentam uma regularidade quanto à sua ocorrência.

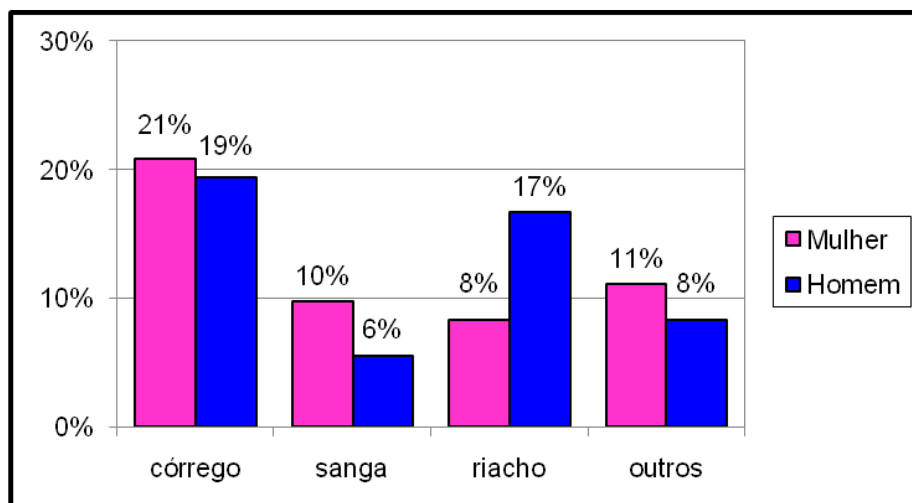


GRÁFICO 37 – Distribuição diasssexual das variantes para *córrego*

Na dimensão diageracional, segundo os dados, apresentados no gráfico 38, a variante *córrego* é mais registrada pelos informantes da geração mais velha (45 a 65 anos).

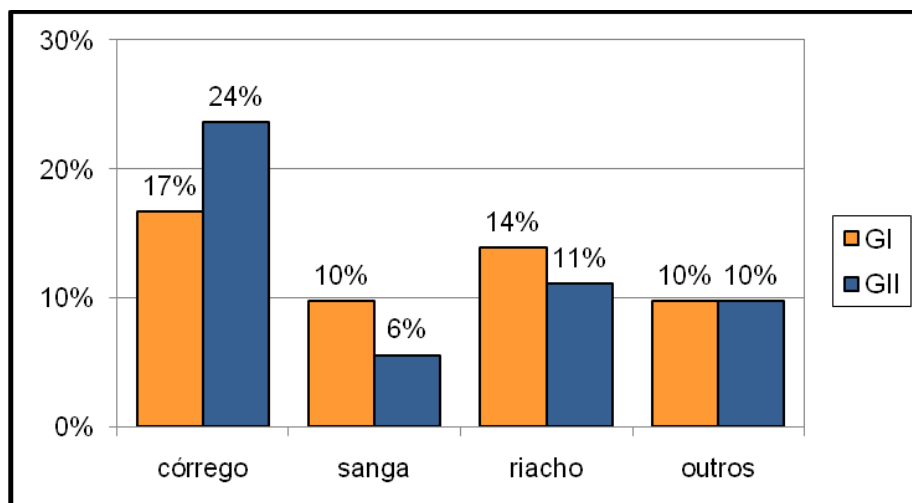


GRÁFICO 38 – Distribuição diageracional das variantes para *córrego*

Os dados diastráticos, gráfico 39, indicam a predominância de *córrego* entre os informantes com maior escolaridade, enquanto *riacho* e *sanga* ocorrem entre

os de escolaridade baixa. A ocorrência de *córrego* entre os informantes mais escolarizados pode estar relacionada ao contato com a língua escrita.

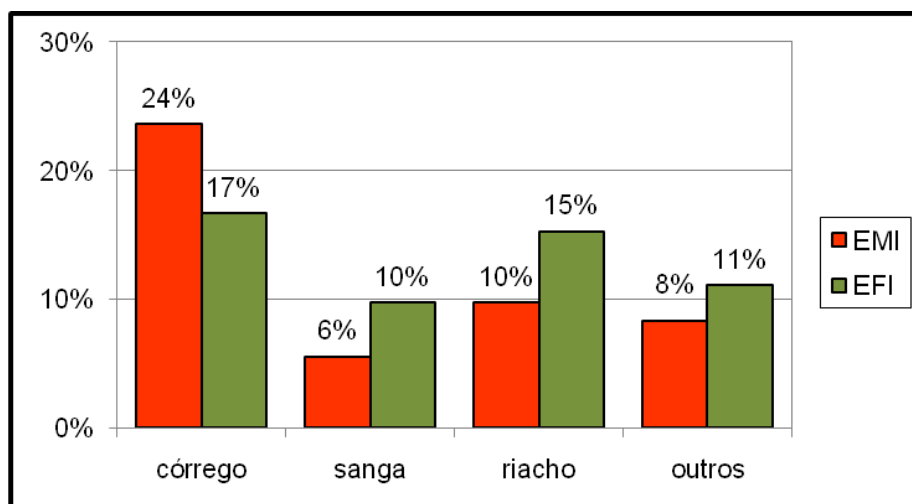


GRÁFICO 39 – Distribuição diastrática das variantes para *córrego*

A variante *córrego* é registrada com mais incidência, portanto, entre os informantes do sexo feminino, da segunda geração, com maior escolaridade, enquanto *sanga* ocorre com mais vitalidade entre os homens, da geração mais jovem, com escolaridade baixa.

Os dados indicam uma estabilidade no registro das variantes, considerando-se os registros do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS. As áreas de distribuição das variantes *córrego*, *sanga* e *riacho* mantêm-se na região Oeste, destacando-se, porém, o desaparecimento de *arroyo*, que foi registrado pelos estudos já realizados na região Oeste.

5.2.2 Fenômenos da Natureza

5.2.2.1 Variantes para *arco-íris*

Foram documentadas as variantes *arco-íris* e *arco da velha*, esta última, porém, com baixa produtividade. A variante *arco-íris* é a mais documentada entre os informantes, muito provavelmente por ser a forma urbana, presente, também, na língua escrita.

Em consulta aos dicionários, encontramos para *arco-íris* as variantes:

- *Arco celeste* e *íris*, em Bluteau (1717-1728),⁹⁴
- *Arco Iris*, *celeste* e *da velha*, em Moraes Silva (1813),⁹⁵
- *Arco-íris*, *arco-celeste*, *arco-da-aliança*, *arco-da-chuva* e *arco-da-velha*, em Caldas Aulete (1968),⁹⁶
- *Arco-íris*, em Cunha (2007);
- *Arco-íris* e *arco-da-velha*, em Nunes e Nunes (2010);
- *Arco-íris*, em Houaiss (2002).

Conforme podemos observar, na figura 44, referente à Carta 18, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), a variante *arco-íris* toma todo o território paranaense, coocorrendo com *arco-da-velha* numa área que parte do litoral e atravessa o estado de norte a sul, tornando-se rarefeita no Extremo Oeste e em alguns pontos do Noroeste e Sul do estado.

⁹⁴ Segundo o autor, “o arco celeste se forma da resormação & reverbação dos rayos do sol, em huma nuvem, que em miúda chuva se dissolve. Sua figura He de hum meyo circulo, & o circulo se veria inteiro, se estivéramos em algum monte muito alto de modo, que o centro do sol, da nuvem, & do olho estivesse na mesma linha, o que sempre é necessário para ver o arco celeste. Quanto à segunda, *íris*, trata-se de um nome, que os Poetas dão ao arco celeste. Vem do Grego *Eirin*, q quer dizer *Annunciar*, & a *Iris* appareceu a Noe depois do dilúvio, como anuncio da paz. Que então Deos deo aos homens.” (p. 198).

⁹⁵ “Arco iris, celeste, ou da velha: o arco de varias cores, que se vê nos ares, em tempo chuvoso”;

⁹⁶ Para ‘arco-íris’, a definição apresentada é: “1. Fenômeno atmosférico óptico, produzido por refração e reflexão dos raios solares nas gotas de água da chuva, que se mostra em forma de arco de circunferência, na parte oposta ao sol, e com as cores do espectro. 2. [Também se lhe chama só *íris* e, vulgarmente *arco-celeste*, *arco-da-aliança*, *arco-da-chuva*, *arco-da-velha* e *arco-de-deus*].”

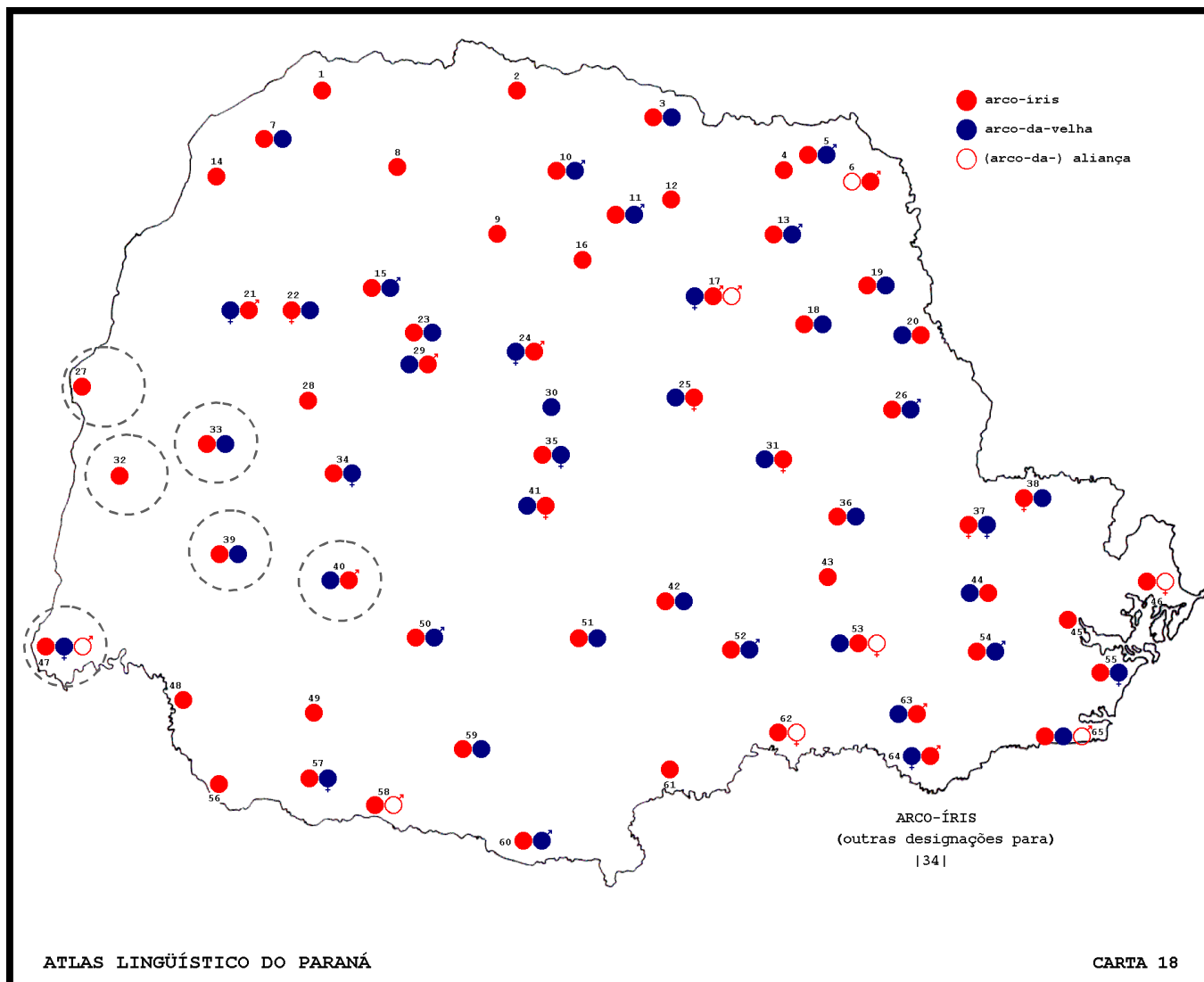


FIGURA 44 – Carta Linguística 18 - *Arco-íris* (e outras variantes para)
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 59)

Na carta 165, figura 45, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR, é possível observar que a variante apresenta uma área de concentração na região mais a nordeste do Paraná, e penetra em direção à região Oeste naqueles pontos que registram a presença de grupos mais heterogêneos, ou seja, nos pontos **47** - Foz do Iguaçu, **27** - Guaíra e **33** - Assis Chateaubriand. A rota da variante corresponde à rota dos grupos que chegaram à região, vindos de Guarapuava, em 1889, para a formação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu.

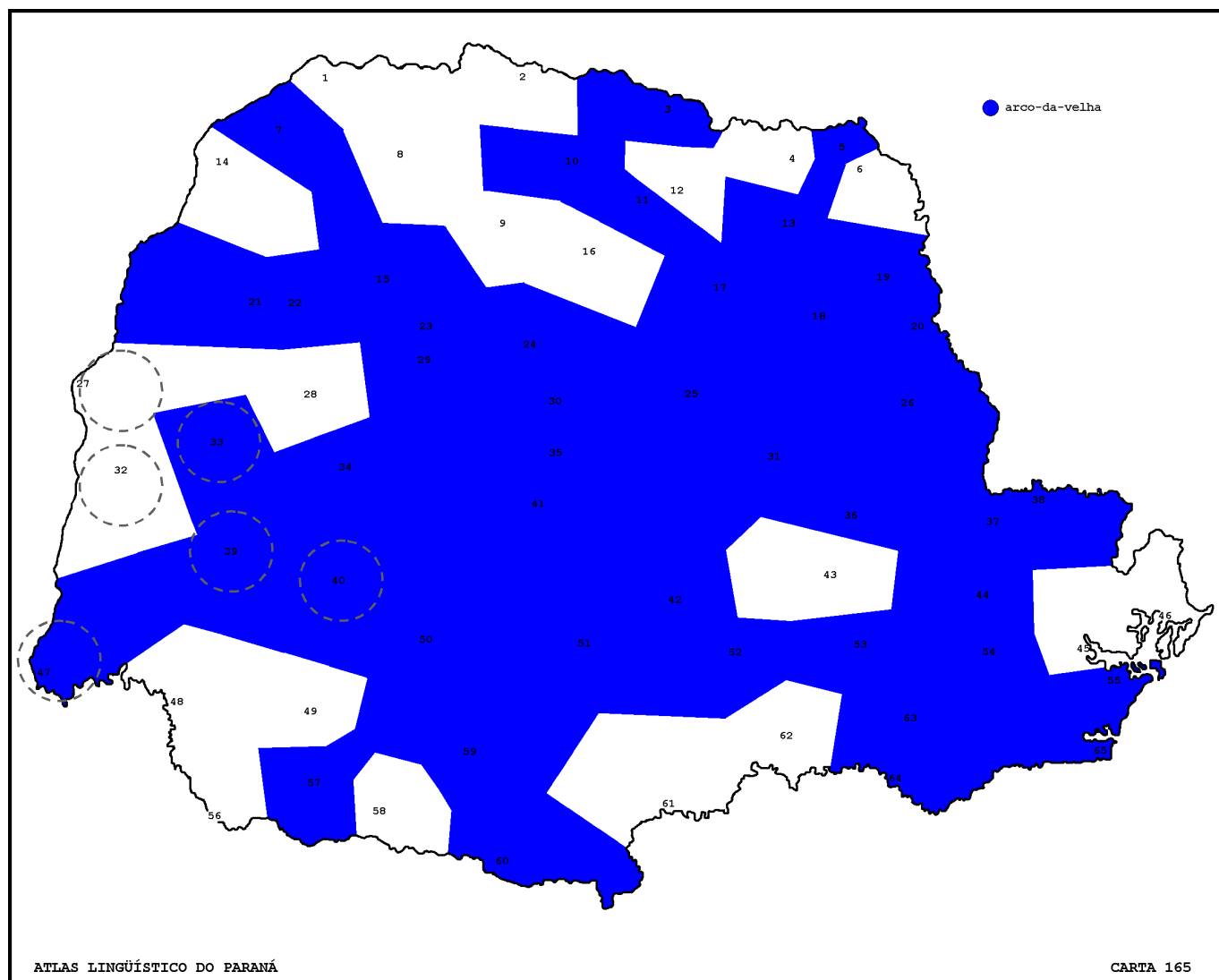


FIGURA 45 – Carta Linguística 165 - *Arco-da-velha*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 353)

Nos dados coletados para esta pesquisa, conforme a tabela 10, podemos observar que a variante *arco-íris* é hegemônica entre os informantes, enquanto *arco-da-velha* ainda sobrevive fracamente. As demais variantes desapareceram do vocabulário ativo dos falantes

TABELA 10 – Variantes para *arco-íris*

CONCEITO	CARTA	FORMAS REGISTRADAS	
		Arco-íris	Arco da velha
Arco-íris	3	97%	3%

A seguir, no gráfico 40, estão registradas as ocorrências das variantes documentadas na rede de pontos da pesquisa. Conforme podemos observa, *arco-da-velha* ocorre em pontos, **06** – Santa Terezinha de Itaipu e **09** – Guaraniaçu, que se destacam pela presença de falantes de regiões distintas do Brasil, no caso do primeiro, de falantes das área mais central do Paraná, o segundo.

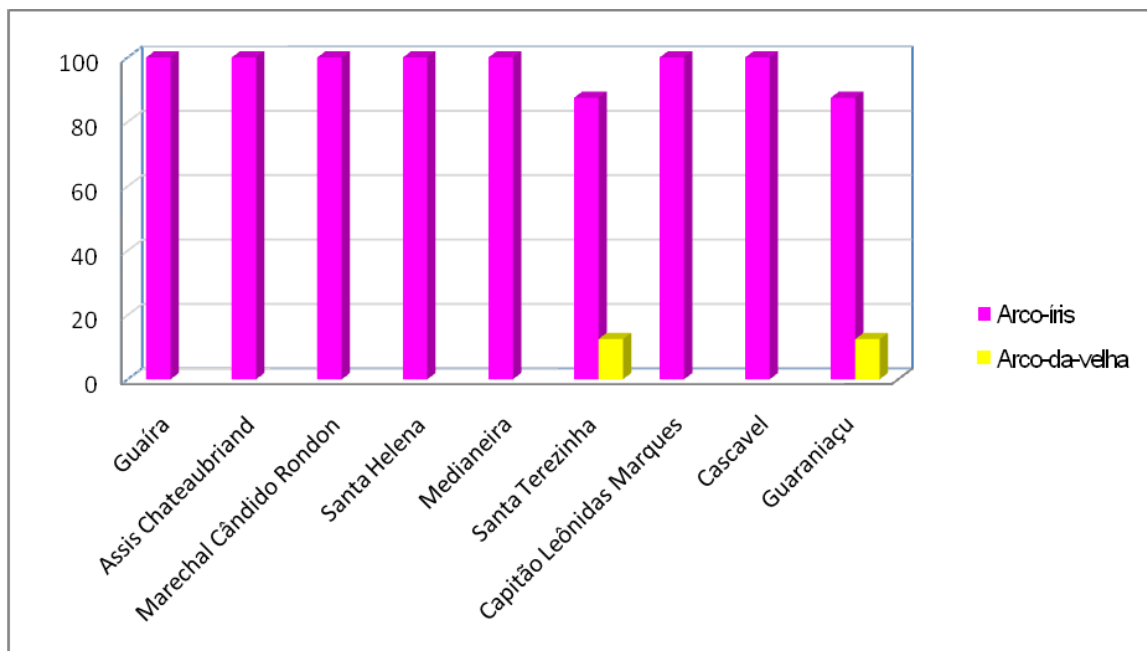


GRÁFICO 40 – Distribuição diatópica das variantes para *arco-íris*

Na figura 46, referente à carta 3 – *arco-íris*, podemos observar a distribuição areal das variantes. A variante *arco-íris* toma toda a região, enquanto *arco-da-velha* continua preservada nos pontos 06 – Santa Terezinha de Itaipu e 09 – Guaraniaçu. Estes pontos são representativos na história da formação do Oeste, com relação à presença de grupos originários do Norte e Centro-Oeste do Paraná, e do Nordeste e Sudeste do Brasil.

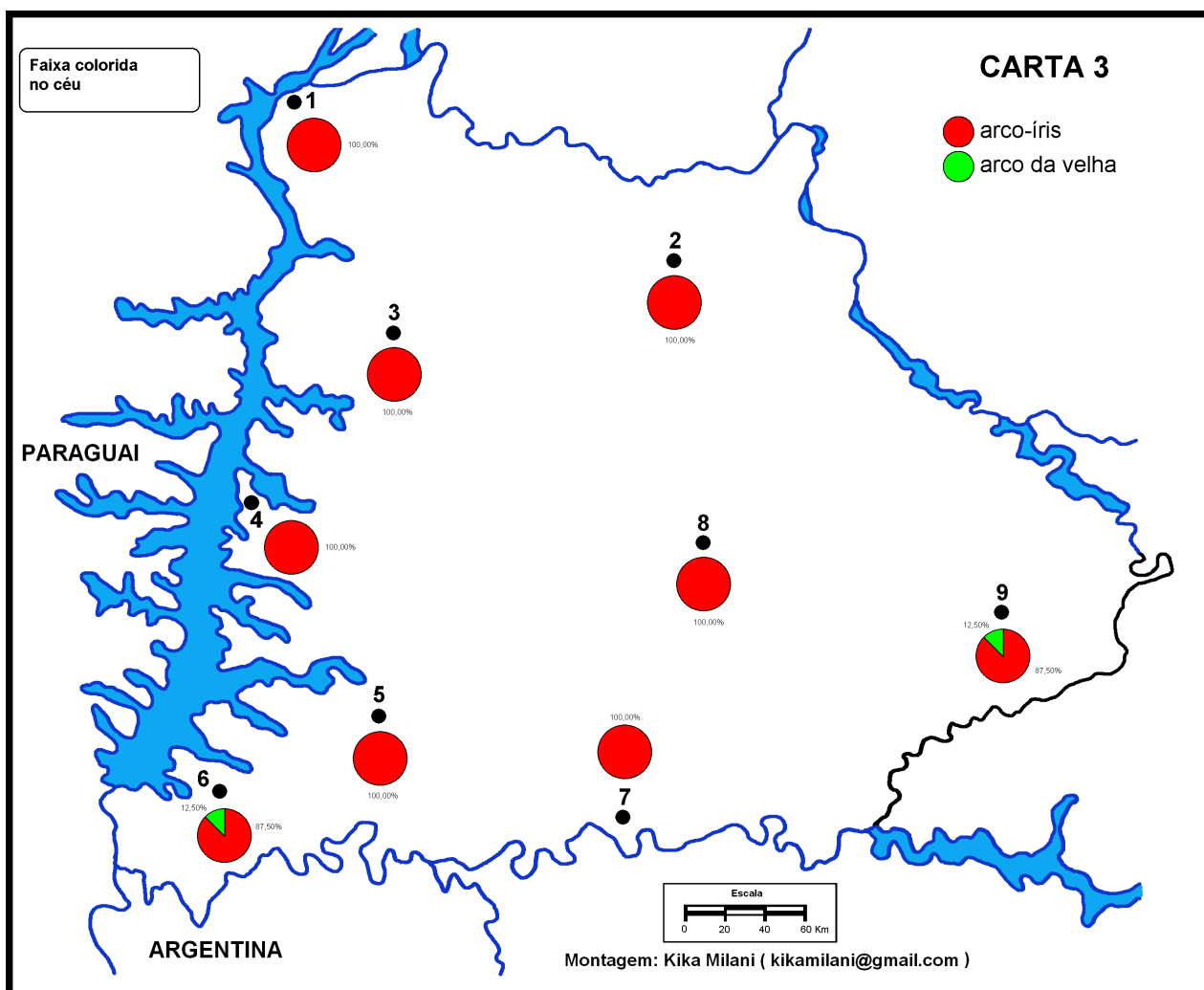


FIGURA 46 – Carta Linguística 3 – Arco-íris
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Na sequência, que apresentam a distribuição das variantes nas dimensões diassexual, diageracional e diastrática, revelam a manutenção de *arco-da-velha* entre os homens de baixa escolaridade, conforme o gráfico 41.

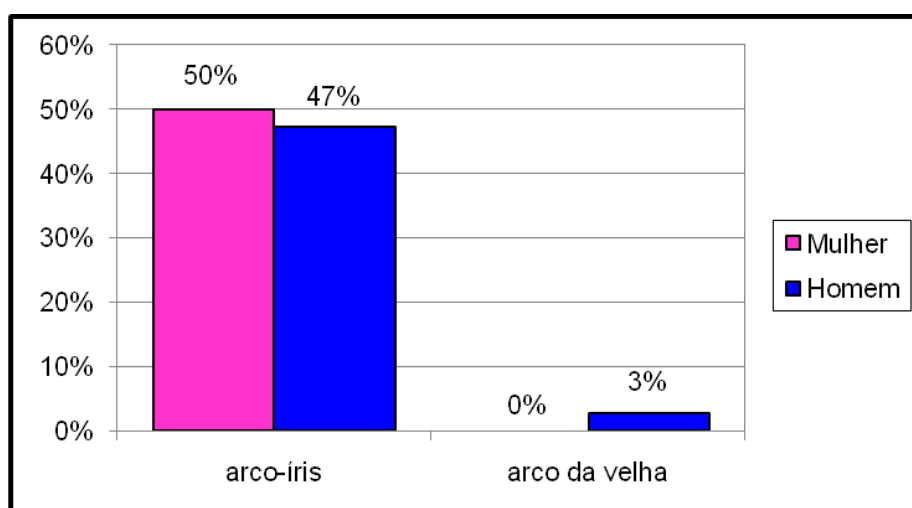


GRÁFICO 41 – Distribuição diassexual das variantes para *arco-íris*

Na dimensão diageracional, conforme os dados do gráfico 42, o registro da variante indica que *arco-da-velha* nas duas faixas etárias reforça a teoria de que os homens se colocam como retaguarda, preservando elementos da fala dos grupos de origem.

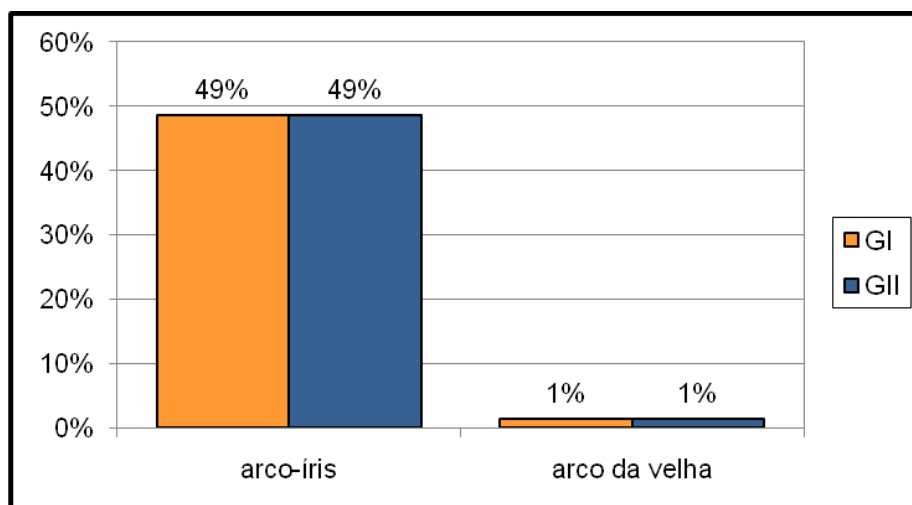


GRÁFICO 42 – Distribuição diageracional das variantes para *arco-íris*

Segundo os dados diastráticos, apresentados no gráfico 43, são os falantes com baixa escolaridade que mantêm a variante *arco-da-velha*. Neste caso, o contato com a escola, a forma dicionarizada e a mídia televisiva são determinantes para o registro das variantes. A variante *arco-íris*, forma dicionarizada e aprendida na escola, encontra-se entre as mulheres com maior escolaridade.

Os dados revelam a predominância da variante *arco-íris* e o desaparecimento das demais, *arco-da-velha* e *arco-da-aliança*, documentadas na Carta 163, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR.

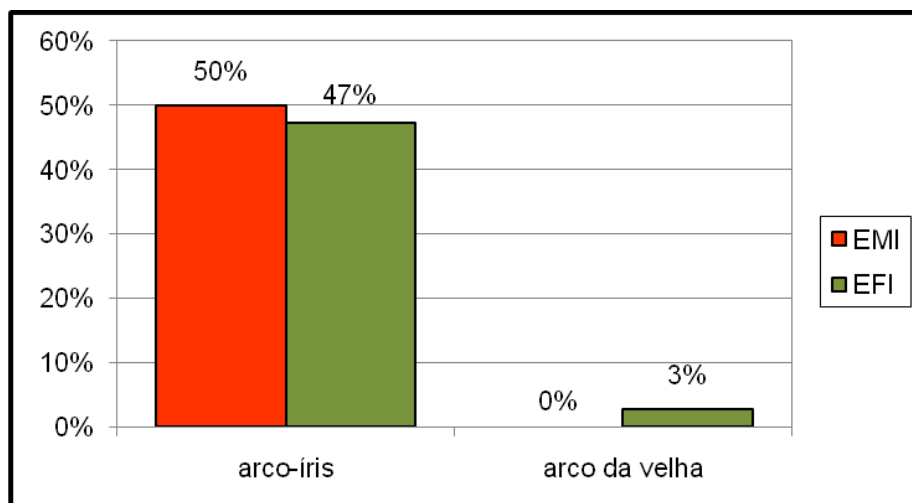


GRÁFICO 43 – Distribuição diastrática das variantes para *arco-íris*

A realidade descrita revela a própria realidade das línguas, algumas formas convivem, entram em confronto, e, devido ao seu *status* e prestígio, acabam sobrevivendo. Neste caso, trata-se de variantes que representam o mundo rural e o mundo urbano, e as informações etimológicas, históricas e culturais que cada forma abriga.

5.2.3 Atividades Agropastoris

5.2.3.1 Variantes para *camomila*

Os informantes registraram as variantes *camomila* e *maçanilha*, entre outras. Conforme a tabela 11, a variante *camomila*, com 67% de ocorrências, é a forma de maior vitalidade, enquanto *maçanilha* é registrada por 18% dos falantes

TABELA 11 – Variantes para *camomila*

CONCEITO	CARTA	FORMAS REGISTRADAS			
		Camomila	Maçanilha	Outros	NS
Camomila	10	67%	18%	1%	14%

A seguir, apresentamos as variantes encontradas para o conceito nos dicionários selecionados para esta pesquisa:

- *Macélla, Macella Gallega e Macella de S.João*,⁹⁷ em Moraes Silva (1813);
- *Camomila*,⁹⁸ em Cunha (2007);
- *Camomila, cótula-bastarda, camomila-dos-alemães, macela e matricária*,⁹⁹ em Caldas Aulete (1968);
- *Camomila-romana, macela, macela-galega, macelão*, em Houaiss (2002).

Como podemos observar, nos dicionários consultados, além da variante *camomila* há o registro de *macella*, para o mesmo chá. A variante *maçanilha* não consta em nenhum dos dicionários consultados.

Na figura 47, referente à Carta 172, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), encontramos a distribuição geográfica das variantes *camomila* e *maçanilha* no estado do Paraná. As linhas isoglóssicas traçadas pelas variantes dividem o estado em três áreas: (i) norte, com o registro de *camomila*; (ii) centro-sul, com *maçanilha*; (iii) faixas no sul, centro e oeste, com a alternância das variantes.

⁹⁷ O dicionário registra apenas *macélla*, como *flor*, e *herba deste nome*; a *flor é amarella amargosa, e della se faz chá. Macella Gallega: herba, aliás amarento. Macella de S.João*. Sabemos que a palavra, em algumas regiões, é utilizada para outro tipo de chá, porém, entre os informantes entrevistados encontramos também *macela* para *camomila* ou *maçanilha*.

⁹⁸ Registra que se trata de *designação comum a diversas plantas da fam. das compostas, conhecidas por seu emprego na farmacopéia universal. Do lat. tard. Camomilla, deriv. do gr. Chamaímélon*.

⁹⁹ 1. *Nome comum de diversas plantas da família das compostas, pertencentes aos gêneros ântemis, matricária, santolina, que têm emprêgo na farmacopéia universal, e particularmente da Matricaria chamomilla*.

Na Região Oeste, as ocorrências das variantes seguem as áreas de povoamento: (i) a área em vermelho, para a variante *camomila*, corresponde à concentração dos núcleos sulistas, nos pontos **32** - Marechal Cândido Rondon e **33** - Assis Chateaubriand, que concentra os grupos oriundos no norte do Paraná e do sudeste e nordeste do Brasil; (ii) a área em azul, *maçanilha*, é a faixa de penetração dos primeiros habitantes originários de diferentes regiões do Brasil, e que, de Guarapuava partiram para formar a Colônia Militar de Foz do Iguaçu, construir a rodovia BR-277 e povoar as vilas que surgiram na região Oeste.

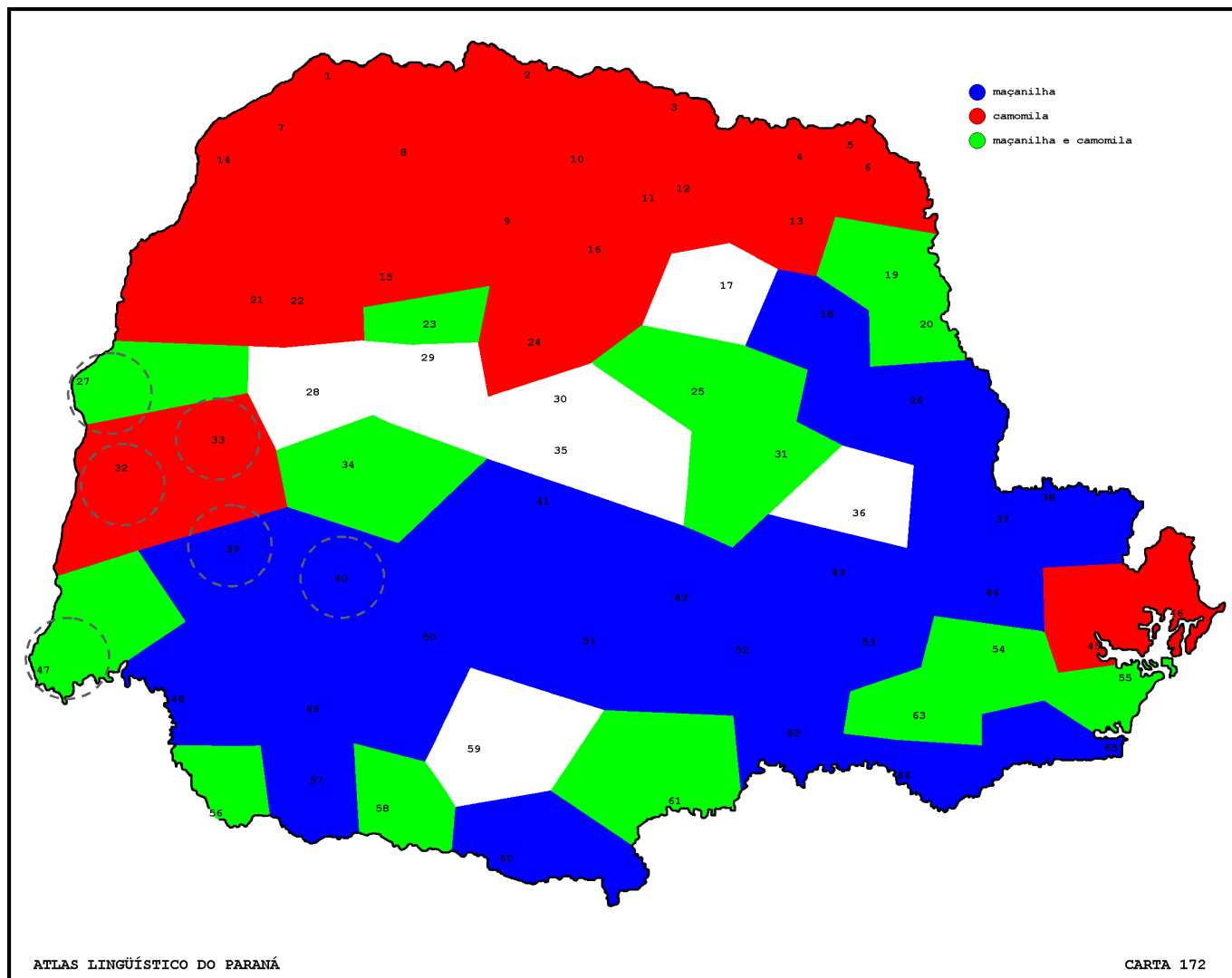


FIGURA 47 – Carta Linguística 172
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 367)

Nos dados coletados para esta pesquisa, conforme podemos observar no gráfico 44 e na figura 48, referente à carta 10, a variante *camomila* é registrada em todos os pontos, concentrando-se, porém, na faixa mais ao norte da região Oeste.

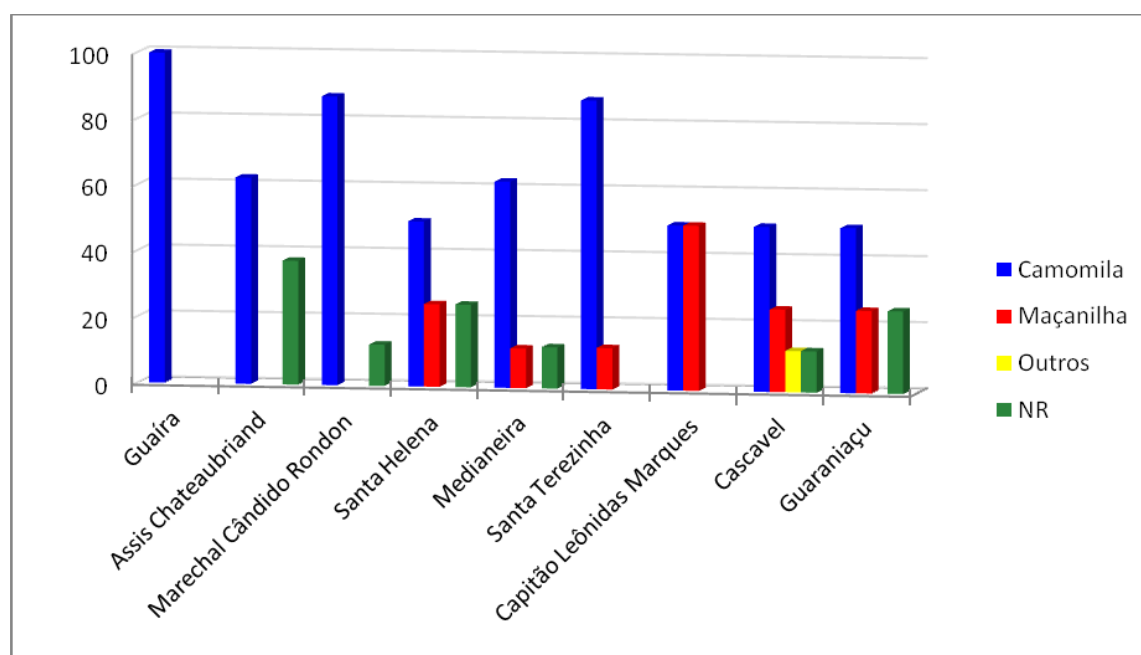


GRÁFICO 44 – Distribuição diatópica das variantes para *camomila*

A variante ocorre naquela zona identificada na carta 172, do ALPR, em vermelho, que fica entre duas áreas de transição, ao norte, em Guaíra, e ao sul, e a área da variante *maçanilha*, em Toledo. *Maçanilha* toma toda a área ao sul, cortando a região de leste a oeste. São variantes dialetais, que dividem o território conforme a presença dos grupos durante a formação das localidades, e nos processos imigração recente.

Os dados documentados para esta pesquisa indicam a redução da área de abrangência da variante *maçanilha*, conforme podemos observar na figura 48. No ponto **01** – Guaíra, por exemplo, que nos dados do ALPR ocorria a alternância entre as formas, não foi registrada a variante *maçanilha*. Realidade semelhante ocorre no ponto **06** – Santa Terezinha de Itaipu, com relação ao índice de ocorrência da variante. Segundo os dados coletados, na região Oeste, não existe mais uma área de ocorrência

única de maçonilha, apenas no ponto **07** – Capitão Leônidas Marques, a variante coocorre com *camomila* na mesma proporção.

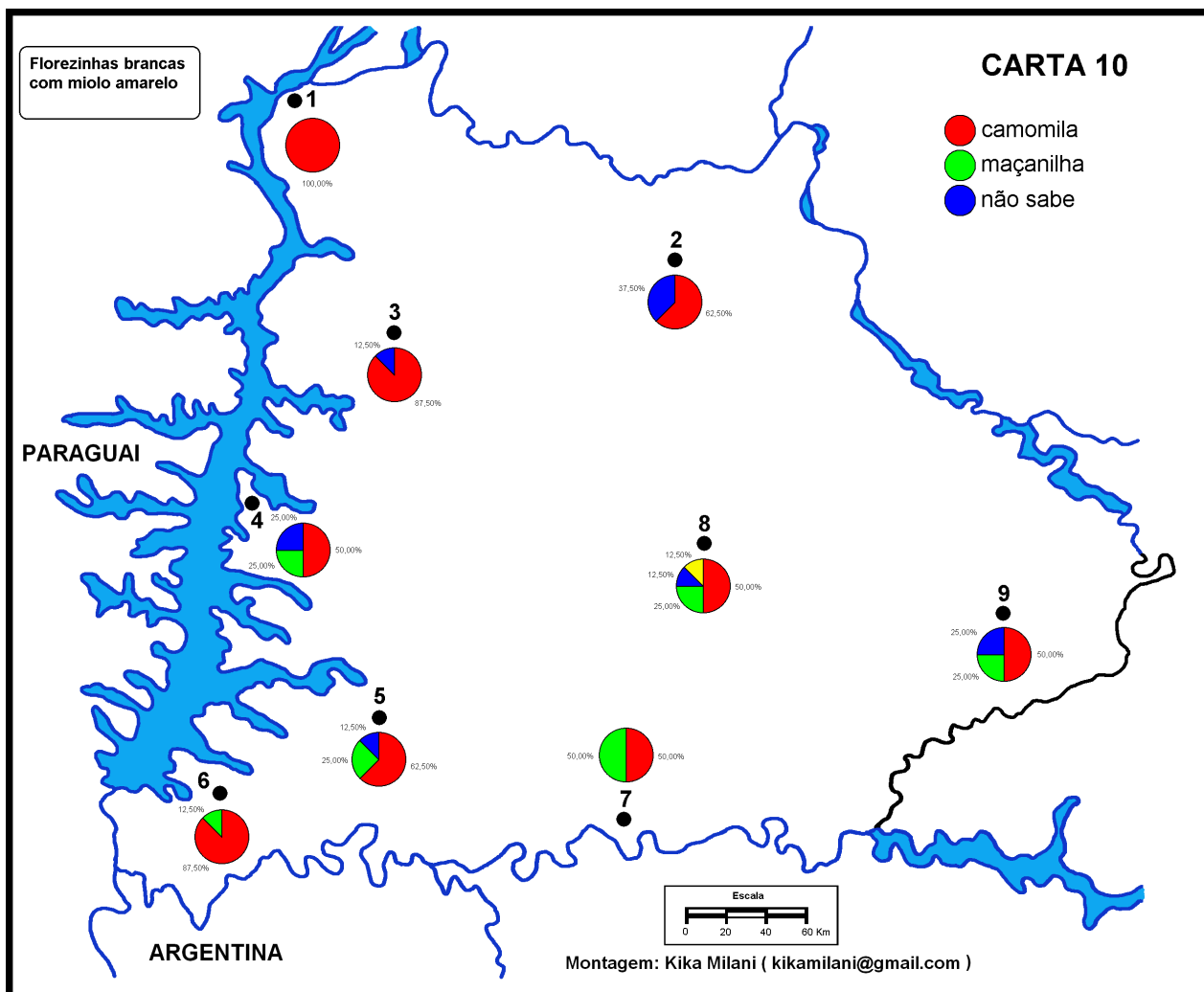


FIGURA 48 – Carta Linguística 10 - *Camomila*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

A seguir, no gráfico 45, podemos observar o predomínio da variante *camomila* na fala das mulheres. Entre os homens, porém, encontramos a incidência de não-resposta. O fenômeno justifica-se pelo fato de a variante estar presente nas atividades cotidianas do ambiente familiar.

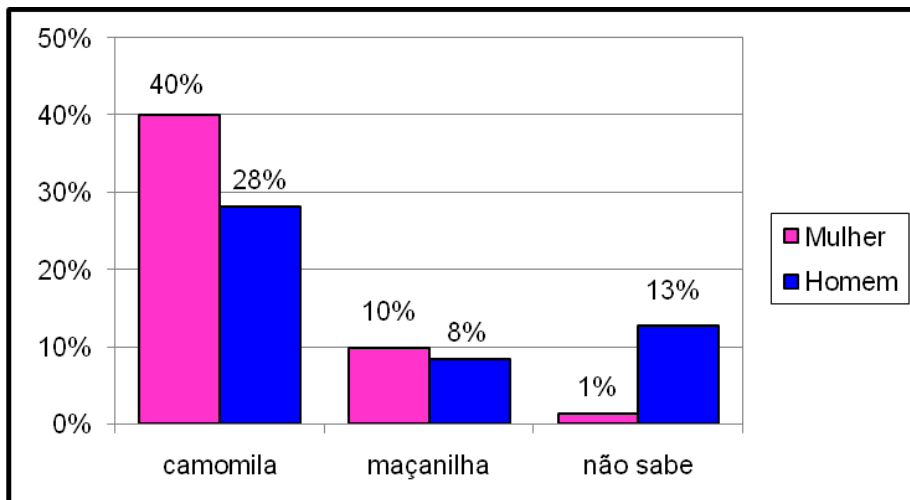


GRÁFICO 45 – Distribuição diasssexual das variantes para *camomila*

Nos dados diageracionais, conforme o gráfico 46, não encontramos dados suficientes para afirmar que as variantes correspondem a formas inovadoras ou conservadoras, pois apresentam índices de ocorrência muito próximos nas duas faixas etárias.

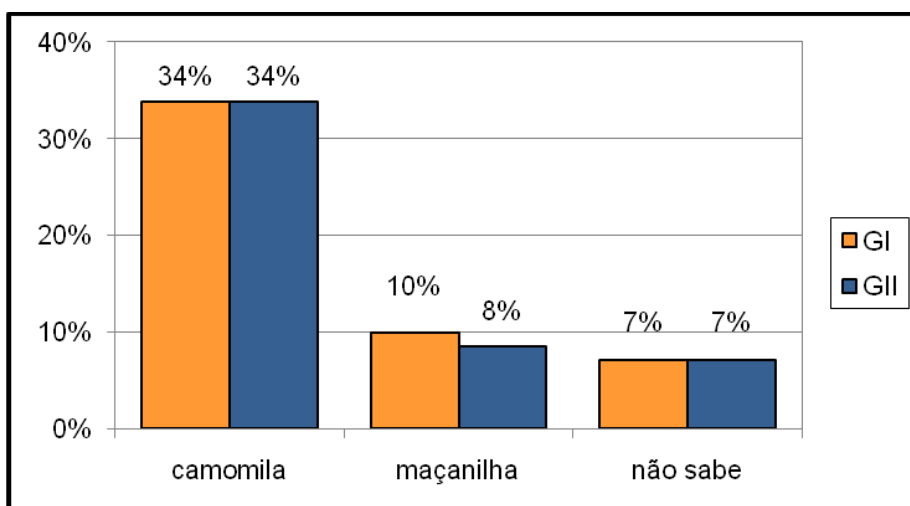


GRÁFICO 46 – Distribuição diageracional das variantes para *camomila*

Os dados da dimensão distrática, apresentados no gráfico 47, apesar da pequena diferença nas ocorrências entre uma e outra forma, a variante *maçanilha* é registrada com maior ênfase entre os informantes de baixa escolaridade.

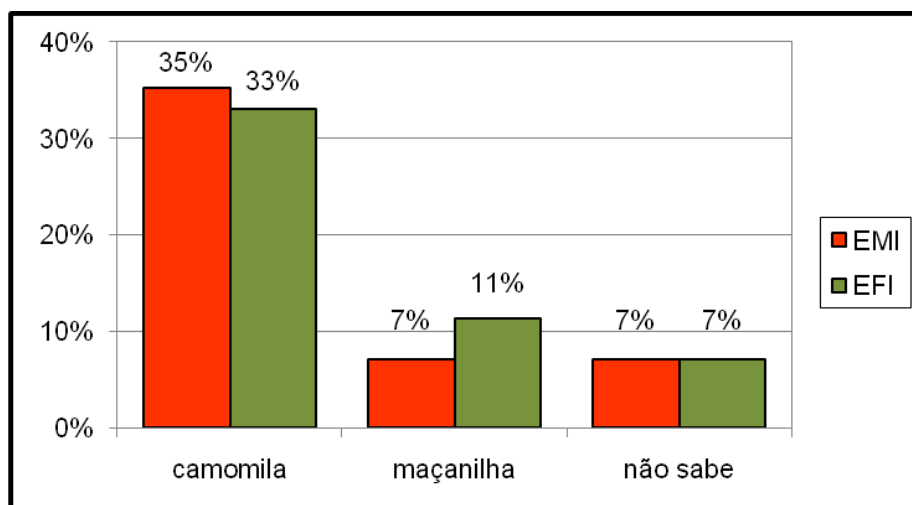


GRÁFICO 47 – Distribuição diastrática das variantes para *camomila*

Os dados confirmam que se trata de variantes dialetais, cuja distribuição espacial revela a presença de determinados grupos durante a fase de colonização. Apesar do avanço da forma que podemos identificar como escolarizada e urbana, a variante *maçanilha* é mantida na fala dos informantes, independentemente do gênero, da faixa etária e do grau de escolaridade. Um dos fatores que talvez mereça atenção especial na explicação da ocorrência dessa variante, junto a outras variantes que apresentam a mesma realidade, é o campo semântico e o ambiente social do referente.

5.2.4 Fauna

5.2.4.1 Variantes para *sura*

Para uma exemplificação do comportamento das variantes que compõem o campo semântico da fauna, selecionamos as variantes para *sura*. Conforme a tabela 12, na sequência, as variantes distribuem-se entre *sura*, *pitoca* e

outras formas, como *suruca*, *sureca*, *rabicó*, *galinha nambu*, *Schotaie*¹⁰⁰, *shota*¹⁰¹, *Inhambu*, *macuca*, *galinha sem rabo* e *suru*.

A variante *sura* apresenta o maior número de ocorrências, com 48% dos registros, acompanhada da variante *pitoca*, 24%. Destacamos, entre os registros de outras formas, a ocorrência de formas do dialeto alemão, mantidas na fala, porque representam espaços específicos de uso e de manutenção das variantes e da cultura de origem.

TABELA 12 – Variantes para *sura*

CONCEITO	CARTA	FORMAS REGISTRADAS			
		Sura	Pitoca	Outros	NS
Sura	21	48%	24%	11%	17%

Em consulta aos dicionários utilizados nesta pesquisa, encontramos para *sura* as variantes:

- *Galinha sura*, em Bluteau (1717-1728);¹⁰²
- *Suro* e *galinha sura*, em Moraes Silva (1813);¹⁰³
- *Sura*, *pitoca*, *suru* e *cotó*, em Caldas Aulete (1968);¹⁰⁴
- *Suro*, em Nunes e Nunes (2010);¹⁰⁵
- *Sura* e *pitoca*, em Houaiss (2002).¹⁰⁶

¹⁰⁰ Palavra presente na fala dos informantes de descendência alemã, provavelmente pertencente ao dialeto Hunsrückisch. Pronuncia-se [ˈʃotahje].

¹⁰¹ Palavra presente na fala dos informantes de descendência alemã, provavelmente pertencente ao dialeto Hunsrückisch. Pronuncia-se [ˈʃotɐ].

¹⁰² É definida como *aquela de casta das que não criam rabo*.

¹⁰³ “*Suro*, como *derrabado naturalmente, sem cauda, galinha sura, tem-se por mais amigas dos galos; poedeiras, e criadeiras*”.

¹⁰⁴ *Sura*, como: (Maranhão) *papagaio de papel sem cauda: suru (Bahia)*. Para *pitoca*, há o registro de *Pitoco*, como: (Bras. Sul), *que tem rabo curto ou cortado; suru cotó*

¹⁰⁵ Os autores registram para “*suro: rabão, sem cauda, e para pitoco: rabão, que tem rabo curto, sem rabo, de rabo cortado*”.

¹⁰⁶ “*Sura: 1 Regionalismo: Brasil. m. q. suro Ex: um frango s. 2 Regionalismo: Maranhão. m.q. suru (‘pandorga’); Suru: 1 Regionalismo: Brasil. m.q. suro. 2 Regionalismo: Bahia. Pandorga sem cauda e dotada de pequenas barbatanas de papel de seda; sura; Sureco: cabelo exageradamente curto. Para pitoca, registra-se a definição de Regionalismo: Brasil. tamanho reduzido; pequeno, curto, a que falta um pedaço (diz-se de objeto ou utensílio, ger. comprido).*”

Conforme os registros encontrados nos dicionários, a variante *sura* é documentada por todas as obras, por Bluteau, no século XVIII, e por Houaiss, no século XXI. Para a variante *pitoca* há registro em Caldas Aulete e em Houaiss.

Conforme podemos observar na figura 49, referente à carta 59 – *Sura*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), a variante *sura* aparece em todo o território paranaense, alternando com a forma *pitoca* no litoral, nordeste e oeste, com zonas de vitalidade mais ao sul. Na região Oeste, a variante *pitoca* apresenta maior número de ocorrências, enquanto *sura* é registrada de forma dispersa nos pontos em que ocorreram os primeiros registros da presença de portugueses, como em Guaíra e Foz do Iguaçu, e nas rotas de passagem de tropas e aventureiros, Guaraniaçu e Cascavel.

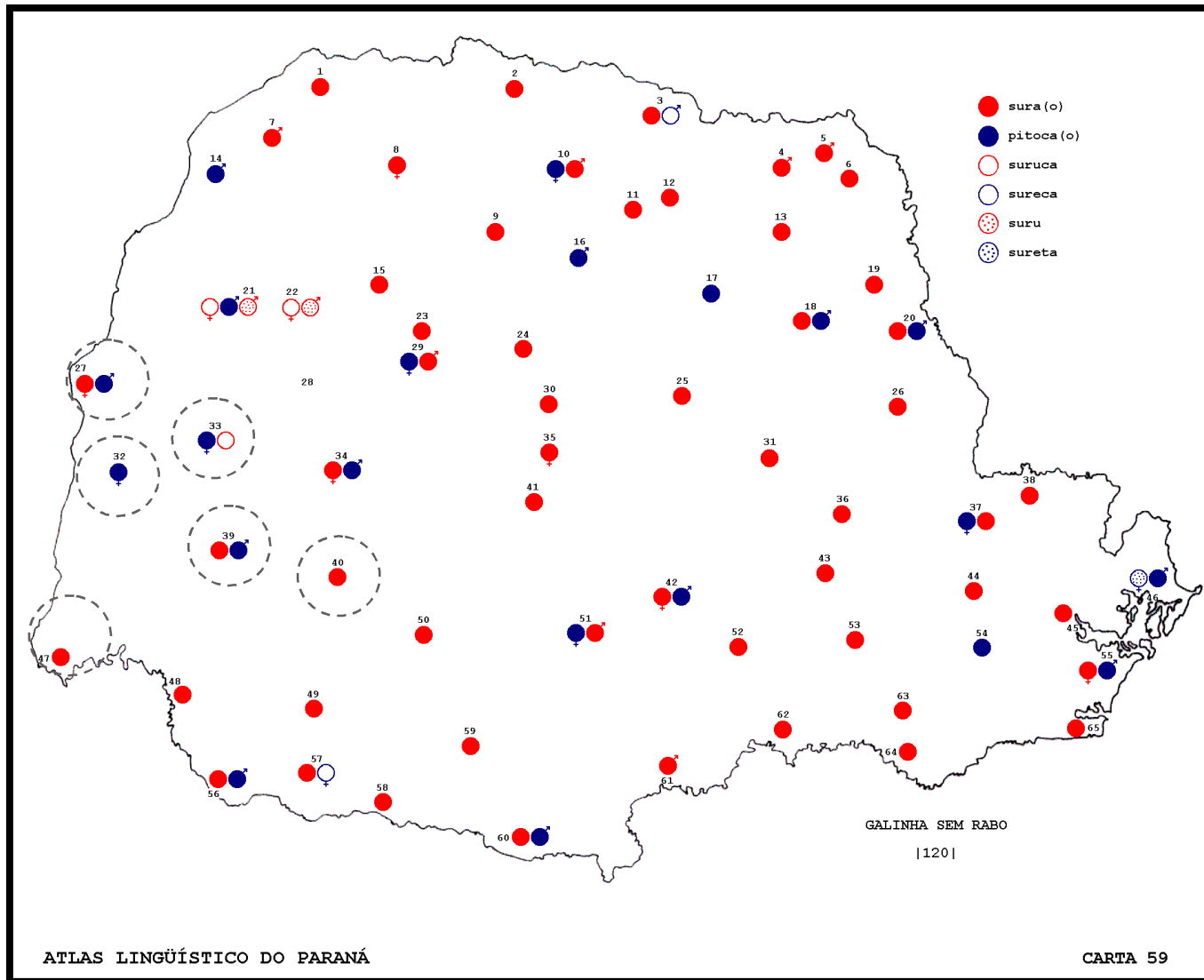


FIGURA 49 – Carta Linguística 59 - Sura
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 141)

A seguir, no gráfico 48, são apresentadas as ocorrências das variantes, coletadas entre os falantes da região Oeste. Os registros da variante *sura* apontam que a sua entrada na região Oeste se deu pela área central do Estado, nos pontos **09** - Guaraniaçu e **08** - Cascavel, percorrendo a região a partir das duas linhas: (i) em direção ao centro-sul, pontos **05** - Medianeira **06** - Santa Terezinha de Itaipu; (ii) em direção ao norte, ponto **02** - Assis Chateaubriand. São localidades que registram a presença de grupos oriundos do norte do Paraná e nordeste e sudeste do Brasil. Assis Chateaubriand recebeu esses grupos, durante o seu povoamento, Medianeira e Santa Terezinha de Itaipu, nas imigrações recentes, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e o desenvolvimento do comércio e do turismo na fronteira com Paraguai e Argentina.

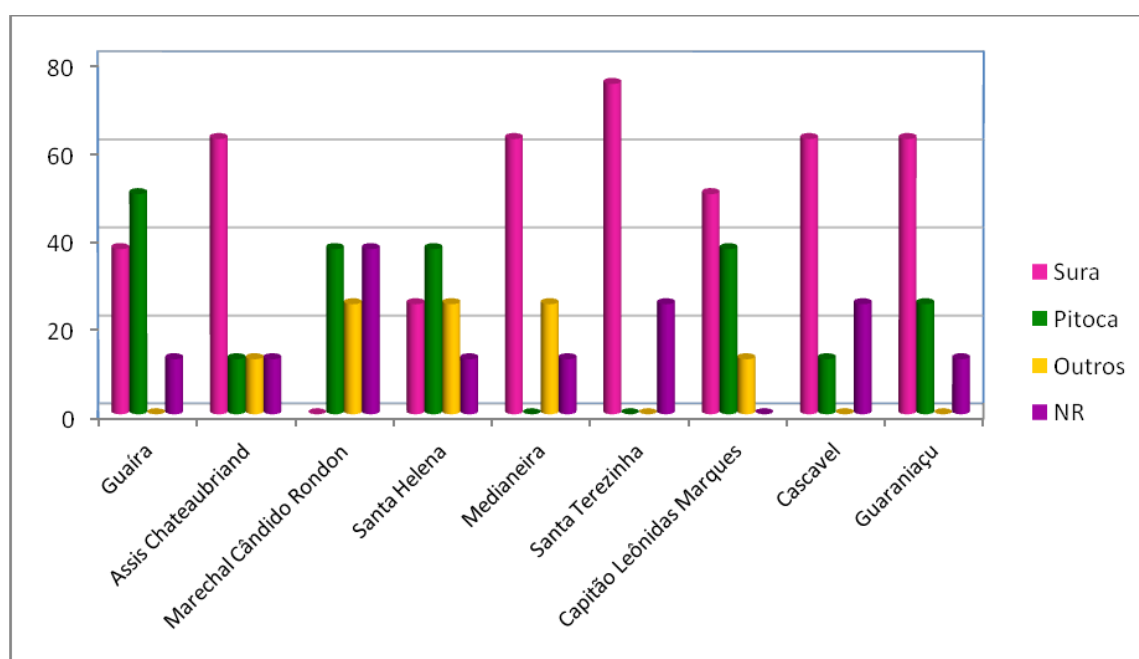


GRÁFICO 48 – Distribuição diatópica das variantes para *sura*

Na figura 50, referente à carta 21 – *Sura*, podemos observar a distribuição areal das variantes pela região Oeste do Paraná. A variante *sura* recobre justamente aquelas áreas e pontos que abrigaram, a partir da década de 70, um contingente de habitantes oriundos de diferentes regiões do Paraná e do Brasil, para a

construção de ITAIPU e desenvolvimento do comércio na fronteira. A mecanização da lavoura, a passagem da pequena propriedade, a formação de médios latifúndios e a promessa de desenvolvimento econômico da também atraiu grupos para as localidades.

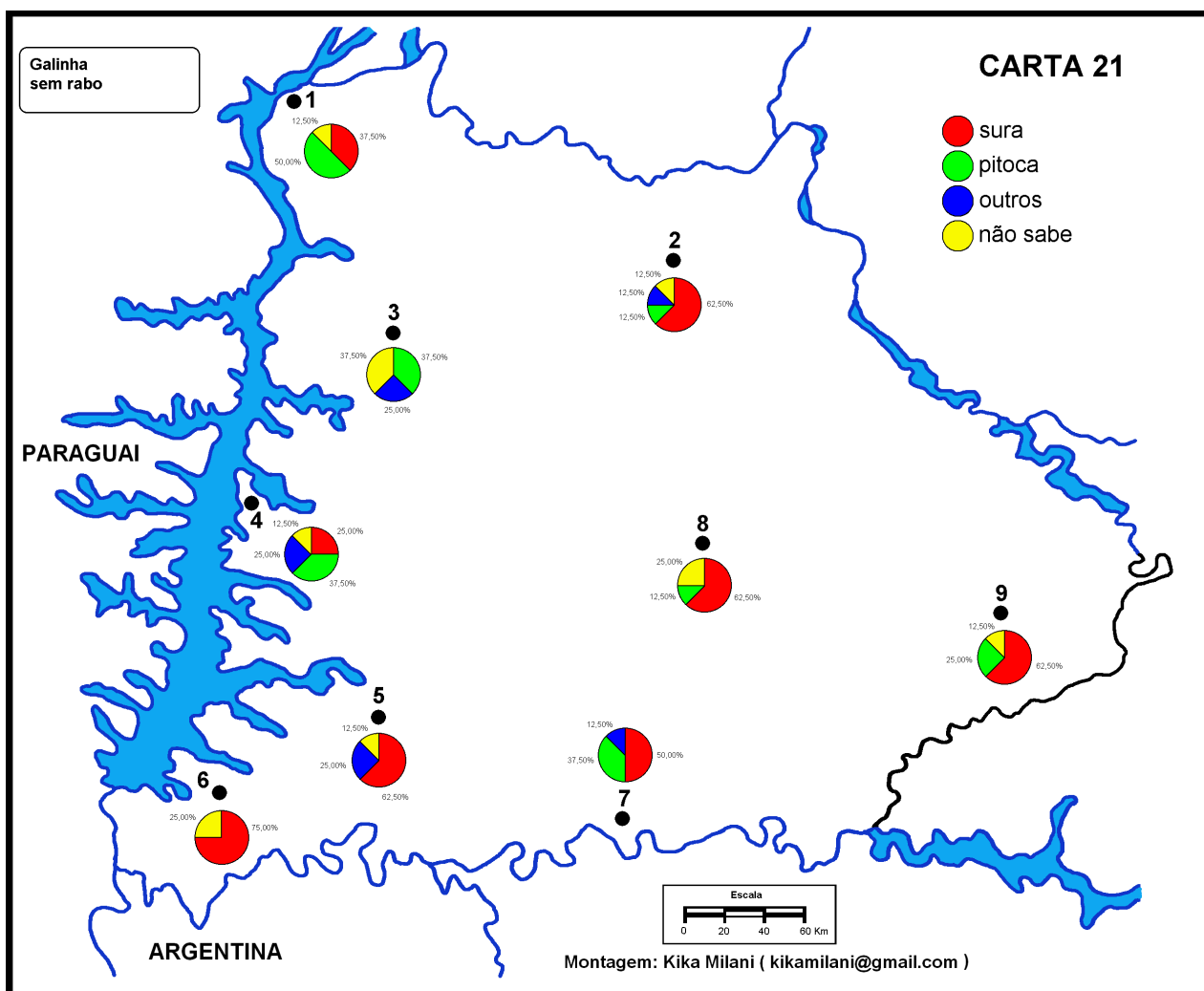


FIGURA 50 – Carta Linguística 21 - *Sura*
Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Identificar a vitalidade das variantes no interior das dimensões socioculturais pode revelar sob que condições as formas se mantêm na fala, bem como a dinamicidade dos fenômenos na fala e as relações mantidas entre os diferentes

grupos. Nos gráficos a seguir, encontram-se registradas as ocorrências das variantes nas dimensões socioculturais.

Os dados diassexuais, expostos no gráfico 49, não indicam uma grande diferença de registro das variantes entre homens e mulheres. Os informantes masculinos registraram um maior número de ocorrências da variante *sura*, assim como de *pitoca*. As mulheres, porém, destacam-se no registro de outras formas e de não-respostas. Por se tratar de uma palavra mais utilizada no ambiente rural, que identifica uma característica específica da ave, os informantes, mesmo residindo e mantendo contato com essa realidade, desconhecem-na, ou, no caso das mulheres, em alguns casos, registram formas como *pintinho*.

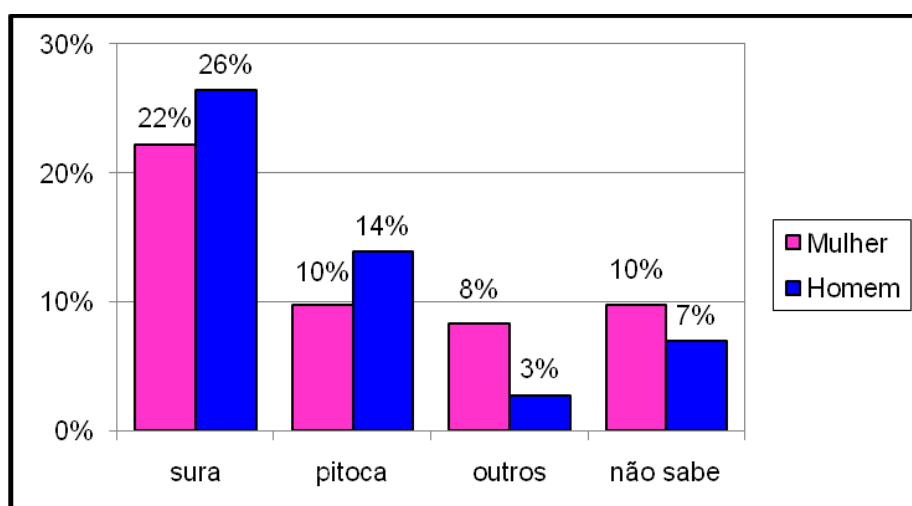


GRÁFICO 49 – Distribuição diassexual das variantes para *sura*

A geração mais velha (45 a 65 anos), conforme demonstra o gráfico 50, destaca-se no registro da variante *sura* e de outras variantes, como aquelas emprestadas de dialetos de outras línguas. Entre os informantes da GI, encontramos o maior número de ocorrências de não-resposta. O fato pode estar relacionado ao ambiente semântico da palavra, que se refere ao mundo rural. Mesmo residindo no campo, os jovens mantêm cada vez menos contato com os elementos do mundo rural. No caso do conceito, trata-se de uma especificação advinda de uma característica da ave.

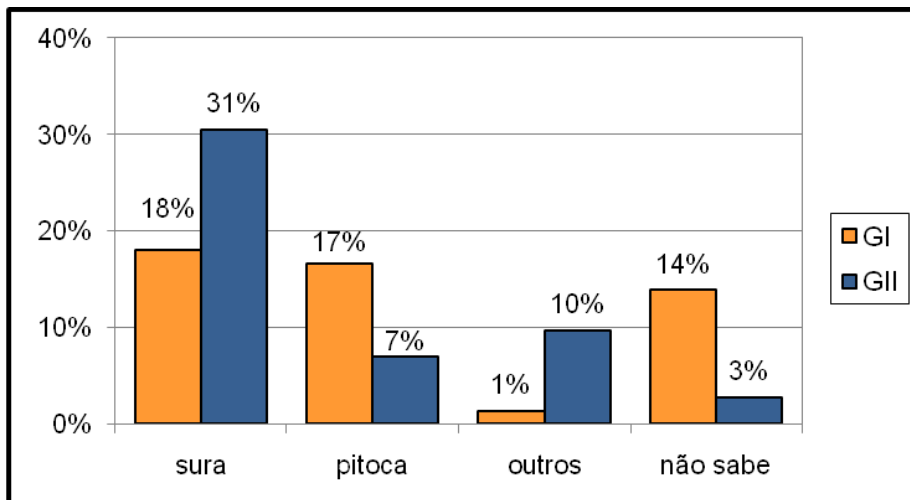


GRÁFICO 50 – Distribuição diageracional das variantes para *sura*

Na dimensão diastrática, observamos, no gráfico 51, realidade semelhante à dimensão diageracional. Os informantes com maior escolaridade registram as duas variantes, com destaque para *pitoca*, mas apresentam um número superior de não-resposta. O fato corrobora a hipótese de abandono do léxico rural, pelo distanciamento com a sua realidade, onde se encontram preservadas, entre os falantes, formas linguísticas utilizadas para classificar, separar, identificar os referentes.

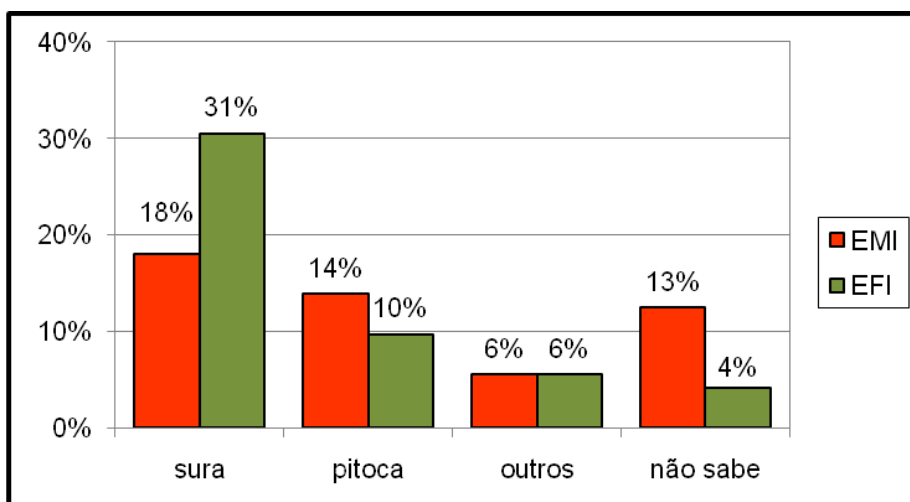


GRÁFICO 51 – Distribuição diastrática das variantes para *sura*

Os dados indicam a sobrevivência da variante *sura* entre os falantes da região Oeste. A manutenção da forma pode ser explicada por algumas razões: (i) pelo ambiente em que é utilizada, pois pertence essencialmente ao mundo rural; (ii) por estar lexicalizada nos dicionários; (iii) por, conforme os dados documentados na carta 59, do ALPR, não figurar no estado do Paraná como variante dialetal, pois está presente em todo o território.

5.2.5 Corpo Humano

5.2.5.1 Variantes para *terçol*

Para o campo semântico Corpo Humano, selecionamos as variantes para *terçol*, *fica vermelha* e *incha*. Conforme a tabela 13, na sequência, as respostas se distribuem entre *terçol* (registradas também como *treiçol* e *entreçol*), *viúva* e outras (*berrugas*, *conjuntivite*, *olho do sol*, *dor d'olho*, *Wegschisser*¹⁰⁷).

TABELA 13 – Variantes para *terçol*

CONCEITO	CARTA	FORMAS REGISTRADAS			
		Treiçol/Entreçol	Viúva	Outros	NS
Terçol	24	44%	14%	14%	28%

Nos dicionários consultados, encontramos:

- *Terçol*,¹⁰⁸ em Bluteau (1717-1728);
- *Terçol*, *terçolho* e *hordéolo*,¹⁰⁹ em Caldas Aulete (1968);
- *Terçol*,¹¹⁰ em Moraes Silva (1813);

¹⁰⁷ Forma emprestada do dialeto alemão Hunsrückisch. Pronuncia-se [vehɾ'ʃizɐ].

¹⁰⁸ Definido como uma “*empolinha, que nasce nas pestanas e por ser de feição de um grão de cevada, lhe chamam Crithe, do Grego Criti, que vale o mesmo que cevada.*”

¹⁰⁹ *Terçol* é definido como “*pequeno tumor inflamatório que nasce no bordo das pálpebras. Há ainda a menção à origem latina triticeolum (grãozinho de trigo).*”

- *Terçol*,¹¹¹ em Cunha (2007);
- *Terçol*, ²*terçó*, ²*treçó*, *treçol* ou ²*terçogo*, ¹*terçolho*, *torçol* e *torçolho*,¹¹² em Houaiss (2002).

A variante *terçol* é unanimemente descrita por todos os dicionários. Porém, não encontramos em nenhum dos dicionários consultados a variante *viúva*.

Conforme a figura 51, referente à Carta, 252 – *Terçol*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), a variante *viúva* toma praticamente todo o estado do Paraná, tornando-se rarefeita na área mais ao norte e ao oeste. As áreas de concentração apontam para a sua condição histórico-cultural, e sua dispersão até a rarefação corresponde ao trajeto dos grupos, ao papel que cada um desempenhou nas comunidades.

¹¹⁰ A definição registrada pelo dicionário é “*empola que nasce na capela do olho, e supóra.*” Não há menção à *viúva* como designação do referente.

¹¹¹ Segundo o dicionário, trata-se de um “*abscesso no bordo das pálpebras. 1813. De origem controvertida.*”

¹¹² No dicionário, encontramos a etimologia da palavra: “*orig.contrv.; Corominas deriva do lat. hordeòlus, i 'id.', dim. de hordèum, i 'cevada', através de um arcaísmo orçoo que uma etim. pop. interpretara como 'torce olho'.*”

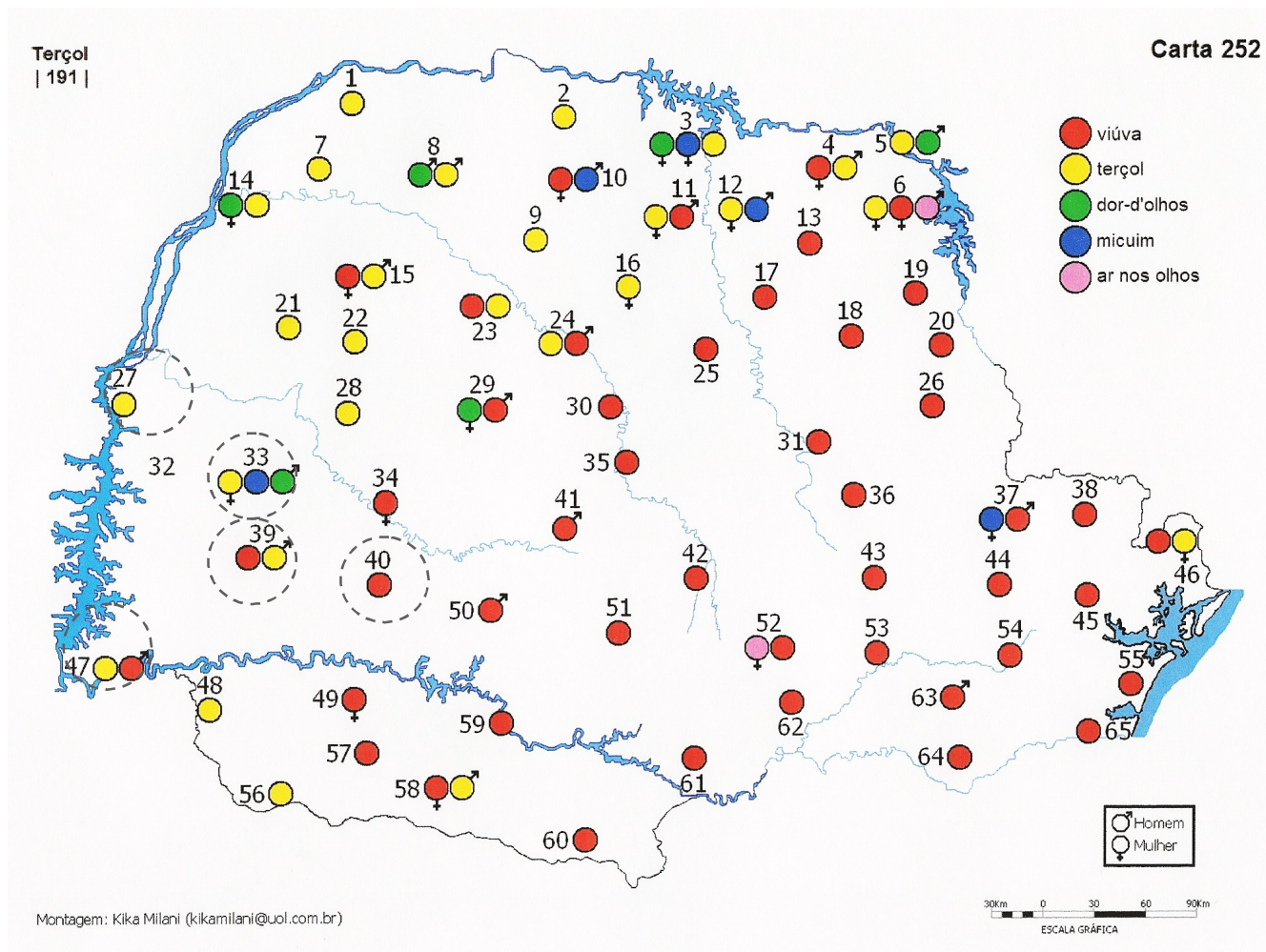


FIGURA 51 – Carta Linguística 252 - Terçol
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007, p.143)

No gráfico 52, a seguir, podemos observar que na região Oeste há o predomínio da variante *treiçol/entreçol* nos pontos **01** – Guaíra, **02** – Assis Chateaubriand, **04** – Santa Helena, **05** – Medianeira, **06** – Santa Terezinha de Itaipu e **07** – Capitão Leônidas Marques. A variante *viúva* é registrada em quatro pontos, em **09** – Guaraniáçu, onde é ocorrência única, em **08** – Cascavel, onde concorre com outras formas, em **06** – Santa Terezinha de Itaipu e em **01** – Guaíra.

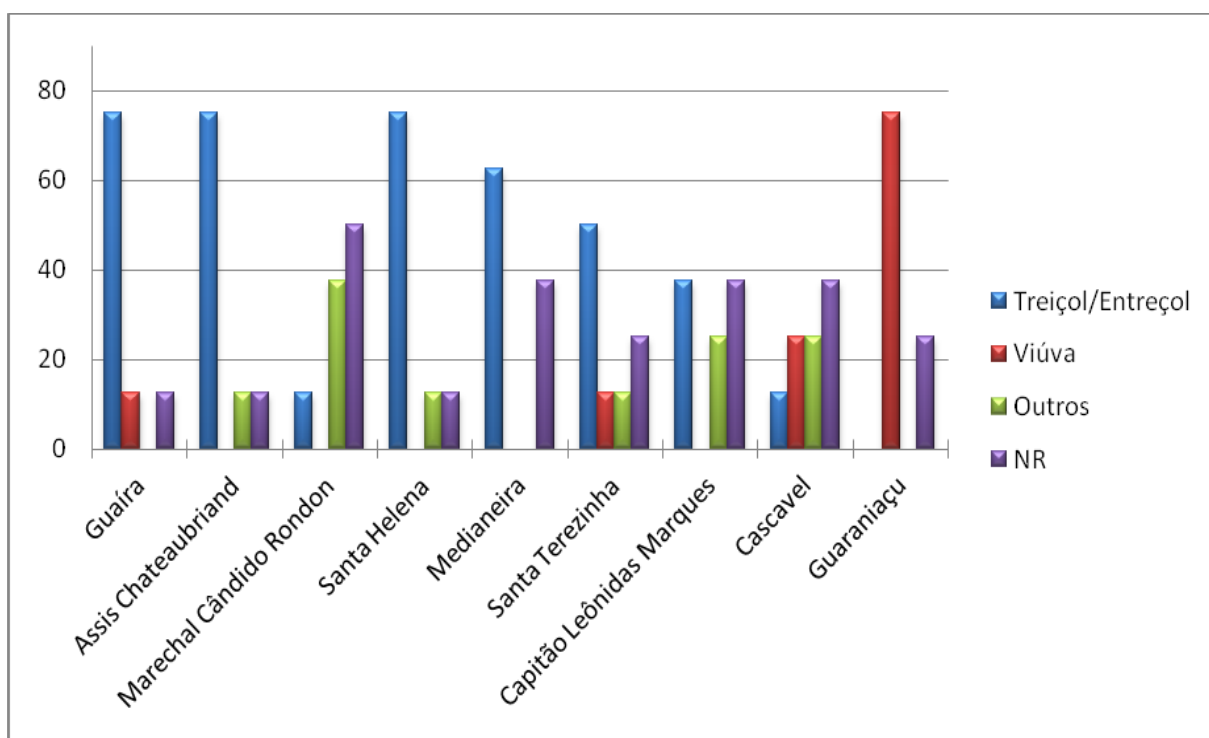


GRÁFICO 52 – Distribuição diatópica das variantes para *terçol*

Somente a descrição da distribuição espacial das variantes pelo território brasileiro, em especial nas regiões de origem dos grupos que colonizaram a região Oeste, pode subsidiar uma análise mais apropriada do registro das formas na fala. Porém, conforme dito anteriormente, o registro espacial das variantes apresentada na Carta 252, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II nos dá algumas pistas com relação à origem e à dispersão pelo território paranaense.

Na figura 52, referente à carta 25 – *terçol*, podemos observar a distribuição espacial das variantes pela região. A variante *viúva* foi documentada nas

localidades que serviram de rota de passagem para a Foz do Iguaçu, nos pontos **08** – Cascavel, **09** – Guaraniaçu e **06** – Santa Terezinha de Itaipu, das tropas e operários para a formação da Colônia Militar, em 1889. A variante também foi registrada no ponto **01** - Guaíra, que também recebeu grupos de diferentes regiões do Brasil durante os ciclos hortelaneiro e ervateiro.

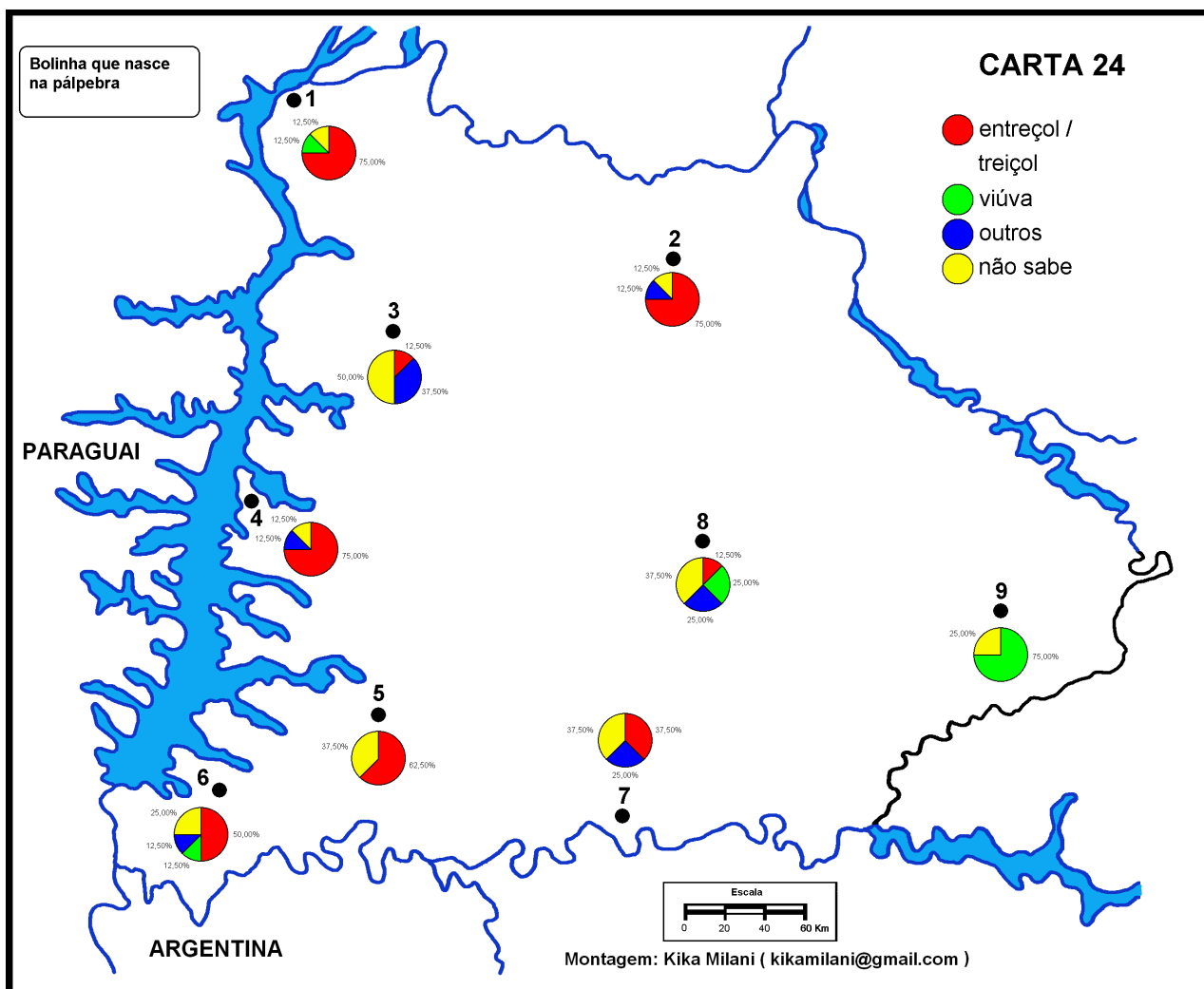


FIGURA 52 – Carta Linguística 24 - *Terçol*
Um Estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Diastriticamente, as variantes distribuem-se no interior das dimensões socioculturais, apontando para os fenômenos de manutenção e inovação das variantes. Conforme os dados, podemos identificar entre as variáveis aqueles condicionantes que

determinam o registro das variantes, e mais o caminho que as formas vêm percorrendo nos grupos sociais.

A seguir, os gráficos permitem visualizar a distribuição das variantes nas dimensões eleitas para esta pesquisa. Com relação à variável sexo, conforme o gráfico 53, entre as mulheres, ocorre o maior número de registros da variante *treiçol/entreçol*, com destaque para o maior número de ocorrências de outras formas. Entre os homens, de outra parte, ocorrem as maiores incidências de não-resposta.

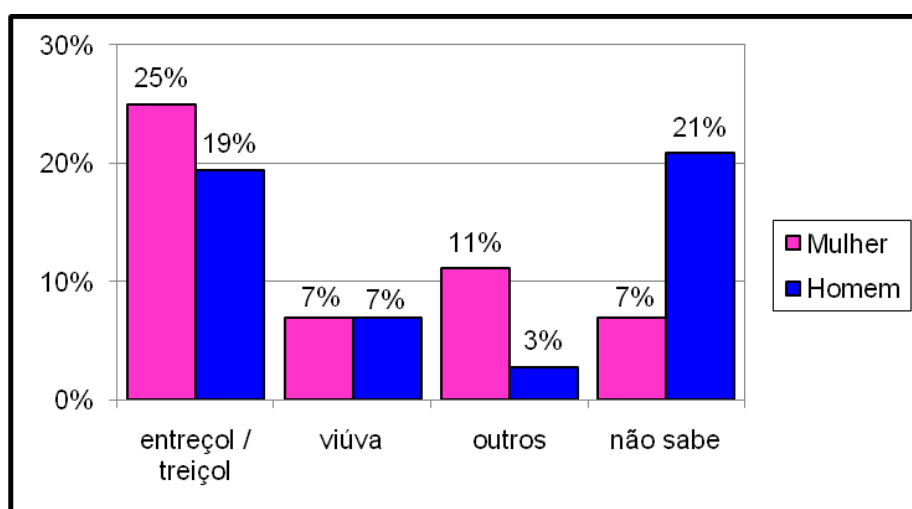


GRÁFICO 53 – Distribuição diasssexual das variantes para *terçol*

Nas faixas etárias delimitadas para a presente pesquisa, os grupos apresentam registros bem distintos com relação às variantes. Segundo os dados registrados no gráfico 54, as variantes *terçol/entreçol* possuem maior vitalidade entre os mais velhos (45 a 65 anos), enquanto a variante *viúva* é registrada entre os mais jovens (18 a 35 anos). Considerando os estudos sociolinguísticos, poderíamos afirmar que a variante *terçol/entreçol* é a forma mantida e preservada na fala dos informantes, pois está há mais tempo no grupo, podendo ser rastreada nos locais de origem dos primeiros moradores, enquanto *viúva*, embora não esteja dicionarizada, pode corresponder a uma forma nova, que se destaca entre os mais jovens.

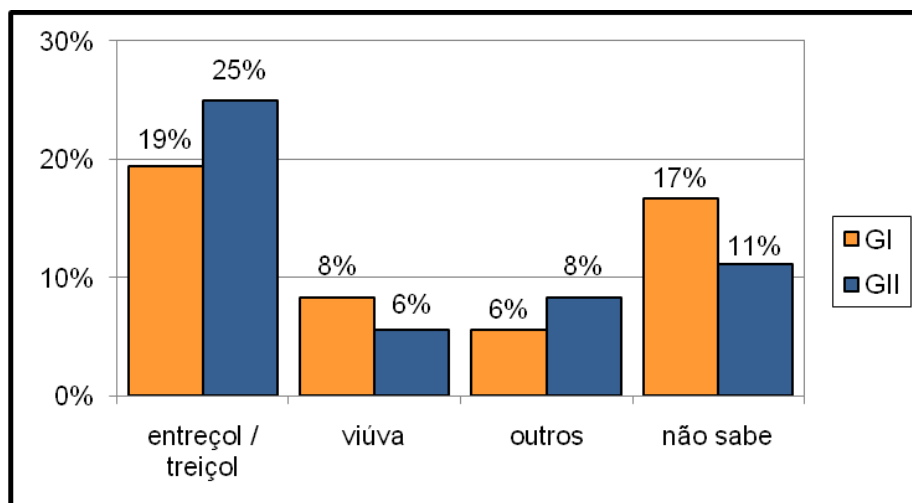


GRÁFICO 54 – Distribuição diageracional das variantes para *terçol*

Entre os diferentes níveis de escolaridade, encontramos uma igualdade nos índices de ocorrência das variantes, conforme podemos observar no gráfico 55. Os dados indicam que não se trata de uma variante pertencente ao ambiente escolar, mas de uma variante da fala do dia-a-dia, popular.

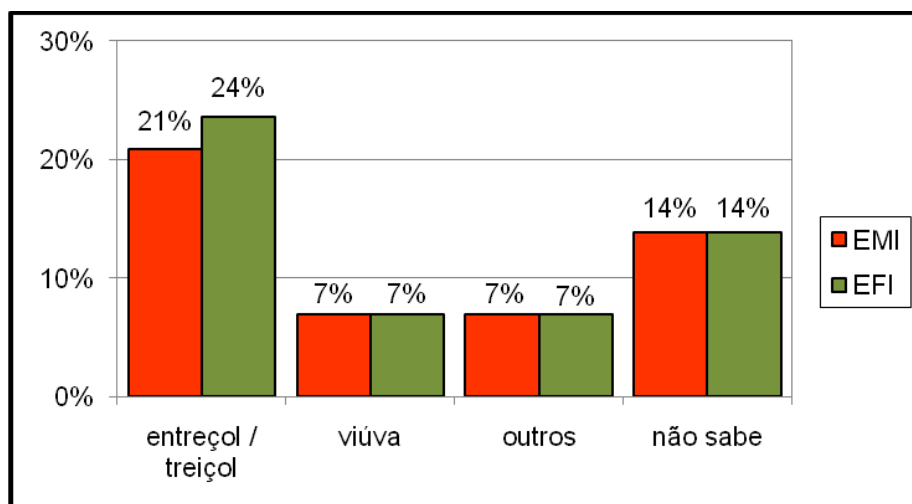


GRÁFICO 55 – Distribuição diastrática das variantes para *terçol*

Os dados colhidos no interior das dimensões socioculturais indicam um equilíbrio no registro das variantes entre os falantes masculinos e femininos, mais

jovens e mais velhos, com mais ou menos escolaridade. Destaque-se, porém, os índices de não resposta, principalmente entre os homens e a geração mais jovem. Como vimos anteriormente, a variante *terçol* encontra-se dicionarizada, é utilizada pela mídia e no ambiente escolar, o que não justifica a falta de conhecimento. Trata-se, contudo, de uma patologia, em algumas situações é descrita como contagiosa, o que pode levar a falta de conhecimento ou à restrição em nomear, como o caso de outras doenças.

5.2.6 Ciclos da Vida

5.2.6.1 Variantes para *caçula*

Dentre as respostas, conforme podemos observar na tabela 14, encontramos o registro de *caçula*, como 75% das ocorrências e *nenê*, como 25%. A forma *caçula* apresenta mais vitalidade, porém, é acompanhada de *nenê* entre os informantes de origem sulista.

TABELA 14 – Variantes para *caçula*

CONCEITO	CARTA	FORMAS REGISTRADAS	
		Caçula	Nenê
Caçula	28	75%	25%

Nos dicionários consultados, encontramos, para “caçula”:

- *Caçula*, em Caldas Aulete (1968);
- *Caçula*,¹¹³ em Cunha (2007);
- *Caçula*, em Houaiss (2002).¹¹⁴

¹¹³ A designação corresponde ao “*mais moço dos filhos ou dos irmãos XIX. Provavelmente do quimb. Ka'zuli.*”

¹¹⁴ O mais novo dos filhos ou irmãos; caçulo. No dicionário, encontramos ainda a etimologia da palavra, que seria do quimbundo *kasule* (= último filho).

Caçula é a forma escolarizada, presente nos dicionários e veiculada nos meios de comunicação que circulam socialmente, enquanto *nenê* representa o referente por meio de um processo metonímico¹¹⁵. Embora a definição do termo considere o estado transitório da pouca idade, a palavra perpetua a condição, ou seja, o irmão diante dos demais será sempre aquele de pouca ou menor idade.

As variantes para *caçula* na região sul do Brasil também foram coletadas e cartografadas no Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai/ADDU (THUN; ELIZAINCÍN, 2000). Na figura 53, referente à carta 3 - Afrolusismo *Caçula* nos lusofalantes, podemos observar a vitalidade da variante na área norte do Uruguai, na divisa com o Brasil.

¹¹⁵ A metonímia é, de forma principal, um processo sincrônico pelo qual se multiplicam as ocasiões de emprego de uma palavra além do seu campo semântico específico. Tem uma função importante como recurso estilístico ou estético, porque se presta a destacar aquilo que num determinado contexto é essencial no conceito designado. Como um exemplo de suas vantagens de estilo, basta observar uma numeração do tipo “sangue, suor e lágrimas” usada para sintetizar uma situação crítica de alguém, de um povo, etc. A frase mencionada decorre de três metonímias, em que três tipos de acontecimentos são expressos pelos nomes das manifestações físicas que eles, respectivamente, provocam no corpo humano, ganhando, assim, esses acontecimentos um forte efeito pictórico e impressionista.

[...]

Há, também, aqueles como Charles Bally, que vêem no deslocamento de referência que se constitui como metonímico um erro de percepção: quem diz “Vejo lá uma vela”, ao ver um barco à vela, o faz porque, positivamente, vendo o barco, somente enxerga a “vela”. Entre as motivações conscientes ou inconscientes do mecanismo metonímico, ocupa, sem dúvida, um lugar importante a busca de uma expressão mais concisa, de um menor esforço, ainda segundo Bally, e, várias vezes, o emprego de uma metonímia não é alheio à função afetiva da linguagem. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metonimia.htm>>. Acesso em 07 ago. 2010.

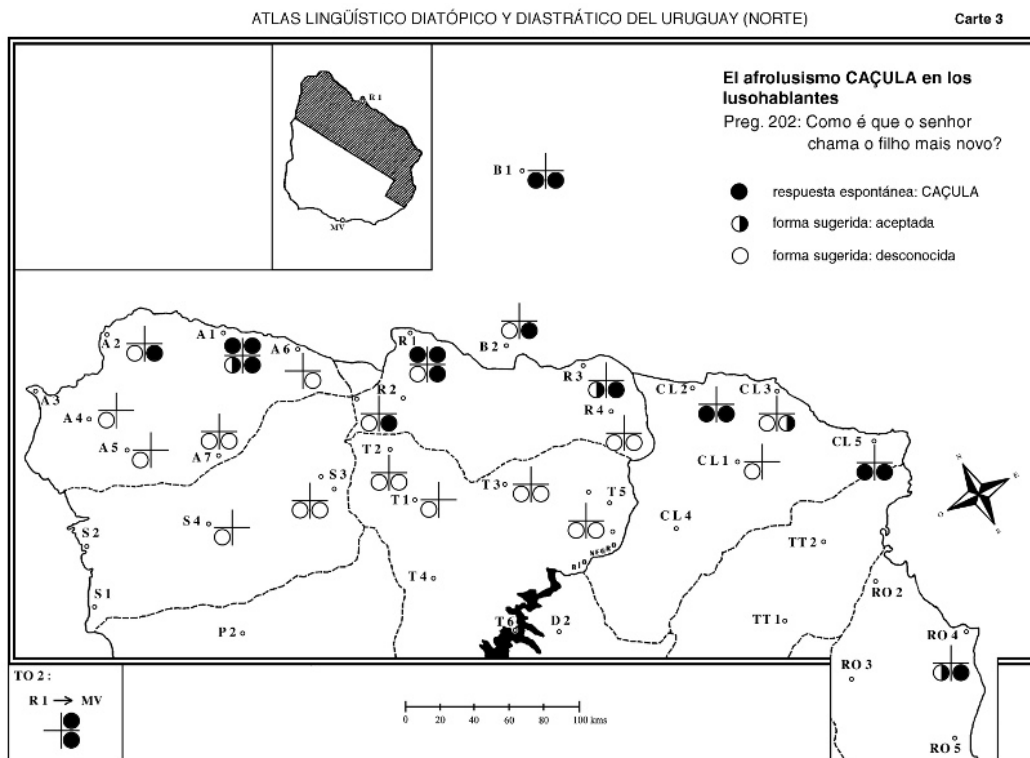


FIGURA 53 – Carta 3 - Afrolusismo *Caçula* nos lusofalantes
 Fonte: Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (THUN, 2001)

Segundo Thun (2009),

O mapa é um exemplo de mapas de distribuição de discurso Lusófono no atlas. Ele mostra que, no norte do Uruguai falam uma variedade Português que é caracterizada por seu conservadorismo versus Português brasileiro. Este afrolusismo, muito popular no Brasil está se espalhando gradualmente no Uruguai entre os lusófonos. A multidimensionalidade do atlas pode acompanhar com bastante precisão o caminho desta inovação lexical

Vindo do Brasil, CAÇULA chegou à fronteira do Uruguai, provavelmente através da telenovela brasileira. Do outro lado da fronteira, onde a televisão brasileira não tinha chegado até o momento de nossas pesquisas, a palavra era completamente desconhecida. Na fronteira, os grupos de nível socioculturalmente elevado reconhecem e usam CAÇULA. Considerando as diferenças geracionais, observamos que muitos idosos ainda não conhecem essa inovação lexical ou apenas passivamente.¹¹⁶

¹¹⁶ Disponível em http://portal.iai.spk-berlin.de/miradas_alemanas/Impressum.36.0.html. Acesso: 07 mar. 2010.

A Carta 3 confirma a realidade descrita no Oeste paranaense. *Caçula* é a forma utilizada pela escola e nos meios de comunicação, e concorre com a variante *nenê* nos pontos em que houve maior concentração de grupos originários dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, durante o povoamento.

Conforme os dados coletados juntos aos informantes da pesquisa e registrados no gráfico 56, a variante *nenê* ocorre em todos os pontos de inquérito. O número de ocorrências, porém, indica a vitalidade do termo, e sua origem no interior dos grupos. Temos, portanto, a formação de uma área de concentração, e que compreende aquelas localidades em que houve uma maior homogeneidade étnico-cultural: nos pontos **03** - Marechal Cândido Rondon e **05** - Medianeira.

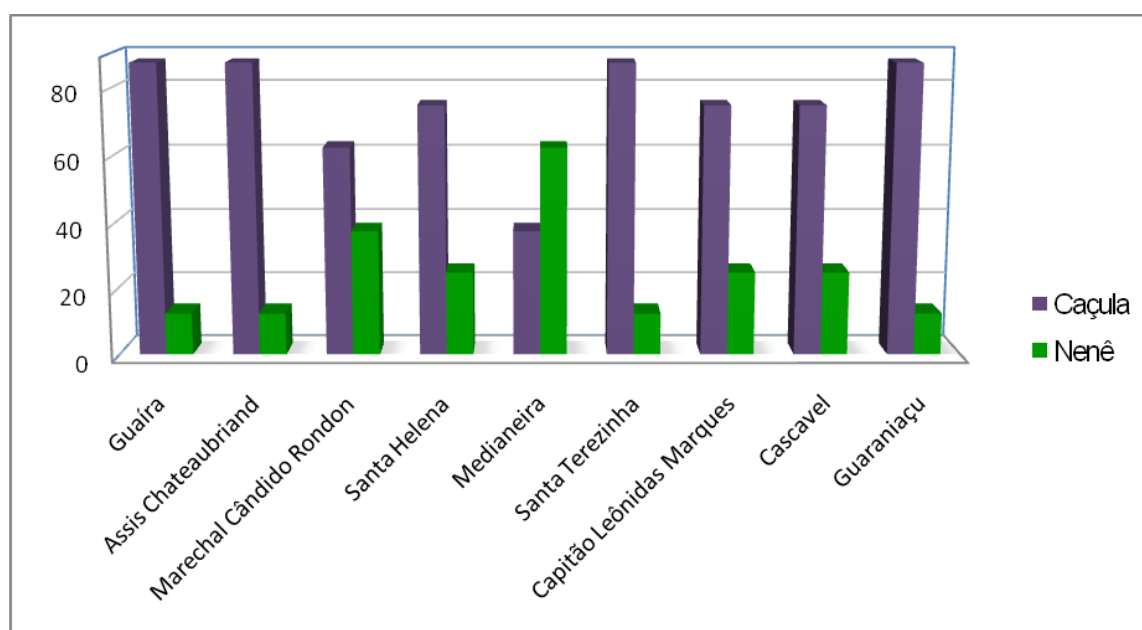


GRÁFICO 56 – Distribuição diatópica das variantes para *caçula*

Na figura 54, referente à carta 28 – *Caçula*, podemos visualizar as áreas de concentração dos grupos sulistas, descendentes de alemães e italianos, que registram a variante *nenê*, e aqueles pontos mais heterogêneos, em que a variante apresenta registros menores e concorre com *caçula*. As ocorrências da variante *caçula* permitem caracterizar quanto à identificação de: (i) pontos de predomínio da forma, **09** – Guaraniáçu, **02** – Assis Chateaubriand, **01** – Guaíra e **06** – Santa Terezinha de Itaipu;

(ii) pontos de maior concentração, **08** – Cascavel, **07** – Capitão Leônidas Marques e **04** – Santa Helena; (iii) pontos de alternância com a variante *nenê*, **03** – Marechal Cândido Rondon e **05** – Medianeira.

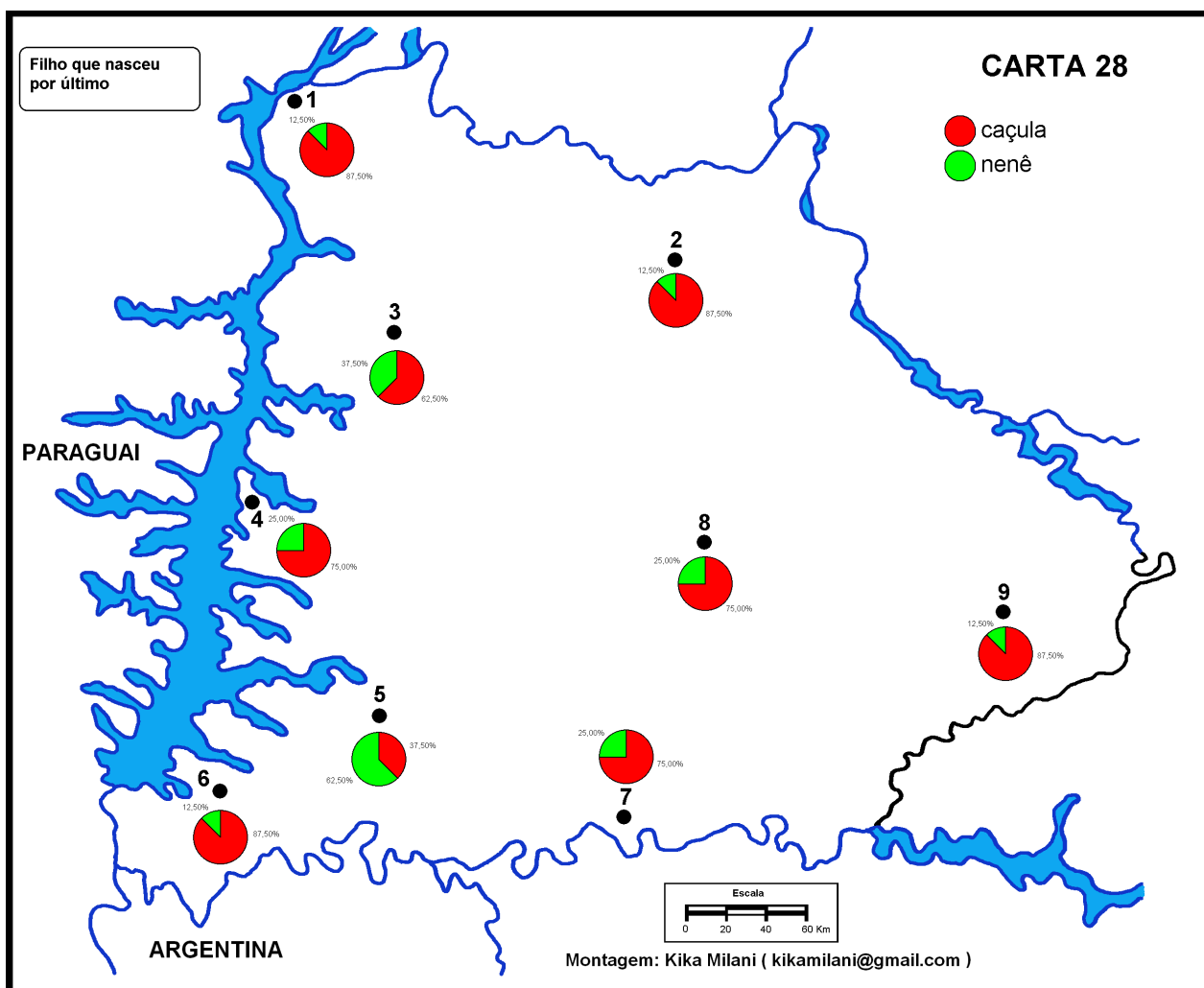


FIGURA 54 – Carta Linguística 28 - *Caçula*
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná

Os dados, registrados no gráfico 57, revelam que não se trata de uma variação relacionada às diferenças linguísticas na fala de homens e mulheres. Embora tenhamos entre os homens a maior ocorrência de *caçula* e de *nenê* entre as mulheres, não podemos considerar que se trata de variantes sexuais. Provavelmente, as mulheres registrem mais *nenê* por se tratar de uma forma presente no dia a dia.

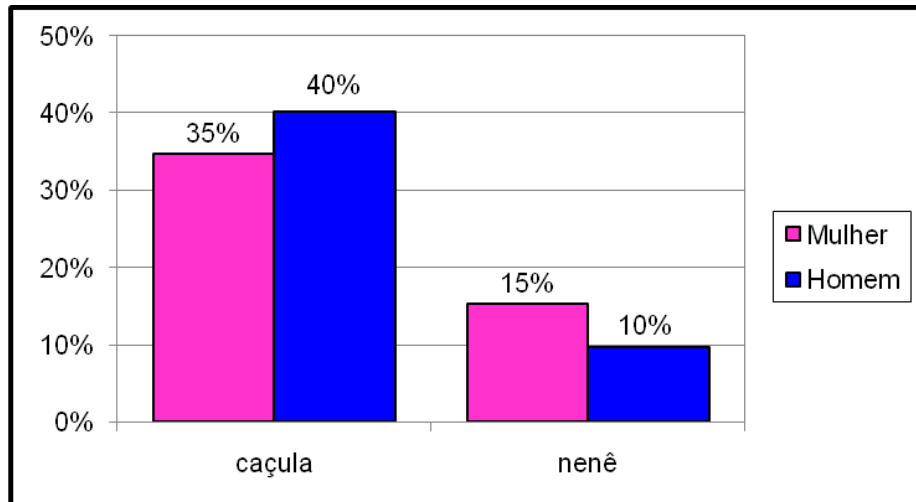


GRÁFICO 57 – Distribuição diasssexual das variantes para *caçula*

A variável faixa etária também parece não condicionar a ocorrência das variantes, pois, enquanto os mais jovens se destacam no registro de *caçula*, os mais velhos se destacam no de *nenê*. As ocorrências documentadas, conforme podemos observar no gráfico 58, confirmam que se trata de variantes dialetais, presentes principalmente entre os grupos que povoaram a região, que são mantidas, no caso de *nenê*, entre os falantes oriundos dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

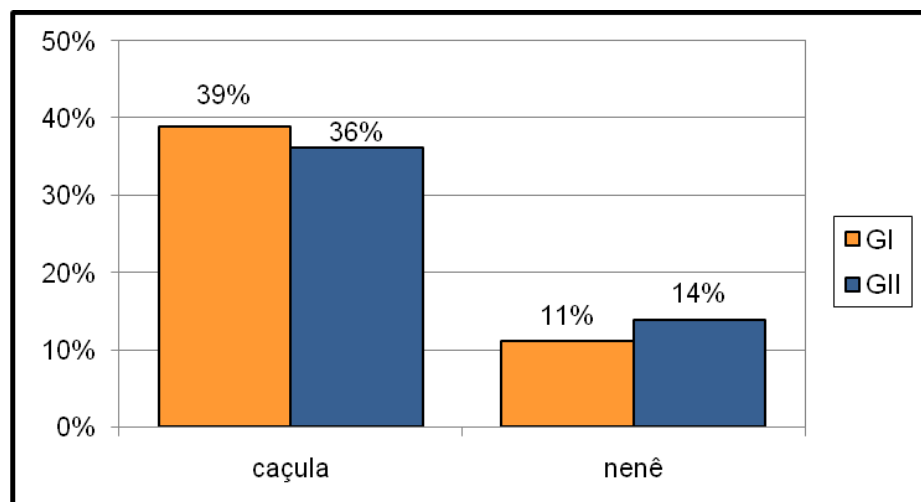


GRÁFICO 58 – Distribuição diageracional das variantes para *caçula*

Na dimensão diastrática, gráfico 59, encontramos diferenças mais significativas no registro das variantes. *Caçula* é a variante mais produtiva entre os informantes, porém, *nenê*, por um processo metonímico, é registrada entre os informantes de forma ativa, principalmente entre a geração mais velha.

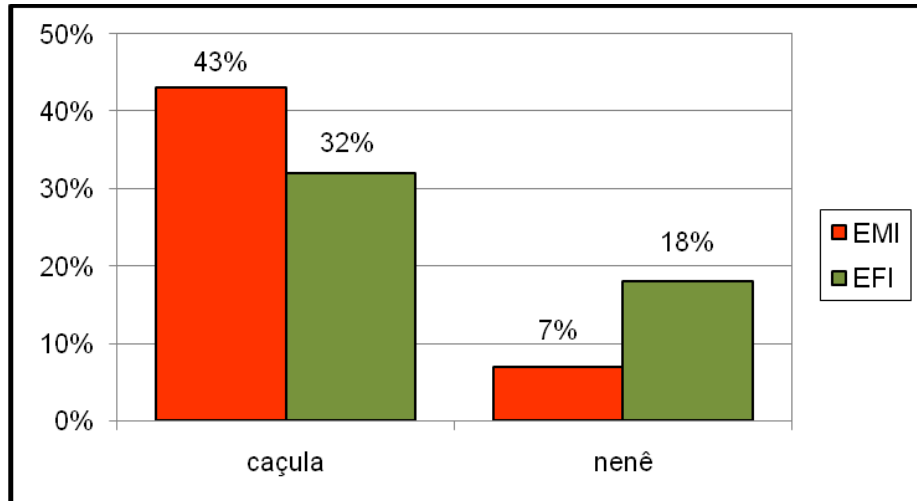


GRÁFICO 59 – Distribuição diastrática das variantes para *caçula*

A aplicação de um dos princípios da pesquisa pluridimensional, que está relacionado à dimensão metalinguística, em que, pelo “método da sugerência”, apresenta-se ao informante as outras variantes para que diga se as conhece e que falantes as usam, auxiliaria na identificação do *status* dialetal das variantes no grupo, e se podem ser categorizadas como marcadores.

Apesar de *caçula* ocorrer em mais da metade das respostas, a variante *nenê* apresenta vitalidade em alguns pontos e entre informantes com baixa escolaridade, e poderia, com o auxílio das informações metalinguísticas, ser tomada como um marcador da identidade do falante de origem sulista.

5.2.7 Convívio e Comportamento Social

5.2.7.1 Variantes para *xará*

Para o campo semântico convívio e comportamento social, selecionamos as variantes para *xará*. Dentre as variantes, destacam-se *xará*, *tocaio* e outros (*sósia*, *colega*, *homônimo*, *conterrânea*, *broder*). A variante *xará* aparece com maior vitalidade entre os falantes, 65% das ocorrências, enquanto *tocaio* é registrado com 15%, conforme a tabela 15.

TABELA 15 – Variantes para *xará*

CONCEITO	CARTA	FORMAS REGISTRADAS			
		Xará	Tocaio	Outros	NR
Xará	57	65%	15%	10%	10%

Nos dicionários consultados para esta pesquisa, encontramos o registro das variantes:

- *Xará*, *homônimo*, *tocaio*, *xarapa*, *xarapim*, *xera* ou *xêro*, em Caldas Aulete (1968);
- *Xará* e *tocaio*, em Cunha (2007);
- *Xará* e *tocaio*, em Nunes e Nunes (2010);
- *Xará*, *xarapim* e *tocaio*¹¹⁷, em Houaiss (2002).

As duas variantes registradas pelos informantes na região Oeste do Paraná encontram-se lexicalizadas nas obras consultadas. Caldas Aulete e Houaiss apresentam ainda outras variantes para *xará*.

No gráfico 60, podemos observar os dados diatópicos das ocorrências. A variante *xará* predomina em toda região, apenas nos pontos **05** – Medianeira e **09** – Guaraniaçu coocorre com *tocaio*.

¹¹⁷ Houaiss identifica a variante como um regionalismo português: “Minho, Trás-os-Montes, Brasil. Etimologicamente, *tocaio* é de origem duvidosa. [...] segundo Corominas, prov. relacionada ao ritual do Direito Romano *Ubi tu Cajus, ibi ego Caja* (donde tu sejas chamado Cayo, a mim, chamarão Caya), frase que a esposa dirigia ao noivo; o voc. teria sido usado para cortejar pessoas de mesmo nome, sendo, assim, generalizado; a datação é para o subst.” In. Houaiss (2002). Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=tocaio&stipe=k&x=14&y=10>, Acesso em: 07 jul. 2010.

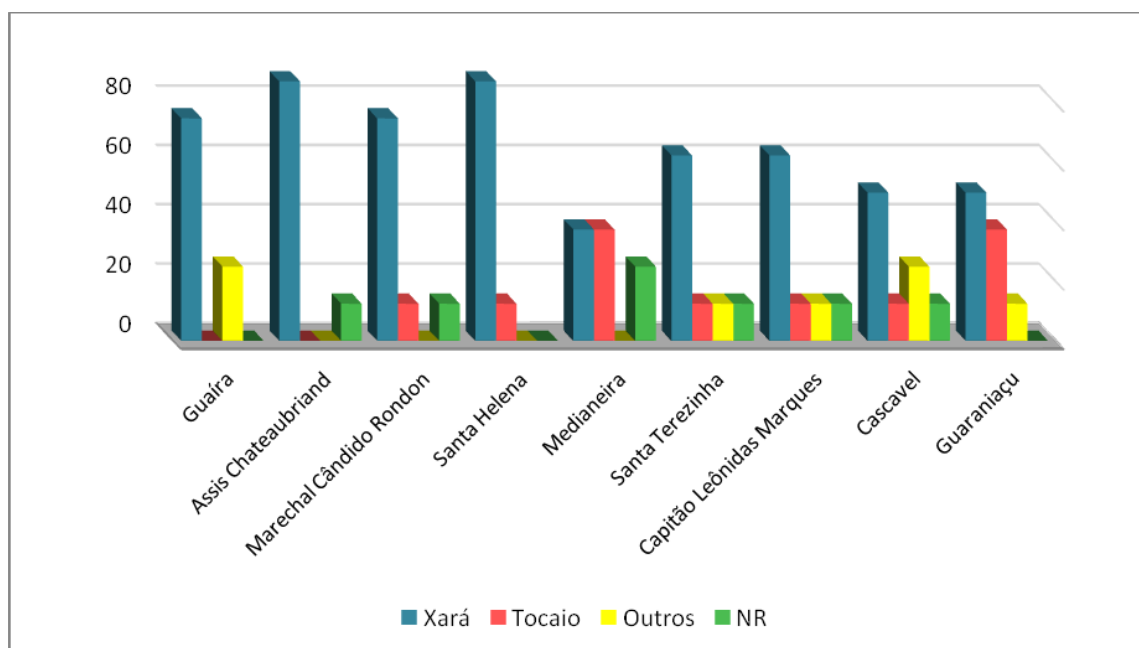


GRÁFICO 60 – Distribuição diatópica das variantes para *xará*

A seguir, na figura 55, referente à carta 57 – *Xará*, destaca-se a ausência de registros da variante *tocaio* nos pontos **01** – Guaíra e **02** – Assis Chateaubriand. No ponto **01** - Guaíra, a trajetória histórica de ciclos de ocupação e reocupação e a localização na fronteira podem justificar a ausência da palavra, embora se deva destacar a forte presença de gaúchos e catarinenses na localidade. Já no ponto **02** - Assis Chateaubriand, localidade onde se concentram paulistas, mineiros e paranaenses da região Norte e Noroeste, e predomina a variante *xará*. A variante *tocaio* é registrada com maior incidência nos pontos **05** – Medianeira e **09** – Guaraniáçu. A primeira localidade apresenta uma concentração de descendentes de imigrantes italianos, oriundos principalmente do Rio Grande do Sul; enquanto a segunda, se destaca pela presença de grupos oriundos dos estados sulistas, mas principalmente da região central do Paraná.

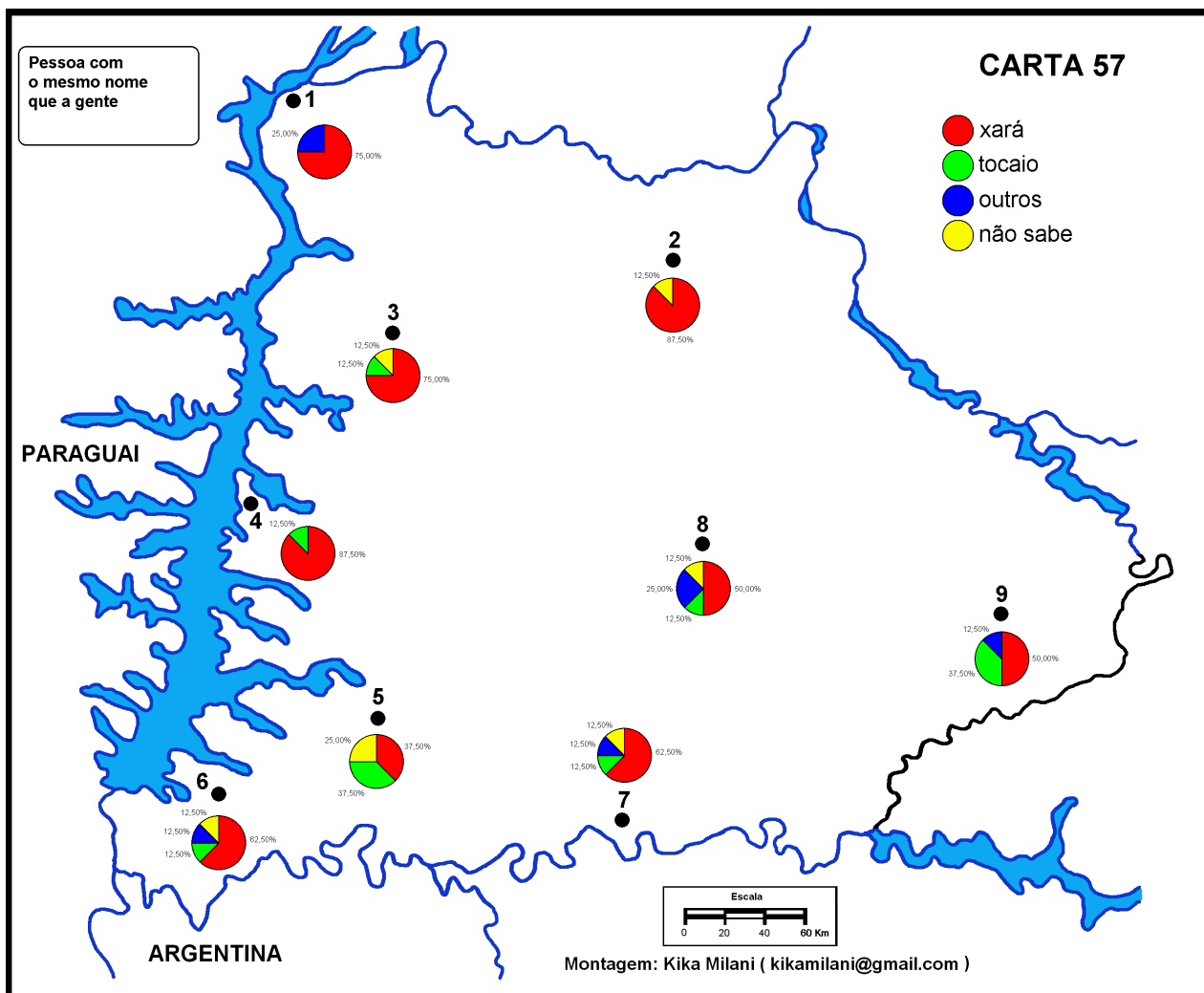


FIGURA 55 – Carta Linguística 57 - *Xará*
Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná

Na dimensão sociocultural, encontramos, no interior dos parâmetros, algumas pistas com relação aos caminhos percorridos pelas variantes e seus estágios diante das transformações pelas quais cada localidade passou e vem passando.

Na dimensão diasssexual, conforme os dados do gráfico 61, as mulheres revelam uma tendência maior no registro da variante *xará*, embora os homens também apresentem essa orientação. Com relação a *tocaio*, os homens apresentam o maior número de registros. As mulheres tendem a utilizar a forma dicionarizada e escolarizada, como vem ocorrendo em todas as variantes, enquanto os homens

acenam para o uso da forma dialetal. Entre os homens, também, podemos observar o maior número de ocorrências de outras variantes para o referente.

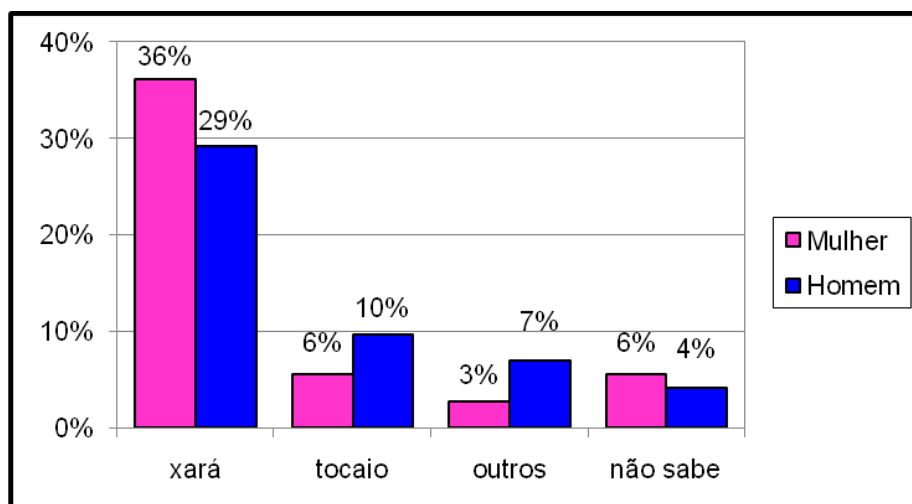


GRÁFICO 61 – Distribuição diasssexual das variantes para *xará*

Na dimensão diageracional, gráfico 62, as variantes distribuem-se sem grandes diferenças, principalmente com relação à *xará*. Enquanto a geração mais nova (18 a 35 anos) apresenta um número maior de registros da variante *xará*, a geração mais velha (45 a 65 anos) se destaca com relação à variante *tocaio*. As ocorrências confirmam a característica dialetal das variantes, ligada à fala de origem dos colonizadores sulistas; porém, apontam o seu *status* social, distribuindo-se entre os sexos, as diferentes faixas etárias e os níveis de escolarização.

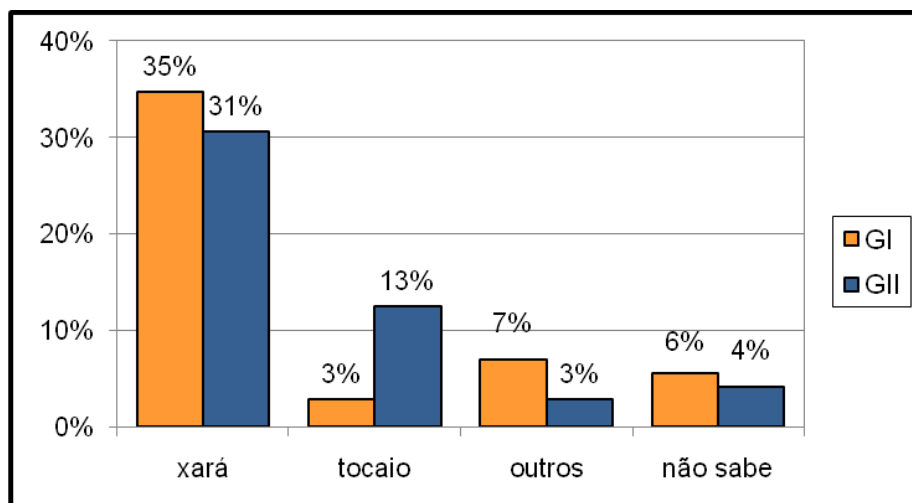


GRÁFICO 62 – Distribuição diageracional das variantes para *xará*

Entre os parâmetros que compõem a dimensão diastrática, não há uma diferença representativa na distribuição das variantes, conforme o gráfico 63. Destaca-se, porém, o número de ocorrências de *xará* nas respostas dos informantes com maior escolaridade, e o registro de não-respostas entre os informantes de baixa escolaridade.

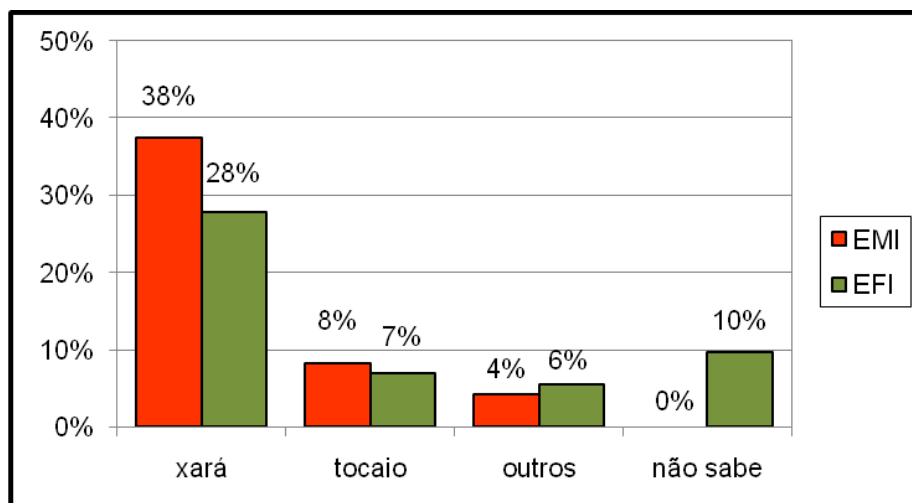


GRÁFICO 63 – Distribuição diastrática das variantes para *xará*

As variantes semântico-lexicais selecionadas para a descrição geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná são apenas um recorte dos dados

coletados nos inquéritos. Nossos critérios para a eleição das variantes foram a produtividade das variantes e a sua descrição em atlas já publicados.

Os dados confirmam a manutenção de formas da fala dos primeiros grupos que povoaram a região em áreas mais isoladas, nas localidades que se mantêm mais rurais, com pouca influência dos processos de urbanização da região. São os homens, da geração mais velha, com baixa escolaridade que se mantêm na retaguarda, conservando as formas originais da fala. Já as mulheres implementam as formas inovadoras, principalmente aquelas do meio escolar, veiculadas na mídia e prestigiadas pelo grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição e a análise das variantes fonético-fonológicas e semântico-lexicais, selecionadas para o estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná, e que, entre outras, marcam o português brasileiro falado em nove comunidades da região, oferece um panorama da fala em contextos multilinguísticos de uso, revelando a face móvel e dinâmica da língua.

À sombra da história abriga-se, portanto, uma realidade linguística que não pode ser ignorada ou relegada ao segundo plano. A organização social, os meios de acesso aos bens materiais e culturais, o projeto de povoamento da região, o ideal de homogeneidade cultural, a preservação da propriedade, o domínio das fronteiras e a prosperidade, para tudo isso concorreram fatores de natureza diversa, como: (a) a existência, na região, de grupos remanescentes de povoados anteriores, principalmente estrangeiros, paranaenses de outras regiões e nordestinos; (b) a forma de concessão de terras; e (c) o rápido processo de urbanização, gerado pela construção da rodovia BR-277, de usinas hidrelétricas e do comércio com os países de fronteira, Paraguai e Argentina, além das atividades turísticas no Parque Nacional do Iguaçu.

Na fala, essa realidade multicultural resulta num polimorfismo linguístico, com a formação de: (a) áreas de isolamento, em que se encontram preservados os traços da fala dos grupos de origem, principalmente naquelas comunidades em que se constituíram os núcleos étnicos (descendentes de alemães e italianos), é o caso da oclusiva dental surda, mantida entre os falantes do ponto **02** – Marechal Cândido Rondon, conforme o gráfico 38 – Distribuição diassexual das variantes para *córrego*¹¹⁸, e a variante *sanga*, no ponto **05** – Medianeira, conforme figura 43 - Carta Linguística 1 – *Córrego*¹¹⁹; (b) zonas heterogêneas, que receberam os grupos de imigração recente, vindos de diferentes regiões do Paraná e do Brasil, em busca de emprego, e que se fixaram nas periferias das cidades. Destaca-se, nesse

¹¹⁸ Página 216 do trabalho.

¹¹⁹ Página 215 do trabalho.

contexto, o ponto 06 – Santa Terezinha de Itaipu, com a realização da africada alveopalatal para a oclusiva dental surda e sonora, conforme o gráfico 13 – Distribuição diatópica das variantes para a oclusiva dental surda, em sílaba átona¹²⁰ e 14 - Distribuição diatópica das variantes para a oclusiva dental sonora, em sílaba átona.¹²¹

Afora a realidade sócio-histórica do Oeste paranaense, não podemos esquecer que a fala da região, em cada localidade, reflete a dinâmica da própria língua portuguesa no Brasil, que, em alguns aspectos, particulariza-se em áreas homogêneas e, em outros, sofre as pressões de uma uniformização, resultando na formação de áreas heterogêneas e de transição linguística. No Oeste paranaense, essa realidade se constitui tanto na dimensão diatópica quanto na dimensão sociocultural, em que os fenômenos se sobrepõem e apontam a necessidade de uma investigação pormenorizada da fala e sua interface cultural, histórica e social. Com relação à transição linguística, podemos mencionar o fenômeno da palatalização da oclusiva dental surda nos pontos **08** – Cascavel e **09** – Guaraniaçu, conforme o gráfico 13. - Distribuição diatópica das variantes para a oclusiva dental surda, em sílaba átona ¹²² Nas duas localidades podemos observar um equilíbrio na realização da oclusiva dental e da africada alveopalatal surda em final de palavra.

Considerando-se a condição multicultural da região, os princípios da Dialetoлогия Pluridimensional, principalmente com relação às dimensões socioculturais, foram fundamentais na tentativa de identificar a vitalidade dos dialetos do português brasileiro e os grupos que se colocam como agentes na difusão de formas inovadoras e na preservação dos traços da fala dos grupos de origem. Podemos observar a dinâmica das variáveis sociais na realização da oclusiva dental surda e sonora, pela geração II (45 – 65 anos), conforme podemos observar nos gráficos 17 - Distribuição diageracional das variantes para a oclusiva dental surda, em sílaba átona e 18 - Distribuição diatópica das variantes para a oclusiva dental sonora, em sílaba átona ¹²³, mantendo o traço dos grupos de origem, oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a mesma atitude não é observada na realização da vibrante em coda silábica, em que as

¹²⁰ Página 157 do trabalho.

¹²¹ Página 162 do trabalho.

¹²² Página 157 do trabalho.

¹²³ Página 165 do trabalho.

realizações das variantes retroflexa, trazida pelos grupos oriundos do norte do Paraná e São Paulo, apresenta praticamente o mesmo índice de ocorrências que o tepe e a vibrante alveolar, conforme gráfico 21 - Distribuição diatópica das variantes para a vibrante em coda silábica ¹²⁴. Os dados fonético-fonológicos, documentados a partir das respostas dos informantes ao questionário fonético-fonológico, revelam:

- (i) a mudança em curso, com a implementação de variantes em pontos já identificados em estudos anteriores como inovadores, **01** – Guaíra, **08** – Cascavel e **09** – Guaraniaçu. É o caso do fenômeno da monotongação dos ditongos decrescentes em sílabas tônicas, também documentado na figura 22 - carta linguística 329 - *Moleira*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II,¹²⁵ que mantém alta produtividade entre os falantes da região, figura 24, carta linguística 76 – *Travesseiro*;¹²⁶
- (ii) a manutenção de traços nas localidades em que se formaram os núcleos de colonização sulista, principalmente em **02** - Marechal Cândido Rondon e **05** – Medianeira, além de **08** – Cascavel. O traço que se destaca e que se mantém na fala dos informantes das localidades é a realização da vibrante em início de palavra como tepe [r]. Os dados coletados para esta pesquisa confirmam em parte os registros de estudos anteriores. Contrastadas as variantes documentadas na figura 33, carta linguística 44 – *R(evolver)*, do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS,¹²⁷ e na figura 34, carta linguística 321 – *Raiz*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II,¹²⁸ com os dados do gráfico 29 - Distribuição diatópica das variantes para a vibrante no interior da palavra, entre vogais ¹²⁹ e da figura 35¹³⁰, referente à carta linguística 90 - *Rosa*, do Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná,

¹²⁴ Página 174 do trabalho.

¹²⁵ Página 138 do trabalho.

¹²⁶ Página 144 do trabalho.

¹²⁷ Página 180 do trabalho.

¹²⁸ Página 182 do trabalho.

¹²⁹ Página 191 do trabalho.

¹³⁰ Página 185 do trabalho.

podemos observar que o tepe, em início de palavra, é registrado em 75% dos pontos pesquisados, o que indica a manutenção do traço presente entre falantes de origem alemã e italiana na fala dos falantes da região Oeste;

- (iii) a transição e coocorrência de formas nas localidades que se encontravam nas rotas de passagem dos primeiros viajantes e habitantes da região Oeste, ponto **01** - Guaíra, **07** - Capitão Leônidas Marques e **06** - Santa Terezinha de Itaipu. Em **01** - Guaíra, podemos observar a alternância das variantes para os monossílabos tônicos, seguidos de sibilante, conforme registrado no gráfico 01 - Distribuição diatópica das variantes para os monossílabos tônicos seguidos de sibilante, com os dados gerais das variantes.¹³¹ Em **07** - Capitão Leônidas Marques, a alternância ocorre entre as variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra, conforme gráfico 05 - Distribuição diatópica das variantes para os ditongos decrescentes tônicos no interior da palavra.¹³² Em **06** - Santa Terezinha de Itaipu, com as variantes para os ditongos nasais finais, conforme gráfico 09 - Distribuição diatópica das variantes para os ditongos nasais finais.¹³³

As variantes semântico-lexicais, levantadas nesta pesquisa, conforme podemos observar nos dados, selecionados para a análise, e no Volume de Cartas, retratam a mesma realidade documentada com relação aos fenômenos fonético-fonológicos. As ocorrências das variantes indicam uma separação entre a fala do mundo rural e a fala do mundo urbano, em que as formas veiculadas pela mídia, empregadas pela escola, e avaliadas pelos grupos inovadores como prestigiadas, ganham espaço e, aos poucos, substituem as variantes do ambiente rural, trazidas pelos primeiros moradores dos locais de origem. Dentre os casos de abandono das formas da fala trazidas pelos primeiros moradores, podemos mencionar a variante *arco-*

¹³¹ Página 131 do trabalho.

¹³² Página 143 do trabalho.

¹³³ Página 149 do trabalho.

da-velha, na figura 46, carta linguística 3 – *arco-íris*,¹³⁴; e *arroio*, na figura 43 - carta linguística 1 – *córrego*.¹³⁵

Os dados coletados e selecionados para a descrição da fala do Oeste do Paraná permitem caracterizá-la pela sua condição multicultural e polimórfica:

- (i) com a preservação de algumas formas em localidades mais distantes da rota de turistas, viajantes, e de grupos de imigração recente. É o caso da variante *maçanilha*, que apresenta vitalidade entre os informantes nos pontos **07** - Capitão Leônidas Marques, **04** - Santa Helena e **09** - Guaraniaçu, conforme o gráfico 44 - Distribuição diatópica das variantes para *camomila*.¹³⁶ Nos pontos **08** (Cascavel), **05** (Medianeira) e **06** (Santa Terezinha de Itaipu), que se encontram na rota de passagem e também absorveram grande parte dos grupos de imigração recente, a ocorrência da variante indica a presença desses grupos;
- (ii) com a diminuição da área de abrangência de variantes, como *maçanilha*. Os dados documentados pelo Atlas Linguístico do Paraná/ALPR, figura 47, carta linguística 172,¹³⁷ registravam no Oeste do Paraná áreas de ocorrência única da variante *maçanilha* e de alternância com *camomila*. Os dados coletados para esta pesquisa, conforme podemos observar na figura 48, carta linguística 10 – *camomila*,¹³⁸ a área de abrangência da variante está mais restrita, numa zona que se aproxima da região sudoeste do Paraná;
- (iii) com a manutenção de formas dialetais, como *sanga*, figura 43, carta linguística 1 – *córrego*,¹³⁹ e *tocaio*, figura 55, carta

¹³⁴ Página 223 do trabalho.

¹³⁵ Página 215 do trabalho.

¹³⁶ Página 230 do trabalho.

¹³⁷ Página 229 do trabalho.

¹³⁸ Página 231 do trabalho.

¹³⁹ Página 215 do trabalho.

linguística 57 – *xará*,¹⁴⁰ nos pontos que concentraram o maior contingente de imigrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, isto é, **03** - Marechal Cândido Rondon, **04** - Santa Helena, **06** - Santa Terezinha de Itaipu, **07** - Capitão Leônidas Marques, em alguns destacando-se a vitalidade das variantes, como em **08** - Cascavel, **05** - Medianeira e **09** - Guaraniaçu.

A fala da região Oeste do Paraná, na sua dimensão diatópica e diastrática, de acordo com os dados registrados nesta pesquisa, precisa ser descrita a partir da formação histórico-cultural das localidades, das mudanças que os municípios sofreram com o crescimento e desenvolvimento social e econômico das cidades, das mudanças no sistema produtivo – que passou das pequenas propriedades rurais para grandes fazendas de soja, milho, trigo e criação de bovinos –, do alagamento de terras, da construção das hidrelétricas de Itaipu e de Salto Caxias, e do desenvolvimento do comércio na fronteira.

Socioculturalmente, a adoção e a implementação das formas inovadoras, bem como a preservação de traços da fala, obedecem aos princípios descritos pela Sociolinguística:

- (i) as mulheres se colocam na vanguarda, implementando as formas consideradas prestigiadas pelo grupo. Dentre os exemplos, podemos citar, no nível fonético-fonológico, a implementação: (a) das consoantes oclusivas africada alveopalatal surda [tʃ] e sonora [dʒ], seguidas de /i/ resultante do alçamento de /e/, em final de palavra, conforme registrado nos gráficos 15 - Distribuição diasssexual das variantes para a oclusiva dental surda, em sílaba átona final e 16 - Distribuição diasssexual das variantes para a oclusiva dental sonora, em sílaba átona final,¹⁴¹ sobre as variantes *tarde*, *dente* e *noite*; (b) da fricativa velar no interior da palavra, entre vogais [x], gráfico 30 - Distribuição diasssexual das variantes

¹⁴⁰ Página 257 do trabalho.

¹⁴¹ Páginas 164 e 165 do trabalho.

- para a vibrante no interior da palavra ¹⁴²; (c) no nível semântico-lexical, podemos citar o registro das variantes *camomila*, gráfico 45 - Distribuição diassexual das variantes para *camomila*,¹⁴³ em substituição à *maçanilha*, e *xará* a *tocaio*, gráfico 61 - Distribuição diassexual das variantes para *xará*,¹⁴⁴
- (ii) os homens, assim como os informantes mais velhos, da GII (45 a 65 anos), destacam-se na preservação dos traços e das formas dialetais da fala dos grupos de origem. No nível fonético-fonológico, os homens destacam-se na manutenção das consoantes oclusivas dentais surda [t] e sonora [d], em final de palavra, gráficos 15 - Distribuição diassexual das variantes para a oclusiva dental surda, em sílaba átona final e 16 - Distribuição diassexual das variantes para a oclusiva dental sonora, em sílaba átona final,¹⁴⁵ e a lateral alveolar velarizada [ɫ], em coda silábica, gráfico 34 - Distribuição diassexual das variantes para a lateral em coda silábica ¹⁴⁶. São os informantes masculinos que se destacam na realização da vibrante retroflexa [ɽ], em coda silábica, gráfico 22 - Distribuição diassexual das variantes para a vibrante em coda silábica¹⁴⁷. No nível semântico-lexical, os homens e a geração mais velha podem ser identificados pela conservação de formas da fala trazidas pelos grupos que povoaram as localidades na década de 60, como *tocaio*, gráfico 61 - Distribuição diassexual das variantes para *xará*,¹⁴⁸ e *sura*, gráfico 49 - Distribuição diassexual das variantes para *sura*,¹⁴⁹
- (iii) os mais jovens podem ser apontados como responsáveis pela implementação dos traços inovadores da língua, acompanhando as

¹⁴² Página 194 do trabalho.

¹⁴³ Página 232 do trabalho.

¹⁴⁴ Página 258 do trabalho.

¹⁴⁵ Páginas 164 e 165 do trabalho.

¹⁴⁶ Página 202 do trabalho.

¹⁴⁷ Página 176 do trabalho.

¹⁴⁸ Página 258 do trabalho.

¹⁴⁹ Página 239 do trabalho.

mulheres. Os informantes da GI (18 a 35 anos), com Ensino Médio incompleto, demonstram conhecer e optar pelas formas escolarizadas e urbanas da fala, manifestando maior cuidado e controle nas respostas. Só um estudo contrastivo das respostas aos questionários e a fala livre poderá indicar, pela sua incidência em diferentes contextos linguísticos e de estilo, se as variantes documentadas na fala desse grupo podem ser descritas como mudança em curso e quais são os seus estágios.

Diante do exposto, os resultados da presente pesquisa certamente irão contribuir na identificação do percurso dos diferentes grupos pela região Oeste, revelando o resultado do jogo de forças que se estabeleceu entre o projeto de homogeneidade cultural dos primeiros moradores e o polimorfismo cultural, resultante da urbanização das cidades e dos movimentos de imigração recente, que avolumou aquelas culturas que, mesmo ínfimas, já se faziam presentes na década de 1960.

Acreditamos que, apesar das variáveis de diferentes ordens que interferem nas pesquisas dialetológicas, das limitações de tempo e de espaço para um aprofundamento do estudo aqui proposto, tenhamos conseguido descrever a fala do Oeste paranaense, e, principalmente, lançado sementes para as novas pesquisas que possam questionar, reavaliar, aprofundar ou confirmar a realidade descrita.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M.; PAGOTTO, Emilio Gozze. (2002) Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE; Maria Bernadete M; RODRIGUES, Angela C. S. **Gramática do português falado**. Volume VII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 557-602.
- _____. Nasalização no português do Brasil. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. Volume VI: Desenvolvimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 491-519.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. São Paulo: Assis, 1994.
- _____. Os Atlas Linguísticos no Paraná: percursos e estágio atual. **Revista do GELNE**. Ano 1. N. 2. 1999. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no2_01.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2010. p. 7-13
- _____. (Org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Ed. UEL, 1998.
- _____; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Orgs.). **Documentos I: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2003.
- ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. 2008. **Micro atlas fonético do estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- ALTINO, Fabiane Cristina. Avaliação de procedimentos metodológicos: uma conversa sobre a conduta do inquiridor. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs.). Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2003. p. 55-62.
- _____. **Atlas Linguístico do Paraná II**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina/UEL, Londrina, 2007.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade

(Org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005. p. 177-208.

_____. Interfaces entre Dialectologia e História. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Documentos 2**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.

ALVAR, Manuel (Org.). **Manual de dialectologia hispânica**: El espanhol de Espanha. Barcelona: Ariel, 1996.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática – vocabulário. São Paulo: HUCITEC, 1982.

ARAGÃO, Maria do Socorro de. Avaliação de procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleydy Aparecida Lima (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**: Documentos I. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 63-69.

_____. **Aspectos fonético-fonológicos do falar do Ceará**: O que tem surgido nos inquéritos experimentais do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB-Ce. (s/d). Disponível em: <www.profala.ufc.br>. Acesso em: 21 jan. 2010.

_____. Léxico e cultura no falar do Maranhão: relações diatópicas e diastráticas. In: SIMPÓSIO LÉXICO E CULTURA: RIQUEZA E DIVERSIDADE ÉTNICA, 2007, Belém. **Anais da 59ª Reunião Anual da SBPC**. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/59ra/pdf/AragaoLexico.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2010. p. 01-08.

ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. **Alternância de [ɛr] e [e] no português falado na cidade de Caxias – MA**. 1999. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, 1999.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Delta, 1968 [1881]. 5 v.

BACKES, Gilson. Narrativas e memórias: os trabalhadores do ciclo hortelaneiro (Oeste do Paraná, 1960-1970). Disponível em: <www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Gilson%20Backes.pdf>. Acesso em: 12 out. 2009. p. 01-08.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**: história externa das línguas. São Paulo: EDUSP, 2005.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 159-194.

_____. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.183-202.

_____; HERMANS, Ben. **A natureza das vogais altas e a palatalização das oclusivas alveolares no português brasileiro**. Disponível em: <http://alfal.easyplanners.info/programa/programaExtendido.php?casillero=423163000&sala_=Holliday%20Sala%2001&dia_=Martes%2019%20de%20agosto#>. Acesso em: 27 jan. 2010. p. 01-11.

_____; _____. A palatalização das oclusivas alveolares: propriedades fixas e variáveis. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 52, v. 2, p. 279-288, 2008.

BISOL, Leda. A palatalização e sua estrutura variável. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 5, dez. 1986. p. 151-162

_____. A nasalidade, um velho tema. **Revista D.E.L.T.A.**, n. spe, vol.14, p. 01-15, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300004>. Acesso em: 22 jan. 2010.

_____. Estudo sobre nasalidade. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (Orgs.). **Gramática do português falado**. Volume VIII: Novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 501-535.

_____. A neutralização das átonas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 273-283, 2003. Disponível em: <http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/bisol.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2010.

_____. Neutralização das átonas. **Revista D.E.L.T.A.**, n. 19, v. 2, p. 267-276, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v19n2/a02v19n2.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

BLANCO-CANALES, Ana. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Português & Latino**: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra, 1712-1728. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau/formBuscaDicionarioPIChave.asp>>. Acesso em: 18 fev. 2010

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.

_____. Nas trilhas do –R retroflexo. **Revista Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina: EDUEL, p.103-122, 2007.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In. ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Angela C. S. (Orgs.). **Gramática do português falado**. Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 537-555.

_____; _____; COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Revista Organon**, Porto Alegre, n. 18, v. 5, 1991.

_____; _____; **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1986 [1977].

CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas Histórico do Paraná**. Curitiba, Livraria do Chain, 1986.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Que dimensões outras, que não a diatópica, interessam aos atlas linguísticos? In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 22, 1998, Bruxelas. **Actes...** Tübingen: Niemeyer, 2000, v. 3, p. 411- 416.

_____. Geolinguística: convergências e divergências na coleta de dados. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 23-24, jun./dez., (sem página), 1999.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialectologia no Brasil: perspectivas. DELTA [online]. 1999, vol.15, n.spe, pp. 233-255. ISSN 0102-4450. doi: 10.1590/S0102-44501999000300010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010>.

Acesso em: 01 ago. 2009.

_____. Trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **Revista D.E.L.T.A.**, n. 17, especial, 2001. p. 25-44. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102...script>. Acesso em: 10 nov. 2009.

_____. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, n. 1/2, v. 4. p. 1-16. 2004. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_12.pdf>. Acesso em: 20 out. 2008.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. **A resistência de traços do dialeto caipira**: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter J. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de história. In: **Mesorregião Oeste do Paraná: diagnóstico e perspectivas**. Relatório Final de Pesquisa, resultado do Convênio no. 5577/98 entre a Itaipu Binacional e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Colegiado do Curso de Ciências Econômicas – *campi* de Cascavel e Toledo. Cascavel, 2002. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/PMOP>>. Acesso em: 08 out. 2009. p. 01-47.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1987 [1961].

_____. **Sincronia, diacronia e historia**. El problema del cambio lingüístico. Madrid: Gredos, 1988 [1957].

CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972 [1968].

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007 [1982].

DAUZAT, Albert. **La géographie linguistique**. Paris: Flammarion, 1922.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Presença da Igreja no Oeste do Paraná**: a construção do imaginário católico (1930-1990). 2004 Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2004.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

FASOLD, Ralph W. **The sociolinguistics of language**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

- FERRAZ, Irineu da Silva. **Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro**: dados de informantes de Pato Branco (PR). Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná/UFPR, Curitiba, 2005.
- FISHMAN, Joshua A. **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999.
- GRACIA, Juan Antonio Frago. Dialectología e historia de la lengua. In: ALVAR, Manuel (Org.). **Manual de dialectología hispánica**: El espanhol de Espanha. Barcelona: Ariel, 1996. p. 22-30.
- GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: EDUNIOESTE, 2005.
- _____. Debate do texto Oktoberfest/97: tradição inventada para o lazer dos teuto-rondonenses. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, n. especial, p. 30-31, 2º semestre, 2006. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/.../339/254>. Acesso em: 06 nov. 2009.
- _____; SCHALLENBERGER, Erneldo. **Guaíra, um mundo de águas e histórias**. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2008.
- GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia, 1981.
- HEAD, Brian Franklin. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do “R CAIPIRA”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.
- HEYE, Jürgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO; Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 381-411.
- HORA, Dermeval; LUCENA, Rubens M. (2008) Conspiração e demoção: mecanismos de simplificação da estrutura silábica. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 52, v. 2, p. 351-369, 2008. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-2/06-Hora-Lucena.pdf>. Acesso em: 22 out 2010.

HORA, Dermeval da. A monotongação na produção escrita: reflexo da fala? Disponível em: <www.santiago.cu/hosting/linguistica/Descargar.php?archivo>. Acesso em: 22 jan. 2010.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2009.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Fundação Edison Vieira. **O Paraná reinventado: política e governo**. Curitiba: Convênio SELP/FUEM/IPARDES, 1987. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/parana_reinventado_14_87.pdf>. Acesso em: 20 out. 2008.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: O entrevistador. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil** – ALiB. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2003. p. 45-62.

_____. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: MOTA, Jacyra Andrade (Org.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-94.

_____. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 50, v. 2, p. 9-24, 2006.

JAKOBSON, Roman; WAUGH, Linfa R. **The sound shape of language**. New York/Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1987 [1979].

KLUNCK, Patrícia. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica/PUC, Porto Alegre, 2007.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil**. Volumes I e II: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. The study of language in its social context. In: PRIDE, John B.; HOLMES, Janet. **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972. p. 180-202.

_____. **Sociolinguistique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976 [1972].

- _____. **Principios del cambio lingüístico**. Volumen 1: Factores Internos. Madrid: Gredos, 1994a.
- _____. **Principios del cambio lingüístico**. Volumen 2: Factores Sociales. Madrid: Gredos, 1994b.
- _____. **Principles of linguistic change**. Social Factors. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.
- _____. Transmission and diffusion. **Language**, n. 83, p. 01-65, June 2007.
- _____. Quantitative reasoning in linguistics. **Linguistics**, Pennsylvania n. 563, January 22, p. 01-26, 2008.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwell Published, 1996.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: Um percurso na história moderna. São Paulo: Parábola, 2004.
- MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- _____; ROCHA, Patrícia Graciela da. Cerro e sanga – empréstimos lexicais no português de contato com o espanhol. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2008. p. 01-10.
- MENDONÇA, Renato. **O português do Brasil**: origens, evolução, tendências. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- MENEGHINI, Francisco Militão. **O fenômeno da monotongação em Ibiçá, Rio Grande do Sul**. 1983. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica/PUC, Porto Alegre, 1983.
- MERCER, José Luiz. Áreas fonéticas do Paraná: dados preliminares do ALERS. **Revista da ABRALIN**, São Paulo, Boletim n. 14, p. 313-323, jul./ago. de 1993.
- MEZZOMO, Frank Antonio. **O catolicismo na colonização do Oeste do Paraná**. Disponível em: <<http://bmgil.tripod.com/mfa19.html>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 27-31.

MONARETTO, Valéria N. O.; QUEDNAU, Laura Rosane; HORA, Dermeval da. As consoantes do Português. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 195-228.

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002. p. 253-268.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAES SILVA, Antonio. **Diccionario da língua portuguesa**. Lisboa: Na typographia Lacerdina, 1813.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Lengua, geografía y sociedad. In: JORNADAS DE LINGÜÍSTICA, 4, 1998, Alcalá de Henares. **Anais...** Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1998. p. 53-76.

MOTA, Jacyra Andrade. Avaliação de procedimentos metodológicos: questões de prosódia e de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e leituras de texto. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Orgs.) **Documentos I**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 39-44.

_____. Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos linguísticos. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**: Documentos 2. Salvador: Quarteto, 2006.

_____. Sobre a Dialectologia no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**: Documentos 2. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

MOUTON, Pilar Garcia. El Atlas Linguístico Y Etnográfico de Andalucía. Hombres y Mujeres. Campo Y Ciudad. In: NAZIOARTEKO DIALEKTOLOGIA BILTZARRA. AGIRIAK, 7, 1992. **Actas del Congreso Internacional de Dialectologia**. p. 667-685.

Disponível em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/13687/1/garcia_mouton_pilar_1992b.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2009.

- _____. Dialectología y geografía lingüística. In: ALVAR, Manuel (Org.). **Manual de dialectología hispánica**: El español de España. Barcelona: Ariel, 1996. p. 63-77.
- NARO, Anthony Julis. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-50.
- NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2010 [1982].
- OLIVEIRA, Eduardo de. **A palatalização das oclusivas dentais [t] e [d] no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica/PUC, Porto Alegre, 2007.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SCHERRE, Maria M. P. et al. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro/Departamento de Linguística de Filologia, UFRJ, 1996.
- _____. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.
- PAULA, Alice Telles de. **A palatalização das oclusivas dentais [t] e [d] nas comunidades bilíngues de Taquara e de Panambi – RS**: Análise quantitativa. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- PIERUCCINI, Mariângela Alice; TSCHÁ, Olga da C. P; IWAKE, Shiguero. Criação dos municípios e processos emancipatórios. In: **Mesorregião Oeste do Paraná**: diagnóstico e perspectivas. Relatório Final de Pesquisa, resultado do Convênio no. 5577/98 entre a Itaipu Binacional e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Colegiado do Curso de Ciências Econômicas – *campi* de Cascavel e Toledo. Cascavel, 2002. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/PMOP>>. Acesso em: 08 out. 2009. p. 76-153.
- POTTIER, Bernard. Dialectología y gramática. In: ALVAR, Manuel (Org.). **Manual de dialectología hispánica**: El español de España. Barcelona: Ariel, 1996. p. 31-36.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la Geolingüística Românica: Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Orgs.). **Dialetologia Pluridimensional Romanica**. Heidelberg/Mainz: Westensee-Verlag Kiel, 1991. p. 26-49.

REOLON, Cleverson Alexander. Colonização e urbanização da mesorregião Oeste do Paraná (1940-2000). In: **R. RAÍE GA**, Curitiba, n. 13 p. 49-57, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/5505/9080>>. Acesso em: 08 out. 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná**: uma análise de 1950 a 2000. Campinas, SP: [s. n.], 2005.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina/UEL, Londrina, 2007.

RONA, José Pedro. **The social dimension of dialectology**. International Journal of the Sociology of Language, n. 9, p. 7-22, 1976.

ROSSI, Albertina. A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 4, p. 54-69, 2000. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/.../3954>. Acesso em: 10 jan. 2010.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolingüística**: teoria e análises. Madrid: Alhambra, 1989.

SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso da; TENANI, Luciani Ester. Elevação vocálica no dileto do interior paulista: contribuições para os estudos de variação fonológica do Português do Brasil. **Estudos Linguísticos**, n. 36, v. 1, p. 18 / 26, jan./abr., 2007.

_____. O alçamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 52, v. 2, p. 447-464, 2008. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1329>. Acesso em: 10 jan. 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2005 [1990].

TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral em coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 269-302.

TENANI, Luciani. As vogais átonas do noroeste paulista: os fatores estruturais e a variação linguística. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 38, v. 1, p. 69-82, jan./abr. 2009.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e siècle. In: ENGLEBERT, Annick; PIERRARD, Michel; ROSIER, Laurence; van RAEMDONCK, Dan (Orgs.). **Actes do XXII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 367-388.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. **Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay**. Kiel, 2000.

_____. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Ebehard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Orgs.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 185-227.

_____. A Dialetoлогия Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

TOMANIK, Eduardo Augusto. **Reconstrução histórica da (re)ocupação do Noroeste do estado do Paraná**: Versões oficiais e situações vivenciadas. Disponível em: <http://www.peld.uem.br/Relat2002/pdf/comp_social_econ_reconstrucao.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2008.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**: an introduction to language and society. Penguin Books: Canadá, 1974.

VOTRE, Sebastião Josué. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. 1978. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica/PUC, Rio de Janeiro, 1978.

_____. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. A dimensão sociolinguística do projeto ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Orgs.). **Documentos I: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2003. p. 139-152.

WAGNER, Claudio. **El Atlas lingüístico y etnográfico de Chile por regiones (ALECH)**. Estud. filol., Valdivia, n. 33, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0071-17131998003300010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 09 dez. 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ANEXOS

ANEXO A

Quadro de codificação dos dados para a base de cartografia de atlas pluridimensionais

ADDU

Fecha:	Preg. Nº:
Nombre:	Serie:
Código del disquete:	Fenómeno:

1 B
2 c

lugar	grupo	resultado	Σ	σ	observaciones
A 1	Ca GII	M E			
Artigas	CaGI				
	CbGII				
	CbGI				
	CaGI				
A 3	CaGI				
Franquía	CbGII				
	Cb GI				
A 4	CaGII				
Tomás Gomensoro	Ca GI				
	CbGII				
	Cb GI				
	CaGII				
A 5 Baltasar Brum	Ca GI				
	CbGII				
	Cb GI				
	CaGII				

THUN, Harold. Atlas Diatópico e Diastrotico do Uruguay.

ANEXO B

**Quadro de codificação dos dados para a base de cartografia do Estudo
Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná**

UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ

Entrevista	Questão N.
Nome	Nível
Arquivo	Fenômeno

Ponto	Dimensão	Resultado	Observações
01 Guaira	M Ca GII		
	M Ca GI		
	F Ca GII		
	F Ca GI		
	M Cb GII		
	M Cb GI		
	F Cb GII		
	F Cb GI		
02 Assis	M Ca GII		
	M Ca GI		
	F Ca GII		
	F Ca GI		
	M Cb GII		
	M Cb GI		
	F Cb GII		
	F Cb GI		

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.